

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação

MARCELLA HALCSIK SILVA

ESCOLAS PARA TRANS OU ESCOLAS-TRANS?
POR UMA EDUCAÇÃO QUE DIFERENCIE E LIBERTE O SUJEITO

São Paulo

2026

MARCELLA HALCSIK SILVA

ESCOLAS PARA TRANS OU ESCOLAS-TRANS?
POR UMA EDUCAÇÃO QUE DIFERENCIE E LIBERTE O SUJEITO

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de concentração: Educação, Linguagem e
Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Leny Magalhães Mrech.

São Paulo
2026

Para os que evadem da escola:
que encontrem uma educação
que considere as diversidades.

Para Leonardo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Professora Leny Magalhães Mrech, por orientar minha jornada e transmitir seus conhecimentos em Psicanálise. Pela oportunidade de compartilhar minhas angústias e de aprender.

Gostaria de agradecer também à revisora deste trabalho, Dalila Lemos.

Aos professores que tive o prazer de conhecer no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, professora Claudia Pereira Vianna e professor Eduardo Leal Cunha (Instituto de Psicologia).

Agradeço especialmente ao professor Rinaldo Voltolini e à Eliane Costa Dias, por comporem a banca do meu exame de qualificação e pelas ricas e valiosas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação (NUPPE- CLIPP) pelas discussões e reflexões sobre a educação e Psicanálise. Obrigada pela inspiração e pelas trocas.

Ao meu primeiro analista, João Paulo, que provocou meu movimento em pesquisar sobre aquilo que falha.

A Rodrigo, meu analista que me ajuda a seguir esse saber que não se sabe.

Agradeço à grande mestre, Maria Eliza Miranda (in memorian), professora da FFLCH-USP e que ainda na graduação em Geografia, em 2010, direcionou o meu olhar para o que rateia na educação, especialmente na Educação Pública.

À Renan Guedes de Pinho, companheiro de vida e incentivador do meu trabalho. Sem você este trabalho não seria possível. Obrigada pelo apoio, por possibilitar que esta dissertação fosse escrita, por ser incrível. Você e Leonardo são minhas maiores riquezas.

Aos colegas professores que tive a alegria de compartilhar tanto trabalho no chão da escola, com dedicação, afeto e olhar reflexivo para os estudantes vulneráveis.

Aos amigos queridos que se alegram comigo e com o meu trabalho.

À Camila dos Santos Paulo, geógrafa, psicóloga e amiga, que me mostrou o caminho e as possibilidades para eu iniciar a análise pessoal. Tudo o que foi construído, do início ao fim dessa pesquisa, partiu disso.

À minha família, pela relação de amor, apoio e suporte.

Aos meus primeiros professores, meus pais e avós, André Luiz, Joana Marcela, Cida Bíglio (in memoriam), André Halcsik (in memoriam), Jora Leite (in memoriam) e Luzia Freitas (in memoriam). A vocês, todo o meu amor.

Aos meus irmãos, Nathália, Gabriella e João Paulo, que sempre torcem por mim.

Agradeço profundamente, enfim, aos estudantes que se dispuseram a dar o seu depoimento e testemunho de vida para que esta pesquisa fosse possível. Espero contribuir para uma escola que possa acolher e incluir as diferenças para o projeto maior de formar sujeitos.

*Hoje, a gente tem medo de ladrão [...].
Antigamente, a gente tinha medo dos próprios alunos.
Entendeu?*

(Bianca, estudante e travesti, 53 anos).

*[...] Hoje nós somos chamadas pelo nome social...
lá, antigamente, a gente não era chamada, né, professora...
Já pensou, uma aluna toda bonitona lá
ser chamada de Roberto, ai... que bonito!
Ai... eu ia ficar nervosa...
não ia nem voltar pra escola..."*
(Amanda, estudante e travesti, 35 anos.)

*Eu não [tenho] uma lembrança que o professor ia lá,
me defender, eu não tenho isso dentro de mim. Eu tenho
só... lembrança das agressão, sabe profe?
[...] Na minha época... não tenho... lembranças boas.
Porque... tipo, ali, eu me senti desprotegido...
não tinha ninguém pra me acolher, pra me ajudar.
Quantas vezes eu não saí da escola chorando? Com raiva?*
(Marcos, estudante e homem trans, 40 anos)

Uma escola normal, regular, não aceita uma travesti estudar... com alunos [...] normais, né?

É o preconceito. [...] É o preconceito que tem.

Não aceita a gente.

(Patrícia, estudante e travesti, 38 anos.)

Aquela imagem que as pessoas têm de travesti, que é bandido, que é ladrão, que é mentiroso, isso não vai mudar nunca!

Ela pode se formar, ela pode chegar em qualquer lugar, em qualquer status da sociedade... Nunca vai ser respeitada como pessoa. Então, eu me sinto assim, forçada (...) eu sou forçada na sociedade... a viver! Isso, eu me sinto muito rejeitada. (...)

Eu vivo? Vivo, em todo lugar eu vou, mas você se sente rejeitado... pela família...

Em todos os lugares...

(Xeila, estudante e travesti, 40 anos)

[...] Eu lembro muito... muitas coisas. [...]

De apanhar porque eu tava usando saia, tava dançando na porta de casa, escutando uma música no fone...

Nossa, apanhei muito pelo fato de ser o que eu sou, sabe?

Aí tem coisa... de chegar a ir na escola, já apanhar logo de primeira. Teve uma vez que um menino jogou... um tijolo, tem uma marca aqui na minha cabeça. Na escola!

(Larissa, estudante e mulher trans, 30 anos).

RESUMO

SILVA, Marcella Halcsik. Escolas para trans ou escolas-trans? Por uma Educação que diferencie e liberte o sujeito. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2026.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a evasão escolar de pessoas trans e travestis, e como objetivo investigar os obstáculos enfrentados por sujeitos que vivem experiências trans identitárias na permanência e conclusão dos estudos, com foco na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa, fundamentada na interface entre Educação e Psicanálise lacaniana, analisa depoimentos de seis estudantes trans/travestis matriculados na Escola Municipal Arco-Íris, vinculada ao projeto Transcidadania e que apresentam valores paradigmáticos que podem responder às questões do trabalho.

O estudo parte da constatação da alta vulnerabilidade social dessa população, marcada por violência estrutural, expulsão familiar precoce e exclusão escolar, evidenciada por dados alarmantes: expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, e 72% dessas pessoas não possuem ensino médio, tendo predominância da prostituição como meio de sobrevivência. A metodologia qualitativa privilegia a escuta analítica e a singularidade dos sujeitos, articulando dois eixos: Educação e Psicanálise, tecendo uma crítica ao discurso pedagógico universalista e análise das condições de permanência; e Psicanálise e Transexualidade, com reflexão sobre a relação entre corpo, linguagem e gozo.

A fundamentação teórica discute conceitos como transferência, desejo, fórmulas da sexuação e sinthoma, propondo uma educação que reconheça a singularidade e rompa com práticas segregativas. Os resultados revelam violências recorrentes na escola (agressões físicas, humilhações), ausência de acolhimento e reprodução de normas binárias, fatores que contribuem para evasão e sofrimento psíquico. Conclui-se que políticas afirmativas, como o Transcidadania, são fundamentais, mas insuficientes sem uma transformação institucional que acolha diferenças e desfaça a lógica normativa.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Psicanálise; Transexualidade; Evasão escolar; Inclusão.

ABSTRACT

SILVA, Marcella Halcsik. Trans Schools or Schools for Trans People? Towards an Education That Differentiates and Liberates the Subject. Thesis (Master's degree). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2026.

This study investigates school dropout among transgender and transvestite individuals, focusing on the challenges they face in remaining and completing studies within the Youth and Adult Education (EJA) program. Grounded in the intersection of Education and Lacanian Psychoanalysis, the research analyzes testimonies from six trans students enrolled at Escola Municipal Arco-Íris, linked to the Transcidadania project. These narratives reveal paradigmatic values that address the study's core questions.

The findings highlight the severe social vulnerability of this population, marked by structural violence, early family expulsion, and educational exclusion, reflected in alarming data: a life expectancy of 35 years and 72% lacking a high school diploma, with prostitution as a predominant survival strategy. Using a qualitative methodology, the study emphasizes analytical listening and subject singularity, articulating two axes: Education and Psychoanalysis—criticizing universalist pedagogical discourse and analyzing conditions for permanence; and Psychoanalysis and Transsexuality—exploring the relationship between body, language, and jouissance.

The theoretical framework discusses concepts such as transference, desire, sexuation formulas, and sinthomal identity, advocating for an education that embraces singularity and dismantles segregative practices. Results reveal recurrent school violence, lack of support, and reinforcement of binary norms, contributing to dropout and psychological suffering. The study concludes that affirmative policies like Transcidadania are essential but insufficient without institutional transformation to embrace diversity and challenge normative logic.

Keywords: Youth and Adult Education; Psychoanalysis; Transsexuality; School Dropout; Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fórmulas da Sexuação de Lacan..... 39

Figura 2: Teoria dos discursos de Lacan..... 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
METODOLOGIA.....	19
1. O sujeito pesquisador e a pesquisa em Educação e Psicanálise.....	19
2. Fundamentação Teórica.....	27
3. Depoimentos.....	48
CAPÍTULO 1: População Trans e Travesti: Histórico, violências e lutas sociais...	52
CAPÍTULO 2: Estudantes que vivem experiências trans identitárias.....	60
CAPÍTULO 3: Educação e Psicanálise.....	88
3.1. Escola da memória: Dificuldades e evasão.....	88
3.2. Escola do presente: Condições de permanência.....	105
CAPÍTULO 4: Psicanálise e Transexualidade.....	128
4.1. Gênero, psicanálise e sujeitos trans: Desafio à normalidade.....	128
4.2. Movimentos identitários e Psicanálise: Como interroga? Como compõe?.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192

INTRODUÇÃO

Pensar na relação entre o discurso pedagógico e a Psicanálise como discurso, que põe a nu a presença do sujeito no conhecimento/saber, possibilita levantarmos questões e novas reflexões sobre a Educação, no contexto da contemporaneidade. A questão central é pensar nos enigmas que a Psicanálise pode levantar no campo da Pedagogia, ou nos furos presentes nas prescrições do discurso pedagógico. Para tanto, é fundamental estabelecer reflexões sobre o dilema estruturante da crise na Educação, entre o universal e o normativo, que vem da Pedagogia e da cultura do “para todos”, e a singularidade de cada sujeito, que é objeto da Psicanálise.

Nessa perspectiva psicanalítica, é importante que se busque sempre a singularidade do sujeito para possíveis interpretações dentro da relação pedagógica, já que, no processo educativo, é crucial considerar a estrutura de linguagem do aluno e do professor, com enfoque mais no sujeito e na ética, singular, do que na moral, universal.

É importante também considerar que a relação analista e analisante, e também a relação professor e aluno, é marcada pela transferência. Para Freud, em “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar” (1976), desde o princípio se estabelece uma dimensão emocional e subjetiva nessa relação entre educador e educando, que se estrutura por imagens (imagos) ligadas às relações primitivas entre o sujeito e seus pais.

O educador viria, então, a ser uma figura de autoridade “substituta” das imagens/figuras da infância. Esse laço, portanto, é carregado de afeto e processos emocionais inconscientes, como uma corrente oculta e constante, e envolve emoções contraditórias e ambivalentes. porque, quando o sujeito entra em contato com professores, os vê como pais substitutos, para Freud. Desse modo, pode-se dizer que se transfere para os educadores expectativas e afetos positivos e negativos inconscientes da infância, e seria essa a ambivalência que marca a relação entre educador e educando, que é da ordem do inconsciente, do incontrolável e do impossível, tal qual são as relações humanas.

O discurso pedagógico, como tentativa de legislação universal, visa à identificação e à aquisição de saber; sustenta um ideal, pautando-se em modelos

prescritivos, infalíveis, capazes de “educar” qualquer sujeito, o que desorienta o trabalho do professor. Traçando um paralelo, a Psicanálise propõe um caminho inverso: o da desidentificação do sujeito, a partir da ética, dedicando-se em pensar que não há educação toda ou completa – o que há é o sujeito, a alteridade, a transferência, o cada um e o real. Há a “variedade” no lugar da verdade, já que essa é múltipla. A Psicanálise vai, então, lidar com construções e com o que emerge, sem sentido nem interpretações, ou seja, com o real, e não, com o ideal. Pode-se pensar no “real da escola” como aquilo que escapa, ou que não se apreende (o impossível).

A busca por uma “educação ideal” levou MANNONI (1997) a refletir sobre o que ela chama de “Educação Perverta”. Para a autora, a educação que se direciona a um ideal, marcada por certa rigidez, é uma educação para dominação. Em “Educação Impossível” (1997, p. 30), a autora explica que a educação pode se tornar uma missão civilizadora quando há o objetivo de adestramento da criança na relação professor-aluno, em detrimento do afeto e da transferência. Dominação e adestramento propostos por teorias pedagógicas pautadas em evidências, cálculos, estudos científicos e prescrições, ou melhor, por dados “cientifizados”, fazem com que o campo da educação se torne cada vez mais técnico, excluindo-se o sujeito. A Pedagogia, nessa perspectiva, estaria imbuída em fazer o sujeito entrar na “ordem” e na “norma”.

Contudo, dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) revelam que há sujeitos que “resistem” a essa dominação e a esse ideal. Existem nas escolas grupos de risco para o abandono escolar, crescente a partir dos onze anos de idade, e envolve crianças e adolescentes negros, de baixa renda, residentes nas periferias e meninas acometidas por gravidez precoce com essas mesmas características raciais e socioeconômicas.

Leituras de dados e informações sobre evasão escolar no Brasil destacam que quanto maior a vulnerabilidade social e econômica, maior a possibilidade de não aderência à educação formal. A partir desse fato, levantam-se questões: existem projetos de prevenção ou de contenção para evitar que os estudantes deixem de frequentar a escola? O que fazer com esses e essas estudantes que evadem? Quem são esses sujeitos e como estabelecem a transferência com o saber?

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um segmento escolar que atende a esses estudantes que não concluíram a educação básica. No Brasil, pesquisas¹ recentes revelam que mais de dois milhões de estudantes se matricularam nesse segmento em 2024: são jovens e adultos que, na sua grande maioria, tem jornada dupla – trabalham e estudam – e procuram uma nova oportunidade para avançar no mercado de trabalho e aprender, finalmente, a ler e a escrever. Mas, até mesmo na EJA, um grupo parece não existir: estudantes trans e travestis.

Há discussões sobre esse grupo no meio acadêmico, algumas notícias veiculadas na mídia tradicional, mas não se pode encontrá-los em escolas regulares. É perfeitamente possível que, numa escola regular – e em todo o segmento EJA dessa escola – não se veja nenhum/nenhuma estudante trans e travesti.

Fazendo um recorte histórico, lembrei que nunca havia tido um/uma estudante trans desde que ingressei na educação pública básica, em 2014.² Então, em 2022 procurei uma escola ou instituição que oferecesse algum tipo de acolhimento para as pessoas trans e travestis, pensando em relacionar meu trabalho de docente com os estudos de Psicanálise e Educação e, no início do mesmo ano, participei de um processo seletivo interno, da Prefeitura de São Paulo, para trabalhar em escolas que ofereciam a EJA em tempo integral. Muitas dessas escolas atendem ao projeto da prefeitura chamado “Transcidadania”.³

¹ As pesquisas apresentam ainda que o Brasil tem 65 milhões de pessoas com mais de 25 anos que não concluíram a educação básica, quase metade da população nessa faixa etária. Mais informações em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2025/04/09/censo-escolar-educacao-de-jovens-e-adultos-perde-198-mil-alunos-e-atinge-o-menor-patamar-de-matriculas-da-historia.ghtml> (acesso em 5.dez.2025).

² Ingressei na educação básica na rede estadual de São Paulo em 2014, mas passei a lecionar na prefeitura da cidade de São Paulo como efetiva em 2018. Em 2020, passei a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos, com aqueles e aquelas que estão retornando aos estudos.

³ De acordo com dados atuais da Prefeitura de São Paulo, o programa Transcidadania: “[...] promove a reintegração social e o resgate da cidadania para travestis, mulheres transexuais e homens trans em situação de vulnerabilidade, [...] utilizando o desenvolvimento da educação como principal ferramenta, as beneficiárias e os beneficiários recebem a oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio, ganham qualificação profissional e desenvolvem a prática da cidadania. Um diferencial do programa [...] é a transferência de renda, que possibilita a disponibilidade de essas pessoas beneficiárias concluírem a carga horária obrigatória de atividades. Cada pessoa recebe acompanhamento psicológico, jurídico, social e pedagógico durante os dois anos de permanência no programa.” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022). Em 2019, foi proposta uma expansão desse programa em nível estadual devido à crescente demanda. Mais informações em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/index.php?p=150965 (acesso em 01.12.25).

Trata-se de um projeto social da Prefeitura de São Paulo, coordenado, sobretudo, pela Coordenação de Políticas para LGBTI+ da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SMDDET). Tal projeto visa à inclusão dos estudantes trans, instituído oficialmente pelo Decreto nº 55.874 de 29 de janeiro de 2015, que define seus objetivos voltados à promoção dos direitos humanos e à inclusão de pessoas trans e travestis em situação de vulnerabilidade no município de São Paulo. E, a partir de uma regulamentação mais recente — pelo Decreto nº 58.227, de 16 de maio de 2018 —, ampliou e consolidou os procedimentos e diretrizes do programa, inclusive integrando o “Mês da Visibilidade Trans” ao calendário municipal.

Então, o Transcidadania pode ser definido como um programa público municipal da Prefeitura de São Paulo criado para promover o resgate da cidadania, a inclusão social e a autonomia de pessoas trans em situação de vulnerabilidade social — incluindo travestis, mulheres transexuais e homens trans. Segundo informações da Prefeitura de São Paulo:

É destinado à promoção da cidadania de pessoas trans e travestis em situação de vulnerabilidade, fornecendo uma bolsa para os beneficiários que comprovem presença regularmente às aulas. O objetivo é que pessoas em situação de vulnerabilidade social tenham acesso a um programa de transferência de renda que garanta a elas uma condição financeira mínima, ‘[...] para que possam concluir a escolaridade básica e fazer atividades de formação profissional’. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022).

A partir desse dado, desde o início de 2022, leciono na Escola Municipal Arco-Íris,⁴ para jovens e adultos da EJA e com grande quantidade de estudantes trans, na sua maioria, beneficiários e beneficiárias do projeto Transcidadania. Destaco que a importância desse trabalho é imensa. Para a maioria deles/delas, é uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho formal, desenvolver capacidades e ampliar possibilidades e, ainda, de vivenciar um espaço formativo e educativo mais respeitoso e inclusivo. Além disso, no meu trabalho tenho a oportunidade de contribuir para que estudantes trans possam ressignificar o que

⁴ Nome fictício. Neste trabalho, manteremos em sigilo o nome da escola para proteger a identidade dos sujeitos envolvidos.

a escola, o saber e a figura do professor podem representar: a escola é espaço seguro, de debate, discussão, trocas, recuperação e sistematização dos conhecimentos adquiridos com o tempo.

As leituras e reflexões sobre a relação entre a Psicanálise e a Educação, somados ao meu trabalho como professora, possibilitam entender mais sobre o meu mal-estar e sobre isso que me aparece como furo, contribuindo também na construção de caminhos de uma educação para a alteridade e para os sujeitos, sem contar as discussões atuais sobre transexualidade e os sujeitos trans, dentro do viés da Psicanálise de orientação lacaniana, que pavimentam e estruturam essa pesquisa sobre o que rateia na Educação, especialmente na educação pública.

A pesquisa apresenta então, fundamentalmente, uma investigação das dificuldades que estudantes trans e travestis enfrentam para a conclusão dos estudos na escola, trazendo uma reflexão sobre como foi construída no passado a relação com a instituição escolar – fato que os levou a abandonarem a escola – e quais as condições de permanência para esses estudantes prosseguirem nos estudos atualmente na modalidade EJA, mirando a urgência da inclusão de pessoas trans para combater violências e segregações.

Assim é porque, estudando dados estatísticos e informações específicas atuais sobre a população trans, percebe-se que o abandono escolar desses sujeitos existe e é ainda maior, se comparado a dados do total da população do país. Aproximadamente, metade da população trans de São Paulo (51%) não concluiu os estudos e vive sem a família, é o que aponta um levantamento de 2021 da Secretaria Municipal de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo, em parceria com o CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea).

De acordo com o Dossiê “Assassinato de Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020”, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), cerca de 94% da população trans do país afirmaram ser vítimas de violências movidas pela discriminação e preconceito e a média de assassinatos de pessoas trans e travestis é de 122,5 assassinatos/ano, de 2008 a 2020. Dados mais recentes revelam uma infeliz escalada de casos no país todo, mas, em números absolutos, São Paulo aparece como o estado que mais matou a população trans em 2020 do Brasil, com 29 assassinatos, contando com

aumento de 38% dos casos em relação a 2019. Esses estudos revelam ainda que, entre 2017 e 2020, houve 641 assassinatos de pessoas trans no Brasil.

A violência chama a atenção em todos os níveis de idade, mas as maiores chances de uma pessoa trans ser assassinada estão na faixa de 15 a 29 anos, ou seja, ainda em idade escolar obrigatória, de acordo com o levantamento realizado pela ANTRA. Como professora da escola Arco-Íris, com muitos alunos trans e travestis em 2022 e 2023, pude ver e ouvir relatos de agressões e violências cotidianas. E as marcas de violência e agressões físicas sofridas pelas/pelos estudantes são visíveis, traduzidas em cicatrizes por todo o corpo.

O Dossiê apresenta também que, devido ao processo de exclusão familiar, social e escolar, estima-se que treze anos seja a média de idade em que travestis e mulheres transexuais sejam expulsas de casa pelos pais (ANTRA, 2017), fato que se traduz em dados alarmantes sobre a relação dos sujeitos trans e a Educação: aproximadamente 0,02% dessas pessoas estão na Universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% não concluíram o ensino fundamental (Dados do Projeto Além do Arco-Íris/Afro Reggae). Essa situação relaciona-se diretamente com os dados de exclusão escolar e social, gerando maior dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e na qualificação profissional.

As estatísticas e os dados relativos à população trans são fontes de informação de grande relevância para se conhecer os avanços ou retrocessos políticos e sociais relativos à inclusão, especialmente da população transexual e travesti. Entretanto existe uma grande invisibilidade quando nos referimos a dados oficiais. A grande maioria dos dados estatísticos e pesquisas é realizada por ONGs e associações independentes, como é o caso das informações supracitadas, que passaram a monitorar dados e informações somente a partir de 2008.

Estudos revelam ainda que 70% da população trans da cidade é composta por mulheres trans e travesti jovens, de até 35 anos de idade e em situação de vulnerabilidade, já que quase 80% dessas pessoas saem de casa precocemente, ainda em idade escolar obrigatória e/ou antes da vida adulta.

De acordo com os dados coletados neste estudo, 80% das travestis e das mulheres trans de São Paulo trabalham nas ruas em condições vulneráveis

com prostituição, sem formação técnica e fora do mercado de trabalho formal. Em escala nacional, esse número sobe para 82,1%. Sabe-se também que os dados de renda e escolaridade se relacionam diretamente aos dados de expectativa de vida. A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos enquanto que o da população brasileira é de 76,6 anos ⁵.

A questão que se coloca é: sob qual perspectiva de Educação repousa essa resistência à escola? Quem são esses sujeitos que compõem o “grupo de risco”, os quais são mais reticentes e não aderem à *educação formal*, como *as pessoas que vivem experiências trans identitárias*?⁶

A Psicanálise propõe a reflexão sobre isso que falha, que foge à teoria, às cartilhas e aos estudos científicos, refletindo no que rateia nas prescrições pedagógicas que não conseguem alcançar o “universal”.

Mannoni (1997), ainda em seu livro “Educação Impossível”, apresenta que a “*educação ideal segundo o mestre*” leva a Pedagogia a funcionar como “drama”, como exercício de poder. Para a autora,

Não é inútil enfatizar o caráter mítico de uma pedagogia que faz do mestre (e do pai) o depositário do saber e do aluno (e do filho), o ignorante a “salvar” de sua incultura. E sabe-se como esse tipo de situação “segregadora” favorece o ódio mascarado em relação ao mestre, de um pai situado inconscientemente como opressor. (MANNONI, 1997, p. 36).

A autora complementa, então, que...

A Pedagogia funciona como drama e recorda certas situações familiares. (...) No ensino, o desejo de saber do aluno colide com o desejo do mestre... De que o aluno saiba, anulando assim o que poderia sustentar validamente o desejo do aluno. (...) o que leva o aluno a defender-se (...). O drama coloca geralmente em jogo o exercício de um poder. (MANNONI, 1997, p. 37).

⁵ Mais dados e informações disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional> (acesso em 5.dez.2025).

⁶ Cunha (2009) propõe o conceito de “vivências trans identitárias”, uma vez que o termo não permite o aprisionamento na experiência trans. Considerando isso, é importante escutar as experiências trans identitárias a partir da matriz psicanalítica, que é pautada na multiplicidade de experiências, na multiplicidade de sujeitos e de singularidades. Assim, para CUNHA (2009), ainda que a questão trans tenha caráter de recusa da norma binária; são múltiplas as experiências.

Nessa relação entre a instituição “escola” e a instituição familiar, MANNONI (1997) revela a presença da coerção e da violência, que funcionam para a “*manutenção de uma ordem moral e social*” (p. 39) e do conservadorismo, uma vez que, para a autora, “[...] *as estruturas têm por função manterem-se imutáveis, seja qual for a agressão de que possam ser alvo*” (p. 42). Assim, uma Educação atravessada pela ordem moral e social visa conservar e submeter os sujeitos à ordem e ao “desejo do mestre”, excluindo-se o sujeito, seus desejos e sua singularidade.

Para IMBERT (2001), a moral “[...] *exige ordem e disciplina; procede à identificação e à classificação; seu domínio é o do previsível, do simplificado e do controlável*” (p. 18). É o que se busca na Pedagogia que se pretende científica ou “técnica”, ao anular a presença do sujeito, do inconsciente e do incontrolável na educação. Para o autor,

Escorada na repetição, nos princípios de identidade e de não-contradição, a moral mostra-se capaz de cálculo e, ao proceder desse modo, garante a cada um o autodomínio e o controle dos outros (...). (IMBERT, 2001, p. 20).

O autor prossegue, apresentando que “[...] *a moral constitui a própria essência da empreitada pedagógica*” (IMBERT, 2001, p. 22), de modo que é a partir da lei simbólica, ou da interpolação da Ética na Pedagogia, que poderá ser possível uma separação que “[...] *diferencia, desliga e liberta o sujeito*” (IMBERT, 2001, p. 24). Ou seja, a moral sendo da ordem da fabricação do sujeito, das prescrições, e a ética das castrações simbólicas (linguagem e desejo).

Os sujeitos trans, como supracitado, estão dentro do grupo de risco de evasão escolar precoce e resistem, portanto, a essa fabricação do sujeito pela moral e pela norma, se relacionando mais com essa educação que diferencia e liberta o sujeito, pela via da Ética. Por definição, são sujeitos que escapam à lógica da norma binária, vivenciando formas singulares de lidar com a questão identitária e com a sexualidade.

No livro “*Género, Cuerpo e Psicanálisis*”, de organização e produção de Edith Tendlarz (2020), a autora apresenta um compilado de autores que tratam da questão trans sob o viés da Psicanálise de orientação lacaniana. Ela inicia, diferenciando os conceitos estruturantes para o debate da transsexualidade,

como sexo e gênero, relacionando o primeiro ao gênero “biológico”, do feminino e masculino, contemplado na dualidade, e o segundo está ligado às identificações (e não identidade). O que escapa a essa lógica binária seria o “*queer*” que, para a autora, é o que não se pode definir por um binarismo, fugindo, portanto, das categorias de gênero.

A autora explicita que, em Psicanálise, fala-se em estudo e clínica da *sexuação*, partindo da ideia de processo (ou produção) do sexo, associando o sujeito a seu modo de gozo (sendo esse individual e múltiplo). Desse modo, “[...] *há múltiplas e variáveis identidades possíveis.*” (TENDLARZ, 2020, p.142).

Pode-se entender, portanto, que não há identidade de gênero, e sim, um processo de *sexuação* particular e diverso, relacionado ao modo como cada sujeito lida com o gozo. E, ainda, se não há uma “identidade” dos sujeitos trans, e sim, *múltiplas experiências*, os trans só se constituem um grupo uniforme pela discriminação e inferiorização a que são submetidos por um grupo majoritário que, importa destacar, também constituem um grupo uniforme.

Traçando um paralelo, se cada escola também vive “*múltiplas experiências*”, é possível pensar, pela via da Psicanálise, em proposições ou prescrições e teorias específicas, mirando o acolhimento de pessoas que vive experiências trans identitárias? Furar o ciclo de violência e segregação que esses sujeitos passam ainda em idade escolar, na tenra idade, é urgente, mas a inclusão social e educacional desses sujeitos, que são inferiorizados e vulnerabilizados pela família e pela escola, seria possível a partir de projetos como “*escolas para trans*”, especializadas em acolher esses sujeitos, com suporte de políticas públicas também específicas, uma vez que esses não são encontrados nas instituições regulares?

A pesquisa caminha para a construção da ideia de que, ao invés de escolas separadas ou específicas para os sujeitos que vivem experiências trans identitárias, nas quais travestis e estudantes trans estudem em grupos e comunidade, seja possível pensar em “*escolas-trans*”: singulares, atravessadas por um *projeto ético*, que considera que os sujeitos estão em autocriação constante, sendo, então, inacabados e “em trânsito”. Que essas lhes possibilitem reinscrever no campo das práticas “[...] *o reconhecimento da liberdade e singularidade essenciais do sujeito*” (IMBERT, 2001, p. 26). Escolas que, de acordo com Imbert (2001), se estruturam pela via da *libertação do sujeito*, da

alteridade e da valorização da diversidade das experiências identitárias, uma vez que:

[...] poderíamos afirmar que a ética introduz a dimensão do sujeito, do sujeito sem mais. Ela leva a educação a enfrentar a tarefa inacabável de não mais visar o Um; ou ainda, de estilhaçar a dominância da imagem; ou seja, de reconhecer que, para o ser vivo falante, não existe modelo único, não existe um referente, não existe um sistema fixo de representações.

(IMBERT, 2001, p. 60)

No seu texto “Uma pedagogia esquecida do amor”, Voltolini (2019) estabelece que a “presença subjetiva” do papel do professor é desvalorizada em prol de uma “função objetiva”, nos termos do discurso pedagógico contemporâneo ocidental, e que tal discurso é marcado por confusão entre poder e autoridade (2019, p. 364). Há, desse modo, um conflito na educação, constatada em “[...] *ineficiência geral das escolas em sua função de levar a aprender*” (2019, p. 366). Para esse autor,

[...] esse deslocamento do centro gravitacional da relação pedagógica, ao tomar uma versão específica da noção de poder – a de um poder direcional sustentado por um ‘opressor’ contra o ‘oprimido’ –, confundiu poder e autoridade, contribuindo com isso para escamotear e obscurecer o ‘papel do amor’ nas dinâmicas tanto do poder como da autoridade.

(VOLTOLINI, 2019, p. 366).

O autor prossegue, refletindo que incluir a presença subjetiva e o amor nas dinâmicas educacionais não significa esquecer da tradição e do lugar de mestria do professor, uma vez que a primeira se relaciona à transmissão do solo comum, papel da educação, e revela que:

Pode-se, entretanto, escolher qual tipo de mestria se pretende estabelecer. Quando se toma a desigualdade estrutural entre criança e adulto, com relação à tradição, para privilegiar a construção de uma hierarquia, concretizamos o lugar do ‘chefe’. Com ele, a dinâmica do poder predominará sobre a do saber. Ao saber, deve-se fazer ‘reverência’, porque ele determina que a conservação do *status quo* é o desejável. Um chefe não funda nada, apenas reproduz o que foi fundado; por ser um guardião

da ordem estabelecida, ‘normatiza’; com ele. Estamos do lado do que está ‘instituído’. (VOLTOLINI, 2019, p. 371).

Essa distinção entre o ‘chefe’ e o ‘mestre’ se faz importante porque aquele está para a ordem, enquanto esse se encontra do lado do “*instituinte*” na relação com o saber, e não, do instituído. É refletir que a presença subjetiva do professor é fundante na constituição do sujeito, porque “[...] *para constituir um sujeito, a subjetividade do adulto em questão é crucial no efeito de modelagem daquilo que a criança se tornará*” (VOLTOLINI, 2019, p. 374). É da *transferência na relação com o saber* que se trata a maior ou menor aderência à escola. Falar em escolas para a alteridade e valorização da diferença e singularidade é não deixar de considerar a dimensão dos processos de subjetivação envolvidos na educação e na relação – amorosa – com o saber.

Assim, Voltolini (2019) fala da relação entre sexualidade e saber. Para ele,

A preocupação do pensamento pedagógico do que o conhecimento tenha sentido, e não seja apenas uma adesão a enunciados sem valor para o sujeito, não é senão apenas o reconhecimento do valor desse fator dramático por trás de todo o conhecimento. Eis aqui uma versão sintética e exata do que Freud chamou de sexualidade, ou seja, o fato de que não há nada no psiquismo humano que não seja produto do relacional. Mas não, de qualquer relacional. O que Freud faz nessa matéria é introduzir nesse relacional – que, muitas vezes, é tomado, sobretudo, pela Pedagogia, de maneira reducionista como social – o fator erótico. A Pedagogia contemporânea, em sua teorização, *desetoriza* a relação de conhecimento.
(VOLTOLINI, 2019, p. 376).

Esse esquecimento do amor a que o autor se refere contribui para a crise na Educação, tornando o conhecimento “utilitarista”; como valor, e não, como saber. A ausência de transferência e a desvalorização da “relação erótica” com o saber/conhecimento, em prol de uma pedagogia – e escolas – científica e técnica, exclui e segrega por não se empenhar na escuta do sujeito, na sua constituição e na dimensão inconsciente presente na Educação. O que se tem são escolas para a reprodução da norma, da moral e dos saberes instituídos, a qual não abre espaço para o que surge, sendo um saber descolado da vida.

Para tanto, os professores devem ter como horizonte essa dimensão transferencial e inconsciente no seu papel de “ensinante”, procurando uma conduta clínica no seu fazer, considerando que se aprende pela experiência e na relação.

Cifali (1998) em seu texto “Conduta Clínica, Formação e Escrita”, revela que não há “o” aluno. Para ela,

Este que está diante de mim tem um sobrenome, um nome, uma história; portanto, ele existe em sua singularidade e em sua diferença; a situação que nos une não se parece com nenhuma outra, ainda que eu possa encontrar nela aspectos descritos na teoria. Por outro lado, ele me encontra, eu não sou substituível, ainda que ocupe uma função em um lugar institucional; minha singularidade faz parte da situação. (CIFALI, 1998, p. 104).

A autora pensa também sobre o *procedimento clínico* como abordagem no ato de ensinar, o qual deve atentar-se à singularidade e produzir sentido. Ele se caracteriza, entre outros critérios, pelo envolvimento necessário, um encontro intersubjetivo entre seres humanos que não estão na mesma posição, à complexidade da criatura viva e à mistura inevitável do psíquico e do social.

Sobre o diálogo possível entre os sujeitos trans e as “escolas-trans”, a autora acrescenta que “[...] *não se encontra o outro senão através de uma presença, de uma autenticidade*”, sendo nossa subjetividade um dos “*instrumentos do encontro*”. (CIFALI, 1998, p. 105).

É a partir dessa reflexão que se pode pensar que as escolas são lócus do encontro com o outro na sua singularidade e subjetividade, e não, da dominação e da técnica somente. A autora diz que, na relação com a escola, nos afastamos também porque...

[...] Introduzimos entre o outro e nós teorias, ferramentas técnicas; protegemo-nos com uma armadura institucional e é aí que nasce nossa indiferença, nosso cinismo, nosso rir por dentro de seu sofrimento; nós o transformamos em um objeto manipulável que não deve nos “aborrecer” e cuja agressividade deve ser domada. (CIFALI, 1998, p. 105).

Ser um professor ‘clínico’, para a autora, não é deixar de planejar as ações, de realizar planos de ação e propor ações programadas. É, inclusive,

trabalhar com uma capacidade de agir no jogo entre os “automatismos necessários” e o incidente do encontro, fazendo com o que o trabalho docente seja reflexivo, crítico, criativo e intuitivo.

Contudo, não se deve perder de vista os saberes prévios e constituídos, sobretudo, aqueles relacionados às ciências humanas, como referência para questionamentos constantes. A autora defende que é muito importante conhecer e questionar as desigualdades e as grandes questões sociais que atravessam a educação – porque inserida na sociedade – tal como a vulnerabilização e a exclusão de determinados grupos. A busca pelo saber, assim, passaria pelo conhecimento relativo ao ser humano.

A clínica é constituída pelos saberes constituídos e pelos saberes da experiência, porém, na ação do professor, “[...] mais se esboçam hipóteses do que se explica” (CIFALI, 1998, p. 109), marcada por uma ‘observação retroativa’. E a autora revela que...

[...] Aprende-se a nomear, a traduzir em palavras, não obstante a incompreensão crônica com a qual todos se confrontam. Reconhecem-se os efeitos inconscientes da teoria e o quanto ela é enriquecida pela ação Há, como uma confiança que se constrói, não uma confiança ofuscante em si mesmo, mas em sua capacidade vital de suportar a desordem sem, contudo, perder a esperança de que tudo se arranje no final. Essa confiança [...] é conquistada ao final da experiência quando se cuida de refletir sobre ela.” (CIFALI, 1998, p. 109).

Suportar essa ‘desordem’ seria suportar o que falha na Educação; o real, sendo esse o sentido do papel do professor clínico; que se impõe questões sem desejar respostas ou prescrições. É considerar e admitir a singularidade humana. Aceitar as transferências do encontro e as contras-transferências também, para a prática da alteridade.

Então, as “*Escolas-Trans*” seriam as que consideram a dimensão da transferência e do sujeito na educação. Que não retiram o amor, o erotismo e a sexualidade como dimensões da Educação, e ainda, que refletem sobre o “real da escola” como aquilo que escapa, aquilo que não se apreende, ou seja, o impossível. Se as experiências identitárias e a sexualidade são singulares, de cada um e tocam o real do sujeito, assim também é a relação que se estabelece

na prática educativa, em cada sala de aula – singulares e marcadas pela transferência.

Assim, pode-se pensar no “real da escola” como aquilo que escapa, aquilo que não se apreende, ou seja, o impossível. E mais, que não há “verdade” sobre o saber e sobre a escola, porque, para Lacan, a verdade está no plano do simbólico e do imaginário, sendo um conceito temporário e não real. Na ordem do real, a verdade não existe; há somente “meia-verdade”.

Na relação educador-educando, sob essa perspectiva, é importante não dar sentidos e significações prévias ao sujeito, mas sim caminhar no sentido do real sem abandonar o inconsciente transferencial para acessar as interpretações de mundo, porém, entendendo que tais construções são “verdades mentirosas”.

A Pedagogia, como tentativa de legislação universal, tenta colocar a Educação para todos, o que caminha no sentido da “entificação”. Mas o que se tem, a partir da Psicanálise lacaniana, é que não há uma Educação toda ou completa – o que há é o sujeito, a alteridade, o cada um e o real. A Psicanálise vai lidar então com construções e com o que emerge, sem sentido e interpretações, ou seja, com o real.

Mannoni (1989), em “Um saber que não se sabe – A experiência analítica” contribui, nesse sentido, para a reflexão sobre como a Psicanálise pode trazer luz ao discurso pedagógico.

Para determinar o que a luz da análise pode trazer à Pedagogia, partamos do fato de que, na preocupação em que pais (e professores) estão de adaptar a criança à sociedade, em geral se faz apelo à ameaça e aos abusos de autoridade. Assim, na educação tradicional, o sujeito não deve satisfazer uma pulsão compatível com a lei social e, mais ainda, deve esquecer a sua existência e ser assim bem sucedido no recalque. A luz psicanalítica aqui incide menos sobre o autoritarismo de tal forma de educação e mais sobre uma maneira de o adulto tratar o recalque. Para o analista, a educação não deve funcionar cegamente (contentando-se, por exemplo, com a aquisição de automatismos) mas fazer um lugar para o desejo e se abrir sobre possibilidades de permanente invenção.

(MANNONI, 1989, p. 72).

Objetiva-se, assim, pensar em como a Psicanálise pode ajudar, para que os efeitos da transferência não sejam evitados na relação professor-aluno, ao tecer críticas ao ‘ideal’ que a Pedagogia constrói – o da adaptação da criança à

sociedade, recalcado em sua sexualidade (no sentido freudiano do termo), interditado em prol de se tornar um ‘sujeito universal’.

Em “Perspectivas do Seminário 23 de Lacan, o Sinthoma” (2010), na Lição Quatro, Jacques-Allain Miller revela que Lacan estaria em posição de “ensinante”, e não, de detentor de saber, quando apresenta que Lacan precisou fazer uma verificação do seu ensino, sendo essa verificação dependente do *outro*. Essa reflexão é muito importante para o campo da Educação, por levar a pensar que o sentido do que se diz está no outro, no que escuta.

Segundo Miller,

O se eu sei o que digo não está à sua disposição. É, antes, um risco aberto, conforme a resposta seja ou não trazida por esses outros. E, em seguida, ele interpreta esse desejo, o condicional desse desejo. No início do parágrafo seguinte, ele diz: *Apesar de tudo, dizer visa ser escutado*. [...] Falar é para ser ouvido, falar é comunicar, falar implica o Outro. (MILLER, 2010, p. 59)

Nesse sentido, é muito rico pensar na relação que se estabelece entre quem fala e quem escuta, uma relação essencial entre educadores e educandos, e que os “regimes de enunciação”, ou posições de enunciação são relações imaginárias que não necessariamente implicam compreensão ou “ensino”, podendo ou não ter a ver com o outro, com aquele que escuta, ou com alguma compreensão. Se pode gozar na fala. Para o autor,

De um lado, o dizer está supostamente arrimado ao saber e permite ser ouvido; de outro, temos um dizer que, de certa forma, se fecha sobre si mesmo. Ele não é articulado a um saber, mas a uma satisfação. Nele, o Outro não tem nada a ouvir, no sentido de nada ter a compreender. (MILLER, 2010, p. 61).

Compreende-se, dessa forma, que há uma distância (ou diferença) entre “ensinante” e “professor”, sendo o primeiro aquele que está em busca da escuta do outro, e que ensinar seria muito mais do que falar. Essa reflexão é estruturante, para se pensar na Educação e na sua impossibilidade, segundo Freud, uma vez que há múltiplas dimensões que atravessam o processo de ensinar e aprender. Assim, partindo do inconsciente real de Lacan, é possível

revelar que a fala, como aparelho de gozo, se liga no que é sem sentido nem significação.⁷

A Educação contemporânea, pautada no verdadeiro e no saber exposto, e não, no suposto, se apresenta em crise. Tentativas em massa de propostas normativas, no intuito de prevenir, de controlar e de se capturar o real das escolas promove a repetição ligada à rotina, à não-reflexão, à não-ressignificação de práticas. O professor, nesse sentido, deve se enquadrar a práticas universalistas, ao mesmo tempo em que se quer a promoção da diversidade e do pluralismo nos guias e cartilhas escolares.

MRECH e RAHME (2011), em “Psicanálise, Educação e Diversidade” (2011), no capítulo Psicanálise, Educação e Contemporaneidade: Novas interfaces e dimensões do laço social, sobre o “mal-estar da Educação”, assim se expressam:

(...) Não é de se estranhar, que os professores se sintam perdidos, pois a dinâmica da própria cultura enfatiza, de um lado, os laços universalizantes – discurso do mestre – e, de outro, a importância de ser singular e diferente”, e ainda, destacam a necessidade ‘de se repensar a educação de um modo mais flexível aos encaminhamentos trazidos pelo real, portanto, para além de uma óptica centrada na via do mercado de saber.’

(MRECH, RAHME, 2011, p. 20)

A Psicanálise se encontra em posição privilegiada por revelar que o saber e a verdade presentes nas escolas e na Educação são *não-todas*, ou seja, são meias verdades, o que abre espaço a um ensino e a um aprender voltados para a diversidade, para a singularidade e para a expressão dos sujeitos envolvidos no processo educativo. A esse respeito, as autoras supracitadas ainda destacam que o real na Educação e nas escolas se impõe, sobretudo em momentos de crise. Segundo elas,

A sociedade e a Educação atuais exigem novas ações e é preciso saber lidar com o novo das práticas e das relações. É

⁷ No seminário XX “*Mais, ainda*”, Lacan apresenta o conceito de *fallasser*, o sujeito na fala, e de gozo como um circuito que amarra o sujeito, que é de cada um, impossível de se alcançar. Lacan apresenta ainda que a realidade lida com o gozo, e é na análise que se pode trabalhar com a realidade que o sujeito constrói a partir das modalidades de gozo. Nesse sentido, é importante a atenção do “ensinante” às simbolizações do gozo, podendo ser escritos, desenhos, esculturas, histórias – aquilo que é *singular* e importante ao sujeito. Além disso, Lacan apresenta, no seu Seminário XX, A Teoria dos Quatro Discursos e as Tábuas da Sexuação, como contribuições fundamentais para a reflexão quanto à relação entre significante, verdade e a constituição do sujeito.

preciso lidar com o real que emerge a cada momento e que pode se apresentar sob várias formas, inclusive com a aparência de uma crise econômica, política e social. Nós podemos ficar com o que já sabemos, porém a dificuldade maior é a de se abrir para outros conhecimentos e práticas, saindo de um circuito de repetição. Será que a Educação é um processo massificável, passível de ser engessado em fórmulas que se aplicariam à lógica do *para todos* [...]? (MRECH, RAHME, 2011, p. 23)

É central, portanto, pensar em uma Educação menos marcada pelo saber exposto e mais voltada para a consideração do saber suposto e pelo que é singular dos sujeitos; que considere mais o imprevisível do real. Para tanto, é estruturante pensar a partir de práticas mais flexíveis, pautadas na qualidade da escuta do sujeito, incluindo, portanto, a escuta psicanalítica na Educação para, assim, por meio da *autoexpressão*, aumentar a capacidade e a liberdade dos indivíduos de serem sujeitos.

Considerar que os sujeitos envolvidos no processo pedagógico – *ensinante* e aluno – são sujeitos que constroem a realidade por aparelhos de gozo, é essencial a incorporação das diferenças para uma Educação de fato inclusiva, e que contemple a imprevisibilidade da Educação. Uma escola “para todos”, partindo do saber e da verdade para Lacan, é possível? Pensando ainda no real da escola, que não se captura e que falha, como afetar os sujeitos? Como ensinar? Lacan apresenta, ainda, que “[...] *toda a verdade, é o que não se pode dizer. É o que se pode dizer com a condição de não a levar até o fim, de só se fazer semidizê-la.*” (Lacan, 1975/2008, p. 98).

Na relação com o outro, base da Educação, não há verdades e saberes sobre o sujeito; o que se tem é o gozo que se elabora “a partir de um semblante”, o que significa dizer que há algo do sujeito que não se captura.

Talvez por isso, não seja exequível uma educação para a diferença e para a alteridade sem a escuta e o acolhimento dos saberes supostos e das diversas verdades, construídas e singulares, compreendidas a partir da reflexão advinda da interface entre a Psicanálise voltada para o real e para a Educação.

A presente dissertação, desse modo, apresenta como objeto de estudo a evasão escolar de estudantes que vivem experiências trans identitárias e, como objetivo maior, a reflexão sobre o que faz obstáculo para a conclusão dos

estudos desses sujeitos; que pode se desdobrar no problema: Se há obstáculos, quais seriam as condições para retorno e permanência desses sujeitos na instituição escolar?

Justifica-se esta dissertação, portanto, pelo tema de a evasão escolar de pessoas que vivem experiências trans identitárias ser de grande pertinência, considerando o sofrimento desses sujeitos derivado da segregação e da violência extrema com as quais eles se deparam diariamente. E também, pela violência e segregação que sofrem ainda crianças, pelas instituições familiar e escolar, ou seja, pelo sofrimento de ordem estrutural que marcam esses sujeitos. Ademais, a pesquisa objetiva também refletir sobre o que faz obstáculo para a conclusão dos estudos desses sujeitos, refletindo ainda em condições de permanência para que tais estudantes possam concluir sua escolarização e furar o ciclo de invisibilidade e exclusão em que se encontram.

Para fins de estudo, esta dissertação subdivide-se em: método, onde são apresentadas reflexões sobre a constituição do sujeito pesquisador e a pesquisa em Psicanálise e Educação, partindo da minha posição subjetiva como professora que pesquisa; Fundamentação Teórica, que estrutura as análises dos depoimentos e sua relação com a bibliografia estudada; e a apresentação do trabalho que foi realizado com os depoimentos e recortes, essencial para a realização da pesquisa.

A dissertação conta também com os resultados, composto por um breve histórico da população trans e travesti no Brasil; uma síntese da história de vida de seis participantes da pesquisa; e de dois eixos de análise levantados a partir dos depoimentos:

- Eixo 1: Educação e Psicanálise – onde se tem a discussão sobre a escola da memória, transferências e dificuldades desses estudantes com a escola (evasão e violências); e a escola do presente a partir do retorno na modalidade EJA, onde se objetiva pensar nas condições de permanência e na relação entre comunidade trans e o acolhimento das diversidades.
- Eixo 2: Psicanálise e Transexualidade – onde se tece a reflexão da interface entre os estudos de gênero e transexualidade e a Psicanálise; e na relação entre essas questões e os movimentos identitários.

Por fim, tem-se as considerações finais sobre o tema e a listagem das referências bibliográficas.

METODOLOGIA

1. A constituição do sujeito pesquisador e a pesquisa em Educação e Psicanálise

Desde o início de 2020, estive às voltas com a questão da evasão escolar. Professora da rede pública municipal de ensino desde 2014, a relação transferencial entre mim e os e as estudantes, sempre foi importante no meu processo de educar. Durante o curso de licenciatura em Geografia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), realizei o estágio curricular supervisionado e obrigatório em uma instituição escolar pública de educação básica.

Lembro-me de assistir a uma aula de Geografia para o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual, localizada na zona norte de São Paulo, em que o professor mal era visto pela turma. Ele não olhava para os estudantes nem esses notavam a presença do professor, que passou a maior parte do tempo da aula escrevendo na lousa. Ao conversar com os estudantes, eles disseram que era “sempre assim” e que “o professor nunca dava aula”. Ora, ele estava lá, em frente aos estudantes, sempre presente, mas era como se não estivesse.

Meu relatório de estágio supervisionado em Geografia foi sobre a “não-relação” entre os estudantes e o professor, sem saber, e sem ter fundamentação teórica sobre o assunto, de que se tratava da ausência de transferência, fundamental no processo de aprender e ensinar. Essa angústia em ver a falta de diálogo, escuta e acolhimento naquela aula de Geografia me fez uma professora atenta às questões que surgem em classe – conflitos, inseguranças, alegrias, dificuldades, insatisfações. Faço questão de cumprimentar, ouvir, acolher o que vier, na medida do possível.

Em 2018, assumi por concurso interno uma vaga para docente na Prefeitura Municipal de São Paulo, no bairro do Grajaú, extremo sul da capital, e me deparei com uma situação que me levou a ser, primeiro uma professora

inquieta e, segundo, uma pesquisadora: o número de estudantes do ensino fundamental se reduz drasticamente com o avanço das séries, o que significa dizer que havia quatro turmas de 6º ano lotadas; quatro turmas de 7º ano esvaziadas; duas turmas de 8º ano com grande quantidade de alunos e duas turmas de 9º ano, esvaziadas. O que estava acontecendo com os/as estudantes? Por que estavam, ano a ano, deixando de frequentar a escola?

Tratava-se da evasão escolar, maior e mais frequente nos anos finais do ensino fundamental, e mais presente ainda em comunidades que vivem situações de vulnerabilidade, como era o caso da escola em que lecionava, localizada em uma comunidade, dentro do distrito periférico mais populoso da cidade de São Paulo.

De 2018 a 2020, passei a me interessar ainda mais e a estudar as angústias de saber que há, dentre os/as estudantes aqueles que não permanecem na escola; e não aceitam a relação de poder que, muitas vezes, se estabelece nas instituições de ensino que procuram ensinar pela “norma”. A partir disso, a proposta era investigar, nas escolas em que trabalhei, se havia projeto de prevenção ou de contenção para evitar que os estudantes deixassem a escola, ou se havia algum tipo de projeto. Mas não encontrei respostas positivas sobre o assunto.

Em 2021, me inscrevi no NUPPE – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação, da Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise (NUPPE/CLIPP) – , sob orientação da Prof. Dra. Leny Magalhães Mrech, e tive oportunidade de conhecer a Psicanálise de orientação lacaniana e sua relação com a Educação. Passei a me “esvaziar” mais e a pensar de forma mais estruturada em como elaborar minhas angústias em relação aos estudantes vulneráveis e a suas dificuldades com a escola.

As leituras e as reflexões sobre a relação entre a Psicanálise e a Educação possibilitaram entender mais sobre o meu mal-estar e me ajudaram a construir caminhos para refletir sobre a necessidade de uma educação diferente, voltada para a alteridade e para os sujeitos. Nesse núcleo, também aconteciam discussões atuais sobre transexualidade e os sujeitos trans, dentro do viés da Psicanálise de orientação lacaniana.

Nesse contexto, pesquisei que instituições escolares da cidade de São Paulo vinham recebendo cada vez mais estudantes beneficiários do

Transcidadania (projeto social do município para acolhimento de pessoas trans), como é o caso da escola em que passei a lecionar durante 2022, a escola do segmento EJA Arco-Íris, localizada na região central da cidade de São Paulo, e que desde a criação inicial do programa, vêm mudando seu projeto pedagógico e abrindo as portas para muitos estudantes trans e travestis. O número de estudantes matriculados, sobretudo no segmento EJA, após adesão ao Transcidadania é crescente ano a ano.

Desde o início de 2022, então, leciono na Escola Arco-Íris, para jovens e adultos da EJA e grande quantidade de estudantes trans, na sua maioria beneficiários e beneficiárias do projeto da prefeitura de redistribuição de renda para pessoas trans e travestis, tendo a oportunidade de, com o meu trabalho contribuir para que estudantes trans possam encarar o saber e a figura do professor sob um viés novo.

Também em 2022, ingressei no mestrado, no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da USP (FE-USP), para pesquisar e estudar sobre aquilo que não funciona na Educação. A princípio, o título da pesquisa, era “Educação e Psicanálise: Uma investigação das dificuldades dos alunos em situação de vulnerabilidade para a conclusão dos estudos na escola; Estudo de caso: Estudantes trans da rede municipal de ensino da Cidade de São Paulo”.

A ideia inicial era investigar as dificuldades dos estudantes em vulnerabilidade, e estudantes trans. Elaborar um compilado de dados e informações sobre esses sujeitos que evadem, ou que são ‘evadidos’ da escola, a partir de depoimentos e entrevistas dadas por estudantes.

Mas a percepção da imensa invisibilidade de estudantes trans e travestis na escola, especialmente na EJA, me pareceu como um furo; seguido de uma urgência em saber onde estava esse grupo que parecia não existir. Havia discussões sobre transexualidade e a ‘questão trans’ no meio acadêmico, algumas notícias veiculadas na mídia tradicional, casos de agressões noticiadas, sem os/as encontrar nas escolas e na minha realidade de professora.

Ao se deparar com dados sobre a população trans no Brasil, observa-se que o Brasil é o país mais violento para trans e travestis do mundo, e que a possibilidade de oferecer um espaço de saber seguro e respeitoso, como as escolas, é ainda mais importante e urgente.

Por isso, a pesquisa foi se estruturando na escuta de estudantes que vivem experiências trans identitárias, e na abordagem de que são múltiplos os modos de se conceber a relação sujeito/objeto, e no decorrer da análise dos depoimentos dos estudantes foi possível observar a necessidade da interdisciplinaridade para tentar alcançar os saberes que se construíam a partir das falas dos/das estudantes.

Para Severino (2016),

Ações mediante as quais os agentes pretendem atingir determinados fins relacionados com eles próprios, ações que visam provocar transformações, são ações interventivas, consequentemente, marcadas por finalidades buscadas intencionalmente. Pouco importa que essas finalidades sejam eivadas de ilusões, de ideologias ou de alienações de todo o tipo. De qualquer maneira são práticas intencionalizadas, das quais a mera descrição objetivada obtida mediante os métodos positivos de pesquisa não consegue dar conta da integralidade de sua significação. (Severino, 2019, p. 39).

A pesquisa conta com uma historicidade humana de grande complexidade e singularidade, podendo-se afirmar que tal complexidade:

[...] decorre tanto de sua integração ao campo dos fenômenos humanos em geral, herdando assim a complexidade do objeto das ciências humanas, como da condição específica de sua historicidade que lhe confere um caráter de uma realidade em contínua transformação, em incessante devir.
(SEVERINO, 2019, p. 44).

No texto “A dimensão existencial na construção do problema na pesquisa em ciências sociais”, Xypas e Xypas (2019) apresentam a importância da construção do objeto da pesquisa e de sua problematização. Para eles, “[...] o importante é saber exatamente o que estamos procurando, daí o destaque da pergunta norteadora do pesquisador.” (p. 50). Tal pergunta derivaria, segundo os autores, de um “[...] sentimento de falta”. O pesquisador deve “[...] entrar na problematização da pesquisa científica” (p. 54), a partir de uma “perturbação”. Para eles,

A perturbação é o que faz obstáculo à assimilação de um novo dado aos esquemas existentes do sujeito. O sujeito, então, sente uma lacuna, uma insatisfação (um desequilíbrio), ao mesmo tempo lógico e afetivo. O desequilíbrio pode acionar uma busca até encontrar uma solução satisfatória.

(XYPAS; XYPAS, 2019, p. 57).

Desse modo, os autores expõem que essa perturbação deve ser integrada ao sujeito pesquisador, para que esse possa observar possíveis eventos inesperados que o levam a mudar sua hipótese, integrando-os em seu plano de pesquisa. Só assim seria possível produzir uma pesquisa de encontro com uma ruptura com o senso comum.

Para o presente estudo, a lacuna (ou o furo) foi se revelando ainda no meu trabalho como professora na escola Arco-Íris; depois, no encontro com os estudantes trans e travestis que se dispuseram a contar sua história, a princípio de forma espontânea, depois, mais estruturada, para ser base deste trabalho.

Tal perturbação se intensifica no decorrer de transcrições, leitura e análise dos depoimentos dos/das estudantes, sendo necessária a revisão constante da fundamentação teórica, buscando a conexão com diversos autores e áreas das ciências humanas, na tentativa de circunscrever e problematizar o tema da pesquisa: Qual o obstáculo maior da escola como instituição escolar?

Essa questão pôde se desdobrar em diversas outras, tais como: quais fatores são importantes para o retorno e a permanência de estudantes trans e travestis na escola? A escola é uma instituição para acolhimento das diferenças ou para a reprodução? Por que a escola prisional despertou o interesse pelo aprender em estudantes trans e travestis? É possível pensar na escola como lugar de acolhimento das diferenças?

No decorrer da análise dos resultados (depoimentos), se apresentou ainda a necessidade de refletir sobre a importância dos grupos identitários e do senso de comunidade para essa permanência na escola, o que entra em conflito com a Psicanálise e a questão trans – das soluções do sujeito, sempre singulares. Ou seja, o tema da pesquisa é bastante complexo e envolve discursos teóricos que apresentam tensões entre si.

A grande complexidade do tema da pesquisa foi se estabelecendo na medida em que se constituía esse sujeito pesquisador durante seu processo de pesquisar, como acontece nas pesquisas em Psicanálise. Trata-se de um

trabalho na área de ciências humanas, tendo a fala e a escuta importância crucial para o levantamento de dados e informações.

A esse respeito, Leny Magalhães Mrech (2019), em “A construção do pesquisador”, revela que Lacan não adota o conceito de humano em Psicanálise, por se aproximar de “[...] tentativas de ‘entificação’ do sujeito. Tentativas de construir um ser humano universal.” (2019, p. 83).

Desse modo, a base da pesquisa, neste estudo de caso é a escuta dos *falasseres* – um ser na fala, operado pela linguagem. Cada um com sua grade de significantes, para que se possa capturar o que a Psicanálise mais privilegia: a singularidade. Segundo Mrech (2019),

Para Lacan, o que caracteriza a Psicanálise é que ela privilegia a singularidade, o cada um, o caso individual. Não há enquadramento a uma categoria – os humanos, por exemplo. Cada humano se apresenta em toda a sua singularidade. Um não é igual ao outro. É a partir das Ciências Conjecturais, e posteriormente, das ciências da linguagem que a Psicanálise irá tecer melhor o seu lugar. (MRECH, 2019, p. 83).

Mas, para essa autora, há um problema que a Psicanálise não pode resolver:

A linguagem não consegue dizer tudo, apreender tudo (...). Com Freud, nós identificamos a importância da sexualidade e do sujeito. Através de Lacan, percebemos a importância de lidarmos com o gozo. [...] A sexualidade e o gozo não conseguem ser capturadas pela linguagem.
(MRECH, 2019, p. 84).

O pesquisador, ou o sujeito da ciência, se encontra sempre com o real que retorna, por isso nunca está completo. Para Mrech (2019), o pesquisador em Educação e Psicanálise se depara sempre com uma questão primordial: A Psicanálise remete a algo que sempre escapa: o inconsciente, o real (...). Para Lacan, o real não é recoberto pela linguagem, assim como o sujeito, que só tem existência como um *falasser*, um ser na fala (MRECH, 2019, p. 84)

O pesquisador se constitui, assim, como um “[...] um sujeito em posição de um tornar-se, mas que nunca é” (MRECH, 2019, p. 85), sempre no plano da linguagem – constituição na e pela linguagem.

Como professora de pessoas que vivem experiências trans identitárias, a escuta das experiências era diária e o desejo de ouvir mais um estudante, só mais uma entrevista, mais aquela aluna... A dificuldade de se deparar com a incompletude do saber e entender que não seria possível ouvir todas e todos estudantes trans e travestis com quem eu efetuava transferências e saberes.

Desse modo, ouvi e sistematizei o depoimento de seis estudantes trans e travestis escolhidos para a pesquisa; mas na verdade, considero que não fui eu quem as/os escolhi para participar da pesquisa, e sim, que elas/ele escolheram participar. Durante as aulas e discussões na escola em 2022 e 2023, essas/esses seis estudantes trans e travestis me acolheram de uma forma muito sensível como sua professora e, espontaneamente, me relatavam cenas e vivências de seus cotidianos como sujeitos trans.

Nas aulas de Geografia, procuro dar espaços de falas e circulação da palavra para que estudantes exponham, respondam, corrijam os erros e equívocos, de modo que o saber possa ser construído coletivamente. Como a minha disciplina apresenta muitos temas da atualidade e críticas à sociedade neoliberal e urbana, essas/esse seis estudantes trans costumavam relacionar o conteúdo trabalhado com suas experiências pessoais, relatando situações em sala e compartilhando-as comigo e com os/as colegas.

Facilmente, os temas estudados nas aulas de Geografia Urbana, por exemplo, eram associados às segregações que eles/elas viviam na cidade de São Paulo; às situações de violência urbana, a realidade de se viver e trabalhar na rua, as condições de encarceramento e inúmeras cenas de discriminações no caminho para a escola, no transporte público, em instituições de acolhimento público, como centros de saúde, delegacias e, especialmente, instituições de ensino. As aulas de Geografia da População também eram enriquecidas com depoimentos, especialmente porque a esmagadora maioria de estudantes trans e travestis que residem em São Paulo são migrantes.

Era comum que relatos e depoimentos espontâneos em sala de aula advindos de estudantes trans e travestis, se coletivizassem e fossem

compartilhados por outros estudantes trans, a ponto de se ter momentos de grande comoção generalizada. Eu não consigo contar quantas vezes me emocionei ouvindo-os/as. Ou seja, a pesquisa e minha posição como pesquisadora foram se constituindo na relação transferencial entre mim e os/as estudantes.

Por fim, a presente pesquisa se entrelaça na “bipolaridade da teoria analítica”, entre a teoria e a prática – a fala dos estudantes, sempre singular, e o objeto desse estudo – a evasão escolar.

Para Mannoni (1989), em “Um saber que não se sabe – A experiência analítica”,

Os analistas frequentemente privilegiaram o lado ‘real’ na teoria e negligenciaram o mundo da fantasia e do imaginário que, no entanto, é um meio pelo qual se desenvolve o discurso do neurótico e o domínio onde o psicótico é ainda incapaz de entrar. (MANNONI, 1989, p. 44).

Trata-se, portanto, de uma escuta de depoimentos de ‘*fa/asseres*’ em que dominam os ‘efeitos da linguagem’; ou seja, esses são dependentes da linguagem, que “[...] comporta efeitos que vão bem mais longe do que se imagina de uma economia que carrega um outro peso que não somente o verbal” (MANNONI, 1989, p. 46).

Na minha constituição como professora e pesquisadora, então, busco relacionar minha prática em sala de aula com a prática da Psicanálise. A esse respeito,

Mas a Psicanálise não é em nada uma ciência que possa utilizar as mesmas formalizações matemáticas que as ciências ‘positivas’. Ela usa, acima de tudo, os meios do raciocínio ‘comum’, os mesmos de um historiador, de um geógrafo, de um policial, de um jurista e de muitos outros: distinguir, classificar, atribuir, reconhecer, explicar pela causa, pelo reconhecimento do idêntico, pela ordenação etc., em suma, todos os meios que possibilitam as interpretações. De forma que, num domínio desse tipo, uma opção teórica mais rígida que rigorosa correria o risco de descartar outras opções [...]. (MANNONI, 1989, p. 89).

O trabalho de pesquisa desenvolvido procura, ao ouvir os depoimentos de estudantes que vivem experiências trans identitárias, encarar o saber sob a

perspectiva analítica, dos enigmas que surgem a partir de recortes da realidade pelo viés da história do sujeito, sua escola da memória e sua escola do presente, com o retorno aos estudos. Ou melhor, sobre o que a Psicanálise pode “enigmatizar” na prática e no discurso pedagógico, considerando que o sujeito precede o saber.

Considerando a fala dos/das estudantes, minha posição como professora, e a pesquisa localizada no campo da Educação e da Psicanálise de orientação lacaniana, é importante destacar que se busca investigação e reflexão que partem da problematização da escola e do discurso pedagógico sob o viés do sujeito que fala (seus depoimentos): trata-se de pensar criticamente o campo das identificações, da aquisição de saber, da moral (bem e mal), da sustentação de um ideal (o eu ideal) e dos modelos, visando ao campo da Psicanálise – o da desidentificação, da ética, da relação entre saber e verdade, do ideal do eu e do conhecimento de que o interesse do sujeito nasce no campo do Outro (identificação ou contra-identificação).

2. Fundamentação Teórica

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a evasão escolar de pessoas trans e travestis. Seu objetivo principal é investigar quanto ao que faz obstáculo para a permanência desses estudantes que, hoje, retornam aos estudos na modalidade EJA.

As análises dos depoimentos também possibilitaram levantar objetivos secundários, tais como: investigar as principais dificuldades que os sujeitos trans enfrentaram e enfrentam na rede pública de ensino; refletir sobre como os preconceitos e violências são operados na escola, pelo viés da Psicanálise; refletir sobre as possibilidades para as condições de permanência desses sujeitos, visando ao acolhimento das diferenças na escola e considerando os professores e os estudantes como *façasseres*, segundo Lacan; e dar amplitude à compreensão da relação entre os estudantes trans e o saber.

Por se tratar de uma pesquisa na área da Educação, fundamentada pelo viés dos estudos em Educação e Psicanálise, a base para o desenvolvimento do objeto da pesquisa repousa nos depoimentos dados por estudantes trans e

travestis que retornam aos estudos na modalidade EJA, em uma das escolas que oferecem o segmento em tempo integral no município de São Paulo, a escola Arco-Íris,⁸ e a fundamentação teórica procura trazer à luz o que se destacou desse material levantado, sob o viés dos estudos em Educação e Psicanálise de orientação lacaniana.

Para isso, se faz muito importante que a fundamentação teórica enlace e estruture o que foi surgindo nas falas desses sujeitos, e a bibliografia utilizada procura dar conta de abarcar os materiais recolhidos e analisados – a fala, singular, dos estudantes como *falasseres*, e o que se repetiu na história de vida desses sujeitos como questões de ordem estrutural.

Importante destacar: por se tratar de uma pesquisa que se localiza na interface entre a Educação e a Psicanálise, há a questão do singular de cada sujeito, que se constitui na e pela linguagem (e que sempre escapa) e o que se repetiu em cada depoimento, o que possibilita ser analisado à luz da teoria e do corpo teórico.

Contudo, é importante compreender também que a fundamentação teórica da pesquisa se apresenta a partir de paradigmas epistemológicos plurais que, muitas vezes, diferem entre si. Tal fato significa dizer que o presente estudo abre mão das exigências rigorosas do método científico clássico e da objetividade pura, por se tratar de uma pesquisa cujo foco é o sujeito e sua relação com o conhecimento e o saber, já que, para Severino (2019, p. 37) “[...] o sujeito, ao ser objetivado, perde toda a sua especificidade de sujeito!”.

Isso significa dizer que os temas abordados na dissertação se apresentam muitas vezes conflitantes: gênero e Psicanálise; comunidade trans e o sujeito que vive experiência trans identitária; solução do Um para o sintoma e a segregação estrutural que marcam os sujeitos.

Por se tratar de um objeto de grande complexidade, a fundamentação teórica passou por revisões e incrementos, na medida em que os depoimentos eram analisados e discutidos com a orientadora da pesquisa.

Considerando o objeto de estudo – a evasão escolar – e os objetivos supracitados, a pesquisa caminha então em duas frentes, ou dois eixos de análise: Educação e Psicanálise, com reflexões sobre o modo como a instituição

⁸ Nome fictício. Neste trabalho, manteremos em sigilo o nome da escola para proteger a identidade dos sujeitos envolvidos.

escolar pode ser adestradora e segregativa, quando o professor se apresenta como um reproduzidor ideológico; e Psicanálise e Transexualidade, de orientação lacaniana, especialmente do Segundo e Terceiro Ensino, para reflexão sobre as soluções temporárias do sujeito e caminhos para o *sinthoma*, como possibilidades de alterar aquilo que nos vem como destino; como ineroxável: redesignação? Alterações corporais? E a reflexão se faz a partir da clínica da solução de cada um; sobre o escrito e aquilo que se inscreve no corpo – quais marcas foram deixadas, para além da linguagem literal?

A linguagem vai marcando o corpo e o que é marcado no corpo não desaparece; sendo esse central, porque as inscrições e marcas estão nele, uma vez que pessoas que vivem experiências trans identitárias são as que ultrapassam o binarismo presente na diferença sexual e na oposição fálico/castrado que cifra o inconsciente, segundo Freud, e que, no corpo, marcam a posição em uma identidade de gênero que não correspondem ao corpo “biológico”.

Para este estudo, também é importante o conhecimento das fórmulas da sexuação de Lacan, como um conjunto de quatro fórmulas lógicas, apresentadas no Seminário 20 (1972/1973) para marcar posições subjetivas possíveis diante da função fálica, referindo-se a posições no discurso inconsciente.

Reflete-se ainda na pesquisa sobre a armadilha do sentido e da significação na análise dos depoimentos e na questão do gozo. É a clínica do real – sem sentido e sem significação – e do que emerge, como erupção: ser uma pessoa trans é o destino? Por que e do que não se pode fugir?

A primeira frente, ou o Eixo 1: Educação e Psicanálise, trata-se de pensar na Educação como estrutural, porque existe de qualquer forma, com ou sem o espaço escolar; sendo um efeito direto e intrínseco das diferentes gerações – assimetria adulto e criança.

Mannoni (1973/1988) e sua definição de ‘Educação Perversa’ nos será de grande importância para se refletir sobre a educação pautada no discurso pedagógico,⁹ que serve a dominação, rigidez e controle, na direção de um ideal, ou melhor, de uma imagem e semelhança que se relaciona ao ‘eu ideal’ narcísico, onde o Outro deve ser igual a mim (referência).

⁹ A Pedagogia como discurso não é estrutural; ela é contingencial. Pode ou não existir, já que os sujeitos aprendem sem ensino.

Assim, há uma crítica sobre a Pedagogia/ensino, por essa procurar evitar os efeitos de transferência ao incluir a técnica¹⁰ na relação professor-aluno. A técnica nos separa dos animais e busca o controle da natureza e do que “não se pode controlar”, enquanto a transferência se encontra fora da teorização, sendo, para Freud, um instrumento de trabalho do processo de analisar e ensinar. É a transferência que possibilita, tanto para a análise quanto para o ensino, que haja a entrada de elementos que não podem ser controlados. É, então, um “inconveniente técnico” que marca a instalação de um campo amoroso com efeito.

A função da educação como estrutural é a de transmitir o mundo comum e deve ser marcada, então, pela transferência, partindo da premissa de que não há valor intrínseco nas pessoas; é sempre relacional – são posições. A relação professor e aluno, inclusive, é sempre relacional e nunca estável, marcada por lugares de poder/saber. Melhor dizendo, é uma relação autorizada pela transferência.

Voltolini (2019) lembra que a Pedagogia, ou o discurso pedagógico, na sua dimensão técnica, se relaciona ao conhecimento objetivo, faltando-lhe o que o autor defende como erotização do conhecimento, ou seja, o estímulo à curiosidade que torna o conhecimento interessante a partir dos enigmas. E o que se observa, a partir dos depoimentos é que a escola “da memória” dos sujeitos trans e travestis se pauta justamente nessa educação sem transferência, “deserotizada”, que não inclui o que não se pode controlar: a sexualidade, as diferenças e o encontro com o sujeito.

Essa reflexão se faz importante porque, nas falas dos sujeitos ouvidos, a transferência com o saber na instituição escolar pouco é lembrada, quando sequer comentada. A violência que esses estudantes sofriam sobressaía à relação com o saber, e o desejo do mestre – que os estudantes se “enquadrassem” – anulava o desejo do aluno.

De acordo com Mannoni (1973/1988),

Em nosso sistema, o aluno, paradoxalmente, é impedido de aprender. A escola, depois da família, passou a ser hoje o lugar preferido para a fabricação da neurose. [...] Os analistas têm que

¹⁰ A técnica, para a pesquisa, é pensada como ferramenta usada para todos, que tira o sujeito da ciência de sua posição de sujeito, e o leva em direção a evidências, cálculos e prescrições.

se haver, portanto, com uma nova forma de ‘doença’ que não é para ser ‘tratada’; referimo-nos à recusa de adaptação, sinal de saúde na criança que recusa essa mentira manipuladora em que a escolaridade a aprisiona. (MANNONI, 1973/1988, p. 37/38)

Repete-se nos depoimentos a necessidade que os estudantes trans e travestis tinham de “controlar seu comportamento” na família e na escola, muitas vezes, sendo considerados “delinquentes”, por não se adaptarem e recusarem as normas e a regulação de condutas que a escola lhes impunha.

Então, as instituições família e escola trabalham para o mesmo fim – a transmissão da cultura, sendo a primeira de ordem privada e a segunda, pública, a partir da ideia de ‘sujeito universal’ que deve ser ‘preparado’ para a lei e razão pública. Na contemporaneidade, essa divisão entre público e privado é marcada no isolamento da família nuclear burguesa e desaparecimento da vida em comunidade.

Sobre esse tema, Mannoni (1973/1988) revela que,

Na instituição familiar (assim como na instituição escolar, hospitalar, etc.), a coerção está no âmago de toda a educação, seja ela liberal ou autoritária; como já dissemos, a violência está sempre presente, mascarada (sob a forma de manipulação moral) ou manifesta. [...] Em virtude de sua relativa imobilidade, a instituição familiar introduz a permanência, que é um fator de regulação (da conduta), de formação (do caráter) e de reprodução (de indivíduos semelhantes aos pais). [...] A ideologia da instituição familiar, como de toda e qualquer instituição, participa estreitamente – através de formas sutis de dominação – da manutenção de uma ordem moral e social. (MANNONI, 1973/1988, p. 39).

Evidencia-se que os estudantes trans e travestis se rejeitam *essa ordem moral e social* como forma de dominação, formação, reprodução e regulação de conduta que buscam tornar-se seus membros – tanto na família, como na escola – anônimos. Qual o preço que eles/elas pagam por não aceitar a coerção ao controle de seus corpos?

É nesse momento que a Psicanálise contribui, segundo a autora,

[...] Ao superar a dualidade natureza-sociedade, ela sublinha a relação de ambas com a linguagem, relação apreendida no estudo do nascimento do desejo nesse indivíduo humano, o

qual, antes mesmo de estar apto a usar a palavra, fez a experiência de pertencer ao mundo da linguagem e apercebeu-se de que essa constitui um de seus polos; e, por conseguinte, que o Outro pode-lhe responder sim ou não. Assim, a doutrina psicanalítica tem por efeito marcar essa entrada na cadeia significante que converte a criança em sujeito.

(MANNONI, 1973/1988, p. 45).

A ação analítica, chamada a perturbar a relação sujeito-significante, é uma prática que funciona de forma oposta ao conservadorismo e imutabilidade das instituições e ao anonimato promovido por elas. Para a autora, é da relação com a linguagem que nasce, no ser humano, o desejo e seu caráter “aberrante”, muitas vezes reduzido ao nível da necessidade (p. 45).

A autora revela ainda que

A instituição escolar substitui a instituição familiar, a coerção é aí reforçada e as dificuldades da criança são, por isso mesmo, agravadas. Nesse contexto, verifica-se que o ensino é uma empresa impossível e a educação cede o passo a uma multiplicação de técnicas que se poderia tachar de ‘sugestão’.

(MANNONI, 1973/1988, p. 67).

A partir dos depoimentos e das análises, tem-se uma ideia clara de como a escola foi uma instituição segregadora e reprodutora de discursos moralizantes e adestradores para esses estudantes trans e no par família-escola como portadoras do mesmo objetivo: fazê-los(las) mudarem seu comportamento; adestrassem seus “trejeitos”, se adequassem ao espaço familiar e escolar, para que se tornassem “anônimos”, desconsiderando a dissidência intrínseca nas relações humanas e do encontro com o Outro. Por esse motivo, Mannoni (1973/1988) será central para a pesquisa, entrelaçando os depoimentos e a teorização do que faz sintoma e traz sofrimento a esses estudantes.

Nessa direção, sabe-se que, para Lacan, a relação analítica não é uma relação dual; ela é uma relação com a linguagem que, sendo móvel, privilegia o significante, e não, o conceito em si. Ou seja, o significante se insere em uma cadeia simbólica (que é do sujeito) e essa possibilita a interpretação das formações do inconsciente. Assim como, para Lacan, o analista e o analisante são sujeitos distintos, com inconscientes (e grades significantes) distintos, o

professor e o aluno também, cada um na sua singularidade, relacionando-se por meio da Educação.

Na perspectiva psicanalítica, é importante que o desejo do analista norteie o processo de análise, e que se busque sempre a singularidade do sujeito para possíveis interpretações. Traçando um paralelo, no processo educativo, é muito importante considerar a estrutura de linguagem de cada um, com enfoque mais no sujeito e na ética, singular, do que na moral, universal.

O interesse da Psicanálise lacaniana, a partir do Segundo Ensino, é pelo real e pela escuta. No seu Seminário XI, há um afastamento de Freud por Lacan, e conceitos, como inconsciente, pulsão, repetição e transferência, caminham em direção a novas interpretações.

Para Lacan, o inconsciente passa a ser tomado como um tropeço, ou uma rachadura, da ordem do real e estruturado sob duas formas: O que emerge e o que repete, diferentemente do inconsciente de Freud. Nesse sentido, a linguagem perde o grau de precisão que a comunicação indica, já que o conceito é aproximativo por não se capturar, nunca, o inconsciente real. É daí que surgem os mal-entendidos da comunicação e a impossibilidade da comunicação para a Psicanálise. Essa impossibilidade tem a ver com o conceito de *hiância* (ou espaço, Seminário XI) para Lacan, que seria da ordem do real e do que falta, o que não se completa, algo que escapa.

Miller, na Sétima Lição de “Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O *sinthoma*” (2010), revela que o inconsciente transferencial e o inconsciente real possuem distinções, sendo o primeiro do ponto de vista do imaginário e simbólico, da ordem do sentido e da interpretação; e o segundo, da pulsão e da repetição, sem sentido e significação.

Assim, o real é sempre algo que emerge, algo do externo, relacionado a confusões que “perfuram” o corpo. Segundo Miller, “[...] O inconsciente freudiano é um inconsciente que tem sentido e que se interpreta, ao passo que com o termo real, sentido e interpretação se apagam” (2010, p. 108), e complementa que...

Então, do lado do real e do sentido, Lacan define, tão claramente quanto possível, o real por exclusão de todo o sentido. Essa é a maneira mais simples de apreender porque, aqui, estamos no avesso de Lacan. O ensino de Lacan se edificou sobre a concepção da análise como construção de sentido. E foi o

próprio totalitarismo do sentido que convocou, por vias diversas, o limite colocado pelo real. [...] O real é o que se deposita pela exclusão do sentido. (MILLER, 2010, p. 113).

Por isso, Miller (2010) contribui para a análise do que se apresenta verdadeiro, que supõe o sentido, e do real, que “[...] se encontra nas embrulhadas do verdadeiro” (p. 114), sendo que o verdadeiro se “autoperfura”, fazendo furos no corpo.

A concepção de estranheza em relação ao corpo é muito importante na compreensão da questão trans, que é essencialmente uma questão do corpo – de se ter um corpo não adequado ao gênero e ao sexo de nascimento.

MILLER (2009), em “Perspectivas do Seminário 23 de Lacan, o *sinthoma*”, destaca que não somos um corpo, mas que “temos” um corpo, apresentando a noção de Um-corpo como única consistência do *falasser*. E o autor assim se expressa: “[...] no lugar do Outro, o corpo. Não o corpo do Outro, e sim, o corpo próprio, como se diz.” (MILLER, 2009, p. 110).

Dizer que a questão trans trata do corpo “em trânsito” é pensar a partir do Um-corpo, do sujeito que goza com o próprio corpo, em relação a “[...] uma alteridade interna à estrutura do *falasser*” (MILLER, 2009, p. 117-118), complementando que a adoração de Um-Corpo não permite tocar o real.

Porque o corpo é central na questão da transexualidade, é importante a proposta de Miller de propor que se aborde o corpo próprio como Um-Corpo, como pedaços do real (indeterminado), sendo esse Um-Corpo a consistência do *falasser*, do sujeito na fala, importante conceito pensado por Lacan. Para a Psicanálise lacaniana, o simbólico e o imaginário, do campo do sentido, não dão conta do corpo e do *falasser*, e isso revela a relação entre corpo e inconsciente real.

Esse inconsciente real está na equivocação, não no sentido, e para Lacan do Segundo e no Terceiro Ensino, só se está no inconsciente quando não há saber ou sentido. Em suma, se há sentido ou saber, trata-se de inconsciente transferencial, se não há, é inconsciente real – o que desconcerta.

No Seminário XX “Mais, ainda”, Lacan apresenta o conceito de *falasser*, o sujeito na fala, e de gozo como circuito que amarra o sujeito, que é de cada um, impossível de se alcançar. E Lacan apresenta ainda que a realidade lida

com o gozo e que é na análise que se lida com a realidade que o sujeito constrói a partir das modalidades de gozo.

Lacan, no seu Último Ensino, mais precisamente na primeira lição do Seminário XX “Mais, ainda”, relaciona o gozo ao que não se quer saber. Ele apresenta “O que é o gozo? E o reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada.” (LACAN, 1975/2008, p. 11). O autor revela, então, que o gozo tem a ver com aquilo que escapa, que fracassa, e que mais tarde será ligado ao *sinthoma*, mais uma vez apresentando o caminho para a falta de sentido e significação.

Então, é importante a atenção do “ensinante” às simbolizações do gozo, podendo ser escritos, desenhos, esculturas, histórias – aquilo que é singular e importante ao sujeito. Melhor dizendo, se faz urgente que estudantes que vivem experiências trans identitárias sejam acolhidos na singularidade, e que a instituição escolar possa dar abertura a tais simbolizações enquanto tentativa de escuta e reconhecimento do que aparece como sem sentido, fora da norma.

Além disso, Lacan apresenta, no seu Seminário XX, a Teoria dos Quatro Discursos e as Tábuas da Sexuação, como contribuições fundamentais para a reflexão sobre a relação entre significante, verdade e a constituição do sujeito. Esse ponto será mais bem desenvolvido para refletir sobre a relação entre a Psicanálise e Transexualidade.

O Eixo 2 da presente dissertação, apresenta a problematização de temas complexos, como gênero, a questão trans, o corpo, as segregações, identidade e identificação, entre outros, do ponto de vista da Psicanálise de orientação lacaniana, e a partir de autores que estão se embrenhando nas recentes discussões sobre o tema da transexualidade.

Fabián Fajnwaks (2023), em “Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos”, defende que “Lacan foi o precursor das teorias queer” (p. 11), já a partir dos anos 1970.

De fato, a sexualidade não é um tema recente para a Psicanálise. Porém debates ganham maior visibilidade e espaços de discussões quando, em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deixou de classificar o transtorno de identidade de gênero como uma doença mental, que acontece quando uma pessoa não se identifica com o gênero com o qual nasceu, e passa para a definição de “incongruência de gênero”, permanecendo, contudo, no capítulo

sobre saúde sexual da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, entrando em vigor a partir de janeiro de 2022.

A lógica freudiana da sexuação, que data da primeira metade do século XX, já foi muito criticada por alguns movimentos feministas, por partir de uma lógica fálica. Entretanto, deve-se considerar a estrutura e o contexto histórico e social de Freud para se elaborar uma crítica mais além do falo e da centralidade na masculinidade.

De acordo com Delgado (2020, in: TENDLARZ, 2020, p. 68), a lógica freudiana da sexuação advém de sua formulação do chamado “Complexo de Édipo”, que seria um operador de “interdição, substituição e reforço”. Para esse autor,

O complexo de Édipo, no primeiro eixo, é um corte paradoxal no que diz respeito ao lugar em que a criança permanece no que diz respeito à chamada saída normal da sexualidade feminina. Corte desse lugar do falo, lei paterna que, como tal, estabelece o desejo e a substituição na vida amorosa com proibição.
(DELGADO, 2020, p. 68).

Nesse sentido, o autor revela que é no Complexo de Édipo que ocorre a “identificação primária” do sujeito, no seu processo de constituição, tanto para os meninos quanto para as meninas. Mas importa destacar que, “[...] nela, que deve mudar de objeto e de área, o que produzirá é uma identificação com a mãe. Sua saída de Édipo é mais duradoura e é produzida pelas decepções da “promessa paterna” de lhe dar um filho.” (DELGADO, 2020, p. 68). O complexo de Édipo seria para o autor um argumento necessário e uma “atribuição de significação”, como entrada do indivíduo na cultura/sexualidade.

Mais recentemente, debates partindo de uma vertente psicanalítica lacaniana trouxeram novas possibilidades de reflexão para o tema. Fabian Fajnwaks (2023) no livro supracitado, defende que é possível responder a questão trans pela via da despatologização, na perspectiva dos arranjos com o gozo liberada do significante fálico e do Nome-do-Pai. Seria, para o autor, “[...] uma regulação do gozo fora da ordem edípica e, portanto, do Nome-do-Pai”. E prossegue...

Os arranjos devem ser lidos como uma tentativa de manter junto o Real de um gozo não regulado pelo falo, o simbólico que não

operou do lado do Nome-do-Pai, e o imaginário que dá uma consistência ao corpo, por uma prática ou uma identidade propriamente sexuada, sem necessariamente ter uma prática que a acompanhe (FAJNWAKS, 2023, p. 28).

A questão da sexuação como ideia de constituição da sexualidade para o sujeito é um norte para a análise dos depoimentos e da escrita da pesquisa, já que o trans é quem está “em trânsito” quanto ao corpo e a sua sexualidade; assim como a questão do Gozo que, apesar das tentativas de se apanhar, trata-se de gozo inominável e incapturável, mas que não deixa de retornar.

Para a Psicanálise, homem e mulher são construções simbólicas e, por esse motivo, a Psicanálise se encontra em posição privilegiada por não lidar com a norma, considerando que cada *fa/asser* é singular na sua subjetivação e, também, na sua sexualidade (estudo do “gozo do Um” – ligado ao próprio corpo).

Tendlarz (2020) em seu texto “A questão trans em nossa época”, apresenta que o sujeito trans seria aquele que encontra soluções originais, do Um, com sua linguagem particular e caminhos singulares para se situar no mundo. Ser trans é realizar a própria reinvenção do sujeito e da sua anatomia – aquele que busca um novo corpo na relação com o outro (seu discurso/desejo) sendo, portanto, um acontecimento também de palavra (2020, p.20).

No ultimíssimo Ensino de Lacan (Seminário 23), tem-se que o que é da ordem do real é o impossível de dizer. Nesse Seminário, é proposta também a relação dos três registros, simbólico, imaginário e real com o corpo.

Segundo MILLER (2009), em “Perspectivas do Seminário 23”, o corpo se inscreve no enlace dos três registros que formam o *nó borromeano*. É nesse ponto que MILLER (2009) destaca que, para Lacan, o corpo é estrangeiro, e que “[...] quando o enlace dos três (nós) não nos mantém, o corpo, aos solavancos, segue seu caminho, se assim posso dizer.” (MILLER, 2009, p. 82).

Pode-se entender que, em Psicanálise, então, não há “identidade de gênero”, e sim, um processo de sexuação particular e diverso, relacionado ao modo como cada sujeito lida com o gozo.

Para Tendlarz (2020), a questão da sexuação passa por normas sociais, ou seja, pela cultura. E não se relaciona ao chamado “instinto biológico” (segundo o qual, o sujeito se relaciona com o outro para reprodução) porque tal ideia não passa pelo simbólico e pela linguagem. Por isso, para Lacan, não

existe o sexo biológico para os *falasseres*. A autora ainda ressalta que é importante pensar sobre a questão das cirurgias e transformações corporais que envolvem os trans, já que se trata do corpo e da sexualização não autônoma. Não seria possível, então, fugir do desejo de se transformar?

Assim, estudos recentes sobre os trans revelam que os modos de nomeação são infinitos porque as múltiplas formas de se definir o gênero podem ser, assim como o sintoma, modos de localizar o gozo. Pensar em perseguir, limitar, excluir ou eliminar as pessoas que vivem experiências trans identitárias seria uma tentativa falida de minar o que há de mais singular nos sujeitos.

Considerando, então, as atuais discussões e reflexões possíveis sobre a questão trans e a Educação, entende-se que está aberta a solução de que cada um encontra sob a forma do *sinthoma* (enovelamento dos três registros no *nó borromeano*). A sexualidade é, portanto, sempre *sinthomática*, porque se inscreve no registro do real. É importante, então, procurar um “saber fazer” com essa parte que habita a todos, especialmente no contexto escolar, onde há a reprodução da cultura que é comum aos sujeitos, em uma tentativa de ‘formação’.

Fundamental e urgente é, como professora, estar disponível para as lutas contra os mecanismos de exclusão dentro das escolas – que se inscrevem na manutenção de relações de poder na sociedade, essas como lócus de múltiplas experiências. Trabalhar no meu cotidiano, visando a escolas mais singulares, atravessadas por um projeto ético, sem esquecer que os sujeitos estão em autocriação constante, sendo, então, inacabados e “em trânsito”, para vislumbrar um futuro outro – não violento para as pessoas trans.

Pode-se pensar, portanto, que as pessoas que vivem experiências trans identitárias são as que ultrapassam o binarismo presente na diferença sexual e na oposição fálico/castrado que cifra o inconsciente, segundo Freud.

Por isso, o seu Último Ensino, o Seminário 20 e no Ultimíssimo Ensino, Seminário 23, onde Lacan passa a teorizar sobre o Um-de-gozo, é base para a compreensão do que se apresenta como soluções temporárias para o que faz sintoma no sujeito, também porque Lacan, segundo Fajnwaks (2023),

(...) Já abordava a experiência da sexualização não em relação às determinações inconscientes que vêm ao sujeito desde o lugar

do Outro, mas sim, em relação aos arranjos com o gozo que o ser falante obteve ao longo de seu devir como ser sexuado.
(FAJNWAKS, 2023, p. 61).

Desse modo, o Último Ensino de Lacan é importante para estudo da questão trans porque transforma o conceito de sujeito a partir dos efeitos da linguagem pela via do corpo. Então, o termo “sujeito” cede lugar ao *fa-lasser* – que, para Lacan, designa a um só tempo inconsciente e sujeito. É o ponto de partida da pesquisa que se desenvolveu a partir da escuta dos estudantes trans; nos depoimentos e na fala desses sujeitos sobre suas dificuldades na conclusão dos estudos.

Especialmente importante para a pesquisa é o estudo da teoria da “fórmula” ou “tábuas da sexuação”, com a simbolização lógica do gozo, presente no seu Seminário 20, “Mais, ainda”, capítulo VII, “Letra de uma carta de Almor”. As ‘tábuas da sexuação’ de Lacan propõem uma lógica que indica um ‘sentido comum’, ou melhor, ‘posições do sujeito’ diante do gozo. Então, “homem” e “mulher” se colocam como significantes (posições) – posição masculina, de um lado, e posição feminina, de outro. A figura abaixo representa o esquema lógico proposto por Lacan:

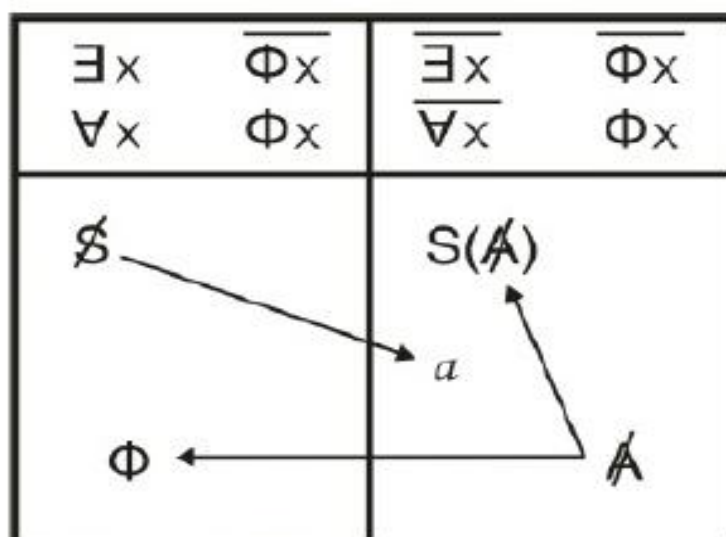


Figura 1: Fórmulas da Sexuação de Lacan.

Fonte: Recuperado de Lacan (1972-1973/1985, p. 105).

A figura lógica binária é separada por dois lados, ou, como supracitado, duas posições subjetivas. O lado masculino (esquerda), é a “universal afirmativa” para Lacan, indicado pela presença do significante falo (ϕ). Nessa posição, tem-se a representação do “gozo fálico” do homem, ligado à fantasia e representado pelo símbolo S barrado. O autor revela, do lado masculino, que

Esse S barrado assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem mesmo depende, esse S barrado só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse S barrado e desse *a*, isto não é outra coisa senão fantasia.
(LACAN, 1975/2008, p. 86)

Assim, o S barrado procura o *objeto a*¹¹ do lado feminino como causa do desejo (gozo fálico). Desse mesmo lado, direito, há o ‘não-todo’ e o gozo feminino. Lacan apresenta, nessa posição, que nem todos caem no gozo fálico, podendo se direcionar ao gozo feminino. O símbolo A barrado representa o Gozo do Outro, e o S (A barrado), o gozo outro. O sentido, então, não é nada mais que ‘semblante’, ou aparência, e o autor revela que o “sentido sexual falha”. Quanto ao lado feminino, Lacan revela que:

Quem quer que seja falante se inscreve de um lado ou de outro. À esquerda, a linha inferior (...) indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição (...). Em frente, vocês têm a inscrição da parte da mulher dos seres falantes. A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo [...].
(LACAN, 1975/2008, p. 86).

¹¹ O objeto *a* é um dos conceitos centrais do ensino de Lacan, se relacionando a um furo ou uma falta; pode ser compreendido como uma produção, algo que se produz, mas que o sujeito não sabe, porque esse se apresenta cindido. É um ‘resto’ que funciona como operador da falta e do gozo, desenvolvido no Seminário X de Lacan (1962/1963).

Isso significa dizer que todos estão submetidos à lógica fálica, em direção ao falo ϕ , nos dois lados das tábuas da sexualização. O que não é recíproco é o gozo. O autor ainda prossegue, sobre a posição feminina na lógica...

Esse campo é o de todos os seres que assumem o estatuto da mulher – se é que esse ser assume o que quer que seja por sua conta. Além disso, é impropriamente que o chamamos a mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se inscrever.

(LACAN, 1975/2008, p. 86).

Essa passagem é importante por destacar que o *ser falante* assume estatuto ou posição dentro da lógica da *tábua da sexualização*, ou seja, dentro do processo de constituição do sujeito e da sexualidade. A *sexualização* é, assim, fruto de um processo de constituição, sendo o trans, aquele que está *em trânsito* quando à sexualidade.

Destaca-se também que, a partir das *tábuas da sexualização*, Lacan ensina que, apesar do *falo ϕ* estar presente nas duas “posições”, o gozo é do Um, portanto, ligado ao próprio corpo. Então, é possível compreender que nós não vivenciamos o que é da ordem do gozo do outro/companheiro ou companheira. Cada um vivencia a sua própria sexualidade e especificidade, situando-se de um lado ou de outro na lógica. Sendo assim, compreende-se que não se pode gozar com o outro; sempre é com o nosso corpo. Daí deriva a célebre teoria de Lacan de que “não há relação sexual”.

Por se tratar de posições e do gozo do Um, ligado ao próprio corpo, é possível considerar que a sexualidade pode estar em trânsito e o sujeito pode se colocar em um ou em outro lado da lógica de Lacan. Além do mais, a *sexualização* implica que masculino e feminino não têm a ver com anatomia, e sim, com a posição psíquica dos sujeitos, incluindo Lacan, na sua lógica da *sexualização*, a exceção enquanto aquilo que escapa (indicada na parte superior da figura das *tábuas da sexualização*).

Reforça-se então que, para a Psicanálise e, sobretudo, para o último ensino de Lacan, não nos constituímos homem e mulher socialmente – é um processo de cada sujeito, se relacionando ao Outro materno/paterno, sendo uma construção simbólica. A constituição do sujeito envolve o processo de *sexualização*,

atravessada pelos três registros – Simbólico, Imaginário e Real –, que nunca se completa; é um processo mutável, sendo cada ser ou *fa*l^{sser} singular na sua sexualidade; cada um com sua constituição simbólica e grade de significantes.

Clotilde Leguil (2016) em “O ser e o gênero – Homem/Mulher depois de Lacan” apresenta um amplo estudo sobre a relação entre ‘gênero’ e Psicanálise, o que será de grande valia nesta dissertação, sendo uma importante referência teórica. A autora tece sua contribuição aos estudos de gênero na intersecção desse com o inconsciente. Para a autora,

O gênero, em Psicanálise, é concebido para além dos determinismos anatômicos ou sociológicos. Se, em matéria de gênero, há determinismo, este é de ordem psíquica e inconsciente. Ora, o determinismo psíquico só tem alcance singular. Ele decorre da história de um sujeito e testemunha a maneira como ele reconheceu a si mesmo a partir dos encontros que fez. [...] O gênero de um sujeito, no final de uma análise, remete ao que ele fez daquilo que se fez dele. (LEGUIL, 2019, p. 90).

Isso significa dizer que o conceito de gênero que será adotado nesta pesquisa, a partir da perspectiva do inconsciente e das contribuições de Leguil (2016), diz respeito ao que é singular, da história e interpretação do sujeito que fala o que, segundo a autora, “[...] permite situar a relação do sujeito com sua vida sexual em uma outra cena que não as da anatomia e da construção social” (p. 91).

Fala-se, então, em “ser sexuado”, o ser/sujeito da análise, inevitavelmente capturado no desejo do Outro; o sujeito do inconsciente e do desejo, e é a partir disso que os depoimentos foram analisados na pesquisa.

O sujeito da análise, ou o “ser sexuado”, também pode se referir ao que Leguil (2016) denomina de “sujeito clandestino” (p. 93), do inconsciente, que é frequentemente invisibilizado e calado, encontrando seu espaço na fala analítica. Sobre isso,

O sujeito com o qual a Psicanálise tem de lidar é um ser de desejo e é nisso que ele é um ser sexuado. É um sujeito atormentado por seu desejo, que vem falar de tudo o que escapa ao voluntarismo racionalista. Um sujeito que não confia em seu desejo e, no entanto, aspira segui-lo, um sujeito perturbado pelo campo do desejo, uma vez que este põe em jogo o inconsciente.

Um sujeito doente de seu desejo. Um sujeito que Lacan chama de 'dividido', para dar conta dos efeitos da fala sobre aquele que acredita saber o que diz. (LEGUIL, 2016, p. 93).

A questão que se coloca é: poderia a escola/instituição escolar acolher os “seres sexuados”, subordinados pelo desejo e relação com o Outro? Como poderiam se fazer conhecer, sem serem maltratados, corrigidos, denunciados no espaço escolar?

Estudantes ouvidos na pesquisa são considerados, portanto, seres sexuados que se questionam sobre seu ser sexuado, ou seja, “[...] sobre o que é considerado como não decorrendo, precisamente, de nenhum questionamento legítimo no discurso comum” (LEGUIL, 2016, p. 93), o que, sobremaneira, conflita com os discursos pedagógicos da formação de um “cidadão universal”.

Tal ponto é crucial na análise do que se apresenta na fala e na escuta dos depoimentos prestados, porque a pesquisa objetiva estar justamente no campo do questionamento do que faz obstáculo na inclusão destes sujeitos na escola.

Leguil (2016) apresenta também o conceito de sexo como parte de um percurso subjetivo; lugar de questionamento, que conduz o sujeito a inventar sua relação com o gênero a partir do desejo, sempre singular. Para a autora,

A perspectiva do inconsciente faz então do sexo o lugar de um questionamento, que conduz o sujeito a inventar sua própria relação com o gênero, a partir de sua experiência do desejo. As categorias de homem e de mulher, em psicanálise, não são tanto normas, mas, antes, o resultado de um percurso subjetivo do ser falante a partir de seu próprio interesse em seu desejo. Os gêneros homem/mulher não são, portanto, categorias determinadas do ser. Pois o próprio ser não é um Ser imutável. Em psicanálise, o ser (...) é da ordem de um devir.
(LEGUIL, 2016, p. 95).

Os sujeitos trans e travestis questionam as normas sociais e de gênero, ou melhor, de uma certa *normalidade imaginária*, em que pessoas cis gênero se encontram submersas. Para a inclusão desses sujeitos na escola, seria necessário, então, uma aproximação entre a relação analítica e a “relação escolar”. Seriam as “escolas-trans”, escolas que possam estabelecer, de certa

maneira, uma relação analítica entre os sujeitos envolvidos no processo de aprender e ensinar? A esse respeito, assim se expressa a autora:

[...] A análise se assenta sobre essa possibilidade de desapego, em relação às normas existentes, a fim de abordar o continente do desejo e do gozo, que remete cada uma à sua parte de excentricidade e de anormalidade irreduzível, pois norma alguma permite ao sujeito dar um sentido ao seu sexo. As normas, assim como os estereótipos, consideram os seres como exemplares anônimos de uma classe, e nunca, como exceção escapando, por definição, à regra. Começar uma análise é, então, já consentir em se desapegar de um discurso que transforma o sujeito em uma amostra de um grupo. Não há tratamento possível sem questionamento prévio das normas de gênero.
(LEGUIL, 2016, p. 96).

Precisamente, a contribuição da perspectiva psicanalítica à Educação se assenta em não somente apontar os enigmas, ou o que rateia no discurso pedagógico e na escola, mas em considerar que os alunos e alunas são seres sexuados – sujeitos do inconsciente. E, precisamente por isso, podem ou não escapar às normas binárias de gênero, como no caso de trans e travestis.

Por fim, o caminho teórico que caminho na pesquisa conta também com as contribuições do estudo dos movimentos identitários, considerando as dimensões subjetivas e políticas da questão da identidade em Psicanálise, tomando como ponto principal o problema da injustiça social, do déficit de reconhecimento e críticas feitas à Psicanálise pelos movimentos identitários, especialmente pelo movimento LGBTQIA+.

Assim é porque, durante a escuta e a análise dos depoimentos, a questão da importância da existência de uma comunidade trans na escola Arco-Íris foi bastante relevante para que os estudantes se matriculassem na escola e retornassem aos estudos, especialmente para as estudantes travestis. Por esse motivo, analisar a questão sob a luz da intersecção entre o que é singular e universal é essencial, sobretudo no que concerne às condições de retorno e permanência na escola.

Sabe-se que, historicamente, alguns grupos são *minorizados* por grupos hegemônicos camuflados sob uma espécie de “neutralidade”. A partir disso, pode-se afirmar a existência de identidades pretensiosamente neutras, universais e detentoras de privilégios. E se faz necessário nomeá-las. Quais são

os traços que unem os que produzem e reproduzem a normatividade que inferioriza grupos que são reduzidos ao silêncio e à perda de direitos, como o formado por sujeitos trans?

Considerando esse contexto, é importante pensar se todos/todas as vítimas de transfobia e discriminação podem formar uma *identidade trans*, ou um grupo uniforme. O que unifica as pessoas trans dos dados de violência e da evasão escolar? Pode-se partir da ideia de que o que dá unidade às pessoas trans é a vulnerabilização sofrida por esse grupo, praticada e reconhecida externamente, já que a questão trans é constituída por sujeitos singulares, de múltiplas experiências e vivências. Não são números e não são iguais, homogêneos em experiências, subjetivação e vivências.

Se não há uma “identidade” dos sujeitos trans, e sim, múltiplas experiências, os trans só se constituem um grupo uniforme pela discriminação e inferiorização a que são submetidos por um grupo majoritário que, importante destacar, também constituem um grupo uniforme, delimitados pelo “heterocentrismo ordinário” (AYOUC, 2019) enquanto efeito de um sistema social que naturaliza as desigualdades, hierarquias e violência de gênero.

Assim, a questão da identidade para a Psicanálise é complexa porque o conceito de identidade ou melhor, o identitarismo, opera uma violência que reduz o indivíduo a um único traço e, para a Psicanálise, não é possível aceitar a ideia de universalidade, que exclui aquele que é um sujeito na sua singularidade, com sua rede de significantes. Essa redução do sujeito vai na contramão da ideia de sujeito na Psicanálise, esvaziado, singular, sem contorno, ilocalizável e em movimento – sujeito da cadeia de significantes, que se constitui incorporando os significantes do Outro.

Falar de identidade e identitarismo, portanto, seria falar de uma recusa do eu da Psicanálise, uma fragmentação que produz segregação, hipertrofias do eu e prevalência do narcisismo.

Contudo, a identidade pode ser tomada como categoria de análise se localizada na interface entre o fundamento central da luta política e a forma hegemônica de subjetivação – da relação consigo e com o outro – e que ainda pode articular os impactos da modernidade no sujeito, no contexto das ciências sociais. Ou seja, coloca-se como central em contextos históricos de desigualdade e exclusão social e econômica, característicos do mundo

neoliberal em países periféricos, marcados por exclusão e violência a determinados grupos sociais, como o Brasil. A racionalidade identitária e racionalidade neoliberal possuem forte relação.

Pode-se falar, portanto, de uma “questão identitária” que a Psicanálise deve considerar, ao assumir uma postura política não neutra nem indiferente diante de grupos vulnerabilizados, como os que compõem o grupo LGBTQIA+ (no qual os sujeitos trans estão inseridos).

Para CUNHA, em “O lugar da identidade na clínica” (2009), é importante que a Psicanálise leve em conta a questão identitária a partir das lutas identitárias como lutas por reconhecimento, o que é chamado de “racionalidade identitária”, que apresenta dois campos distintos: o problema do sujeito e sua autopercepção/autorrepresentação/autoenunciação; e o problema da relação do sujeito com o outro e seu posicionamento social. Para o autor,

De um lado, a identidade aparece como representação de si [...] e, por outro, se refere ao posicionamento do indivíduo no mundo e à sua vinculação a grupos de pertencimento e territórios de habitação/circulação [...]. Ela pode ser tomada, assim, tanto como forma de ordenamento da própria experiência subjetiva e da relação consigo mesmo quanto da relação com o outro.

(CUNHA, 2009, p. 6)

O autor revela ainda que, considerando o contexto neoliberal ocidental de fortes transformações espaço-temporais, a identidade teria como função “[...] situar o sujeito no mundo e em relação a outros indivíduos” (CUNHA, 2009, p. 8), garantindo certa previsibilidade em um contexto atual de impermanências e velocidade de fluxos e transformações.

É o mesmo autor quem destaca que a identidade estaria no campo do conhecimento objetivo sobre o sujeito consigo mesmo, passível de controle, e que “[...] o domínio, sobre o mundo e sobre nós mesmos serão fundamentais a esse modo de pensar e perceber a si mesmo, a racionalidade identitária (...)” (CUNHA, 2009, p. 8), fundada no domínio da natureza e na objetivação do próprio indivíduo e do mundo.

Pensar a “questão identitária” é pensar também nas mudanças na concepção de sujeito e no modo de compreender o mundo e a modernidade, fortemente relacionados a movimentos sociais identitários que lutam por

reconhecimento, representatividade e redistribuição, ou melhor, a política. Ou seja, é uma categoria de análise com uma multiplicidade de sentidos, tendo a centralidade das lutas políticas nessa questão.

Para esta dissertação, também se faz importante a reflexão do objeto de pesquisa e sua relação com os quatro discursos de Lacan, apresentados em seu Seminário 17, “O avesso da Psicanálise” (1969–70), porque se trata, especialmente, de análise de depoimentos que trazem o discurso “sem palavra”, que agarra quem ouve.

Lacan apresenta, em seu Seminário 17, o conjunto dos quatro discursos, do Mestre, o do universitário, o da histérica e o analítico, e explica que, para ele, “discurso” é uma estrutura que organiza e produz laços sociais. Cada discurso se define pela posição relativa dos quatro elementos, a saber: S_1 – significante-mestre; S_2 – o do saber (a cadeia de significantes); $\$$ – sujeito barrado, dividido; e *objeto a*, causa do desejo/que tem a ver com o gozo. Importante destacar que há rotação dos discursos.

Na lógica lacaniana, os quatro discursos são assim representados:

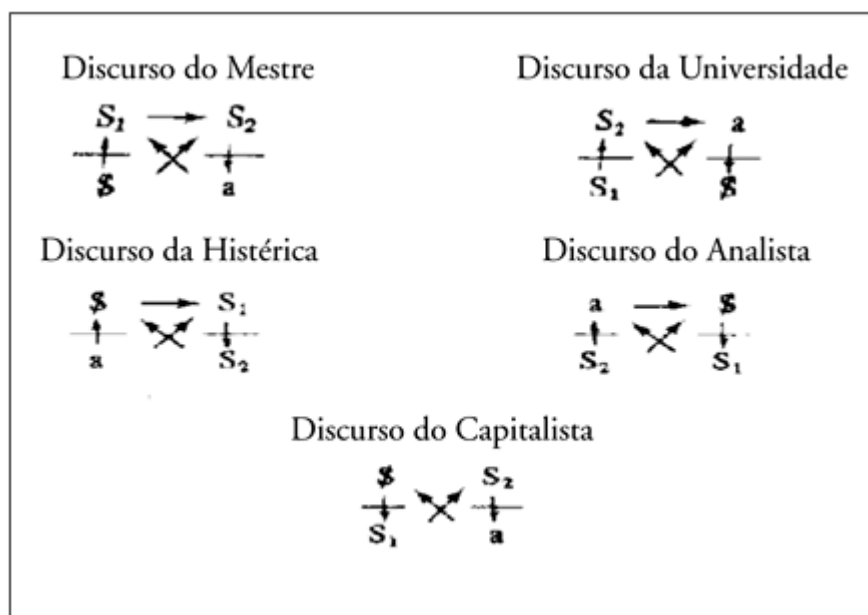


Figura 2: Teoria dos discursos de Lacan.

Fonte: Rosa, M. Jacques Lacan e a Clínica do Consumo, 2010.¹²

¹² Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100010 (acesso em 01.12.2025).

No discurso do mestre, há um detentor do saber (sendo o S1, significante mestre, alguém em busca de alguma coisa) e o *objeto a*, como algo que se produz. Mas o sujeito se apresenta cindido, sem saber. No discurso da universidade, há vários detentores do saber: o S2 é um saber que remete ao *objeto a*, em busca de algo; e a produção acaba sendo o sujeito cindido, na direção do S1. No discurso da histórica, pode-se dizer que o sujeito (cindido) fica em busca do seu significante-mestre, produção de saber, mas encontra o *objeto a* como “verdade”.

No discurso analítico, o agente da relação não é o analista como pessoa, mas o *objeto a* — o objeto causa do desejo, que se dirige ao saber que está no sujeito. Esse saber é inconsciente, alojado no discurso do analisante. A verdade do discurso analítico é o sujeito barrado, dividido pela linguagem e pelo inconsciente; onde essa verdade é justamente a falta, o que falha. O efeito do discurso analítico é a produção de novos S1: novos significantes que reestruturam a posição do sujeito diante de seu desejo. E é a partir do discurso analítico que esta pesquisa pretende produzir algum saber a respeito do que rateia na Educação desses sujeitos que não tiveram espaço nem acolhimento no espaço escolar.

3. Depoimentos

A presente dissertação situa-se na área da Educação, com método de investigação psicanalítico de orientação lacaniana, ou seja, sob a perspectiva do inconsciente. A investigação da pesquisa é realizada pelo método da Psicanálise, porque procura os enigmas que surgiram a partir da fala do/das estudantes, sistematizados na dissertação na forma de recortes dos depoimentos. Também, por considerar a constituição do sujeito pesquisador, aquele que escreve, e o sujeito objeto desse estudo como um ser sexuado; ser na fala.

Consequentemente, há um afastamento das ciências naturais e do rigor objetivo — não se pretende elaborar prescrições ou teorias gerais sobre a questão da evasão escolar de pessoas que vivem experiências trans identitárias. A proposta central é a análise de problemas e questões que emergem a partir da

fala de estudantes trans e travestis do que é singular a cada um, e dos significantes que se repetem nos depoimentos, de ordem estrutural.

Assim, a pesquisa se estrutura sobre um aporte teórico que se encontra na intersecção entre Educação e Psicanálise, partindo de depoimentos de estudantes trans e travestis do segmento EJA, da rede municipal de ensino de São Paulo, propondo a investigação sobre a evasão escolar desses sujeitos, e o que faz obstáculo para a conclusão dos estudos, visando à permanência desses sujeitos nas instituições escolares e o combate ao preconceito e à violência.

A fala e a escuta são o ponto central da investigação e, como estratégia, busquei uma perspectiva de associação livre: escolhi e selecionei o que julguei mais importante e que me chamaram a atenção, procurando encontrar 'o não dito'.

Os depoimentos escolhidos e sistematizados são de seis estudantes, de acordo com autodenominação: quatro travestis, uma mulher trans e um homem trans; todos/todas meus alunos, que cursavam o ensino fundamental II (7º e 9º anos) entre 2022 e 2023. Essa escolha ocorreu por se tratar de casos que apresentam valores paradigmáticos para compreensão de onde a escola e a educação fazem obstáculo.

Em um primeiro momento, os depoimentos foram gravados e passaram, posteriormente, pela transcrição. Em um segundo momento, sintetizei os materiais a partir da livre associação, registrando os pontos e falas que julguei mais importantes para responder às questões levantadas pela pesquisa.

A escolha dos/das participantes da pesquisa foi singular. Convidei seis estudantes (participativos e dispostos a contar sobre suas experiências) para que relatassem mais detalhadamente suas dificuldades com relação à escola e à conclusão dos estudos. Eles /elas foram muito receptivos/as e se dispuseram a falar o tempo necessário, dizendo estarem muito felizes por poder participar da pesquisa sobre o tema.

Os seis casos relatados na presente pesquisa foram selecionados, como supracitado, por possuírem valores paradigmáticos que podem orientar a reflexão sobre onde a escola e a educação rateiam, no que se refere à inclusão de estudantes trans e travestis. Não foram ouvidos mais estudantes pela consistência do recorte encontrado.

Tais casos possibilitam, portanto, refletir sobre o objeto da pesquisa: a evasão escolar de pessoas trans e travestis, e seu objetivo, pensar em onde a escola e a educação fazem obstáculo para a inclusão desses e dessas estudantes.

Marcamos encontros fora do horário de aula, na própria escola, e os depoimentos foram recolhidos durante dois anos, de forma individual. Todas as seis pessoas foram ouvidas/ouvidos mais de uma vez, porque as falas foram bastante extensas, além disso, houve limitação de horário por parte da unidade escolar (já que ocupávamos salas de aula que seriam usadas por outras turmas, de outro período), e por parte dos estudantes, que trabalhavam e/ou estudavam além do horário escolar. Importante destacar que os seis casos são de estudantes matriculados nas turmas do período matutino porque trabalhavam/estudavam à tarde e à noite.

A princípio, elaboramos – eu e minha orientadora, Leny Magalhães Mrech – eixos/perguntas norteadoras, como grandes temas gerais, para que o/as estudantes pudessem falar de uma forma aberta. Os temas foram:

- Origem: de onde vieram? Estado, região, cidade. Descrição da vida deles/delas nesse lugar da infância e a relação com pai, mãe, irmãos e família próxima.
- Transexualidade: quando você se descobriu trans? Como foi esse processo?
- Infância e adolescência: descrição da infância e adolescência junto à família/cuidadores próximos.
- Vida adulta: quais os principais desafios da vida adulta quanto à vida social, estudos.
- Trabalho: descrição dos meios de subsistência; como são recebidos/das no mercado de trabalho formal; experiências com o mundo do trabalho.
- Escola: quais as dificuldades para a conclusão dos estudos; como era a escola da sua infância/adolescência; as memórias e experiências com a escola, professores, colegas.

Porém, durante a análise de dados/informações, foi possível observar que os depoimentos traziam a singularidade de cada um, mas também,

significantes que se repetiam. No caso das travestis entrevistadas e do homem trans, a prisão e o encarceramento são significantes muito importantes e que se relacionam diretamente ao aprender. Foram relatados momentos de aprendizagem na prisão, com falas que revelam que eles/elas aprenderam a gostar de estudar no período em que estavam presas/os

Partindo desses dados, a estratégia para análise do material levantado foi a definição de temas norteadores dessas entrevistas, após a transcrição e sistematização do material, os quais são:

1. Escola da memória: dificuldades e evasão,
2. Escola do presente e condições de permanência,
3. Transexualidade e desafio à normalidade: ódio aos trans.
4. Movimentos identitários.

A metodologia consiste, então, em linha de análise de recorte e o critério foi obter a maior quantidade de possibilidades e descobertas possível.

Pode-se dizer que as falas agressivas e discriminatórias de professores, diretores e agentes escolares durante a passagem desses/dessas estudantes na escola básica se repetiram em todos os depoimentos. Foi surpreendente observar que se tratava do mesmo discurso e da mesma abordagem de policiais, durante agressões sofridas nas ruas. Escola e prisão; professores e policiais – pares, relacionando-se diretamente.

A pesquisa caminhou, assim, no sentido de refletir sobre a escola como instituição violenta, conservadora e reprodutora dessa violência. Quanto aos estudos atuais da “questão trans” e a Psicanálise, tomamos cuidado para que a dissertação não se amarrasse somente no discurso universitário e do mestre; mirando, sobretudo, a fala e os depoimentos de estudantes trans, estrutura da pesquisa.

Após o recolhimento dos materiais, foi realizada a transcrição dos depoimentos e, posteriormente, a análise desses, o que mobilizou a pesquisa a seguir na reflexão sobre como ocorrem as violências e agressões na escola, as experiências de segregação e preconceito social de pessoas trans, bem como, no estudo da questão da transexualidade, pensando na importância do acolhimento e da escuta atenta às necessidades e dificuldades singulares dos estudantes trans no ambiente escolar.

Os resultados obtidos a partir dos depoimentos consistem em recortes de trechos mais importantes, no método de associação livre, com destaque do que permite responder a questão da pesquisa na sua relação com a fundamentação teórica, pensando nas problematizações mais importantes levantadas a partir da escuta dos/das estudantes, como no caso do discurso institucional e o modo como constrói a segregação, e partindo da história e das experiências de vida dos *falasseres* envolvidos.

CAPÍTULO 1 – População Trans e Travesti: Breve Histórico, violências e lutas sociais

O levantamento histórico proposto por CARVALHO (2011) aponta que, até a década de 1960, o termo “travesti” sequer existia como categoria identitária. Nos famosos bailes de travestis que aconteciam durante o carnaval do Rio de Janeiro, eram realizados festas e concursos de “gays” que se vestiam com indumentárias femininas e assim apareciam “em travesti” (CARVALHO, 2011, p. 24). As identidades de gênero, de fato, eram classificadas de acordo com a posição supostamente assumida nas relações sexuais homoafetivas, baseadas no modelo normativo e binário heterossexual que dicotomiza o gênero (passivo, feminino, e ativo, masculino).

Na década de 1980, os movimentos sociais LGBT passaram a almejar mais igualdade, se envolvendo em lutas políticas no Brasil, buscando a inclusão do termo “orientação sexual” na Constituição Brasileira (CARVALHO, 2011, p. 24), visando a direitos e garantias individuais relacionados à identidade homossexual.

E é a partir desse momento que ocorre uma separação entre os termos “homossexual” e “travesti”: o termo “travesti” passa a se tornar (lentamente) uma categoria identitária isolada. A partir disso, “ser travesti” e não “ter um travesti” vem associado às alterações corporais que, hoje em dia, passam também por cirurgias e tratamentos hormonais. Carvalho (2011) revela que o debate público sobre a transexualidade, por sua vez, é bem mais recente, datando dos anos 1990 e 2000.

As pessoas trans e travestis no Brasil desenvolveram, então, formas de resistência política desde a ditadura militar, período de grande perseguição à essa população, e a criação de associações como a ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados), nos anos 1990 e, posteriormente, da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) no início dos anos 2000, representando marcos fundamentais nessa trajetória de luta por reconhecimento. Ou seja, durante a história, essa população passou por repressão, marginalização e vulnerabilização, e conquistas legais, como a retificação do nome e do gênero sem a necessidade de cirurgia são recentes.

Durante os anos de 1970/1990 (ditadura e pós ditadura no Brasil), a perseguição às pessoas trans e travestis eram intensas a partir de ações policiais sistemáticas e violentas. Tais ações eram marcadas por prisões em massa, torturas e violência.

Segundo dados da ANTRA (2020)¹³ e do Comitê Técnico de Saúde Integral LGBTI da Prefeitura de São Paulo (2020), durante esse período, as prisões chegavam a números alarmantes, como em São Paulo, em que havia operações conduzidas pelo delegado José Wilson Richetti que resultavam em 300 a 500 pessoas detidas arbitrariamente por noite. A chamada “Operação Rondão”, iniciada pelo exército em 1981, também é um exemplo de arbitrariedade e violência contra a população trans e travesti: prendeu 1.500 travestis em apenas uma semana.

Ademais, o Decreto-Lei Nº 1.077/1970, também conhecido como Decreto Leila Diniz, conferia ao regime militar o poder de censurar comunicações consideradas “ameaças à instituição da família”. Além das prisões, as travestis sofriam torturas e humilhações nas delegacias.

Importante destacar também a chamada “Operação Tarântula” de 1987, como uma referência de criminalização e violência institucional relacionada à normatividade de gênero na sociedade brasileira, especialmente no contexto da transição democrática no Brasil.

Para Vidal (2020), essa operação policial foi marcada por práticas autoritárias por parte da Polícia Civil de São Paulo, sob a justificativa de “combater a epidemia de HIV/Aids” e reduzir a disseminação de doenças

¹³ Mais informações em: <https://antrabrasil.org/historia/> (acesso em 05.12.2025).

sexualmente transmissíveis. O alvo principal dessa ação foram pessoas travestis e trans que estavam nas ruas, sobretudo aquelas em situação de prostituição — um grupo altamente vulnerável, tanto social quanto sanitariamente.

O discurso “sanitário” da operação — combate à Aids — serviu como justificativa para práticas de coerção policial sem efetivas estratégias de saúde pública, incorporando à ação policial categorias de gênero e sexualidade como critérios punitivos, reforçando estigmas e a marginalização de travestis e trans.

De acordo com a ANTRA (2020), apesar da repressão, o teatro e as casas noturnas tornaram-se espaços de resistência para essa população, e em 1964, dois meses após o golpe militar, a Boate Stop Club em Copacabana apresentou o espetáculo "International Set", primeiro show protagonizado por transformistas e travestis durante a vigência da ditadura.

No contexto pós-ditadura, em 15 de maio de 1992, nasceu a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) no Rio de Janeiro, primeira organização política de travestis da América Latina e segunda do mundo. O grupo foi idealizado por seis travestis: Jovanna Baby, Jossy Silva, Elza Lobão, Beatriz Senegal, Raquel Barbosa e Munique do Bavier, em resposta à violência policial, prisões indiscriminadas e à necessidade de organização para melhorar o atendimento às pessoas com HIV/AIDS. No ano seguinte, o grupo organizou o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da AIDS (ENTLAIDS), contando com a participação de 95 pessoas de cinco estados diferentes.

Ainda de acordo com a página eletrônica da ANTRA (2020), este primeiro encontro objetivava mapear e empoderar ativistas para atuarem nas questões de segurança pública e saúde, sobretudo, no contexto da epidemia de AIDS. A segunda edição do ENTLAIDS aconteceu em Vitória (ES), com o intuito de dar uma amplitude nacional ao evento, mas foi durante o terceiro encontro que surgiu de fato o debate sobre a necessidade de criar uma rede nacional que articulasse as demandas da população travesti brasileira.

Assim, nos anos 1980, a estreita relação entre as travestis, a prostituição e as DST (doenças sexualmente transmissíveis), com a proliferação da AIDS no período, suscitou o surgimento de movimentos sociais de travestis no Brasil, como resposta às violências policiais que essa população sofria, sobretudo nos locais tradicionais de prostituição das grandes cidades. Para Carvalho (2011), p.

27, “[...] A influência das políticas públicas de combate à epidemia de AIDS parece ter sido crucial também na constituição das outras organizações de travestis que surgiram nos anos seguintes.”

Esses movimentos sociais crescem e ganham maior visibilidade sob o binômio violência/AIDS, surgindo no Brasil movimentos sociais associados a acolhimento e saúde da população travesti, como a primeira casa de apoio à travestis com HIV/AIDS, criada por Brenda Lee, em São Paulo, que passou a acolher pacientes ditos “sociais” (que não careciam de internação hospitalar). Mas, foi só a partir de transformações nas políticas públicas relativas à epidemia da AIDS e à aplicação do conceito de vulnerabilidade, é que o apoio a travestis que sofriam violências e falta de cuidados de saúde se torna mais efetivo no país, emergindo o entendimento da forte relação entre epidemia e as condições de vida como condicionantes do risco de contaminação.

Ainda para Carvalho (2011), o conceito de transexualidade, marcado pela letra “T” da sigla LGBTQIA+, é mais recente, e se articula a travestis somente em meados da primeira década de 2000, quando o debate sobre a transexualidade se infiltra mais no cenário político nacional. E o autor complementa que...

O termo “trans” aparece ora como uma abreviação de transgênero, ora como abreviação de transexual (...). No surgimento do debate sobre transexualidade no movimento LGBT, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, um novo termo, também importado da sexologia, é incorporado ao vocabulário militante, ao lado do conceito de orientação sexual: A identidade de gênero. [...] De todo o modo, a ‘identidade de gênero’ vem se configurar como um elemento que reitera a distinção identitária entre travestis e transexuais, de um lado, e gays, lésbicas e bissexuais, de outro.

(CARVALHO, 2011, p. 33).

Portanto, são recentes os avanços legais e institucionais conquistados pela população trans e travesti no país, e somente entre 2005 e 2018, as travestis do Brasil conquistaram importantes avanços legais e institucionais após décadas de mobilização política. Essas vitórias, fruto da organização coletiva, transformaram significativamente o reconhecimento jurídico dessa população, como é o caso da garantia do uso do nome social de pessoas trans e travestis no

atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir da portaria nº 1.820 de 2009¹⁴ do Ministério da Saúde, a retificação do nome e do gênero sem a necessidade de cirurgia pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2018,¹⁵ e, no âmbito da educação, desde 2014, o nome social passou a ser aceito no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). De acordo com a antropóloga e pesquisadora Facchini (2018),¹⁶ os dados sobre o uso desse direito mostram que houve uma quadruplicação na utilização entre 2014 e 2016. Contudo, apesar de tais avanços, dados da Agência Brasil de 2025 revelam que as pessoas trans e travestis representam somente 0,3% dos universitários nas instituições federais brasileiras,¹⁷ e dos que conseguem acessar a educação superior, relatam-se solidão e hostilidade nos espaços acadêmicos, indicando que as políticas de acesso devem ser acompanhadas por medidas de permanência.

Facchini (2018) também revela que o dia 17 de maio, Dia Internacional contra a Homofobia marca o dia em que a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou e oficializou a retirada do código 302.0 (“homossexualismo”) da Classificação Internacional de Doenças (CID), em 1990, e declarou oficialmente que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, sendo que a Associação Americana de Psiquiatria já havia retirado a palavra da lista de transtornos mentais ou emocionais em 1973.

A mesma autora destaca também que, em 2018, a OMS divulga a nova versão da CID (CID – 11), que entraria em vigor somente em 2022, onde a transexualidade deixa de ser considerada um “transtorno” para ser classificada

¹⁴ Posteriormente, em 28 de abril de 2016, o Decreto Presidencial nº 8.727 representou um avanço significativo ao estabelecer o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero em toda a administração pública federal. O decreto determinou que todos os sistemas de informação, cadastros, programas e formulários incluíssem o campo “nome social” em destaque, vedando expressamente o uso de termos pejorativos ou discriminatórios. Para mais informações: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm (acesso em 02.12.2025).

¹⁵ Em março de 2018, o Supremo Tribunal Federal tomou uma decisão histórica ao autorizar que pessoas transexuais e travestis alterassem nome e gênero no registro civil sem necessidade de cirurgia de redesignação sexual. Por unanimidade, os ministros eliminaram também a obrigatoriedade de autorização judicial para esse procedimento, contrariando a posição inicial do relator, que propunha a exigência de laudos médicos ou psicológicos. Mais informações em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/marco/stf-autoriza-mudanca-de-nome-no-registro-civil-de-pessoas-transexuais-e-transgeneros-sem-cirurgia> (acesso em 05.12.2025)

¹⁶ Artigo disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/direitos-humanos-e-diversidade-sexual-e-de-genero-no-brasil-avancos-e/#15> (acesso em 02.12.2025).

¹⁷ Mais dados sobre a baixa permanência de pessoas trans na educação superior disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-02/universitarias-trans-se-mobilizam-por-mais-inclusao-no-ensino-superior> (acesso em 02.12.2025).

como uma "condição" – a "incongruência de gênero", marcada e persistente entre o gênero que um indivíduo experimenta e o sexo ao qual ele foi designado. Além disso, deixa de estar incluída na lista de "distúrbios mentais" e passa a integrar uma nova categoria, a de "condições relacionadas à saúde sexual".

Assim, é possível observar que as pessoas que vivem experiências trans identitárias só recentemente passam a configurar no cenário político e público nacional, ainda que marcadas pela violência das ruas, prostituição e epidemias. E, mesmo que se possam enxergar avanços, no que diz respeito às lutas por inclusão, reconhecimento e redistribuição, os dados estatísticos e informações levantadas sobre a qualidade de vida dessas pessoas, como escolaridade e expectativa de vida, são assustadores e insuficientes, havendo muita subnotificação e invisibilidade.

No cenário global, no fim do ano de 2023, foi veiculada a notícia de que grupos e comunidades LGBTQIA+ passaram a ser considerados organizações extremistas na Rússia, passíveis, portanto, de perseguição e criminalização, com aval do Supremo Tribunal. Segundo reportagem do G1, “[...] A proibição dirigida a esses grupos se insere num contexto crescente de repressão à comunidade LGBTQIA+ no país”, já que, em março de 2023, o presidente Vladimir Putin sancionou uma lei que “[...] criminaliza qualquer ato que promova ‘relações sexuais não tradicionais’ em filmes, programas de TV ou online e propagandas.”.

Considera-se que está ocorrendo uma “onda discriminatória” no país, abrangendo proibições de cirurgias e tratamentos hormonais, incitação a divórcios, proibição de adoção de filhos e até batidas policiais em determinados estabelecimentos – ações legitimadas por sentença judicial. O presidente russo Vladimir Putin, há 23 anos no poder, ao adotar tais medidas, estaria pensando na sua campanha presidencial conservadora.

O portal de notícias CNN informa também que a comunidade LGBTQIA+ russa enfrenta uma forte repressão nos últimos anos, “[...] à medida que o presidente Vladimir Putin busca reforçar sua imagem como defensor dos valores morais tradicionais contra o Ocidente liberal” e que, no mês de dezembro de 2023, ocorreram batidas policiais em casas noturnas do país.

Estabelecendo um paralelo histórico, tais ações das autoridades russas muito se assemelham a perseguições e assassinatos de grupos historicamente atacados, como os judeus na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e os

negros na África do Sul, durante a política segregacionista do Apartheid, em meados do século passado.

São ataques diretos à determinada comunidade, aos direitos humanos, aos movimentos sociais que lutam por igualdade e reconhecimento. Tem-se uma perseguição institucionalizada à comunidade LGBTQIA+, com uso das forças armadas, aval do Supremo Tribunal russo e toda uma campanha organizada para impedir as pessoas que vivem experiências trans identitárias de serem e explorarem plenamente quem são.

E no Brasil? Existe perseguição e violências, ainda que não institucionalizadas? Há violência armada e policial, grupos e discursos majoritários que pregam a exclusão das pessoas que pertencem à comunidade LGBTQIA+, objetivando forçá-las a viver sob a norma, a moral e ao conservadorismo político?

Central é pensar que essa comunidade é minorizada por comunidades hegemônicas que estão frequentemente camuflados sob uma espécie de “neutralidade”, ou simplesmente, utilizam o conceito de “conservadorismo”. A partir desse fato, assim como há identidades vulnerabilizadas e perseguidas, na Rússia e no Brasil, pode-se afirmar a existência de identidades pretensiosamente universais e detentoras de privilégios que formam um grupo majoritário e uniforme, que desejam, muitas vezes, eliminar os sujeitos que fogem às normas.

A partir desses dados da realidade, o problema a ser desenvolvido é a necessidade de se pensar a questão trans no contexto das lutas sociais, como identidade marcada pela vulnerabilização e que é necessário nomear a norma, para que a luta por reconhecimento seja, de fato, transformativa – associada a justiça afirmativas, segundo Fraser (2002).

Desmarcar as identidades pretensiosamente neutras/universais detentoras de privilégios é importante, visando a uma justiça bidimensional: para reconhecimento e redistribuição, também porque os sujeitos das experiências trans passam tanto por questões de reconhecimento, com discriminações culturais, quanto por injustiças sociais e de acesso a direitos e sobrevivência.

Do ponto de vista social e psicológico, o tema da transexualidade é de grande relevância, assim como outros temas contemporâneos, como o transgênero, as nomações, os excessos, a segregação, entre outros.

Nesse sentido, Nancy Fraser apresenta o que ela denomina de “dilema da redistribuição-reconhecimento” referindo-se às lutas sociais na modernidade

e à busca por justiça que exige tanto redistribuição como reconhecimento; pensando em “[...] como conceituar reconhecimento cultural e igualdade social de forma a que sustentem um ao outro, ao invés de se aniquilarem” (FRASER, 2002, p. 231). A mesma autora defende que, para corrigir as injustiças de reconhecimento e redistribuição, pode-se pensar em concepções alternativas de redistribuição com remédios “afirmativos” e de reconhecimento com remédios “transformativos”. Sobre essa afirmação, a autora defende que...

Enquanto os remédios de reconhecimento afirmativos tendem a promover as diferenciações de grupo existentes, os remédios de reconhecimento transformativos tendem, no longo prazo, a desestabilizá-las, a fim de abrir espaço para futuros agrupamentos. (FRASER, 2006, p. 237).

Nancy Fraser (2002) revela também que há o “problema da substituição”, relacionado fortemente ao contexto da modernidade e globalização, que seria a substituição das lutas de reconhecimento pelas lutas por redistribuição, o que acaba por dissolver as diferenças e apagar os movimentos identitários em detrimento de lutas sociais que não abarcam a concepção bidimensional de justiça.

É inegável, portanto, que a ideia de identidade se articula a processos de subjetivação, individualização e assujeitamento. Ela fornece a constância e permanência ao sujeito (o que ele é) no contexto atual de grandes transformações espaço-temporais, de desigualdades, discriminações e processos de vulnerabilização de grupos, tais quais os sujeitos trans.

Refletir sobre as identidades detentoras de privilégios visando uma justiça bidimensional é urgente, então, para o reconhecimento e para a redistribuição, também porque os sujeitos das experiências trans passam tanto por questões de reconhecimento, com discriminações culturais, quanto por injustiças sociais e de acesso a direitos e sobrevivência.

É imprescindível também refletir sobre a questão de se colocar a identidade a serviço da alteridade, pensando em identidades (plural) e relacionando-se à uma escuta psicanalítica dos sujeitos historicamente oprimidos e vulnerabilizados, ou seja, pensando as identidades na sua relação com as lutas políticas. Para Riveira (2020, p. 7), as identidades no contexto da

Psicanálise têm um tom subversivo, importante no desvelamento ativo das diferenças, “[...] contra a alienação e a hipocrisia pseudo-desidentitária”.

CAPÍTULO 2: Estudantes que vivem experiências trans identitárias

Neste capítulo serão apresentados os seis estudantes que participam desta pesquisa, cedendo depoimentos sobre suas experiências com a escola, e sobre como retornam atualmente aos estudos na modalidade EJA da prefeitura de São Paulo na escola Arco-Íris.

Importante destacar alguns aspectos sobre essa escola: é uma instituição escolar municipal de modalidade EJA em tempo integral,¹⁸ onde os estudantes jovens e adultos podem escolher estudar em cinco períodos diferentes, entre dois períodos matutinos, um vespertino e dois noturnos, e cada período é composto por três aulas de 45 minutos de duração. Então, cada turma permanece na escola 2 horas e 15 minutos por dia.

As turmas são organizadas por ‘módulos’, dessa maneira:

- Ensino Fundamental I: corresponde ao Módulo 1 (1ª e 2ª série - alfabetização); e Módulo 2 (3ª e 4ª série); e
- Ensino Fundamental II: corresponde ao Módulo 3 (6º e 7º ano) e Módulo 4 (8º e 9º ano).

Cada módulo tem duração de um ano. Ou seja, o estudante cursa uma série por semestre, sendo que a escola Arco-Íris não oferece o Ensino Médio na modalidade EJA. Então, quando o estudante conclui o módulo 4, ele precisa sair e procurar escolas estaduais para cursar o ensino médio; na grande maioria dos casos, acabam estudando no período noturno¹⁹ ou, quando não podem, param de estudar.

¹⁸ O município de São Paulo conta com 16 escolas com esse formato; são chamados CIEJAS (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos).

¹⁹ A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) oferta a EJA em quase mil escolas estaduais e em unidades específicas chamadas CEEJAs (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos), mas os horários são bem menos flexíveis. A EJA regular nas escolas estaduais de São Paulo são ofertadas de forma presencial e no período noturno (ensino fundamental e médio) organizados por módulos ou anos/séries com quatro horas de aula diárias.

Todos os estudantes ouvidos na pesquisa cursavam o módulo 4 da escola Arco-Íris entre 2022 e 2023, e participavam do projeto Transcidadania,²⁰ recebendo, portanto, uma bolsa para estudar. É importante destacar que como beneficiários, o recebimento da bolsa estava diretamente atrelado à presença na escola, e cada falta descontava uma quantia do valor total que recebiam, ou seja, a transferência de renda está condicionada à participação em atividades educativas, formativas e de cidadania promovidos pela prefeitura.

O valor da bolsa tem sido atualizado ao longo dos anos, e hoje gira em torno de R\$ 1.500,00 por mês para cada participante, de acordo com dados da Prefeitura de São Paulo,²¹ e o benefício tem duração total de três anos, desde que a pessoa esteja vinculada às atividades educativas, de escolarização e de formação do programa. Não foi encontrado nos documentos relativos à legislação do projeto se há desconto automático na bolsa por faltas; qual o percentual ou regra de cálculo ou em quais situações isso é aplicado, mas na prática, existia uma grande preocupação com os descontos e possível desligamento do projeto ao serem apontadas as faltas desses estudantes.

Por fim, manteremos em sigilo o nome dos participantes para proteger a identidade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa; por isso, todos os nomes são fictícios.

I. Amanda

Travesti, filha de um pai pescador e uma mãe trabalhadora rural, é a caçula de oito irmãos. Nasceu em uma cidade do interior do Pará, sua mãe era religiosa e a levava à igreja quando era pequena. Ela estava cursando o 9º ano da Educação de Jovens em Adultos, em 2022, na escola Arco-Íris.

Ela diz que desde muito nova já se sentia uma menina, e que por volta dos dez anos descobriu sua sexualidade e sua identidade feminina, e com ajuda de uma prima mais velha que era enfermeira, passa a tomar hormônios que sua

²⁰ Com exceção de Bianca, que havia participado do Transcidadania anteriormente e não era mais beneficiária do programa no momento em que cedeu a entrevista para a pesquisa, entre 2022 e 2023.

²¹ Mais informações em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/direitos_humanos/w/transcidadania-chega-ao-seu-10%C2%BA-ano-apoiando-homens-e-mulheres-trans-e-travestis-na-conquista-de-sua-autonomia? (acesso em 05.12.2025).

prima lhe dá, sem acompanhamento médico. Com isso, sua mãe começa a reparar nas mudanças em seu corpo, como o aumento dos seios. Concomitantemente, Amanda deixa os cabelos crescerem, começa a usar brincos e as roupas de sua irmã – mas sempre na saída da escola, nunca em casa. Ela colocava as roupas na mochila e se vestia na saída da escola. Amanda disse que ia “se sentindo bem com aquilo”.

Então, desde o início da entrada na adolescência (onze anos) ela diz que já ia até Belém de carona para trabalhar com prostituição nos fins de semana. Mas foi aos catorze anos, depois de dificuldades com a escola, somado a um caso de agressão sofrida pelo irmão mais velho que ela decide fugir de casa, na madrugada do dia 22 de dezembro, apenas com uma mochila, com poucas roupas que “usava fora de casa”, maquiagem e perfume.

A relação com um irmão mais velho foi crucial para que Amanda decidisse sair de casa, já que, segundo ela, ele era agressivo, alcoólatra e não aceitava o seu “jeito” nem as transformações que vinham ocorrendo em sua aparência e identidade. Ela sentia medo dele e, após uma briga em uma sorveteria da cidade, Amanda toma a decisão de abandonar a escola e fugir de casa; resolve ir até a rodovia para pegar carona com caminhoneiros que passavam por ali. Com o objetivo de chegar em São Paulo, foi para Belém e, de lá, acabou chegando em Brasília, destino do caminhoneiro que a levou de carona.

Essa briga na sorveteria foi um evento importante, porque gera o rompimento com as instituições família e escola. Na ocasião, ela relata que estava com suas amigas em uma tarde, após o horário escolar, usando a roupa da irmã, de brincos, bolsa de lado e já com os cabelos longos e pintados de loiro. Seu irmão, ao vê-la vestida assim, vai até ela com brutalidade para lhe tirar e rasgar as roupas e arrancar os brincos. Suas amigas a defendem, batem no irmão, enquanto seu irmão a agride. Nesse dia, ela chega em casa e vê seu irmão contando à sua mãe que viu Amanda vestida de mulher, e cobra-lhe uma punição. Uma cena que ela não esquece: sua mãe chorando, seu irmão dizendo que Amanda deveria ser expulsa de casa, que ela era uma vergonha e um desgosto para a família.

Sua trajetória ao fugir de casa aos catorze anos e ir de cidade em cidade trabalhando já com prostituição foi muito dura e solitária. Ela relata que seu

desejo era trabalhar nas ruas para ganhar bastante dinheiro. Segundo ela, só via o presente; não pensava no seu futuro.

Ela disse que precisou mudar de nome ao chegar em Brasília, para que ninguém a encontrasse (especialmente familiares), e a primeira coisa que fez ao chegar lá foi procurar uma casa de prostituição que a acolhesse.

Foram taxistas e motoqueiros que a levaram até a casa de uma cafetina, para que ela pudesse se ‘estabilizar’ na cidade. Lá, a primeira “trans” que ela encontrou a convidou para morar na sua casa no lugar de uma amiga que ela estava cuidando, “prestes a falecer”, e Amanda agradece o apoio. Essa mulher oferece mais que uma casa, oferece suporte para ela começar a trabalhar nas ruas de Brasília e interior de Goiás.

Sobre sua relação com a escola, ela diz que até a 4ª série era esforçada e uma boa aluna, mas que da 5ª até a 7ª série, ela começa a se sentir “dividida”, muito por causa do aumento do número de disciplinas escolares e de professores, com a introdução de professores especialistas, e um aumento da quantidade de colegas também. Ela conta que passou a ter dificuldades nas matérias, especialmente matemática e inglês – as notas mais baixas que, por não se dedicar mais como antes, a desanimavam.

Amanda conta também que, nessa época, entre os onze e catorze anos, ela tinha mais faltas que presenças na escola, e essa transição da infância para a adolescência parece ser um ponto chave. A estudante diz que, com essa idade, ela estava descobrindo o mundo e sua sexualidade, e que ‘não queria ficar para trás’. Por isso, acompanhava algumas amigas mais velhas no uso de drogas e álcool nas saídas da escola. Ela diz ainda que a sua mãe não “se importava” de ela estudar à tarde e só chegar em casa à noite. Isso foi um ponto que ela destacou, ao revelar que sua mãe “nunca se preocupou” com ela.

Não há lembranças claras da sua vida na escola em seu depoimento, mas menciona que tinha somente uma amiga em sua sala. Amanda conta que o que de fato a levou a abandonar os estudos, além da relação com o seu irmão, foi a falta de “incentivo”, especialmente da sua mãe. Ou seja, a relação com a sua família a fazia se sentir mal, e ela relaciona esse sentimento com a decisão de abandonar a escola e sair de casa.

Assim, desde os catorze anos, Amanda ganhava seu dinheiro com prostituição em diversas cidades do país; até chegar em Ribeiro Preto, onde

passa a usar drogas descontroladamente. Ela diz que lá se ‘destruiu’, roubou clientes e foi presa por sete anos.

Do período em que ficou presa até o retorno aos estudos aos 35 anos, Amanda passou por muitas dificuldades. Ela comenta que os maiores empecilhos para voltar a estudar era o seu isolamento com relação à família, e o medo muito grande de ser maltratada e sofrer preconceito dentro da escola (por ser travesti).

Decide então retornar aos estudos ao conhecer o projeto Transcidadania e a escola Arco-Íris, onde havia uma comunidade importante de estudantes trans. Amanda conta que morava perto da escola, e um dia viu uma travesti saindo de lá; foi perguntar pra ela como era a escola, e ela ouviu dela que “essa escola é a que mais tem trans”. Somado aos incentivos de sua mãe, ela então se matricula e retorna aos estudos na EJA.

Amanda relata que gosta muito da escola e que suas expectativas estão altas – pretende concluir o ensino médio, fazer faculdade de Psicologia em uma faculdade pública, e não parar mais de estudar.

Destaca-se que o tratamento com hormônio foi por conta própria até a vida adulta, que é quando ela começa a ter acesso ao tratamento pelo SUS. Além da terapia hormonal, ela também implantou silicone injetável depois que saiu de casa, de forma clandestina. Porque não fez o repouso necessário após aplicação do silicone, seus pés incham, o que a incomoda. Suas transformações corporais, a descoberta da sexualidade, as dificuldades e a saída da escola e de casa e todo o sofrimento decorrente disso fazem parte do que Amanda chama de “destino”.

II. Marcos

Marcos é um homem trans que nasceu na área rural de uma cidade do interior de Rondônia, e estava cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II na escola Arco-Íris em 2022. Veio para Guarulhos, na grande São Paulo, com seis anos, após o falecimento da sua mãe. Ele diz que tudo o assustava na cidade, inclusive a escola e as pessoas que lá trabalhavam.

O mais novo de oito filhos, cinco meninas (duas mais velhas, já casadas) e três meninos, Marcos perde a mãe aos cinco anos de idade e, por conseguinte,

perde também sua casa e a convivência com seu pai e seus irmãos. Seu pai não quis ficar com as filhas meninas após o falecimento de sua esposa. Então, ele “doa” as filhas, incluindo Marcos, e fica somente com os meninos. Há, então, uma questão de gênero que o separa da sua família, ainda criança.

Sobre sua infância, Marcos diz se lembrar de poucas coisas. Do pouco que se lembra, ele conta que sua irmã e seu cunhado foram resgatando um por um de todos os irmãos, meninas e meninos, e ele foi o último porque havia ficado internado com malária e precisava se recuperar em Rondônia. Até ele ir embora com a irmã mais velha, ficou morando na casa da família que empregara sua mãe no passado como doméstica. Quando sua irmã e seu cunhado já estavam com ele e com todos os irmãos, vieram para a grande São Paulo.

Já em São Paulo, como a casa de sua irmã era muito pequena, ele e seus irmãos moraram no orfanato por pouco mais de um ano, e foi lá que ele teve contato com o mundo escolar pela primeira vez, onde ele lembra de ser tratado com amor e carinho. Contudo, Marcos e seus irmãos não permaneceram lá porque quiseram adotá-los, e sua irmã mais velha não deixou; levou novamente todos para morarem com ela. Foi nesse momento, quando volta a morar com seus irmãos, que ele inicia seus estudos na escola regular, no ensino fundamental I. Nas palavras de Marcos, ele foi criado “para lá e para cá”.

Sobre o processo de se tornar uma pessoa trans, Marcos então conta que desde muito pequeno já se vestia como menino. Ele diz que pegou essa “mania” no tempo em que morou no orfanato, de ‘ver’ quem ele era, e quem ele queria ser.

Quando perguntado sobre suas principais dificuldades em estudar, ele aponta as agressões e “xingamentos” que lhe eram direcionados dentro da escola, aos oito ou nove anos. Mas apesar disso, disse que gostava da escola.

Mais à frente em seu depoimento, ele complementa, dizendo que o esporte e as aulas de educação física eram uma grande dificuldade na escola, já que ele não podia ficar na quadra sem ser xingado pelos meninos.

Então, aos nove anos (terceira série), Marcos foi expulso de duas escolas em Guarulhos por motivo de briga. Brigara com meninos nas duas ocasiões. Por causa dessas expulsões, ele vai morar com um dos irmãos em outra cidade, São Bernardo do Campo, também grande São Paulo, para estudar

em uma escola diferente, para que ele tivesse a possibilidade de ter novas experiências.

As agressões verbais direcionadas a Marcos e a ausência de punição para os agressores não cessam com a mudança de casa e de escola, sendo centrais no seu depoimento, o que o levou a se defender sozinho, ainda criança, por não encontrar nas instituições alguém que fizesse isso por ele.

Na primeira expulsão, bateu em um menino no pátio, durante a aula de futebol porque disse que sempre gostou do esporte, desde muito pequeno, mas não podia jogar.

O ponto central na decisão de sair de casa e da escola foi sua mudança para a casa do irmão em São Bernardo, após as duas expulsões. Nesse momento, as agressões passam a ocorrer também em casa, pelo irmão que não aceitava o ‘jeito’ que Marcos era: uma criança que, aos doze anos, gostava de ser menino (nas palavras dele). Ele conta que, nessa idade, trabalhava na feira para, com o dinheiro, ir ao barbeiro para cortar o cabelo curto, “igual ao do Alexandre Pires”. Então, Marcos era uma criança que se identificava como menino, revelando sua identidade de gênero a partir do corte de cabelo que ele escolhia, e do uso de roupas de menino, o que incomodava muito seu irmão.

Até que uma situação aconteceu por causa do uso do uniforme escolar: Seu irmão o obrigou a ir à escola com a saia do uniforme, mas Marcos só queria usar a bermuda e a calça. Por se recusar a usar a saia, seu irmão o acorrentou na mesa da casa uma noite e um dia inteiro. Ele conta que depois que o irmão o liberou, ele nunca mais voltou para casa. Fugiu somente com o material escolar na mochila aos doze anos.

Marcos fala sobre o sentimento de tristeza e solidão que sentiu ao sair de casa sozinho, ainda criança. Perdido, ele conta que conheceu uma menina na favela perto da escola e acabou se envolvendo com droga, e esse foi, para ele, o maior problema de sua vida. Após isso, foi para a cidade de São Paulo e diz que “se identificou” com as pessoas daqui, já que, nas ruas, encontrou pessoas iguais a ele.

Depois disso, foi usuário de craque dos catorze aos trinta anos, morou na rua por cinco anos e foi preso duas vezes. Importante destacar que, no seu depoimento, ele diz que a rua “o salvou”, porque conviveu com pessoas como ele, e que foi na prisão que ele se interessou pelo ofício de cabeleireiro e pelo

estudo. Nas palavras dele, na cadeia, foi onde ele começou a “viver de novo”; aprendeu a ler, estudou a bíblia.

Durante sua infância e vida escolar, Marcos não conseguia contar para ninguém sobre as angústias e agressões que sofria por não sentir segurança, e as lembranças da sua escola da memória são barradas. Ele chega a dizer que as agressões “fecharam sua mente” para o que acontecia ao seu redor, nem sequer cita alguma relação com o saber. Ele destaca que ao responder às agressões, foi “fraco” e que não deveria ter sido fraco.

Da sua escola da memória, ele lembra que era “solto” no pátio com os outros estudantes, sem supervisão, e para ele isso não deveria ocorrer porque era nesse espaço que Marcos era agredido e, por isso, ele “tinha que brigar”, devolvendo as agressões. As violências e agressões aconteciam também fora da escola, na rua, pelos vizinhos que também eram seus colegas de sala. Ele conta que precisava fazer um longo caminho até a padaria para não ser agredido.

Assim, sua experiência com a escola da sua infância foi “manchada” por essa sensação de insegurança e pelo medo.

Ele volta a estudar na educação de jovens e adultos aos quarenta anos, um ano depois de sair da prisão, e diz se sentir bem estudando depois que foi preso porque na cadeia tem vários “gêneros” e ele não se sentia ‘diferente’. Se matriculou na escola Arco-Íris depois que conheceu uma amiga “trans” que estudava lá, que havia contado para ele que, nesta escola, estudavam pessoas “iguais a eles”, e ao que parece, a experiência de estudar está sendo bem mais positiva agora.

Sobre a escola Arco-Íris, Marcos diz que lá tem diversas “pessoas diferentes” e, para ele, quem é ‘diferente’ se sente acolhido lá. Mesmo tendo que sair no próximo ano, ele diz que gostaria de continuar a estudar na Arco-Íris porque é uma escola de “pessoas diferentes”. Ele também relata que pretende continuar a estudar e a trabalhar com barbearia.

Outro ponto importante em seu depoimento é a “atenção” que a escola, na sua percepção, deixa de dar ao sujeito. Na percepção de Marcos, se a escola se aproximasse mais da família, as dificuldades seriam menores para as pessoas trans.

III. Patrícia

Travesti e estudante do 9º ano do Ensino Fundamental II da escola Arco-Íris, Patrícia é gêmea caçula de uma família de cinco filhos. Nasceu no interior de Minas Gerais, perdeu a mãe ainda criança e foi criada pelo pai, e junto com seus irmãos mais velhos. Seu pai, hoje já falecido também, nas suas palavras, foi uma figura agressiva, que nunca a aceitou como ela é. Também nunca “deu nada” a ela, batia em sua mãe e em seus irmãos. Aos dez anos, ela conta que ele quase a matou quando mandou seus irmãos a espancarem, porque Patrícia já havia se assumido gay e iniciado na prostituição.

Diz que se lembra muito da sua infância e que chegou a ir com a mãe e o irmão gêmeo pedir esmola para se alimentar; passou fome, mesmo seu pai tendo “três salários”. Aos quinze anos, abandona a escola e passa a se vestir de mulher. Disse que fez isso por causa do seu pai.

A princípio, diz que nunca sofreu preconceito na escola e em parte alguma, e que abandonou os estudos “porque quis”. Depois, outras falas e memórias aparecem, alguns lapsos em relação ao pai, experiências de agressões e ressentimentos.

Sobre sua infância, Patrícia conta que se lembra muito bem das dificuldades que passou. Lembra também que, com dez anos, já começou a fazer programa ‘escondido’; para o ‘público’ ver e foi aos quinze anos, quando passou a assumir a identidade feminina e a participar de grupos de pessoas que “já eram gays”.

Patrícia diz que seu pai “nunca gostou dela”, e em seu depoimento isso aparece algumas vezes. Da sua parte também, há ressentimentos e mágoas em relação ao pai; que chegou a lhe pedir perdão quando estava próximo de falecer, mas ela não o perdoou.

A figura do pai é muito importante na decisão de Patrícia de deixar de estudar. Segundo ela, o fato do seu pai não aceitar que ela era gay, não a respeitar e a agredir, somado à falta de apoio na escola, foram os motivos que a levaram a evadir da escola e sair de casa. A sua rede de apoio e de acolhimento eram os colegas que também eram gays, porque as agressões sofridas a impediam de perceber se havia algum professor ou familiar que pudesse ocupar

essa posição. E ela ainda complementa que, na época, as escolas não tinham essa “tecnologia” que tem hoje; de aceitar mais as diferenças.

Patrícia conta que abandonou os estudos na 5ª série, quando ainda era apenas “gay”. Ela relembra que perdeu sua mãe muito cedo, e que seu pai lhe batia muito. Nas palavras dela, aos dez-onze anos ela começa a fazer ‘programa’, e teve essa ideia por causa do seu pai, já que ele nunca lhe dava roupas, caderno, nada. Ela precisou “se virar sozinha”, e conta que “teve” que fazer coisas que não queria fazer para ter o que queria. Patrícia não cita abuso sexual ou pedofilia, mas em sua fala aparece que ela fazia programa e “nem sabia o que tinha que fazer”, mas fazia mesmo assim. Diz que se arrepende, mas que não faria diferente para correr atrás das suas coisas.

Na sua escola, ela diz que era a única gay, e sua relação com os professores na época era distante. Ela sentia que eles tinham um “tipo de nojo” dela, ou receio, porque não chegavam perto para conversar. Ficavam distantes, não davam abraço nem palavras positivas, preferindo falar mais com os “alunos normais”. Contudo, sobre sua relação com a escola da memória, há contradições importantes: diz reiteradamente que nunca sofreu preconceito, que “sempre foi aceita” e que parou de estudar porque quis; mas acaba contando, mais a frente, sobre uma agressão que sofrera na saída da escola.

Ela conta que, na sua escola, os estudantes “bater” se uma pessoa se veste de mulher (conjugando o verbo no presente). Primeiro, diz que já viu acontecer, depois, que aconteceu com ela. Ela diz que foi “horrível”, e que a polícia precisou ser acionada.

Patrícia recebeu um recado antes de começar a aula, com aviso de que iam bater nela na saída da escola. Ela diz que da sua sala só ela era gay, que tinha muita amizade com mulher e que, talvez por isso, os meninos quiseram bater nela – por ciúme. A agressão em si, que antes diz ter sido ‘horrível’, em seguida ela chama de “besteira”, dizendo que não se machucou. Na sequência, relata que depois que aconteceu isso, “ela foi bem aceita na sociedade de São Paulo”.

Conta também que, na ocasião, seu pai foi chamado na escola, e os três meninos que a agrediram foram expulsos. Ela também relata que, na sua escola e na sua cidade, as pessoas que são trans precisam ir embora já que não são aceitas, e que ela foi a primeira travesti a fazer isso.

Então, aos dez-onze anos, Patrícia abandona os estudos e foge de casa, em direção à capital, e aos quinze, passa a se vestir com roupas femininas e a fazer programa ‘em público’, nas palavras dela. Mas ela se torna travesti e realiza as transformações corporais somente ao chegar a São Paulo.

Se, no início do seu depoimento, ela diz que foi embora da escola, da sua casa e da cidade em que morava porque quis e que “nunca sofreu preconceito”, num segundo momento, ela conta que vir para São Paulo foi a melhor escolha que fez, porque continuar morando na sua cidade passa a ser insustentável – passou muita dificuldade e foi muito humilhada pelos amigos de infância, primos, irmãos, tios, tias.

Então, em 2009, aos vinte e dois anos, ela chega a São Paulo e conta com o apoio e suporte de uma amiga travesti que a leva na casa de uma cafetina na zona norte de São Paulo e em três meses, consegue realizar os procedimentos e mudanças corporais para assumir sua identidade travesti: fez o nariz em uma semana e na outra colocou silicone. Ela diz que sua amiga trabalha com prostituição até hoje, mas já tinha muita experiência na época, e acabou contando para Patrícia das dificuldades que ela enfrentaria. E as dificuldades foram muitas.

Ela trabalhou seis anos com prostituição em São Paulo e, assim que chegou, pegou pneumonia aguda e ficou internada três meses por causa do frio. Disse que está viva hoje porque recebeu ajuda dessa amiga travesti e, apesar de falar reiteradamente que nunca sofreu preconceito e maus tratos por ser quem é, ela revela que, em seu trabalho com prostituição, vivenciou muitos casos de violência. Em seu relato, ela conta que acontecia de policiais abordarem e agredirem as travestis e seus acompanhantes somente por estarem juntos.

Mas ela é enfática, ao dizer que nunca fizeram isso com ela, somente viu acontecer com suas amigas. Com ela, não. E justifica dizendo que ela sempre soube se comportar, por isso não foi agredida ou humilhada como as outras travestis foram. Mas, em seu depoimento, usa o termo “a gente” – “humilhavam a gente; batiam na gente”. Não se sabe se Patrícia imagina, delira, ou nega a realidade, mas algo se evidencia: ela se denomina travesti, mas não se identifica com a comunidade travesti, já que ela nunca sofreu o que todas as outras sofreram.

As experiências que Patrícia teve na casa da cafetina em São Paulo, morando com as travestis, talvez dê pistas do motivo que a leva a rejeitar a ideia de que faz parte de uma comunidade, e de se identificar com as demais travestis. Ela conta que lá tinha muita briga, e que muitas travestis humilhavam as que não eram “plastificadas”, e por isso Patrícia diz só ter uma amiga na vida, que é essa que a ajudou quando veio para São Paulo. Nas palavras dela, foi a única que a acolheu. Ou seja, Patrícia teve dificuldade em estabelecer laços sociais com as pessoas que moravam com ela e a se identificar com esse grupo. E tece críticas sobre o comportamento e a vida que elas levam.

Patrícia diz ainda que a pessoa fica na rua ‘porque quer; porque gosta’, e ela escolheu sair dessa vida casando-se. Diz que se casou com três clientes, e os três a tiraram da prostituição, e que sempre estava casada ou namorando ou morando com alguém. Não se arrepende de sair da rua e não pretende voltar – só volta se passar fome ou necessidade.

Foi casada por dez anos com seu primeiro marido, sendo ele o primeiro cliente que conheceu em São Paulo; e o que a tirou da rua. Quando ele morreu em 2018, Patrícia voltou a morar na casa da cafetina que a recebeu quando chegou à cidade, até que em 2021, casa-se novamente com seu atual marido. Em 2023, fazia somente dois anos que ela havia saído da prostituição e voltado a estudar.

Seu primeiro casamento foi bastante traumático, porque seu marido era controlador e agressivo. Ela conta que ele controlava a sua vida e que ela apanhou muito dele no tempo que foi casada, até chegar ao ponto de esfaqueá-lo no peito. Segundo ela, ‘quase furei o coração dele’, mas não o matou. Ele ficou internado e ela prestou depoimento na delegacia, não sendo presa por alegar legítima defesa, já que tinha muitas marcas de violência pelo corpo. Ela diz que seu marido quase a matou de tanto agredi-la, mas que ainda assim, ela não tem do que reclamar dele porque ele ‘ensinou muita coisa’, sobretudo, a ter um comportamento ‘melhor’. Seu marido havia sido, de alguma forma, um professor que o destino lhe reservou. Inclusive, após o episódio da facada continuaram juntos até ele adoecer.

O retorno aos estudos na escola Arco-Íris aconteceu após indicação dos colaboradores do projeto Transcidadania que lhe disseram que, nessa escola, havia muitos estudantes trans, e ela disse que foi diferente voltar para a escola

depois de adulta, mas que gosta de lá porque ela vê “várias classes sociais”. Diz que foi bem recebida e acolhida na escola e que indica para todas as trans e travestis que conhece irem estudar lá também; que os professores são maravilhosos porque abraçam, conversam e se aproximam dela. Ainda assim, estudar continua sendo muito difícil, sendo necessário ‘força de vontade’ para se manter na escola. Uma das dificuldades é o cansaço por causa do silicone que injetou em seu corpo; no total, são 9.5kg, o que pesa muito e causa dores nas pernas.

Ela também fala que reencontrou na escola muitas travestis que conheceu nas ruas enquanto trabalhava com prostituição, e volta a dizer que, depois que se casou com seu atual marido e voltou a estudar, não pensa em trabalhar com prostituição novamente. Hoje, ela tem ‘força de vontade’ para superar as dificuldades e se dedicar aos estudos, porque sua renda vem do projeto transcidadania e, por hora, não precisa trabalhar. Depois da escola, pretende trabalhar registrada: ela nunca trabalhou com carteira assinada e tem esse sonho.

IV. Xeila

Xeila é travesti e estudante do 8º ano da escola Arco-Íris. Nasceu no interior do Maranhão, mas morou no sertão do Piauí dos três aos dezoito anos, quando foi para Fortaleza trabalhar com prostituição.

A segunda filha mais nova de dez irmãos, ela conta que sua vida no sertão do Piauí era simples. A cidade era muito pequena, preconceituosa e “ignorante”, e lá ela vivia uma vida bastante humilde, sem acesso à luz nem água encanada; morava com seu pai, madrasta e o irmão mais novo (filho do seu pai e da sua madrasta). Sua mãe havia falecido quando Xeila tinha apenas três anos. Ela diz não ter lembranças dela nem dos seus avós.

Conta que foi criada pela madrasta, “na casa dos outros”, e pelo pai que era alcoólatra e, apesar de ter nove irmãos, não tem contato com nenhum: estão todos “espalhados”. Xeila relata que ser criada por madrasta é “humilhante” porque ela sempre ficava com os restos do seu irmão mais novo.

A primeira vez que o significante “escola” aparece em seu depoimento foi na seguinte frase: “Na escola eu sofri!” e relembra que, com nove anos de

idade (ou até menos que isso, não se lembra com precisão), ela já sabia que se identificava com o universo feminino e que gostava “do mesmo sexo”, e que esse sofrimento que ela associa à escola foi causado pela sua voz, que era muito “aguda” – era voz de mulher.

Conta que um dia, na sala de aula, pediu à professora para ir ao banheiro e todos riram dela. A partir de então, passou a ter vergonha e não falar mais. A solução que encontrou foi “fazer xixi” na roupa para não ter que falar com a professora; ela chorava de vergonha e tristeza, e isso a “torturou”. Não se esquece do cheiro de urina que ficava em suas roupas; um cheiro que ela não podia esconder. Ela ainda conta que isso aconteceu várias vezes, e seus colegas a apelidaram de Xuxa.

Para Xeila, a Educação poderia ser melhor e menos violenta, se tivesse mais conversa e diálogo entre a escola e a família, e que os pais também teriam que passar pela escola. A sua proposta seria chamar os pais uma vez por mês, ou duas, para aulas de ‘educação social’, onde se discutiria o respeito às diferenças e a empatia, já que para ela, a educação ‘de casa’ é tão ou mais importante que a educação ‘da escola’, para que as crianças, ainda bem pequenas, possam ser mais respeitadas.

Seu ‘trejeito’ afeminado e sua voz aguda eram percebidos em casa também. Ainda muito criança, com menos de nove anos, ela já gostava de cantar e dançar no terreiro de Umbanda que sua família frequentava e, por isso, Xeila foi criada à base de ameaças por parte do pai e da madrasta. Seu pai, observando o comportamento dela, dizia em alto e bom som que mataria um filho se esse fosse homossexual, que “cobriria” seu filho de faca, que odiava essa “raça”, e sua madrasta endossava, dizendo que o seu pai arrancaria “suas partes” se ela fosse homossexual.

Xeila, ao ouvir essas afirmações, sentia muito medo e chorava “agarrada na perna da sua madrasta” porque sabia que aquelas palavras eram para ela. Mas para Xeila, a atitude do seu pai era somente um reflexo do preconceito e da ignorância característicos de um modo de vida muito simples, e o que ele dizia era uma reprodução do que ouvia na rua; seu objetivo era tentar “tirar” a homossexualidade de dentro da filha e de dentro da casa dele.

De forma gradual, aos catorze-quinze anos, Xeila foi se ‘travestindo’ ao se ver no espelho com uma aparência feminina, algo da ordem de uma

necessidade e do “inexplicável”. Porém ela também diz que foi influenciada por uma pessoa da sua cidade que era mais velha e que já se vestia de mulher, já tinha viajado e se prostituído e acaba contando para Xeila como era ser travesti. Primeiro, ela diz que isso a “induziu” a entrar na prostituição e a se travestir também, mas depois revela que essa pessoa somente despertou as vontades que já sentia.

Ela ainda estava na escola quando começou a transição de gênero e identidade, mas foi somente aos dezoito anos que ela assume de fato sua identidade feminina e passa a se vestir de mulher, o que foi muito difícil para seu pai – ela diz que ele tentou até matá-la. Com ajuda de uma irmã mais velha, seu pai foi aceitando melhor a situação e não expulsou Xeila de casa, ela é que resolve ir embora por necessidade de ‘conhecer o mundo’ que via pela televisão e de usufruir de uma liberdade que não tinha.

No seu caso, ela diz que foi assistindo uma travesti na televisão se apresentando em um show de calouros, nos anos 1990, que despertou nela o desejo de ser travesti – sabia que era um ‘homem’ vestido de mulher, e queria ter aquela imagem.

Sua identidade travesti foi se construindo aos poucos, mas sua sexualidade já estava ‘definida’, nas suas palavras, porque diz que já sabia que era homossexual desde muito criança, e afirma que, para ela, a homossexualidade é algo “enraizado”, de nascença.

Ela diz que nasceu “gostando do mesmo sexo”, mas que se arrepende de ter se tornado travesti e de ter transformado seu corpo – e isso se repete em seu depoimento. Não por ela, mas porque pela grande rejeição e preconceito que sofre por ser travesti – pela família e pela sociedade. Disse ainda que, se soubesse disso, seria apenas “gay”, sem se “travestir” de mulher, já que sendo quem ela é, nunca será respeitada como uma pessoa. Ela diz que vive “a força”, e que se soubesse das consequências, não teria se assumido com uma aparência feminina; se pudesse escolher, gostaria de ser apenas um “gay ajustado”.

Fala repetidas vezes que a sociedade não rejeita a prática homossexual, que pode ser sigilosa, mas o que se vê: as vestes e o comportamento. Fala também que a imagem de uma travesti é muito marginalizada pela sociedade, sendo vistas como pessoas que não têm educação nem respeito, que assedia a

todos, que só pensam em sexo, que são bandidos e que, para ela, nenhuma travesti é “feliz” sendo como é.

Aos dezoito anos, então, ela se assume travesti e vai para Fortaleza trabalhar com prostituição, e aos vinte e quatro anos chega a São Paulo e realiza as transformações em seu corpo. Diz que por já ter um “jeito” e uma voz femininos, acha desnecessário colocar próteses ou realizar cirurgias, somente injetou silicone nos quadris e nádegas.

Sobre sua identidade, ela se autodenomina “travesti” ou “travestida” – ela diz que é um homem com uma aparência feminina, e, se pudesse, se ‘des-travestiria’ (nas palavras dela), mas pontua que não faria isso por desejo seu, e sim, por causa da sociedade. Apesar de ela se sentir bonita e bem, se sente muito rejeitada e humilhada em todos os lugares, por isso ela diz “eu estou travesti”, porque não pretende envelhecer vestida de mulher.

Xeila ainda diz que não concorda em usar o termo “mulher trans” porque, para ela, confunde as pessoas e gera mais preconceito ainda. Para ela, travesti sempre será um homem com aparência feminina, simplesmente, e ela se entende assim. Inclusive, diz que não faria cirurgia de redesignação sexual.

Apesar de não ser uma estudante assídua, na escola, é participativa, curiosa e uma excelente artista – faz desenhos e pinturas muito bem, e conta que sempre gostou de desenhar, mas aperfeiçoou sua prática enquanto estava presa. Ela ainda diz que, se fosse mais dedicada e tivesse o apoio da família, acredita que seria uma grande artista, porque gosta muito de arte, de música, de cantar e ‘treinar’ sua voz.

Ficou presa dois anos e quatro meses por roubar um cliente, e sua experiência na prisão foi maravilhosa, nas palavras dela, porque possibilitou que ela adquirisse conhecimento. Ela diz que lá aprendeu e leu muito – foi sua faculdade da espiritualidade e da Psicologia, e chega a dizer que é o “paraíso”.

Isso porque foi nesse período que ela reconheceu suas potencialidades com a arte. Em seu depoimento, revela que contou aos outros detentos que sabia desenhar, passando a fazer “obras de arte para eles”: alguns presos pediam papel e canetinha para ela desenhar e fazer mensagens para a família/esposas, que traziam perfume, cremes, comida e até dinheiro como agradecimento. Dessa forma ela disse que deu para sobreviver lá dentro da prisão.

Durante o período em que se esteve encarcerada, Xeila também disse que estudou na escola prisional por um tempo e parou, porque o ensino lá “não era bom”. Ainda assim, fica trabalhando na escola, e durante o expediente, ela pega alguns livros e lê; disse que leu muitos livros bons, e cita – de filosofia, dicionários e o evangelho. Na verdade, ela não poderia ler durante o trabalho, então o fazia na sala de leitura, escondida, até que um dia o diretor da escola prisional abriu a porta da sala e a viu lendo. Ao invés de receber algum tipo de punição, o diretor a surpreende dizendo que ficou muito feliz, e que ela poderia estudar primeiro e fazer as coisas do trabalho depois.

Esse aval para que Xeila pudesse estudar foi, nas palavras dela, a melhor coisa que aconteceu, porque ela pôde então estudar religião, espiritualidade e Psicologia, buscando o ‘autoconhecimento’. Ela ainda diz que ‘juntou’ todas as informações que adquiriu nos livros e com isso sua mente mudou; ‘virou uma chave’. Destaca-se essa relação com o saber sem transferência, sem professor.

Além disso, foi na prisão que ela se deu conta da proporção do preconceito e rejeição da sociedade para com as travestis, atribuindo essa rejeição ao comportamento delas – enquanto na cadeia ela havia sido muito respeitada pela sua postura e comportamento, na rua era tratada como bandido. Por isso, ao sair da prisão, diz que passou a ter outro comportamento, outra postura e outro vocabulário aqui fora.

Talvez por isso diga reiteradas vezes sobre seu arrependimento em ser travesti e no quanto ela se sente rejeitada pela sua ‘aparência’. Contudo, mais a frente, ela também diz que se não fosse travesti não teria sido presa e, conseqüentemente, não teria o conhecimento que tem hoje; por isso, ela também é grata por ser quem é e pelas escolhas que fez.

Estudando agora na Arco-Íris, na modalidade EJA, passou por idas e vindas da escola. Apesar de ser beneficiária do Transcidadania, em alguns momentos desaparecia das aulas. Ainda assim, diz que gosta muito de aprender e de ensinar, mas que não gosta de ‘ouvir o que já sabe’, e julga importante não aceitar tudo o que é passado a ela sem questionamento.

Atualmente, trabalha com prostituição e com unhas decoradas, e parte da sua renda é composta pelo transcidadania. Sobre seu futuro, teme somente morar na rua e passar fome.

V. Larissa

Larissa se denomina mulher trans; tem trinta anos e cursava o 9º ano da escola Arco-Íris quando cedeu seu depoimento. Nasceu em São Luís, Maranhão, em um bairro antigo da cidade, e até os seus oito-nove anos, morou com seu pai, sua mãe e a irmã mais velha. Quando seus pais se separam ela passa a morar com a avó materna.

Da sua infância, diz que se lembra que a situação financeira da sua família era difícil, e que quem a levava na escola era a sua avó. Lembra também que quando era criança, com quatro-cinco anos, brincar com as outras crianças era um problema para ela por dois motivos: sua mãe não gostava que ela brincasse na rua, e porque se lembra de brincar com um grupo de meninos que zombavam dela, chamando-a de ‘qualira’ (termo regional para ‘gay’). Ela afirma que ouviu isso a vida inteira quando morava em São Luís e que não teve muitos amigos de infância. Quando ela passa a fazer mais amizade com as meninas, apanha de sua mãe porque deveria brincar com os meninos.

Quando seus pais se separaram, sua mãe se muda para São Paulo e Larissa conta que ela não queria ficar com as filhas, e por isso foi morar com a avó materna, que para ela foi sua verdadeira mãe. O seu pai também não era uma figura afetiva, e eram frequentes as cobranças dele para que Larissa ‘fosse homem’.

Ela conta que apanhava muito quando vivia com seus pais, e lembra de uma cena de quando tinha cinco anos, quando as crianças estavam brincando de pipa na rua durante as férias, e ela quis puxar a linha de cerol que estava no fio elétrico, e nesse momento, seu pai lhe arremessa uma pedra que acerta Larissa na boca, deixando uma cicatriz visível.

Larissa diz que saiu muito sangue de sua boca e sua avó a levou no médico para fazer sutura. Essa cena a marcou profundamente, porque até hoje ela não entende o que fez para que seu pai a agredisse, e até hoje não conversaram sobre o que motivou a ação do pai. O que ela sabe é que ele nunca a ensinou a brincar de pipa.

Enquanto sua avó a defendia, sua mãe pareceu “não ligar” para o que aconteceu, e Larissa afirma que seus pais nunca a aceitaram. Ela apanhava por

brincar com as meninas e por gostar de dançar, e era obrigada a cortar os cabelos curtos, apesar de desejar ter cabelos longos.

Sua relação com os pais atualmente é distante, e ela diz que tem dificuldade em estabelecer vínculo e diálogo com eles. Para ela, eles não fazem questão de saber se ela está bem ou não.

Com sua irmã mais velha, ela conta ter uma relação positiva, e elas moram juntas até hoje. Larissa inclusive cuida da sua sobrinha de três anos para a irmã trabalhar.

Sobre seu processo de se tornar uma pessoa vivendo uma experiência trans identitária, Larissa diz que acredita ter sido trans desde sempre; mas se autodenominava “apenas gay” até os dezenove anos, mesmo sabendo que era diferente; seus amigos também já haviam sinalizado isso a ela.

Assim, chega a São Paulo com dezenove anos para morar com a mãe e a irmã, e aqui se descobre uma pessoa trans, em plena pandemia de Covid-19, em 2020. As transformações corporais, contudo, já vinham acontecendo antes mesmo de ela se autodenominar trans a partir do uso de hormônios que uma amiga lhe passava. Hoje, faz tratamento e acompanhamento hormonal pelo SUS, e ela conta que os efeitos são bastante desagradáveis, como o ganho de peso, cansaço, alteração de humor, dificuldade para dormir. Diz também que em breve pretende fazer a cirurgia para implantar silicone nos seios.

Aos catorze anos, Larissa se relaciona escondido com um homem mais velho, de vinte e quatro anos, conhecido de sua avó, e foi a primeira vez que recebeu afeto de alguém. Foi nesse momento também que ela assume sua homossexualidade.

Quando sua família descobre o relacionamento de Larissa, sua mãe chama a polícia e seu namorado acaba colocando a responsabilidade e a culpa pelo namoro nela que, na ocasião, precisou fazer exame de corpo de delito, por configurar pedofilia.

Para ela, foi um relacionamento muito intenso e, com o término, ela conta que entrou em tristeza profunda. Disse que chorava todos os dias e pensava até em tirar a própria vida.

Seu relacionamento com esse homem foi importante porque transforma a relação que ela tem com sua família, que acaba por descobrir a homossexualidade de Larissa, afetando também sua relação com a escola.

A decisão de abandonar os estudos aconteceu por, nas palavras da estudante, “não aguentar mais sofrer bullying”, e as lembranças que têm da escola são “horríveis”. Conta que sofreu muito na escola, devido às agressões, chegando a ficar “toda roxa”. Quando não era agredida na escola, era agredida no caminho, na rua, pelos meninos que estudavam com ela. Ela lembra dos chutes e pisões, e que não podia contar para sua mãe para não apanhar de novo, já que sua mãe dizia que a culpa era dela mesma, por querer ser “mulherzinha”.

Ela destaca também o preconceito que sofreu por parte da inspetora e da direção da escola, que não deixava Larissa dançar nem brincar com as meninas no recreio; conta que os meninos a agrediam também e, se ela revidasse, levava suspensão da escola. Afirma ainda que a inspetora andava com uma ‘chave’ na cintura, passando uma imagem de superioridade. Larissa não esquece o que a diretora falava quando sua avó ia até a escola para falar sobre a violência que sua neta sofria: “o comportamento dela não é aceitável!”, e ainda chegavam a dizer que Larissa não poderia fazer a matrícula no ano seguinte por causa do seu comportamento.

Larissa diz que a quarta série a marcou porque tinha somente um professor para todas as disciplinas (professor polivalente), que era evangélico e direcionava insinuações a ela. Foi nessa época de sua vida que ela começa a se interessar por maquiagem, e conta que pegava a base e o batom escondida da irmã para usar na escola; ao chegar em casa, tratava de correr para o banheiro lavar o rosto.

Um dia, porém, foi “pega” pela avó chegando maquiada em casa, que limpou o rosto de Larissa para tirar o “lápiz de olho”, com força. Lembra também que apanhava por usar saia e por estar dançando na porta da sua casa escutando música no fone de ouvido. Ela ainda diz que acontecia de chegar na escola e já ser agredida de “primeira”, e que um menino já jogou um tijolo em sua cabeça na escola. Nesse dia, ela foi mandada para casa, e sua mãe só não bateu nela porque ela estava machucada. Lembra ainda que não tinha amigos na escola, só convivia com algumas pessoas.

Ao ingressar no Ensino Fundamental II (5ª série), aos treze anos, as coisas ficaram mais difíceis ainda pra Larissa. Apesar disso, sua professora de português a apoiava e dizia que “o mundo não estava preparado” para pessoas

como ela, e isso a marcou positivamente. Na verdade, essa professora torna-se uma espécie de porto seguro para ela. Por sentir muito medo de ofensas e agressões dos colegas, sentava-se bem perto dela para se sentir segura na sala de aula.

No mais, diz que sofria preconceito pelos demais professores e cita especialmente uma situação na aula de matemática, em que a professora a manda “calar a boca” por não aguentar ouvir sua voz, que era “irritante”, nas palavras dessa. Larissa diz que, depois disso, passou a se calar na escola. E mais, que sentia “no olhar” dos professores a rejeição e o preconceito por ser como é.

Larissa então estuda até o 8º ano, quando desiste porque sentia que não podia mais aguentar devido à relação com sua família, que já havia sido perturbada pela situação com o namorado, e pela violência da escola.

Chegou inclusive a estudar dois meses em uma escola particular em São Luís, mas disse que as agressões tornavam a se repetir e ela diz que parecia que o preconceito era “regional”.

A partir daí, tenta estudar à noite, mas a situação continua insustentável. Larissa ia maquiada nas aulas e a diretora “fazia questão” de pedir para que ela lavasse o rosto para remover a maquiagem, sob a justificativa de que a escola não era um ambiente para aquele “tipo” de maquiagem e que só as meninas cis podiam estudar maquiadas.

Seu “comportamento” continuava sendo motivo de queixas e comentários, inclusive de colegas gays, até parar de ir para a escola. Fingia dores no corpo, até não voltar mais às aulas. Tinha medo da escola e, quando sua avó insistia para que ela fosse estudar, mentia: pegava um ônibus e ia até a praia ou o centro da cidade, para passar o tempo.

A última agressão que sofreu na escola foi de um colega, quando ela estudava à noite; enquanto ele lhe dava chutes na perna, seu amigo que era homossexual, ria da situação. Larissa percebeu que não teria amigos ou alguém que a acolhesse na escola.

Sua avó, preocupada com a situação, levou-a ao psicólogo que a diagnostica com depressão, passando então a tomar remédio. Ela ainda tenta fazer com que Larissa prossiga nos estudos, mas sem sucesso. Nas palavras de

Larissa, sua mãe não se preocupava com tudo o que lhe acontecia (já estava morando em São Paulo). Tampouco seu pai a apoiava.

Para que Larissa pudesse retornar aos estudos, agora na EJA da escola Arco-Íris, foi preciso refletir e “superar” os traumas vividos na escola do passado; sentia medo da escola e de estudar e precisou conversar bastante com o psicólogo para falar sobre as situações e agressões que viveu. Mas ela conta que está gostando de voltar a estudar pela “diversidade das pessoas” que encontra na escola e porque os professores ensinam para ela. Ela chega a se sentir ansiosa para ir para a escola.

No caso de Larissa, se matricula na escola Arco-Íris por indicação dos funcionários do projeto Transcidadania, que disseram que era uma escola bastante acolhedora para estudantes trans e que ela iria gostar.

Larissa acredita que a escola deve ser um espaço de defesa das diversidades, onde se pode falar sobre as discriminações para que elas possam ser combatidas. E a escola deve “saber ouvir” os alunos, também porque ela nunca foi ouvida.

Então, aos dezenove anos, durante seu tratamento para depressão e morando em São Paulo com a mãe e a irmã, ela entra em contato com o mundo do trabalho, e diz que sofreu preconceito no primeiro emprego que teve (em um banco, vendendo cartão de crédito) e que sua superior dizia cotidianamente que ela deveria “ter postura”. Por ter dificuldade em se manter trabalhando para ajudar com as despesas de casa, Larissa ainda é agredida pela sua mãe e expulsa de casa. Conta que passou fome e muita dificuldade, que sentiu medo e tristeza, assim como sentia na escola, e sua “postura” continua a ser pontuada como um problema a ser resolvido.

Atualmente, é bolsista pelo projeto Transcidadania e sua renda vem somente do projeto. É uma excelente aluna, muito inteligente e participativa, tem muitos amigos na escola e pretende, para um futuro próximo, fazer faculdade, ter uma profissão e um ‘diploma’. Diz que quer ser uma trans ‘estudada’, fazer intercâmbio, conhecer o mundo, e, enfim, ter orgulho da sua trajetória e da sua vida.

VI. Bianca

Bianca se denomina travesti, nasceu no Rio de Janeiro e tem cinquenta e três anos. É filha de uma família numerosa de pais nordestinos – ao todo são cinco filhos meninos e cinco meninas. Sobre sua família, ela lembra primeiro da relação com o seu pai, que era um homem agressivo, ameaçador e capaz de muitas atrocidades. Inclusive, conta que ele ameaçou esfaquear a barriga de sua irmã quando soube que ela havia engravidado, e que era capaz de matar Bianca se a visse vestida de mulher.

Em seu depoimento, ela diz que não tinha paz enquanto seu pai era vivo, porque toda vez que ele pegava uma faca, já imaginava que havia sido “descoberta” e que seu pai a mataria. Tanto que ela conta que esperou o falecimento dele para se assumir homossexual para a família.

Seu pai morreu quando Bianca tinha onze anos e, aos doze, então, ela revela ser homossexual e também sua identidade feminina, dizendo que queria vestir roupas de mulher e “virar mulher”. Sua mãe não aceita e diz para Bianca que ela teria duas opções: ou “viraria” homem ou sairia de casa.

Assim que assumiu sua identidade feminina e sua homossexualidade, sua família separou seus pertences por medo da epidemia da AIDS que, na década de 1980, foi muito noticiada e relacionada à comunidade LGBTQIA+. Ela conta que tudo era separado, roupas, talher, tudo. Por isso, e por pressão de sua mãe, ela sai de casa para ir morar em um prostíbulo no Rio de Janeiro. Na verdade, nas palavras de Bianca, ela foi “posta para fora”.

Ainda criança, aos doze anos já “caiu” na prostituição e conta que, aos quinze, já saía com cinco ou seis homens de uma vez. Portanto, não teve infância nem adolescência. Quando queria brincar, brincava no meio do mato de casinha, escondida e sozinha, e que nunca jogou bola. No dia que brincou de empinar pipa, chorou muito quando a cortaram, o que foi motivo de chacota pelos amigos. Desde então, nunca mais brincou com os outros meninos.

Bianca conta que o início da sua vida na prostituição foi de muito sofrimento; passou fome e foi vítima de violência e humilhação, inclusive pelas travestis e prostitutas mais velhas. Por causa disso, vai embora da casa de prostituição para trabalhar na rua. Ela aponta que, na sua época “não existia

pedofilia”, se referindo à ausência de proteção legal para menores de idade que se encontravam desamparados como ela.

Ela relata que, em 1982, aos doze anos, era uma criança trabalhando na rua no meio das travestis; não conseguia clientes, não ganhava nenhum dinheiro, chegando a ficar duas semanas com fome. O seu primeiro programa foi, na verdade, um abuso sexual, e com o dinheiro que ganhou foi comer, porque já estava perdendo as forças. Chegou também a pedir comida em bar, o que a envergonhou tanto que ela comeu “chorando”.

Mesmo assim, Bianca não voltou para casa para pedir ajuda porque, nas suas palavras, sua família a queria com roupa de homem, e não era isso que ela queria para sua vida. Não queria ficar em casa para ser humilhada ou para ficar escondida, porque ela diz saber muito bem o que quer e o que ela é: Ela não quer ser uma mulher, ela é um “homossexual assumido” que gosta de ter uma aparência feminina.

Nas suas palavras, sempre foi uma pessoa trans, mas nunca quis “ser uma mulher”, reafirmando ao longo do seu relato que é uma travesti (homem com uma aparência feminina), e só se “escondeu” nas décadas de 1980/90, quando precisava ser feminina e parecer mulher “a pulso” para a polícia não perceber que era travesti, devido à intensa perseguição policial contra tal comunidade nesse período, que foi bastante duro. Os relatos de agressão e violência policial são muitos no depoimento de Bianca.

Ela prossegue contando que, aos doze anos ela ainda estudava, quando entrou para a prostituição. E já aos quinze começa a realizar as transformações corporais; injetou dois ‘quilos’ de silicone no corpo para ‘ganhar mais dinheiro’ e parecer uma mulher.

O silicone que foi aplicado em seu peito e região dos quadris é do tipo industrial, e ela pontua que é como um “gel grosso, de passar em pneu”. Sobre isso, conta que muitas travestis e amigas morreram com a aplicação desse produto, também porque se aplicava na grande maioria das vezes de forma clandestina (situação que se mantém atualmente). Seu depoimento detalha como a aplicação do silicone era dolorosa e perigosa, sem uso de medicamentos para controle da dor e/ou para evitar infecções e que, após a aplicação, ela foi “largada” na rua, ainda com a seringa no braço.

O pós-operatório também é muito doloroso e complicado e, por ser em gel, esse tipo de produto pode se espalhar pelo corpo se não for feito repouso. Por isso, é muito comum que travestis tenham as pernas e pés inchados, sintam dor e cansaço por causa disso. No caso de Bianca, a aplicação do silicone teve consequências ainda mais graves para a sua vida. Ela teve três infartos e relata que não pôde realizar a cirurgia cardíaca por causa do silicone que injetou no peito; segundo ela, médicos avaliaram que o produto se espalhou e pode ser um risco sério a sua saúde.

A utilização de hormônios também é parte importante do processo de transição de gênero. E Bianca começa a fazer uso por indicação das outras travestis, também porque na época (1980/1990) ainda não havia tratamento hormonal no SUS, como tem atualmente. Assim, ela conta que comprava os hormônios na farmácia e a dose era recomendada pelas amigas.

Mas, apesar disso e de se definir com uma identidade feminina desde tão nova, Bianca não faz questão de retificar seu nome, dizendo que não vê problema em ser chamada pelo nome masculino porque gosta de “chocar”, fazendo questão de que as pessoas saibam que ela é uma travesti. Em seu depoimento, ela fala que, quando alguém a chama pelo nome civil em público, ela se sente diferente e “uma artista” e que, se passar a utilizar somente seu nome feminino, ficará com a sensação de estar se escondendo e “voltando para trás”, fazendo alusão ao período em que era perseguida pela polícia, em que ela precisava se esconder “atrás de uma aparência feminina”. Também diz que não gostaria de fazer cirurgia de redesignação de sexo porque sabe muito bem “quem ela é” e ser uma travesti é ser homem com aparência de mulher, e isso é bem definido para ela.

Dos participantes dessa pesquisa, foi a que mais viveu e experienciou a perseguição a travestis e o contexto de epidemia do HIV e AIDS. Ela conta que se não parecesse uma mulher, corria o risco de ser agredida pela polícia na rua, e que, ao passar por alguma base policial abaixava a cabeça. Tinha que ser feminina por medo de ser agredida e não podia andar na rua de dia ou de táxi que era perseguida e violentada.

Casos graves de violência são relatados por Bianca, como quando a polícia chegou a pegá-la e suas amigas, colocar na viatura e levar para lugares ermos para as espancarem, uma por uma, ou que apanhou de seis homens, que

jogaram paralelepípedo em sua cabeça, recebeu coronhadas, ou ainda que foi arrastada pela rua. Ameaças de morte foram muitas. Inclusive, Bianca foi presa por vadiagem em 1988 por ter passado na porta de uma delegacia, quando já tinha dezoito anos. A acusaram de ser uma criminosa por ser uma 'pessoa travestida'. Ficou presa por três meses, sendo violentada por policiais durante a reclusão.

Esse período histórico de grande perseguição a travestis foi muito difícil e traumático para Bianca e as agressões que sofreu foram inúmeras. Ela relata que era vítima dos policiais, mas também de clientes, de grupos que saíam para bater nas travestis que estavam trabalhando... E lembra que não era defendida: pelo contrário, em muitas das vezes, as pessoas que viam incentivavam a violência.

Ela conta também que era comum serem ofendidas e agredidas por pessoas que passavam de carro pela cidade, e que não poderia dar queixa na delegacia, porque se o fizesse ouvia frases que a colocavam em posição de culpada, como: "o que você quer também? Vestida de Mulher?". Ela tem cicatrizes pelo rosto e pelo corpo, marcas de violência que ela sofreu só por existir.

Em seu depoimento também aparecem as ofensas e preconceitos em espaços públicos e a relação que as pessoas faziam entre travesti e a epidemia de AIDS; diz que é como se, para os outros, ela incorporasse a doença.

Bianca trabalhou com prostituição dos doze aos quarenta anos, e abandonou a função depois de ser agredida a ponto de perder todos os dentes e fraturar o rosto. Diz que tudo o que tem hoje, inclusive seu apartamento, comprou com o dinheiro ganho na prostituição.

Do mundo do trabalho, ela diz que é muito difícil conseguir um emprego e que, depois que ela parou de trabalhar nas ruas, conseguiu um emprego na área de limpeza de uma boate gay por um tempo, mas as condições não eram nada fáceis. Atualmente, está trabalhando registrada em um dos CRDs da prefeitura, no acolhimento de pessoas trans e travestis, e está muito satisfeita com sua função porque lá ela trabalha com o povo que é "envolvido" na causa LGBTQIA+, o que faz muita diferença.

Há um ponto que Bianca destaca, que é seu casamento com L., que era soropositivo. Eles foram casados por muitos anos e ela cuidou dele quando a

doença avançou até ele falecer. E, apesar de todo o seu histórico de vida e casamento, Bianca conta que é imune ao vírus do HIV, fazendo parte de um estudo do Instituto Emílio Ribas que investiga casos como o dela.

Ao falar da sua relação com a escola, diz que não terminou os estudos por causa das agressões e preconceito que sofria no espaço escolar, e suas lembranças da escola são ‘péssimas’. Ela lembra que as professoras falavam pra ela “virar homem”, um discurso muito próximo do que ouviu posteriormente de policiais.

Como saiu da escola aos doze anos, na quarta série, conta que aprendeu sozinha, “com a vida”, a fazer conta e a ler, e diz que não teve ‘tempo’ de estudar, já que ela ficava na sala de aula só pensando na surra que iria levar no fim do período; não podia se concentrar e pensar direito.

Passava o tempo todo do recreio/tempo livre na sala de aula e esperava a professora sair para sair junto dela, tudo para não ser agredida, e chegou a mudar de escola algumas vezes, mas, segundo Bianca, as agressões a acompanhavam, era institucional. Nas suas palavras, “[...] mudava de escola, mas não mudava de ser o que sou”.

Repetiu de ano algumas vezes por excesso de faltas, já que não aguentava ir à escola por medo de apanhar e pela falta de apoio e de alguém que pudesse defendê-la.

O retorno aos estudos na modalidade EJA na escola Arco-Íris também foi difícil pelo medo e receio que sentiu ao pisar em uma escola e se imaginar em uma sala de aula, com os “héteros”, adolescentes e crianças. Mas diz que, dessa vez, está sendo diferente porque lá as travestis são ‘praticamente a maioria’ dos estudantes.

É importante destacar que, ao se matricular na escola, ela pensava que lá as travestis teriam uma sala específica só para elas, e que não sabia que a escola toda era para elas.

Conta que voltar a estudar foi diferente, e que a Arco-Íris representa o que ela nunca teve no passado; que pode estudar sem medo de ser xingada porque lá ela está no meio do “seu povo”. Tanto que não quer passar de ano, quer continuar nessa escola mais um tempo.

Foi a partir do seu depoimento que surgiu a questão de “escolas héteros” e “escolas para trans”, porque Bianca diz que não se sentiria à vontade

estudando em uma ‘escola de hétero’, mas que não concorda com uma escola específica para as trans e travestis porque, segundo ela, a escola deve ter diversidade, apesar de afirmar que as escolas regulares são “héteros” e que ela não gostaria de estudar em escolas assim. Afirma também que as travestis são felizes quando estão entre elas, com a mesma conversa, e que se as colocarem entre héteros, elas perdem a alegria.

Há uma questão central que se coloca: Como pensar no acolhimento das trans e travestis na escola, considerando a diversidade e, ao mesmo tempo, a comunidade trans? Se, na escola, a maioria dos estudantes matriculados são trans e travestis, essa escola deixa de ser hétero e se torna “trans”, servindo ao acolhimento desses sujeitos?

Bianca, por fim, fala da solidão que as travestis vivem e que, no meio delas, também existe preconceito, citando que gays rejeitam as travestis, e que a comunidade LGBTQIA+ está longe de ser homogênea. Há também o etarismo no caso específico das travestis, porque com quarenta anos se é considerada velha e não consegue mais clientes na rua, e é nesse momento que muitas entram no mundo do tráfico para ganhar algum dinheiro e, conseqüentemente, no crime. Isso porque, quando as travestis envelhecem e “precisam” parar com a prostituição, acabam “trabalhando” para as travestis mais novas nas casas das cafetinas.

Na sua percepção, a vida de uma travesti hoje está melhor que do que na década de 1980/1990, devido às leis e avanços sociais que elas conquistaram ao longo do tempo. Mas ainda assim, para ela é muito difícil uma travesti conseguir um emprego, pontuando a ausência de pessoas trans em profissões, como professores, médicos, assistentes sociais. Ainda hoje, há uma grande invisibilidade e vulnerabilidade que marcam esses sujeitos.

Por fim, Bianca diz gostar tanto da escola Arco-Íris que gostaria de repetir de ano para continuar a estudar lá e não precisar ir para o Ensino Médio em outra escola. Ela havia sido beneficiária do Transcidadania no passado e no momento que cedeu o depoimento, já não recebia mais a bolsa.

CAPÍTULO 3: EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE

3.1. Escola da memória: dificuldades e evasão

Este Capítulo se dedica a refletir sobre as questões que se referem à escola do passado e às memórias dos/das estudantes, pensando no que emergiu em seus depoimentos quanto à relação com colegas e professores, com o saber e o conhecimento – as transferências –, procurando destacar o que se repete na história de vida e na fala das/dos estudantes ouvidos e em quais significantes marcam essa trajetória escolar que as/os fizeram evadir quando eram crianças/adolescentes. Na verdade, objetiva-se pensar na singularidade de cada história e transferência com a escola do passado, mas também, no que me parece ser de uma outra ordem – do processo educativo e do discurso pedagógico corrente nas escolas, ou seja, contingencial.

Se a educação é estrutural, sua sistematização em modos de se educar e de reproduzir determinado sujeito (comportado, domesticado), não o é. Assim, ele é composto por recortes selecionados dos depoimentos, a partir da minha escuta e associação livre, pensando nas contribuições de tais passagens para a pesquisa, visando essencialmente responder ao objeto e ao objetivo deste trabalho, articulando o que é do *fa/asser* com sua fundamentação teórica.

Procurei ser mais fiel possível à fala dos estudantes, o que pode incluir “erros” de concordância, incoerências no uso dos pronomes e do tempo verbal e equívocos. Com isso, busquei (dentro da minha limitação como professora), “ler” os depoimentos além da história que estava sendo contada; procurando lapsos, enigmas e furos.

Marcos, por exemplo, se autodenomina homem trans, mas em seu depoimento utiliza para se referir a si mesmo o pronome feminino; Patrícia se denomina travesti e, em alguns momentos, conjuga verbos no masculino para se referir a si – tais “incoerências” foram mantidas na redação da dissertação.

O ponto central é como as lembranças da escola da memória são negativas, péssimas, horríveis... e marcadas pela violência, correspondendo a uma marca que leva o significante escola a ser atrelado a outros significantes, como medo, insegurança, traumas. Sequer a transferência com o

conhecimento/saber é citada nos depoimentos – o que se apresenta são as relações entre colegas, professores e o espaço escolar, atravessadas pelo sofrimento desses sujeitos. Trata-se de um espaço de reprodução de uma moral e de uma ideologia de exclusão e eliminação do que foge à normalidade.

Esses sujeitos não se enquadram e, portanto, seguem para três caminhos: ou repetem de ano, ou são agredidos, ou ainda se retiram, para não mais voltar. É como se a administração escolar servisse como uma “família de substituição”, pondo em ação os mesmos mecanismos de abusos de poder, sendo a evasão dessas instituições o resultado dos sintomas que se manifestam como fruto de dramas familiares.

Assim é porque é central a relação íntima entre família-escola, marcadas nos depoimentos dos estudantes, ao afirmar que o que os/as levou à evasão foi a relação com a família e/ou a falta de suporte ou apoio em momentos de agressões que sofriam dos colegas. Primeiro, rompem com o laço familiar, não sustentando a escola. É como se os estudantes trans não conseguissem encontrar seu lugar na família, nem na escola, nem em parte alguma, encontrando soluções nas ruas, na cadeia, nas drogas e na prostituição.

As ‘experiências escolares’ relatadas por Bianca, questão central da pesquisa, revelaram um espaço escolar de memória marcado por violência e exclusão. Aos doze anos, ela já havia repetido de ano algumas vezes porque não podia estudar, nas palavras dela, até acabar evadindo da escola.

Bianca: “Eu não tinha como ir pra escola, não existia esse negócio de bullying. Eu apanhava na escola, por ser gay. [...] É, mas eu não ia pra escola porque eu tinha medo de apanhar. Os professores não faziam nada, os professores até que atiçavam. Não existia esse negócio de bullying, menina. Essa época aí, desde que eu ia pra escola, na primeira série, eu ficava... Eu nem prestava atenção no que a professora escrevia... escrevia, que eu ficava pensando na hora de sair. A professora falava, ela tava falando pro tempo, porque eu não estava nem prestando atenção, eu estava pensando na hora de ir embora... Sendo jurada dentro da escola, pra apanhar lá fora.” [sua lembrança da escola] “Péssima, péssima, péssima, péssima. Até as professoras falavam: ‘Vira homem. Se vier com esse jeitinho aí... não tem vergonha não, vira homem! Você não é bichinha! [...]’.

Bianca: “Olha, não tive tempo de estudar. Como é que você vai? Pensa bem, você está aqui assistindo aula, sabendo que uma pessoa está lá fora para te dar uma surra. Como é que você vai conseguir falar? E o que eu aprendi foi na vida. Foi a vida que me ensinou a fazer conta, a ler direito. Até hoje, a senhora sabe que eu tenho um problema, com esse negócio de C cedilha, com Z, com S. Mas eu sei ler, escrever, que eu tenho esses problemas. Mas ler eu sei direitinho. Mas foi mais na vida!”.

Bianca: “Olha, não tive tempo de estudar. (...) Porque eu saí de casa com doze anos. Ah, o quê? Com doze anos estava na quarta série. Na tora! Eu não sabia nem como as coisas... As professoras me passavam por causa que não aguentavam olhar pra minha cara [...]. Na hora do recreio? Eu nem saía *pra* recreio. Eu ficava dentro da sala. [...] Eu esperava as professoras sair pra eu ir junto, pra não apanhar. Mas uma hora a professora ia pra um lado e eu ia pro outro, e aí? [...]”.

Bianca: “Hoje em dia, vocês têm tudo isso, é bullying, isso, isso [...] É gringo, né? Mas na minha época não tinha. Falar o quê pra professora? Se chegasse pra professora, ela falava, ‘vira homem!’. Você acha que as professoras falavam, ‘e esse jeitinho de bichinha?’.”.

Bianca: “Eu não tinha como ir pra escola. Eu apanhava na escola, por ser gay. Não sei, eu ia pra escola, eu apanhava do lado de fora. E eu evitava de ir pra escola. “É viadinha, é gay, mariquinha!”. “Que, lá no Rio” é mariquinha, e a porrada comia! **Ficava na rua pra não ter que ir pra escola pra não apanhar.**”. “Não, não tinha esse negócio, eles [os professores] mandavam a gente tomar vergonha na cara.... Tomar jeito! ‘Anda feito homem! Fica aí se requebrando... O que que você quer?’. Era isso”.

Esse recorte do depoimento de Bianca destaca a fala e o posicionamento dos professores diante das agressões que ela sofria, formando um par com o posicionamento de policiais, autoridades e da família, com discursos que se repetem e que constroem a segregação.

É como se a instituição reproduzisse o modelo da família, onde o desejo é intimado a imobilizar-se, sobrando para Bianca – e para os que não se ‘enquadram’ – uma posição de ‘detrito’, criando o seu próprio isolamento, deixando de ir à escola para não apanhar.

Para Mannoni (1988), em “Educação Impossível”:

[...] Uma instituição corre sempre o risco (nunca será demais repetir) de reproduzir o modelo da família nuclear burguesa, fechando-se de maneira mesquinha em seus pequenos problemas, seus pequenos infortúnios, seus pequenos interesses. Não só essa engrenagem não permite viver como é ainda portadora de morte: intimado a imobilizar-se, o desejo não pode abrir-se para qualquer realização concreta.

(MANNONI, 1988, p. 179).

E Bianca prossegue em seu depoimento sobre a impossibilidade de se adequar a qualquer escola que fosse: “[...] Querida, eu repetia porque... eu não aguentava, e ele trocava de escola, eu pensando, ‘ah, eu vou para outra escola, quem sabe lá...’, hum! Aí era aquilo.”.

Bianca: “Eu estudei no Eurlina, estudei no Santa Teresa, e estudei no outro, no Calundú, outra escola. Mas... é... não tinha como, eu ia mudar como? Mudava de escola, mas não mudava de ser o que eu sou. [...] Era o tempo... Era só... Uma semana, pronto! [...] aí, depois que eu comecei, tinha um professor lá que tinha, mas eu não ia também. Como é que eu ia? Pra apanhar? Eu ficava mais dentro da sala. Eu ficava pensando... Não estava ali estudando, mentira! Eu estava ali pensando que caminho que eu ia fazer para os meninos não me bater. É, difícil...”.

Evidencia-se na fala de Bianca que o discurso corrente na escola era o mesmo das autoridades que ela enfrentou posteriormente, quando trabalhava na rua com prostituição. Os professores/figuras de autoridade tinham um discurso único e, possivelmente, um objetivo em comum – o enquadramento dos sujeitos. Ou seja, a segregação não era uma questão da sua escola; era institucional.

Tal posicionamento vai de encontro ao que Mannoni (1988) chama de “narcisismo da instituição”, o qual gera uma situação transferencial de repetição, e significa dizer que os indivíduos devem acoplar-se com o discurso da instituição (e do poder) e se submeter. Para a autora, “[...] a instituição apresenta-se no lugar da lei, isto é, do desejo, mas numa perspectiva de dessexualização” (1988, p. 208), fato que é bastante diferente da relação analítica, que estaria no nível do *saber suposto do sujeito*, fazendo com que a criança tenha “muito poucas possibilidades de encontrar na instituição outra perspectiva.” (p. 209).

Importante também pensar em como ocorre a relação transferencial dentro da escola se o **medo** era o primordial. Ao ficar pensando na surra que levaria na saída, Bianca não conseguia estabelecer laço ou transferência com a instituição, nem com o conhecimento, nem com os professores ou colegas. A ameaça contra a sua integridade física se sobressai a ponto de encobrir outras experiências.

Isso acontecera também com Marcos. Em seu depoimento, os significantes “bater” e “agredir” se repetem e toda a ofensa e agressão que sofria na escola precisava ser revidada, inevitavelmente, sem saber o motivo e sem poder ter um controle de sua reação.

Desde os nove anos, as principais dificuldades de Marcos para permanecer na escola foram as agressões que sofria dos meninos, frequentemente. Tais agressões eram sempre revidadas, e não importava em qual escola estudasse, o sofrimento continuava.

Na 3ª série, Marcos já havia sido expulso duas vezes por não aguentar as agressões e violências direcionados a ele dentro da escola.

Marcos: “[...] era o bullying, né? Que antigamente não se chamava Bullying... é... as professoras também, tipo, acho que não tinha muito conhecimento... então, tipo, não passava nada, assim, pra gente, ou para os outros alunos que não podia tá xingando um ao outro, sabe? É o que me fez afastar da escola foi isso. Quando eu tinha uns... oito, nove anos.”.

A imagem que tinha dos professores é que esses eram coniventes com as agressões e, assim como para Bianca, não havia “ninguém” para pedir para que a violência acabasse; ninguém intervinha. Contudo, ele chega a dizer que gostava da escola e que os professores eram legais. Quem são esses professores? Que ferramentas eles tinham para trabalhar com a questão de gênero e sexualidade? Professores legais, mas omissos?

Trata-se de uma omissão esperada e até naturalizada da figura do professor, que nada pode fazer com esse “impossível” da educação. Essa escola da memória seria, dessa forma, conivente com as agressões – uma escola onde predomina a reprodução das violências que marcaram a vida escolar de Marcos.

Marcos: “Ah, gostava de ir pra escola, era legal, os professores eram legal, eu lembro que eu sempre levava alguma coisa pro professor, a gente sempre quando entrava fazia... cantava o hino, hino nacional. Hoje em dia, não tem mais

isso, né?”. “Não tenho lembrança disso que ia... não tenho... que alguém veio me defender, que não podia fazer isso... Não tenho essa lembrança em mim. Que... que eu fui defendida por algum professor, por alguma gente que trabalhava na escola. A gente lembra que eu briguei duas vezes e eu fui expulsa [...]. Eu não [tenho] uma lembrança que o professor ia lá, me defender, eu não tenho isso dentro de mim. Eu tenho só... lembrança *das agressão, sabe profe?*”.

Marcos: “Era legal. Eu ia, mas sabe o que é... não conseguia participar dos esportes. Não conseguia. Não conseguia ficar na quadra em paz. (...) Porque as crianças ficavam me xingando, por causa do meu jeito de andar e de se vestir.[...] xingando de Maria Sapatão... neguinha fedida... cabelo duro... um monte de...de...de... de palavrão... a maioria das vezes **era sempre** os meninos.”.

Há uma questão de gênero – em todos os casos eram os meninos os sujeitos da ação e da violência, o que pode revelar uma marca do machismo estrutural presente na “fabricação” dos sujeitos, desde a mais tenra idade.

Em casa, Marcos vivia certa extensão da escola, e conta que foi expulso da escola “por causa de briga”. Na escola e na família, não podia falar sobre o seu sofrimento, o que revela que tanto a família quanto a escola assumem o papel de reprodutoras do domínio da ordem e da “virtude”, não possibilitando espaços de diálogo para Marcos.

Marcos: “É... de briga, de xingamento... é...*entendeu?* Tipo... aí chegava em casa, não tinha... sei lá... vê como que eu posso falar... acho que *meus irmão* também do norte... tipo... com pouco conhecimento, sabe? Não tinha aquele... amor... se se preocupava com a gente, nem perguntava como que foi...”.

Marcos: “Não, mas só que **eles nunca me defenderam**, porque eles tinham vergonha de mim. Eu passava na rua lá onde eles moravam, eles moram até hoje lá. Aí, tinha os meninos que sempre me xingava... ficavam cantando musiquinha... e eles sempre... eram tudo *os amigo* deles, sabe? Então tipo, eles nunca me defendiam. Então eu não gostava... Não gosto da cidade onde eles moram, eu odeio aquela cidade. São Bernardo.”.

As lembranças da sua escola de memória são barradas, e Marcos diz que os xingamentos e agressões “fecharam sua mente” para o que acontecia ao seu redor, nem sequer cita a relação com o saber. Parece que ele não sabia bem por que revidava, seu desejo era o de revidar e agredir de volta. Na verdade, o medo, que mais para a frente ele relata, é o que “travou” sua mente, e nas suas

lembranças da escola, não há experiências que mostram uma relação positiva com o saber ou com laços sociais.

E Marcos continua: “É, não foi. Na minha época... tipo assim, não... não tenho... lembranças boas. Porque tipo, ali eu me senti desprotegido, tipo... não tinha ninguém pra me acolher, pra me ajudar. Quantas vezes eu não saí da escola chorando? Com raiva?”. “Acho que eu era tão... sabe? Ofendida, tão xingada, que eu não conseguia enxergar a minha volta. Tipo, **me apagada ali**. (...) Tipo, fechou minha mente, sabe, *profe*? É... meio complicado... fico pensando às vezes, sozinha lá em casa... tipo, meu, parece que fechou minha mente. Porque eu poderia ter corrido pelo outro caminho, né? Mas não, **minha mente travou**. Travou, porque... é... quando as pessoas me xingavam... em vez de *eu*... tipo, virar as costas e ir aprender, querer estudar e deixar elas pra lá, não, eu... tipo... enfrentei elas, *eu batia de frente* com elas, aí tipo... isso... foi gerando o que? Mais confronto ainda.”.

Marcos: “Toda vez que eles me viam, aí que eles me xingavam mais ainda, entendeu? Porque eu nunca aceitava que eles me xingavam e ficava quieta. Nunca levei desaforo pra casa.”. “Eu fiquei com medo, sabe, de conversar, com as pessoas... de... saber como que é a reação delas. Hoje em dia, que eu *tô* aprendendo a ser diferente.”.

Marcos: “Eu acho que *os professor* devia ser mais acolhedor, né. Tipo, se preocupar, ver uma briga ali... um probleminha ali... ver um aluno sendo xingado... conversar com ele... ou conversar com a turma, ou chamar a atenção. Porque não tinha muito disso, antes. Eu não lembro disso. Entendeu? **Eles soltavam a gente no pátio e a gente ficava à vontade**, não tinha, tipo, um monitor, toda a hora, vendo se tá brigando, se você tá apanhando, se tão te xingando... acho que se... se tivesse mais, assim... sabe... acolhimento dos professores seria melhor. Só que... tipo, não sei, professora, parece que fechou minha mente. Fechou. Fechou, eu não sei por que, mas minha mente... tipo... travou. Em vez de eu fazer as coisas certa, escutar o que os pro... as coisas boas, eu fui só aquelas coisas ruim matutando (...).”.

Marcos: “O pessoal me xingando, **que eu tinha que brigar**. Aí, eu passava nos lugares eu sentia vergonha, porque as pessoas já iam começar a me cha.... Na rua mesmo, na... agora, ali na minha irmã. Tinha uma rua que eu odiava passar, tinha que dar volta mó grandona, assim, *pra* comprar pão, tinha

que dar mó *roleção*. *Pra ir na padaria*. Porque, se eu passasse na rua debaixo da rua de casa, eles ficavam me xingando, “Maria sapatão...”. Nossa, eu odiava isso, professora. Odiava”. “Eu vivia sendo ofendida. Dentro da escola e fora da escola. Não sabia onde correr. É, então, e tipo assim, era meio preconceituoso as coisas, prof. A gente era *visto* como bicho”.

A percepção de que era uma criança, desprotegida e insegura, e que a escola não a protegeu é muito presente em seu depoimento. Além disso, **o pátio** – espaço da escola em que as crianças, geralmente, brincam e são livres para criar e se expressar – era, para Marcos, um espaço de violência, que deveria ser monitorado. E, apesar de ser apenas uma criança, ele diz novamente que foi “fraca”:

Marcos: “[...] igual eu. Eu fui fraca. Você acha que eu vou me culpar? Era uma criança!” [...] Mas eu fui fraca, porque as pessoas me xingando... ao invés de eu ser forte, ir pra cima, mostrar pra elas a diferença, que eu poderia ser bem melhor que elas, não... eu... me envolvi com droga, me envolvi com coisa errada, tipo, do lado da violência.”.

A questão que Marcos apresenta de que ele “tinha” que brigar e que foi “fraca”, o que não deveria ter sido, pode revelar a posição subjetiva assumida em relação ao que é ser homem (forte, que se envolve em brigas) e o que é ser mulher (pelo significante “fraca”) e que, talvez, tenha origem na relação com seu pai, na primeira infância. Como ele e suas irmãs foram doados após o falecimento de sua mãe e seu pai escolhe ficar com filhos meninos porque “eram fortes”, Marcos se coloca na posição masculina, identificando-se ao seu pai? Ou há uma negação da posição feminina?

De toda forma, trata-se da sujeição do sujeito ao inconsciente e ao desejo do Outro. Sobre essa distinção, Leguil (2016) revela que o gênero, para a Psicanálise, é uma posição subjetiva do ser sexuado e designa, portanto, um modo de ser/comportamento que ocorre pela fala e linguagem do ser (p. 110), sendo esse capturado no desejo do Outro. Marcos não se reconhecia mulher, porque não era fraca. Ele era forte, batia nos meninos, “[...] não levava desaforo pra casa” – ou seja, ele era como os seus irmãos homens.

Ao perguntar sobre a escola, Amanda, por sua vez, diz ter lembranças boas. Em seu depoimento, conta que era uma boa aluna até a 4ª série. E, depois, foi perdendo o interesse. Disse também que nunca sofreu preconceito na escola,

mas em seu depoimento aparece apenas uma amiga, a V., e que evadiu porque parou de se dedicar aos estudos. Também não se encontra em sua fala relação alguma de transferência com os professores.

Assim se expressa Amanda: “Da escola? Super... lógico.... Eu tinha uma amiga minha que era meio encenqueira assim, né, a V.... Só ela assim, mesmo... “. “Não, não... Saí *por, questão* assim de se... sabe? Eu acho... Dessa empatia assim, com... Que eu não tinha comigo mesmo sabe? Não achava legal isso... [...] eu já comecei a fazer novas amizades, e já não me dedicava tanto assim, entendeu? Tanto que eu mais faltava nas aulas do que ia e, quando chegava dia de prova, eu [...] pegava, eu pagava um amigo meu, já ganhando dinheiro, eu pagava um amigo meu pra ele responder pra mim. Ele *sentava* na minha frente... e matemática. Matemática e inglês. Essas provas eu não conseguia responder”.

Amanda: “Então, não me importava tanto assim, né, queria saber de fugir, *tava* na fase da adolescência, descobrindo o mundo, minha sexualidade, né, minha atração por *homem* e, não queria ficar *pra* trás. Minhas amigas iam, saíam da escola e iam fumar maconha, beber, aí eu sempre ia com elas né. [...] **E a minha mãe nunca se preocupou comigo, né, professora.**”.

No depoimento de Amanda, aparece a questão da importância do discurso para o sujeito. Ela conta que sua amiga V. dizia...

Amanda: “Aí, ela falou assim, ‘Poxa, nossa, eu pensei que você ia... se formar, que você ia ser uma professora, não sei o que, você tinha... você e o Aldair Ramon...’. Aldair Ramon, né, que era o bebê... falou assim “**vocês eram o melhor aluno da sala de aula, não sei o que, só tirava nota boa, não repetiu, não ficava de recuperação...**”.

Quando começa a tirar notas baixas, há um momento de ruptura com a escola – no sétimo ano. O que acontece para que Amanda não se identificasse mais como uma boa aluna? Ela prossegue lembrando a briga com o irmão na sorveteria:

Amanda: “Mas o que fez eu parar mesmo, fez eu parar... foi assim... esses... essa coisa que me incomodava assim, na família, sabe professora. Eu me sentia mal, assim...”. “Eu não culpo ninguém não, é... é a vida, né? A vida é... Tem fases que ela é mãe, tem fases que ela é madrasta... Mas... Fazer o quê? **O destino era esse, né?**”.

Suas transformações do corpo, a descoberta da sexualidade, as dificuldades com a escola, foram processos tomados como “destino”, como algo externo a ela e a suas escolhas, mas que, na verdade, revelam o caminho trilhado por Amanda a partir daquilo que foge à racionalidade – o desejo.

E uma questão importante se impõe – qual o desejo dessa mãe para Amanda? Há o questionamento do seu irmão mais velho para sua mãe e a falta de “incentivo” ou de “presença” da mãe como fatores importantes no seu discurso, e que foram fundamentais para que ela decidisse abandonar os estudos.

O que levou Xeila a romper os laços com a escola seria da ordem de um trauma evidente em seu depoimento, quando ela tinha aproximadamente nove anos de idade: “Porque, quando eu tinha nove anos de idade... nove, dez anos, eu já sabia que eu gostava do mesmo sexo. É impossível uma pessoa falar para uma criança que ela não gosta do mesmo sexo, que ela sabe com o que que ela está se identificando. E eu acredito, assim, que a humanidade... Eu acredito que ela seja bissexual por natureza. Porque tanto... na adolescência, quanto na infância, ela tem essa intensidade. (...) **E eu sofri por conta da minha voz.** Eu sempre, eu... **fazia xixi na roupa, eu nunca falei isso para ninguém**, eu mijava na roupa na sala de aula pra não pedir pra ir...na... no banheiro. [sua voz era] Muito fina. E os meninos da sala... zoavam de mim. **Porque eu tinha voz de mulher... Eu chorava, fazia xixi na roupa! Pra não ir no banheiro.**”.

Xeila: “Fazia xixi na roupa... Eu acho que tinha menos de nove, viu? Porque tinha uns oito anos.... sete, oito anos... que eu... **Eu não esqueço... do cheiro do xixi na minha roupa**, de eu fazer xixi sentada porque... como eu fui criada no sertão do Piauí, então, quando as crianças tinham jeitinho os... até hoje em dia! Os meninos que supostamente se identificam como héteros, por mais que tenham seus desejos, suas inclinações com outros meninos, mas para eles os que são mais afeminados... tão fora daquele padrão, entendeu [...]”. “[eu era] motivo de chacota, entendeu? Eu fazia xixi várias vezes na... os alunos, ficavam falando “Que catanga de mijo!”. Aí, tinha filazinha pra ir pro lanche, e eu com a roupa toda feita de xixi e o povo falando “que catanga de mijo”, e eu não podia falar, porque eu pedi uma vez pra ir no banheiro, e todo o mundo riu. “Ai, a vizinha dele, não sei o que [...]”, me chamavam de Xuxa, me apelidaram...Então

aquilo me torturou, entendeu, eu fiquei com vergonha de falar. Impressionante isso, né?”.

Ao invés de Xeila encontrar na escola um espaço para “ser na fala” e desenvolver sua autoexpressão pela via das interrogações, sua palavra foi interdita – o que acabou por imobilizar o sintoma “fixado num veredicto de incurabilidade” (MANNONI, 1988, p. 96). Para essa autora, são muito importantes as rupturas para o sujeito sair desse “roteiro fixo” criado pelas identificações. E a escola, nesse sentido, não possibilitou que Xeila formulasse as interrogações. Me parece que ela se fixou em seu trauma – da voz aguda, “de mulher” – o que a marcou por toda a vida; seu nome social, Xeila²², inicia-se com a letra X, assim como os significantes ‘xixi’ (nas roupas) e ‘Xuxa’.

Assim, o corpo é marcado pelo Outro e, para Leguil (2016, p. 113), a anatomia entra em jogo pelo viés de uma significação na linguagem: “O próprio corpo é novamente recortado em consequência da maneira como o sujeito é tocado por aquilo que viu e ouviu” o que significa dizer que a anatomia, então, pode ser reinventada pelo sujeito.

Para Patrícia, a **figura do pai** é muito importante na decisão de deixar de estudar, na 5ª. série e diz ainda que, na sua escola, só ela era “gay”. Sobre a sua relação com os professores da sua escola da memória, ela diz: “Porque... porque assim... Invés de ele me apoiar, não [...] ele aceitar eu ser gay, mas respeitar meu... minha opção sexual, ele não respeitou, entendeu? **Ele foi diretamente na agressão. Aí eu me revoltei e parei de estudar.**”. “É, assim, tratavam bem... Me tratavam bem, mas não, aquela, assim, não igual hoje que, você chega e conversa com o aluno, igual assim... Você tá conversando comigo, normal, tá me dando o melhor apoio, assim, eles conversavam mais de longe, né, **tinham tipo de nojo**, né, receio... É, receio, entendeu? *Pra* eles era uma doença. ***Pra eles é.***”.

Patrícia: “É porque a pessoa não chegava [...] perto conversar comigo, não [...], assim, não me dava um abraço, não dava parabéns. Ficavam só distante, entendeu? Falavam mais com os alunos normais.”. “Que a sociedade não aceita, né? Uma escola normal, regular, não aceita uma travesti estudar...

²² Xeila é um nome fictício, mas vale pontuar que seu nome social verdadeiro também se inicia com a letra ‘X’.

com alunos [...] normais, né? É o preconceito. [...] É o preconceito que tem. Não aceita a gente.”.

Importante a conjugação do verbo no presente: “Para eles é”, o que revela um tempo fora da lógica. Para ela, os professores serem preconceituosos é algo imutável. Além disso, esse significante “normal” aparece ao falar da sua escola e dos colegas com quem estudou no passado, e que os “normais” não aceitam estudantes como elas, as travestis.

O que seria uma escola normal e alunos normais? Seria uma escola composta de estudantes que se adequam ao projeto do discurso pedagógico de formar sujeitos universais, que se submetem às exigências e aos estereótipos de um “código de boa conduta”? (MANNONI, 1988, p. 34).

Mas Patrícia, ao falar da sua escola da memória, diz reiteradamente que nunca sofreu preconceito e que “sempre foi aceita”. Ela parou de estudar na quinta série e, nas palavras dela, “Eu parei porque eu quis, né, porque [...] eu perdi minha mãe cedo, né, [...] parei porque eu quis e nunca tive e sofri preconceito não. Sempre fui aceita na sociedade. Nunca fui barrada em banheiro de mulher, nunca fui barrada em shopping, nem... em nenhum lugar”.

Porém, há uma aparente contradição em seu depoimento: ela diz que nunca sofreu preconceito em sua vida, mas, em determinado momento, pergunto se seria difícil ir para a escola vestida de menina na sua época de estudante, e sua resposta revela um episódio de teor traumático, e o tempo passado e presente parecem se confundir novamente em sua fala:

Patrícia: “Sim... porque, porque lá [...], assim [...] se uma pessoa se veste de mulher, que não tem peito, não tem nada, lá, eles batem. Na escola. **Na porta da escola eles batem.** Já vi [...] se eu já fui... [gaguejando] eu já apanhei na escola. Já. Já fui de roupa... de mulher. Lá, homem é homem. Na minha época, né? Ai, foi horrível. Nossa, foi horrível... Baixou até polícia, na época. Foi na saída. Lá, homem é homem. Não tem esse negócio de ser [...] esse povo, assim, com a cara cheia de barba, com roupa de mulher, aqui aceita, não, lá o pessoal bate. Antigamente. Hoje, já mudou. Porque *eles não aceita*, eles falam assim, “[...] **se você quer ser, se você quer ser... travesti, quer ser mulher, tem que ter, você tem que ter pelo menos um peitinho.** [...] Com a cara barbuda, sem nada, peito [...] lá eles paravam.”.

E continua: “aí [...] mandaram recado pra mim antes de começar a aula. [...] Só, da minha sala era só eu que era gay. Da minha sala. Eu tinha muita amizade com mulher, muita, muita, como eu... hoje eu não tenho, [...] eu tenho, mas sou mais reservada hoje, né. Sou mais na minha. Porque, antigamente, era mais escrota, escandalosa... Não podia ver homem na rua, mexia... hoje? Eu mudei muito. Depois dos casamentos que eu tive, eu aprendi muita coisa [...]”.

Patrícia: [A escola] “Expulsou os três alunos... que foi... que me agrediram. Expulsaram. Aí falei [...] eu falei pra escola, [...] eles me agrediram porque eu sou gay... *eles não aceita* que eu tenho muita amizade com as [...] meninas da escola, entendeu, então, por causa disso, e por causa de ciúme também que as meninas gostam mais de mim que deles, por eu ser o que eu [...] respeitar elas e eles não respeitar. Por isso que me agrediram, você entendeu? E [...] eu quero que a escola [...] tenha uma providência”. Aí [...] foi aí que eles expulsaram os três.”.

Patrícia: “Não, foi só... [...] deu uns tapas, me deu [...], bicuda, só, mas não machucou não. [pausa] **mas só que eu fui bem aceita, depois, que aconteceu isso, eu fui bem aceita na sociedade de São Paulo.** Eu não tenho o que reclamar daqui, não.”.

Em seguida ela diz que a agressão foi uma ‘besteira’, que ela não se machucou e que foi muito bem aceita na sociedade. Parece não querer falar da cena, havendo uma aparente negação do sofrimento que viveu. Além disso, Patrícia diz que, de onde ela veio, se você quiser se vestir de mulher, precisa ter, pelo menos, “peito” ... E a seguinte questão se apresenta: essa imposição foi importante para que Patrícia tomasse a decisão de realizar as transformações corporais (silicone), e tornar-se uma travesti, já que se ela só se vestisse de mulher, seria agredida?

As lembranças que Larissa têm da escola são “horríveis”, como ela mesma conta: “Eu sofria muito na escola. Cheguei... em casa toda roxa. Eu lembro muito... de andar na rua, vindo pra casa, e levar... é... *pisões*, chute, voadoras... Dos meninos da escola. De chegar... levar... chute.... Teve gente que olhava e não fazia nada.... Entendeu? Que eu apanhava mesmo assim... E se eu falasse eu ia apanhar mais, pela minha mãe, que ela *tava* dizendo que eu *tava*... é... Mostrando que eu queria...é... Como falava mesmo? **Que eu queria ser mulherzinha!** Que ela falava... “Quer se vestir feito mulherzinha.”.

Larissa: “E eu vivia muito isso. Eu sofri muito preconceito pela diretora, eu lembro. Diretora, coordenadora. Eu lembro que eu sofria muito preconceito na época quando eu estava na 4ª série. (...) Por uma mulher loira, não sei o nome mais... Mas eu lembro muito bem. Ela era muito carrasca comigo. Eu... chegava em casa todo dia, porque eu... (...) **não podia fazer nada no recreio, eu não podia dançar, eu não podia brincar com as meninas**. Os meninos me batiam, se eu revidasse... Eu ia ser... mandada embora pra casa. Levar a suspensão... **Ela era... Inspetora! Ela andava com uma chave assim, no... na coisa... E ela queria mostrar que era melhor que eu**. E minha avó falava assim pra ela, “Por que você faz isso com... meu filho?”, “Ah, mas é isso. Porque ele faz isso, e é... **o comportamento não é aceitável!**”, na época. Tipo, marcou. Só que eu consegui... é, passar na escola... Eles falavam (...) pra minha avó que não ia conseguir (...) fazer matrícula por fato de... meu comportamento. Porque eu ficava dançando e brincando, essas coisas.”.

Foi na 4ª série que Larissa começou a se interessar por maquiagem, e seu professor (polivalente), que era evangélico, a marcou negativamente...

Larissa: “Isso era muito difícil na época porque, tipo, eu lembro muito bem que ele ficava fazendo... insinuações, sabe? “Aí, Deus não fez homem com homem, mulher com mulher”. E eu escutava muito isso dele. Aí, nessa época, eu comecei a me interessar com maquiagem. E eu usava... pegava base escondida da minha irmã... batom... sabe? E é isso. Eu sofria muito. Mas eu tirava **quando eu cheguei** (...) ia chegar em casa. Tipo, eu corria lá pro banheiro pra tirar.”.

Larissa: “Não, eu chegava, só que eu ia *lá pro* banheiro. Mas uma vez (...) eu fui pega... Tipo, minha avó enfiou um pano no meu olho e tirou o meu lápis, de olho. Eu sofri muito nessa época também. Eu lembro muito... muitas coisas. [...] Muitas coisas, tipo... De apanhar, porque eu *tava* usando saia. *Tava* dançando na porta de casa, escutando uma música no fone. Nossa, apanhei muito por fato de ser o que eu sou, sabe? Aí tem coisa, tipo... **de chegar a ir na escola, já apanhar logo de primeira**. Teve uma vez que um menino jogou uma... um tijolo, tem uma marca aqui na minha cabeça. Na escola! E ele falou que eu tava passando a mão no pinto dele. E aí eu fui... mandada pra... casa! Foi a mesma mulher, loira. A mesma mulher. Aí, minha mãe não me bateu porque eu tava machucada, na época.”.

No recorte do depoimento de Larissa, aparece um lapso de tempo, assim como aconteceu com Patrícia, como se elas ainda estivessem vivendo aquelas cenas que narravam, ou como se tivesse acabado de acontecer, demonstrando talvez um teor traumático em suas falas.

Sobre a lembrança que tem de seus colegas e professores, Larissa diz que não tinha amigos na escola: “Amigos, amigos, não. Tipo, tinha pessoas que eu convivia... Aí, nessa quarta série, eu passei de ano, fui pra quinta e **eu sofri mais na quinta**, também. Aí, na... tinha uma professora de português, na quinta série, que ela falava muito *pra* mim, “O mundo não está preparado pra pessoas como você, mas eu sempre não vou te julgar pelo fato de você (...) quem você é. Eu sempre vou te apoiar”. E ela falava isso muito pra mim.”.

Larissa: “**E toda a vez que ela chegava na sala e quando uma pessoa que fazia bullying comigo, (...) eu tinha muito medo na época. Eu tinha, acho que, treza, catorze, não sei. Eu lembro que eu ficava na... tipo, bem aqui, sentado, perto dela, pra não ficar no fundo pra (...) não apanhar.** (...) Tinha a professora de matemática, completamente machista, na época (...) mandou eu calar a boca porque minha voz era irritante, que não queria ouvir minha voz. Isso me marcou! Marcella, isso me marcou tanto que eu fiquei... **Toda vez que ela dava aula eu não abria a boca.** Sabe? Ela dizia isso num tom... com toda a raiva, parece que ela tinha raiva de mim! Sabe, eu gostava da aula dela, e fazia todas as atividades, só que... o fato de você sofrer tanto preconceito, e **eu sentia no olhar deles**, eu sofria com o fato de eu ser quem eu sou. Sabe?”.

A fala de Larissa demonstra como os professores e as relações transferenciais entre professor e aluno desempenham papel fundamental na educação, porque marcam os sujeitos positiva e/ou negativamente, produzindo efeitos. E marcam não somente pelo que falam aos alunos – sobre a voz de Larissa, por exemplo – mas também pelo olhar.

Assim como Xeila, Larissa se cala e a escola, mais uma vez, é posta como lugar não acolhedor das expressões singulares.

Larissa: “Eu parei de estudar... até a oitava, porque eu não estava aguentando mais. Eu já estava sofrendo muito pelo relacionamento, fora do bullying, aí comecei a estudar à noite... (...) e aí eu já estava com a cabeça já... lá em cima. Entendeu? E na época, era... a diretora era completamente

homofóbica. Ela fazia questão de ser homofóbica. **Porque eu ia pra escola maquiada e ela dizia pra eu lavar o rosto.** Entendeu?”.

Larissa: “A diretora dizia que isso ali não era um ambiente de pessoa usar aquele tipo de maquiagem, só que eu usava maquiagem, não muito cheguei, eu usava batom, essas coisas. Só que ela mandava eu tirar. E tinha um menino que, também, gay na época, sabe, ele... falava pra mim, “você tem que mudar seu **comportamento**, senão você (...) sempre vai sofrer assim”, e eu falava, “não, não tem nada a ver com... comigo, é as pessoas que são”.

Larissa: “E eu (...) de tanto de eu levar... lâmpada na cara, tipo *porrada*, eu comecei a não ir pra escola. E eu comecei a me jogar, tipo, eu... fingia dor de cabeça, dor no corpo. E aí eu passei uma semana, um ano, um mês! E aí minha avó me levou pro psicólogo. E aí eu *tava*... eu descobri que eu tinha... depressão. Ah, aí eu saí da escola e eu nunca mais voltei. (...) Minha avó, na época (...) ficou do meu lado, só que **minha mãe não *tava* nem aí**, porque ela *tava* aqui em São Paulo. E meu pai não *tava* nem aí também. Eu não quis mais estudar. (...) Minha mãe tentou me colocar numa escola... na escola...paga... Particular! Mas eu fui uns dois meses, (...) e não quis ir mais, porque era a mesma coisa! Sabe? **Todas as escolas** que eu ia... eu não sei”.

Larissa: “Acho que todo preconceito que eu sofria, parecia que era regional ali. E aí... isso virou um trauma. Imenso! Na época, em si, eu acho que até 2012, eu estudei. Foi difícil pra mim, na época. E você ir pra escola, você sofrer, tudo que você sofreu, mona! Foi muito difícil. E eu lembro muito bem de ir pra casa chorando, não saber por que, por que eu tanto sofria. Era engraçado, porque os mesmos meninos que fazia bullying comigo, eles queriam... fazer no sigilo. Porque... eles queriam que eu fizesse... sexo com eles. Eu não ia. Pediam! Eu não entendia, na época. Depois eu entendi. Hoje eu entendo, entendeu? Mas era babado na época, eu sofri muito! **Já cheguei (...) em casa toda machucada, toda vermelha, toda roxa.** Teve um menino que me pegou pela cintura e me jogou num vão, assim, da escada da escola, que machucou o meu quadril. E eu fiquei uma semana... deitada. Porque machucou aqui mesmo, tipo, eu não conseguia botar o pé no chão. E era babado... nessa escola. Aí depois eu... não quis mais estudar, aí a minha avó começou a ficar com medo, pensou que eu ia me matar. **Porque eu chorava o tempo todo.** E quando ela dizia, “ah, você vai pra escola, você vai pra escola”, porque ela (...) ela ficava e obrigando, (...) ir

estudar. Só que eu não queria, aí eu ficava com **medo**... Aí eu metia o louco. Pegava o ônibus, e eu ia lá pro centro, pra praia. E eu não ia pra escola. Já fiz muito isso, várias vezes”.

Larissa: “A última vez que eu fui pra escola, eu sofri um bullying. Eu tava falando com... uma menina, na época. Tinha uma amizade com ela. E tinha um menino que me odiava! Só que ele tinha um amigo gay... E esse amigo dele... me bateu... ele pegou pelo meu braço, e começou a dar, me dar chute pela perna. Me chutar. Que me odiava, que não gostava de mim... E aí um menino gay começou a dar risada. Aí eu falei: “não... aqui não vou mais voltar”.

Larissa: “Aí, eu fui *pra* casa, contei... Chorei horrores. Aí a minha avó falou que ia falar com a diretora (...), eu falei, “o quê? Não vai adiantar. Eu vou sofrer todo dia!”, aí ela falava, “Mas você tem que mudar seu jeito”. Que jeito? Eu sou assim! Aí... não quis mais ir pra escola. Tava no meio do ano na época. Aí fiquei reprovada (...). Eu era... discriminada por ser quem eu sou. Tinha dia que eu não queria ir para a escola... Eu lembro muito bem, tinha dia que eu não queria ir nem botar o pé na escola. Eu ficava numa pracinha, e eu ficava lá.”.

A maquiagem para Larissa se apresenta como expressão pessoal, o que foi reprimido na escola. Assim, a repressão (sexual) e a submissão intelectual e moral presentes na sua fala revelam a violência educacional que tem efeitos de alienação. Para Mannoni (1988), a educação nas escolas funciona pela via da interdição social...

[...] que pesa sobre todas as manifestações sexuais infantis; interdição essa que [...] é uma decorrência das ‘limitações necessárias’ impostas pela civilização. A repressão sexual torna-se destarte o fiador mais seguro de uma submissão intelectual e moral, até mesmo de um comportamento apolítico.
(MANNONI, 1988, p. 176).

A necessidade de retirar a maquiagem na escola, sob justificativa de que essa manifestação não era permitida no ambiente escolar, é uma violência educacional que tinha como objetivo, de fato, que Larissa aceitasse a “interdição social”, ou a submissão intelectual e moral que estava sendo imposta a ela. Mas, o sujeito escapa, e Larissa nos mostra isso. Enquanto a questão gira em torno da maquiagem e da expressão da sua identidade e gênero, o aprender é impedido, como revela Mannoni (1988, p. 37): “[...] em nosso sistema, o aluno,

paradoxalmente, é impedido de aprender. A escola, depois da família, passou a ser hoje o lugar preferido para a fabricação da neurose”.

Chamam a atenção também as cenas de violência sem a presença, na fala de Larissa, de interferências de professores ou autoridades (escolares), o que me parece que seu sofrimento era solitário, sem amparo institucional. O que aconteceu com os agressores de Larissa? Foram punidos? Como a escola manejou esses casos de violência?

3.2. Escola do presente: condições de permanência

A pesquisa procura, como objetivo, pensar, a partir da fala do/das estudantes que vivem experiências trans identitárias, nas condições para que permaneçam na escola e concluam os estudos nesse retorno na modalidade EJA, pensando também especialmente nas escolares regulares e em quais fatores seriam fundamentais para que esses estudantes sejam de fato acolhidos em suas diversidades.

Além disso, durante o depoimento, perguntei aos estudantes o que para eles seria uma escola de fato acolhedora, e de que modo a escola poderia melhorar para criar tais condições de permanecer e furar o ciclo de violência e exclusão que marcam a vida desses sujeitos. Suas propostas e perspectivas também podem ser encontradas no presente Capítulo.

Para Bianca, a escola foi a vida, já que ela diz que aprendeu a ler e a fazer conta “a pulso”, sem mediação ou um espaço seguro para a relação com a aprendizagem. Quais transferências foram possíveis com a escola? E com os professores? A violência sofrida foi tanta que, ao retornar aos estudos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), com mais de 50 anos, Bianca conta que sentiu medo de estudar com “héteros”, ou com “crianças”. Quando ela chegou à escola de adultos, imaginou que teria uma sala separada para as travestis. Nas palavras dela:

“Eu pensava que aqui a gente tinha uma sala só pra gente...[...] **Eu não sabia que a escola toda era pra gente.** Eu pensava que tinha uma sala específica pra gente, ou a gente tinha que estudar no meio das crianças. [...] Aí, burra velha, ficar no meio de criança, enchendo o meu saco!”.

Perguntada se ela se sentiu acolhida na escola Arco-Íris, ela responde: “Muito, muito, tanto que eu quero voltar! É porque aqui... a gente tá no meio da... do povo, nosso povo, né... **Do meu povo! [...]**”.

Bianca: “Por isso que eu falava *pra* vocês, *ai*, eu não quero passar de ano. Eu nunca quis. Eu fui à pulso! (...) **Porque aqui é aquilo que eu nunca tive lá atrás.** Estudo. **Poder vir sem medo.... de ser xingada...** Hoje a gente tem medo de ladrão (...), antigamente a gente tinha medo dos próprios alunos. Entendeu? *Aí que tá...*”.

Bianca: “[...] Aqui, quando eu vi isso daqui, (...) eu até perguntei para ela, “*ai*, meu Deus... tem à noite?”, eu pensava que... a noite tinha os adultos e, de manhã, tinha criança, (...)”. “*Aí, vai dar merda...*”, *esses demoniozinho* vai começar a me perturbar, eu vou perder... porque adulto a gente *sai na porrada*, não vai dar morte!! Vai dar isso, aquilo, agora criança, você dá um tapa numa criança, você vai para cadeia porquê... Hoje em dia, né... Hoje você não pode falar nada de uma criança, que... Deus que me livre! Hoje em dia, você chuta um cachorro... você mata um travesti, mas chuta o cachorro, você vai para cadeia! O travesti... O travesti você matou... nada!”.

Essa passagem de seu depoimento é fundamental para pensar na questão da pesquisa: Quais as condições de permanência para que estudantes que vivem experiências trans identitárias permaneçam na escola, agora na modalidade EJA? Pensar a importância de se estar em comunidade para que esses estudantes se sintam acolhidos e felizes é fundamental porque, para ela, o retorno aos estudos também foi difícil, assim como para os/as outros/as estudantes. Sentiu receio e medo, imaginando que viveria novamente as experiências da escola da memória.

É de grande importância o que Bianca nos traz: “Eu não sabia que a escola toda era pra gente!”. No seu imaginário, as travestis e estudantes trans estudariam em uma sala específica, protegidas de ameaças de outros estudantes.

Bianca diz: “(...) apesar que aqui... **Praticamente, nós somos a maioria.** Mas aí, eu fico pensando, e à noite, como vai ser? Fazendo... **Estudando com os “héteros”!**... Como é que vai ser isso aí? É porque eu... desculpa te falar, pra mim, é lixo o que uma pessoa pensa sobre mim... Eu sou uma pessoa muito bem resolvida. Eu acho que uma pessoa... é que tem muita

gente que não sabe, mulher! [...] É que tem muita gente que não tem conhecimento... Tem pessoas que têm medo até de te chamar de ela, que não sabe como tratar a gente! [...] É a mesma coisa você, você pode ser uma prostituta, você pode ser uma lésbica, você vai andar aqui... não está escrito na sua testa. [...] Agora eu... vai eu... Vou passar... “Olha o *viado*! olha o traveco!”.

Com base no que Bianca nos trouxe em seu depoimento, de que pensava que haveria uma sala específica só para elas, como um refúgio e fortaleza contra os “héteros” e do receio desse retorno aos estudos, pergunto se, para ela, seria interessante que houvesse algo nesse sentido: uma escola específica para os trans...

Bianca diz: “Não, porque aí nós estamos tipo [...] montando uma tribo? Quer dizer, que a gente está sendo uma peste, uma doença, não... tipo um campo de concentração, vocês não, tem um lugar... Eu não acho isso legal. Legal é homem, hétero, gay, todo o mundo junto, e você vive a sua vida. “Ah, eu gosto de mulher!”, parabéns! “Eu gosto de homem!”.

Bianca: [na escola Arco-Íris] “Tem hétero, tem gay...[...] Mas tem risadinha de homem aqui, de hétero...Tem, tem, tem, tem, mas é normal! [...] Era bom não ter, mas sempre tem. É que nem mulher que fica imitando *viado*, “ah, mona, não sei o que (...)”. Isso aí... vai ver se leva na casa dela, “olha, esse aqui é meu filho. Dorme na casa, no quarto com o meu filho!”. “Aqui que faz! Você acha que vai deixar eu dormir no quartinho pro seu filhinho, seu *bem amado*? Não vai. Tem... você! Teria confiança? (...) É que nem a senhora falou, esse negócio de fazer uma escola só pra trans... A gente se sente o quê? Uns bichos!”.

Bianca: “Mas como, mulher, eu vou pra uma **escola de hétero**, para ser piadinha? Para aquelas mulheres ficar do meu lado fazendo aquelas coisinhas, fazendo perguntas inconvenientes, sobre sexo, sobre... “Ai, como é que você prende?” É curiosidade! [...]”.

Nesse momento do depoimento, eu a questiono sobre a ideia de ‘escola de hétero’,

-[...] Você falou escola de héteros. Olha só!

Bianca: “É! De hétero!”

- Então, tem escola de héteros. Teria que ter uma escola só de gays?

- Bianca: “**Mas todas as escolas são de héteros!** [...] Mas a gente não vai, por quê?”

- Mas a escola não tem que ser deles.

Bianca: “Tem que ser nossa, mas a senhora falou, ter uma escola só para a gente. Quer dizer que a gente vai ser. [...] Aquela escola lá... é a contaminação da escola”. (....) **A gente só somos *alegres, feliz, quando a gente tá no meio do mundo da gente, com a mesma conversa***. Se tivesse aqui cheio de travesti, [...] falando da vida, [...] vamos colocar, a mesma raça, né? Agora, coloca a gente num lugar que só tem hétero, como que a gente... murcha. Agora, quando a gente tá no nosso meio, somos *feliz! Nós brinca...* mas saiu dali, acabou!”.

- Por isso que eu acho que agora você tocou num ponto super importante pra mim, pra minha pesquisa, que é: a escola não pode ser hétero.

Bianca: “Tem que ser misturada.”

- Isso. Porque se uma escola for hétero, o gay vai ficar desse jeito que você falou. Porque ele vai estar num ambiente que ele acha que não é para ele.

Bianca lembra: “Quando eu vim estudar aqui, a primeira coisa que eu perguntei pra essa professora, “de dia? Vai ter criança...”. Mesmo assim, se tivesse adulto, eu não viria... hétero, só hétero. **Eu, um estranho no ninho**. Essa escola... diz que essa escola aí da Paulista lá, eu não quis ir muito por isso! Diz que lá é preconceituosa também. [...] É. Aquela que tem ali na Praça Roosevelt. Você sabe que quando eu fui lá pra fazer a matrícula, antes de vir pra cá, não sei se era secretária, diretora, cargas d’água. Eu fui lá falar com a mulher, chegou os alunos, ela me dispensou, como se fosse... [...]. Conversando com ela, ela me dando explicação [...] e me descartou assim, totalmente, não, ela, ‘[...] olha, esse endereço lá, é lá na Lavapés, você pega direitinho, você vai lá, porque aqui a gente não tá dando mais dando aula pra vocês’. (...) Ela me descartou assim, como...”.

Bianca: “E lá é **escola de héteros**. [...] Nós somos... nós podemos, é, converter eles! (risos). Nós somos uma ameaça ao mundo. Não viu aquele governador do Sul, foi aí num estado preconceituoso do Sul, eles são machistas, né? Eu achei lindo aquele governador de lá, gay, assumido.”.

Para Bianca, uma “escola de héteros” é uma escola preconceituosa com as trans e travestis. E, na sua fala, evidencia-se a importância de se encontrar outras pessoas como ela, com a mesma conversa, para que ela se sinta “feliz”. Importante também é a relação entre o aprender, a felicidade e o sentimento de

segurança. Se aprende quando se está feliz – e sem o saber, Bianca refere-se ao saber erotizado, sexualizado.

Nesse sentido, uma escola para os trans não seria a solução para a inclusão de estudantes que vivem experiências trans identitárias. Como Bianca diz, a escola deve ser ‘misturada’; deve ser uma ‘escola-trans’: que trabalha com os incidentes do encontro, inclusive com aqueles que fogem à norma, e não busca adaptar a criança à sociedade recalcado em sua sexualidade em prol de se tornar um sujeito universal. Que seja uma escola que caminha no sentido das transferências e do sujeito singular.

Para Marcos, sua relação com o conhecimento foi “manchada” por essa sensação de medo e insegurança que sentia na quadra ou no pátio, por exemplo, quando ficavam soltos sem supervisão. A escola era um espaço ameaçador.

Depois, na cadeia, se sentiu “protegido” e diz que conseguiu aprender, especialmente a ler a Bíblia e aprender o ofício de barbeiro:

Marcos: “A professora falava que eu era uma das mais inteligentes da sala. [risos]. Eu aprendi assim, aos poucos, **aprendi agora mesmo**, professora, ó... [falando baixo] **Quando eu fiquei presa esses tempo aí, eu aprendi, eu me apeguei muito...** li muito a bíblia [...]... li muita bíblia... não gosto de ler livro, não sou fã de ler livro, mas eu li muita bíblia, e retomei meus estudos dentro da cadeia, foi aonde eu comecei a me interessar de novo a estudar, que cada vez que eu aprendesse eu ia... chegar mais longe de onde eu tava... entendeu... Porque se eu... for... se [...] se tivesse um vídeo da minha vida, a senhora ia ver que quem eu era e quem eu sou agora, tipo, totalmente diferente, só que ninguém nunca imaginou e não vão nunca imaginar... que eu ia chegar aqui. Quantas vezes eles foram [...] na cadeia me visitar, assim, [...] ela não tem jeito, largaram eu de mão. Quantas vezes eu não ouvi isso? Do meu próprio irmão. Entendeu, é por isso que eu falo, às vezes... **eu não culpo só a escola viu, culpo minha família também, que não soube... me ajudar... me entender...**”.

Marcos apresenta exemplos claros de como as instituições estão a serviço da moral e do conservadorismo. Em um ambiente diferente, como a prisão, ele pode se conectar de alguma maneira com o saber e o aprender.

Então, o desejo de aprender de Marcos aparece quando não há o desejo do mestre de que ele aprenda na escola prisional. Por que isso ocorre? Seria a prisão o local onde foi possível Marcos estabelecer identificações e propor

interrogações? Talvez, a prisão não sendo uma escola, não busca o rendimento e a eficácia presentes nos discursos pedagógicos que visam adaptar o indivíduo “[...] às necessidades de uma sociedade de produção” (“, 1988, p.152), o que deixou Marcos ‘livre’ dos efeitos dessa adaptação.

Marcos diz ainda que o seu principal problema foi ter usado drogas, e por causa disso, foi preso mais de uma vez, por furto e por tráfico de drogas. Entrou em 2011 e saiu em 2020, e foi na prisão que ele voltou a estudar e a se interessar pelo saber.

Marcos: “O que eu faria diferente? Não usaria droga. Não usaria droga, porque quando eu conheci a droga, eu me viciiei. [...] depois disso, eu me viciiei. Eu morei na rua. Minha família me deu como morta. É [...] aqui em São Paulo. Por isso que eu conheço muita coisa aqui. Pela... pela minha vivência quando eu usava crack. Eu parei nessa última vez que eu fui presa [...]”.

Marcos: “Saí em 2020, professora, em agosto. [...] Fiquei lá. **Foi lá que eu aprendi a ser diferente.** Aí lá também... *os professor* era legal. Tinha um professor lá de... geografia, ele era... ele era gay. Ele era mó legal. Por isso que agora eu gosto muito de história africana, porque ele contava muita história lá, sabe? Lá, é... eu... eu tenho... eu retomei aqui, mas lá eu fiz até o Ensino Médio, fiz até o primeiro ano, fiz até a prova de matemática, lá... Retomei aqui no sétimo ano, sabe? Por causa do benefício do trans. Mas lá dentro da cadeia eu fiz até o primeiro ano.”.

Esse retorno aos estudos, agora na educação de jovens e adultos, acontece pouco depois da sua saída da prisão, e é interessante notar que, a priori, todas as escolas possuem pessoas “diferentes”, mas esse significante **diferença** é apontado por Marcos como primordial para seu recomeço e permanência na Escola Arco-Íris, agora adulto.

Sua matrícula foi feita depois que ele conheceu uma amiga “trans” que estudava lá (como aconteceu com outros estudantes trans ouvidos na pesquisa):

Marcos: “[...] devia ter mais escolas como essa. Eu acho. Porque... aqui tem... diverso... diverso... **diversas pessoas diferente.** Então é tipo... **quem é diferente se sente... aconchegante aqui.** Se sente... bem... se... Eu me lembro quando eu entrei aqui, no começo eu achei que não ia gostar, que ia ser igual com todas as escolas, né.” “Então, eu vim... uma amiga minha que era trans, que ela já tinha me avisado que aqui... tinha [falando baixo] *pessoas igual* à gente,

entendeu? Aí eu *to...* [...] na escola. Por mim, eu... continuava estudando aqui, mas eu tenho que sair, né?”.

Ele diz que tinha que sair porque já estava no 9º ano e a Escola Arco-Íris não possui ensino médio. E prossegue dizendo que gosta de estudar lá:

Marcos: “Eu gosto! Tinha que ter mais escolas iguais a essa aqui. Muitas mais escolas iguais a essa, professora. Tipo... de pessoas diferentes, sabe? Porque daí as pessoas é diferente ia se sentir melhor, não ia se sentir tão... **tão desprotegida**, né?”.

Marcos está dizendo, então, que a escola da memória, regular, é composta por pessoas “iguais” e não “protege” os estudantes. O que dá a proteção a ele é estar entre os iguais, ou seja, a **identificação** e o senso de **comunidade** são importantes.

Nesse ponto, questionei sobre o sentido que Marcos dá aos significantes “diferença” e “semelhança”; se em outro momento diz que na escola regular e da sua memória as pessoas eram todas iguais. Marcos responde que:

Marcos: “Não, as pessoas são *diferente*, só que as pessoas... tem bastante gente diferente, o que mais tem é gente diferente no mundo de hoje, professora. Só que as pessoas que... que... se acham melhor, vê nois como bicho, né? Quer... pessoas preconceituosas, né? Nem todo o mundo que vê... homossexual, trans... tipo assim, eu ainda... disfarço um pouco, né? Mas quando eu abro a boca... aí *eles* vê... que eu... sou mulher, aí já me olha diferente. Mas e as... *as travesti*? Que de longe dá pra ver quem são elas, né? O preconceito que *elas não sofre* quando elas entram dentro de uma sala de aula, com a maioria das pessoas hétero? Como que *elas não se sente*, né? Porque o olhar vai ser voltado tudo a elas, todas nós, que somos *diferente*. Pra eles somos *diferente*, mas nós é tudo igual, todo o mundo é igual [risos]. Só pensamos diferente, gostamos de coisas diferente! [risos].”.

A questão de estudar ‘com os héteros’ parece ser um problema também para Marcos, que na sua visão, se acham ‘melhores’ que eles que são pessoas trans, e isso é percebido ‘no olhar’. Além disso, outro ponto importante é a “atenção” que a escola e a família deixam de dar ao sujeito, e no seu caso específico, a ausência da mãe aparece:

Marcos: “É, porque daí... a escola passava, né, a dificuldade que o aluno tem, o problema que ele tem... em casa, a mãe, acho que ia... dar mais atenção,

porque as vezes na correria... *as mãe* nem percebe que o filho tá passando por problema, tá triste... nem percebe. (...) Quando vai ver, o problema só vai... aumentando. A criança vai ficando revoltada aí... **a criança vai partir pra outro caminho porque, a mãe nem viu.** Mas também, ela também... **a gente não pode culpar a mãe** que... No brasil de hoje. Tem que trabalhar dia e noite pra pagar um aluguel, pra ter uma comida... e ainda cuidar do filho?”.

Marcos: “É. Mais atenção... isso mesmo, *profe*. Porque as vezes... é... **tem... mãe que consegue ficar, cuidar do seu filho, dar a maior atenção, mas tem mãe que não consegue.**”.

E novamente a questão se apresenta: a solução para a permanência dos estudantes trans na escola seria a existência de comunidades trans na instituição escolar? Ou escolas “para trans”?

Marcos: “Eu acho que devia ter assim, escola, sabe? Diversificada, com pessoas... **héteros que entende as pessoas trans, as pessoas trans que... entende as pessoas hétero.**”.

Interessante notar que o significante ‘escola’ para ele parece ser sinônimo de ‘diversidade’, e que deveria haver um entendimento entre as pessoas héteros e as trans, o que significa dizer que a solução passaria então pela fala, pela escuta e pela relação entre a escola e a família, e falar sobre sexualidade na escola me parece ser um ponto importante.

Por fim, só depois que ele foi preso e passou a se ‘interessar’ pela leitura e trabalho, é que Marcos passa a planejar seu futuro e estabelecer relações e transferências com professores e com o saber, de alguma maneira, como quando ele cita ter um desejo de ir para o Chifre da África:

Marcos: “Hoje em dia eu me orgulho de mim, porque... eu... não sou mais viciado, eu... sou profissional... eu corto cabelo, eu tenho uma profissão, tenho meu diploma, tenho meu... espaço dentro da minha casa. Eu trabalho de faxina... *pra mim* pagar meu aluguel, me virar. E corro atrás das minhas coisas. Eu faço curso de espanhol... de... de fotografia. **E cada vez mais eu quero aprender, sempre tô agregando meu conhecimento com curso...** diferentes, sabe?”.

Marcos: “[...] não sei o que Deus pretende pra mim, pro meu futuro, mas eu sei que alguma coisa boa eu sou, porque... eu falei pra Deus, se um dia eu ganhar dinheiro, sabe pra onde eu vou? Lá *pro Chifre da África*. É, verdade! Se um dia eu ganhar dinheiro e for milionária eu vou lá *pro Chifre da África*,

professora, já falei pra Deus, que lá eu vou... tipo, passar pra eles um pouco do meu conhecimento, mostrar pra eles, sabe, que a vida nem sempre vai ser fácil, mas a gente consegue. Eu tenho esse sonho, de ir lá pra África, você acredita?”
[*Estávamos estudando o continente africano e sua regionalização nas aulas de Geografia].

Larissa viveu grandes traumas na escola no passado que a deixaram “com medo de voltar a estudar”. Agora, na modalidade EJA da Escola Arco-Íris, ela diz que se sente bem estudando, ainda que seu retorno tenha sido difícil:

Larissa: “Aqui melhorou... mudou bastante. Não é pela questão... pelo projeto, transcidadania. **Mas é pela diversidade das pessoas**, sabe? Os professores ensinam mesmo pra mim, eu fico muito feliz. Principalmente você, que tá aqui do meu lado. Eu agradeço você, te amo muito [...]”.

Larissa: “Aí... toda vez que eu venho pra escola eu fico ansiosa, assim, por... Aí, será que vai ser legal hoje? Aí, tem dia que eu não *tô* muito legal”. Mas, tipo, quando as vezes você *tá mal humorada*, você não *tá* bem... Chega aqui e muda completamente, sabe? Tem dia que eu chego muito... brava! E aí o professor fala, ‘E aí, tudo bom, como você tá, Larissa?’, aí eu fico, “Ah! *Tô ótima! É nós!*” (risos)”.

Larissa: “Entendeu? E aí... tranquilo! Mas... na época, em si, quando eu era adolescente eu sofri muito! Hoje em dia melhorou bastante. Mas né... quando eu fui voltar a estudar, quando eu entrei no trans, eu falei assim, ‘[...] eu tenho muito medo de voltar a estudar’. Aí o pessoal falou assim: ‘[...]’, mas tem uma escola que é maravilhosa, você vai gostar!”. Ah, mas eu falava assim, ‘mas será que eles não vão me aceitar do jeito que eu sou? Porque eu sou doida! Maluca, falo as coisas...’, aí eles ‘Não, eles vão aceitar você assim’, e aí ficou... Até hoje! Vou fazer quase dois anos que eu *tô* aqui.”.

Como os outros depoimentos, o que Larissa enfatiza sobre a Escola Arco-Íris é a **diversidade** das pessoas que lá estudam, e saber que existiam pessoas trans estudando nessa escola pelos funcionários do projeto Transcidadania foi fundamental na sua decisão de se matricular. Assim, ela não decide voltar a estudar em qualquer escola, ela retorna na Arco-Íris. Na verdade, foi preciso garantias para dar uma chance à escola, e nesse caso, a garantia de segurança era a existência da comunidade trans no ambiente escolar.

Ela acredita também que a escola pode ser um lugar de defesa das diversidades e onde se pode falar sobre as discriminações para que elas possam ser combatidas. Para ela, a escola deve saber “ouvir os alunos”: “Acho que... na época, né, na época passada, tipo, nos anos 2000, foi muito difícil *pras* pessoas que era gays. Eu... tenho amigos que contam história de como era, né? Acho que o meu, a minha história em si foi o mais difícil, porque eu nasci, no lugar muito... pouco acesso e via coisas horríveis da minha comunidade, principalmente LGBTQIA+, né, que... achava que gay era palhaçada, trans é marginal, lésbica é nojeira.”.

Larissa: “Eu sempre ouvi isso na (...) minha vida inteira. Entendeu? E hoje eu acho que, tenho certeza, que tem políticas públicas pra todo o tipo... de comunidade. Tanto negra, quanto LGBT, quanto pessoas que venham de outros países. Pessoas que não conseguiram terminar os estudos. Mas... eu acho que a maioria é assim mesmo. Hoje, acho que melhorou o ensino, mas eu acho que vai melhorar um pouco mais. Mas eu tenho certeza *que* melhorou. Eu não sei se é só nessa escola que acontece, mas acho que todas as escolas, acho que tem... **esse ensino que tem que dizer que... é... discriminação não é bem aceita em uma escola.** Entendeu?”.

Larissa continua: “[...] fazer... políticas públicas, explicar, dizer... que não é legal. Pessoas que se matam. Pessoas que matam outros professores e tiram vidas. É uma coisa muito difícil, muito complicada, e eu sei como é. Eu perdi um amigo, que sofreu bullying na escola, morreu... por fato de ser... negro. Muito negro. E ele sofreu muito por isso e se matou. Entendeu? [...] Então... é muito difícil. Ele estudava numa escola pública não! Ele estudava numa escola particular, só que ele era bolsista, ele sofria, por fato de ser bolsista. E ele se matou. E ele era novo, ele tinha 15 anos, ele morava perto da minha casa, no Maranhão. Lá no... bairro da Alemanha. A gente cresceu junto, e ele se matou! Tipo, pegou a faca e cortou o pescoço... Se mutilou todo. Pra (...) melhorar a escola, tem que ouvir os alunos também.”.

Dessa forma, Larissa defende que a escola e os professores tomem posição de enfrentamento das segregações, que falem sobre o assunto para que possam combater a violência.

Quando cedeu seu depoimento, Larissa era beneficiária do Transcidadania, projeto que conheceu por intermédio de uma amiga trans, e disse

que não pretendia trabalhar por hora; queria focar nos estudos. Ter alguém a incentivando para voltar a estudar foi muito importante na sua decisão:

Larissa: “Aí, eu entrei *pro* trans, porque minha amiga me indicou. Ela falou, ‘menina, vai estudar. Não tem que estar fazendo nada de casa. Vai estudar’. Ai, eu fui estudar.”.

Larissa é uma aluna muito presente e participativa na escola e diz que gosta muito de estudar na Arco-Íris. Tem muitos amigos e projetos para o futuro: “É... fazer faculdade, terminar o estudo, fazer intercâmbio, ter uma profissão, ter um diploma. Que eu não quero ser uma menina que fica na rua oferecendo prostituição, aceitando qualquer humilhação que seja possível. **Quero ser uma trans estudada, inteligente, incrível.** Que... eu não quero dar orgulho *pras* pessoas (...). Eu quero ter o orgulho de mim. Sabe? É muito difícil. A gente vive num país que mais mata a gente e também consome a gente. Então, é muito difícil a gente que vive aqui, sabe? Eu vi milhares de meninas que morreram... morreram por fato de ser quem são, e conseguiram entrar no caminho que elas... são obrigadas a entrar. Porque não têm apoio de família, da sociedade, em si.”.

Larissa: “Então, eu quero... não quero ser mais uma. Quero ser... eu me inspiro em várias mulheres, trans, que, sabe, pessoas LGBTQs que são sucedidas, bem-sucedidas, então, eu quero ser uma também. Quero dar voz a algumas meninas que também conseguem. Quem sabe eu for ser presidente deste Brasil? Elas me inspiram também, principalmente a Erika Hilton. Ela me inspira muito, tipo... ela dá [...] voz, principalmente pra gente, que a gente não era ouvida, a gente era muito [...] marginalizada. Acho que isso é importante, né, mostrar que a gente existe, a gente vai existir, existe pessoas como a gente, que também pagam impostos, dormem, comem, usam qualquer coisa, o serviço público também é obrigado, né? Que a gente não é um bicho de sete cabeças, a gente é gente como qualquer pessoa [...]”.

Larissa: “Porque professor em si é um... educador que ensina outras pessoas serem pessoas no futuro, entendeu? Então...eu nunca peguei aquelas pessoas que me ensinaram, de ruim, e trouxe assim na minha vida. Não, eu *deixei elas pra* trás. Eu só peguei pessoas que me representaram (...), me deram, ‘olha, isso e isso aqui...’, entendeu? Principalmente, isso da professora de 5ª série... mas ela me deu muito conselho, ela falou, “[...] ó, o mundo não *tá* preparado [...] *pra* vocês, mas eu sei que um dia vai *tá!* [...] o mundo, em si entra

numa ideologia que você tem que entrar num... num papelão, sabe? **Numa caixa que você tem que... tipo uma *barbie*! É, e ser igual... igual os outros. Só que eu não sou assim**, não. Eu [...] acredito nas minhas ideologias, nos meus... nas ideias. Eu faço o que eu quiser com o meu corpo, com o meu cabelo, com a minha cara, com tudo. Com as minhas roupas. Se alguém fala, ‘ah, eu não gostei’, “ah... foda-se. Mas eu gostei. Eu comprei com o meu dinheiro, não foi com o seu. Foda-se”. Eu falo sempre assim.”.

Em sua fala, Larissa consegue captar justamente o aspecto da educação ‘impossível’ – o de missão civilizadora e que se torna assim de acordo com Mannoni (1988), “[...] uma tarefa de destruição” (p. 33). Ao afirmar que o ‘mundo’ quer as pessoas iguais aos outros, e que ela não é assim, está tomando posição de recusa a esse aprisionamento que a escolaridade impõe aos sujeitos; ela recusa as normas e as regulações de conduta que anteriormente exigiam dela que tivesse “postura” e “comportamentos” adequados ao espaço escolar, negando o que Larissa tem de mais singular.

Xeila, por sua vez, diz que a educação seria melhor e menos nociva, como foi pra ela, se houvesse mais conversa e diálogo entre escola e família. Ela aponta que: “Então, a educação escolar, eu acredito que tem que ser tanto pro pai, tanto quanto para os filhos [...] fazer o que? Na escola? Uma vez por semana... ou uma vez por mês, ou duas vezes, que eu acho uma vez pouco por mês, chamar os pais, pra dar aula de educação social! Aprender os seus filhos a respeitar o pretinho, o magrinho, o da roupinha rasgada... Não ficar fazendo... zoação da cabeça, [...] do cabelo, do olho, dos outro. Não pode, tem que ser respeitado, o seu amiguinho!”.

Xeila: **“Educação, é o que está faltando, na escola, não, dentro de casa!** Criança tem que ser reeducada, se você não foi, é adulto, é pai? Se reedue. Se o pai não tem uma educação, uma **reeducação**, ele não vai passar isso pro filho. Então pra ser pai, pra ser mãe, tem que ter dom. Mas se tivesse uma educação em casa... ‘[...] ó, se você... se o teu amiguinho tem um jeitinho, meio meninozinho, tem um jeitinho de menina, não zombe, são pessoas, cada um tem o seu’. Tem que ser explicado pra criança, [...] ‘mamãe, porque que ele é assim?’, “[...] é porque ele é assim, você é assim, o seu amiguinho é assim. Então a vida é feita assim”. Por isso que eu digo, que hoje [...] eu nasci pra ser pai, pra ser mãe, **eu acho que eu nasci pra ser educador**. Acredita? Eu nasci

pra... educar... falar de pai, de mãe, de família, uma coisa que eu não tive, mas eu sei o que significa.”.

Para ela, a família tem papel muito importante na reprodução das segregações e discriminações, porque o que as crianças aprendem com a instituição familiar, reproduzem na escola.

A instituição familiar, segundo Mannoni (1988, p. 39), introduz a permanência, que “[...] é um fator de regulação (da conduta), de formação (do caráter) e de reprodução (de indivíduos semelhantes aos pais)”. A função da família, nesse sentido, é a de neutralizar as diferenças. Para a autora, a ideologia da instituição familiar, como de toda e qualquer instituição, participa estreitamente – através de formas sutis de dominação – da manutenção de uma ordem moral e social.

Dessa maneira, a proposta de Xeila seria “reformatar” as instituições, a partir do que ela chama de ‘reeducação’, por conter a ideia de que a educação dada pela escola e pela família é destruidora. E ela prossegue falando sobre a importância que dá para educação “de casa” e educação “da escola”: “Educação, respeito, é dentro da sua casa! E se o pai e a mãe casou, teve filhos, não teve uma educação ela vai passar isso pro filho. Na escola, não vai conseguir, por isso que acontece as atrocidades! Dentro das escolas, porque em casa não são reeducado! **Não tem reunião com frequência com os pais!** Os pais têm que ser... tão reeducado quanto os filhos! Já que são maduro e não têm uma educação, uma coisa, uma empatia! Ensina os pais!! Também! Incluso na escola... uma vez ou duas vezes por mês. Extrema necessidade dessa presença!”.

Xeila: “Gente, como vocês estão fazendo com os filhos, o que vocês estão passando pros seus filhos!?!” Uma educação, uma psicologia social para os pais! Lapidação psicológica dos pais, pra passar para os filhos, e os filhos levar para a escola! Aí vai mudar a geração! Porque... está... estou com quarenta anos e é a mesma situação escolar! O preconceito, a falta de respeito com o professor.”.

Xeila diz, então, que o fim das ‘atrocidades’ e violência na escola para aqueles que são “diferentes” passa necessariamente pelo estreitamento entre escola-família; ela sugere reuniões periódicas ou espaços de conversa sobre discriminação, preconceito e empatia. Ela também é uma excelente artista, e faz

desenhos e pinturas muito bem, tendo aperfeiçoado sua prática enquanto esteve presa, por dois anos e quatro meses, e sua experiência na prisão foi “maravilhosa”, nas suas palavras, porque saiu com **conhecimento** de lá.

Ela lembra que, “Na prisão, eu fiquei dois anos e quatro meses. Era pra eu ter ficado só seis meses. Aí eu passei um ano e pouco, acho que mais, quase um ano a mais do que era pra eu ficar. E eu não reclamei, não murmurei, [...] **foi no tempo que eu li!** O tempo que passou, que era pra mim ter saído, foi o tempo que eu fiquei, foi o tempo que foi da minha bênção, foi o tempo que eu senti que ali tinha algo pra mim. Não sei como foi que eu consegui descobrir isso, não sei se foi da minha crença em mim, em Deus [...]. No decorrer do tempo, do ano que foi se passando, se passando, **eu fui lendo, fui aprendendo**, [...] eu comecei a agradecer pelo tempo que eu estava lá dentro, pela minha crença. [...] Pra mim, sair com a minha colheita toda bonitinha, que eu senti o cheiro de tudo maravilhoso, que é o conhecimento. Foi maravilhoso! Depois que eu entendi que [...] lá foi minha faculdade da vida! Lá eu tive a oportunidade de estudar psicologia da mente humana, da criminalidade, das pessoas que estão lá, inocentemente, das pessoas que se arrepende, que não se arrepende, gente... E lá foi a minha faculdade da espiritualidade, da psicologia. A cadeia! [...] A cadeia é assim, ou você entorta, enverga e quebra, ou você vai se alinear em uma situação perfeita. E **lá foi a minha alinação**. Perfeito pra minha mente, pra minha espiritualidade. Lá é o paraíso. O paraíso pra mim, e também o inferno.”.

Assim como para Marcos, para ela, a experiência com a prisão foi positiva porque carrega daquele lugar uma produção de conhecimento. Que conhecimento é esse? Ela ainda diz que a cadeia foi a sua ‘*alinação*’ – significante que para ela pode se referir a ‘linear’ ou a ‘alienação’ – efeito da violência educacional.

Conta também que sempre gostou de desenhar, mas que foi no período em que esteve presa que ela reconheceu suas potencialidades com a arte, como se, ao se encontrar fora da instituição escolar marcada pelo poder das estruturas administrativas, Xeila pudesse se expressar e se interrogar sobre suas qualidades e autoexpressão...

Xeila: “Eu comecei mesmo por esporte, porque eu gosto... eu sempre gostei. E quando eu tenho a oportunidade, eu pinto um quadro, mostro pra uma pessoa, a pessoa gosta, compra... ou me convida a alguma coisa, entendeu?”.

Xeila: “Eu adoro a arte, eu adoro fazer coisa de unha, amo cantar, adoro treinar a minha voz, amo imitar voz, eu gosto de fazer um pouco de tudo! [...] eu não consigo me focar em nada, aí leva a vida inteira sem se dedicar a nada, sem me profissionalizar em nada. [...] eu tenho uma grande vontade de ser uma grande artista, fazer obra de arte maravilhosa, vender telas caras, [...] Única, entendeu? Obra-prima, assim, belíssima [...], eu já fiz algumas bonitas, mas eu posso chegar assim, a uma perfeição. Mas pra isso eu tenho que fazer tudo, eu tenho que me dedicar, e isso não é fácil... Não é fácil. Você tem que ter apoio da família”.

Xeila: “Ah, eu comecei a desenhar lá [na prisão], eu falei que eu sabia desenhar dentro da cadeia, e alguns presos pediam papel, canetinha pra mim, pra mim desenhar, pra fazer mensagem pra esposa, fazia desenho... aí lá eu... não só pros outros presos também, fazia... essas obras de arte, essas artes, assim, pros presos, pra dar pras esposas, e as esposas pagavam, traziam perfume, junto com creme, traziam creme de pele, trazia... comida, às vezes, até pagavam também... Então na cadeia, a pessoa se vira também. E [...] deu pra sobreviver, deu pra se virar”.

Durante o período em que esteve presa, ela disse que estudou e trabalhou na escola prisional, e sua relação com o conhecimento nesse período foi marcada por um encontro, não com um professor, mas com um diretor:

Xeila: “Estudei também, só que eu não gostei do ensino. Eu achei péssimo, [...] cheguei a desistir e chamar na diretoria lá. Que se eu parasse de ir *pra* escola ia *pro* pote, ia pegar (...) um ano ali de... suspensão, por conta de parar de ir *pra* escola, ou sem nenhuma justificativa. Aí, eu pedi o atendimento lá na diretoria com o diretor da cadeia, do presídio, e falei pra ele porque que eu não *tava* indo. “Eu não vou *pra* alguma escola onde não tem professor. Eu não vou chegar numa sala de aula, como vocês sabem, por aluno mais ignorante que eu. Que um cego não pode conduzir o outro”. Aí ele falou: O que você quer dizer com isso?” “Eu quero falar que lá só tem aluno ensinando aluno”.

Xeila então deixa de estudar para trabalhar na escola, e esse momento é importante porque revela que, para ela, a prisão foi um lugar de autoconhecimento e de relação com o aprender.

Ela conta: “Eu estava trabalhando, e não podia parar de fazer a função pra poder ler, ou fazer outra coisa. Aí, eu estava lá, eu parei, eu já estava nem trabalhando, eu comecei a ler o seu livro, lá, de filosofia, li vários dicionários, livro bom, li o evangelho. Tentei entender essa questão de religião, de espiritualidade, de Psicologia. Então esses livros tudo eu me debrucei... autoconhecimento”.

Xeila: “Foi, foi um cara que... um homem lá, o diretor, que cuidava da parte da escola. Eu estava estudando lá, ele chegou, me viu, abriu a porta, e viu que eu não estava trabalhando, **que eu estava lendo**. Aí ele se sentiu tão bem com aquilo que ele disse: ‘Não precisa fazer nada, não. Você pode estudar, e depois faz as coisas, estude. Estou gostando de ver’, e virou e fechou a porta. Sala de leitura, *tava* escrito. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, foi eu ter ido para a cadeia. Porque as coisas que eu aprendi na prisão, eu não ia aprender, no mundo que eu estava, na caixinha que eu estava eu não ia aprender. Lá... lá na cadeia, depois que eu li essa literatura de Psicologia, espiritualidade, de religião. Um pouquinho de política... **Ajuntei tudo, a minha mente virou a chave**. Eu vejo a vida com outra visão e, quando você tem essa visão, de chave virada, algumas pessoas te vêm como louca, como lunática. Por quê? Porque as pessoas vivem em coletividade, com uma ignorância coletiva.”.

É muito importante frisar que para Xeila, ela “adquiriu” um conhecimento sem o mestre – sem a figura de um professor ou mediador. Ela “juntou” tudo o que leu e elaborou, da sua maneira, um conhecimento sem escola, sem professor. Na Escola Arco-Íris, Xeila não era uma estudante assídua e, por vezes, desaparecia das aulas. Seria a consequência de elaboração de conhecimento sem mediação?

Me parece que ela recusa uma escolaridade tanto quanto recusa uma “domesticação”. A esse respeito, assim Mannoni (1988) explica:

A recusa da escolaridade é, paradoxalmente, para certos adolescentes, recusa a permanecerem prisioneiros de uma situação em que não se aprende nada do que seria útil na vida. As crianças armazenam conhecimentos fora da escola; na escola, aprendem a manter-se nos trilhos de uma domesticação.
(MANNONI, 1988, p.186).

Na prisão (e fora dela), Xeila recusa a escolarização, mas descobre novas possibilidades como forma de escapar dessa domesticação, dizendo que aprendeu a não aceitar tudo e a questionar...

Xeila: “A pessoa querer falar uma coisa pra mim que eu já sei, aí não é muito bom. Você pode até ouvir, mas não é bom você ouvir uma coisa que você sabe. Principalmente, quando uma pessoa vem com um contexto que você discorda, né, a pessoa só leu, isso aqui... Só que, aí, interpretou de uma forma diferenciada (...). Eu consegui ensinar isso que eu estou passando, a crença, o conhecimento, não abraçar tudo que passa para a gente. Saber de onde vem as situações... o que eu falo para você tem que questionar. Porque o que move o mundo é a crença, é a religião e a política, não tem como. A Psicologia também”.

Ao sair da prisão, Xeila diz que se deu conta da rejeição da sociedade para com as travestis, e atribui essa rejeição ao “comportamento” – significante que se repete.

Xeila explica: “Comportamento... trejeitos, forma de falar, de se expressar, com voz forçada. Isso é irritante! Eu sou trans, eu que sou travesti, tem um pessoal que fala pra mim... Que me irrita. Você não precisa perceber se é viado ou não, é o trejeito que irrita. [...] você não pode viver em sociedade. Você tem que usar o seu trejeito com naturalidade. É simples assim.”.

Xeila: “Amiga, na cadeia tem tudo. Tudo que tem aqui, tem na rua. E os comportamentos também. **Na cadeia eu fui tão respeitada... Na rua, eu fui bandido.** Bandido. Falavam que eu era exemplo na cadeia pelo meu comportamento. Pela minha ética, pela minha postura. E eu tinha respeito. Eu sendo viado, eu travestida na cadeia com a bíblia na mão às 7h30 da manhã, lendo. A bíblia... o povo tem medo de ler. A bíblia é uma biblioteca da vida! espiritualidade, é a espiritualidade, religião é o que você escolhe acreditar e servir, por isso que eu examinei todas as áreas, a parte cristã, espiritismo, de Deus, de tudo, tudo que você possa imaginar ou pesquisar. [...] meu conhecimento em relação à espiritualidade... *eles me trouxe paz*”.

A frase “Na cadeia, eu fui tão respeitada... Na rua, eu fui bandido” pode revelar que, enquanto esteve presa, Xeila assume outra posição, e o comportamento que, na família e na escola, deveria ser ‘corrigido’, na prisão foi

exemplo. Por isso, ser presa foi uma experiência “maravilhosa”, por permitir a ela estabelecer transferências que outrora não foram possíveis.

Essa relação com o conhecimento que foi desenvolvida dentro da prisão e fora da escola, sem professor e sem mediação, faz com que pareça que Xeila elabora o que apreende sozinha, se referindo sempre a “peças que se encaixam”, conhecimento que foi “juntado” em sua cabeça. Como, dessa forma, pensar em condições de permanência na escola? A perspectiva de futuro poderia passar pela conclusão dos estudos. Até o momento em que cedeu seu depoimento, Xeila trabalhava com prostituição em São Paulo, além de receber a bolsa do projeto Transcidadania.

Xeila: “Eu lhe digo uma coisa, uma espírita, em qualquer área que ela está conversando comigo, eu tenho um entendimento e dou uma direção direitinha assim, encaixa as peças. E o que eu não souber, eu garanto que com poucas palavras todas que eu tenho, eu encontro aquele conhecimento. Como você já deu aula pra mim, de palavras que eu estava fazendo, eu juntei duas, três palavras em uma só, e desvendei.”.

Xeila: “Então, tem coisas que não estão no nosso alcance, que não dá para a gente mudar, entendeu? Tem coisas que passaram a mudar, mas não dá. O futuro é imprevisível. O que eu posso fazer é viver o presente. Não quero morar na rua nem passar fome. Os meus dois único medo na vida é morar na rua e passar fome”. [...]. “Eu tenho uma vida muito digna, (...) estou dando graças a Deus”.

Suas palavras finais reforçam seu sentimento de arrependimento sobre ter se tornado travesti, mas diz também que é grata pelo conhecimento que adquiriu sendo o que é, sobretudo, enquanto esteve presa. Quais condições estão presente na escola prisional, que não se encontra nas escolas regulares?

Xeila: “[...] Eu só tenho que falar isso de me arrepender de ter virado trans e, ao mesmo tempo, agradecer, porque, nessa vida, a gente tem que se arrepender e agradecer. Se você não se arrepender de alguma coisa, você não vai ter o agradecimento, vai viver sem gratidão [...]. Então, vem o arrependimento da rejeição, e vem a gratidão do conhecimento”.

Assim como Xeila e Marcos, Amanda ficou presa por sete anos e, nesse retorno aos estudos na EJA, ela comenta que as principais dificuldades é conciliar sua profissão com os estudos, e em um momento do seu depoimento

ela revela que o que faltou a ela para que ela permanecesse na escola era “incentivo”, especialmente de sua mãe.

Amanda: “A minha dificuldade, professora... de estudar assim é porque... tipo assim, quando você vive na casa dos outros, morando de aluguel e.... tem uma... a minha profissão era essa, garota de programa, então... não pensava [...]. Eu não tinha... outros focos na vida, eu não tinha... não pensava assim no meu futuro, pra mim eu ia encher minha conta de dinheiro e ia ficar fina, e ia comprar minha casa, e... ia voltar muito bonita lá pra... pra minha cidade, de carro, de isso e de aquilo. E não foi nada disso.”. “É, tipo assim, uns... uns... conselhos, assim, tipo assim, minha mãe falando... falando assim pra mim, alguém que... Aí, minha madrinha também junto, pegando, falando...”.

Depois de adulta e de cumprir sua pena na prisão, sua mãe a incentiva a terminar os estudos e, especialmente, ela vê que é possível estudar novamente depois de ver uma mulher trans saindo da Escola Arco-íris. Nesse momento, **então, decide voltar a estudar**. Qual a importância e a necessidade da fala de sua mãe; sobre o desejo dela para Amanda?

Quando ainda era criança, os pais de Amanda parecem não expor seus desejos a ela, nem revelar o que querem dela. Não pegavam no seu pé, como ela disse reiteradas vezes; não “ligavam” se ela voltava tarde da escola, se ia para a escola ou não, mas há um desejo exposto – que ela não se tornasse uma mulher e, posteriormente, sua mãe também deseja que ela voltasse a estudar, como se o discurso da mãe selasse o destino da sua filha.

Assim, para Amanda, uma condição importante de permanência na escola é o ‘incentivo’ da sua família – saber do desejo (da sua mãe) para seu futuro: só é possível estudar com o apoio da sua mãe.

Só mais à frente em seu depoimento, os empecilhos para o retorno aos estudos aparecem – o medo por ser travesti e trabalhar com prostituição e o seu isolamento com relação à família:

Amanda: “Uma coisa que eu tinha comigo assim, na minha cabeça, eu falava assim ‘ai, mas eu sou travesti, eu sou trans, ai..., como se... é. (...) Aí, sempre colocava um empecilho, né, uma por eu ser travesti, e a outra... tipo assim, a dificuldade pra mim... voltar a falar com a minha família, pra mim poder pedir, porque ia precisar de histórico, essas coisas tudo, entendeu? Aí sempre... me desanimava.”.

Amanda: “Meu medo de, *tipo assim*, de... ser maltratada, de... sofrer preconceito... dentro da escola... Quando eu cheguei a pensar em voltar a estudar lá em Anápolis de Goiás era isso... [...] que nem eu achava... eu pensava sobre minha família, achava que... se um dia eu *procurasse eles*, eles iam me... me receber mal, me mandar eu embora, não iam querer saber de mim...”.

Pensar que sofreria preconceito a impediu de voltar à família e à escola, porque pensava que, nas duas instituições, haveria “olhares tortos” para ela. Não era o preconceito em si, mas o medo do preconceito: a fantasia de sofrer agressões e rejeições na família e na escola depois de se tornar travesti:

Amanda: “Sim, quando eu pensei em voltar, foi isso também, né, **me faltou incentivo**, incentivo assim, de conhecimentos, assim... de pessoas falarem assim ‘não! Vamos lá, a escola é assim, não tem isso, não tem...’. Isso era em dois mil e cinco, dois mil e seis, quando eu pensei em voltar a estudar...”.

Me parece que Amanda procurava garantias para voltar a estudar, e encontrou nos incentivos que recebeu da mãe e de uma colega trans a confiança de que precisava. Mais uma vez, ela procura um grupo que pode lhe dar uma “segurança” e “estabilidade”.

Amanda: “Eu fiquei sabendo do Transcidadania, depois em fevereiro... **que aqui estudava um monte de trans, que eu procurei esse colégio. né...** Que aqui estudava gente [...]. “Aí, a gente sempre via... um monte de... As trans saindo daqui.” .Aí, eu perguntei uma vez pra uma, ela falou assim: ‘Ah, eu estudo ali, não sei o que...’ Ela falou assim: ‘Ah, porque lá é o colégio que mais tem trans”.

Ela disse ainda que a experiência de retornar aos estudos está sendo positiva, e estar com outras pessoas trans a fez voltar a gostar de estudar, como era quando ela estava no ensino fundamental, tanto que não pretende parar mais...

Amanda: “Mas a minha relação está sendo maravilhosa com a escola, não quero desistir, *tô empolgada*, vou continuar meus estudos, quero ver se eu consigo essa bolsa, se eu consigo uma bolsa pra faculdade, quando eu terminar agora o ensino médio, conseguir uma bolsa... Numa... Numa faculdade pública, eu vou entrar nessa, eu quero continuar assim.”.

Patrícia volta à escola na EJA aos 38 anos por necessidade de adesão ao programa Transcidadania e ela opta por se matricular na Escola Arco-Íris por

indicação dos funcionários do programa, como aconteceu com os demais ouvidos na pesquisa.

Patrícia: “Conhecia... quem me indicou foi [...] o Transcidadania, né? Foi o CRD que me indicou. Falaram assim [...] ali no... [...] ali no Cambuci tem uma escola, que estuda [...] **diversas, várias pessoas... igual a gente**, e tal, vai lá, [...] se gostar de lá, faz a matrícula [...]. Aí eu vim pra cá, quando eu vim fazer a matrícula, até a diretora perguntou se eu era mulher. ‘Você é mulher?’, [...] “eu sou mulher não”. **Acho por causa do comportamento, né?** Falei, “[...] eu não sou não”, aí falou [...] perguntou pra mim se eu queria estudar aqui [...] Eu comecei dia sete de fevereiro, né? Do ano passado.”.

Algumas questões se colocam: O que é ser mulher? Como é um comportamento de mulher?

Para Leguil (2016), o gênero (feminino/masculino) é o lugar de um questionamento “[...] que, em termos precisos, não encontra resposta no nível das normas sociais” (p. 87).

Desse modo, não há uma norma do que é ser mulher, porque o gênero é singular, da história e interpretação do um. Para a autora, o gênero, em Psicanálise, é concebido para além dos determinismos anatômicos ou sociais e, por mais que os sujeitos trans, como Patrícia, sejam aqueles que questionam as normas de gênero, por vezes, encontram-se na normalidade imaginária se apresentando como sabendo quem se é, o que se quer e aquilo que deve fazer. Talvez a solução que Patrícia encontrou para o sintoma seja justamente se colocar na normalidade imaginada do que é ser mulher, ignorando as contradições com a norma.

A autora ainda revela que,

Se o termo gênero designa uma posição subjetiva relativa ao ser sexuado, se ele designa um modo de ser e não um comportamento, então ele pode ser concebido para além das normas. Esse modo de ser não é abstrato. Com efeito, ele se atualiza em atos e falas. Mas estas são assumidas em primeira pessoa. Esta é a perspectiva apresentada pela Psicanálise lacaniana sobre o gênero. Se, em Psicanálise, alguma essência do gênero precede à existência, é uma essência da ordem da fala e da linguagem. (LEGUIL, 2016, p. 111)

Ou seja, o gênero lacaniano é um modo de ser, uma posição que o sujeito assume e uma maneira de ser que remete ao inconsciente, ligado à singularidade do ser. Por isso é impossível capturar um “comportamento” de mulher a que Patrícia se refere. Assim, o gênero vai além dos papéis sociais, não sendo um imperativo categórico.

Ser uma mulher, ou no caso, parecer uma mulher, é algo muito importante para Patrícia, o que vai de encontro com o que pensa Leguil (2016, p. 136): *“O apego às normas de gênero é ainda mais potente por recobrir uma ausência total de saber quanto a essa questão”*.

A autora ainda apresenta que, no jogo de gênero,

Para além da mascarada, há um endereçamento ao Outro e um modo singular de responder à angústia, a partir dos efeitos das palavras sobre o próprio corpo. O gênero que se tem, no que diz respeito ao Outro, ou o gênero que se é, se assentam numa interpretação ligada a uma história íntima, constituída de bons e maus encontros, de desejo e de repetição, de avanços e retornos ao mesmo. Portanto, esse gênero não remete a uma natureza ou a uma convenção. (LEGUIL, 2016, p. 112)

Então, ser mulher/homem é uma construção do sujeito a partir das suas experiências íntimas e está ligado ao gozo que põe em jogo o corpo, sendo, portanto, o gênero um lugar de questionamento que não encontra respostas no nível das normas sociais.

E, novamente, de certa maneira, aparece o senso de comunidade como importante para a permanência à vida escolar. Patrícia diz que o retorno aos estudos foi “diferente” e que a escola é um lugar legal para as trans...

Patrícia: “Ah, *pra* mim assim, foi diferente... foi bom, porque aqui, aqui, assim **a gente vê várias classes sociais, né?** Da... assim, dos gays, aos travestis, aos homens, aos homens que se vestem de mulher e dizem que é trans, mas não é, entendeu? E as mulheres cis, né, que estudam aqui, né. Mas... eu [...] gosto da escola aqui, sim, eu adoro essa escola. Eu só não gosto, já te falei, da parte do lanche. É só isso que eu não gosto. É... Eu fui bem recebida, eu [...] fui bem acolhida, entendeu? [...] Daqui eu gostei, sim”.

Patrícia: “Não tenho o que reclamar daqui não. Eu indico [...] a todos a vir pra cá, que eu conheço, né? Aqui é bom, sim. Os [...] professores são

maravilhosos, não tenho o que reclamar deles não. Conversa, chega... **não tem nojo da gente**, abraça, não é que [...] ficar longe... perto da gente. **Todo o mundo é igual aqui.**”.

Patrícia também conta que, depois que se casou com seu atual marido e voltou a estudar, não pensa mais em trabalhar com prostituição: “Porque eu não tenho vontade mais. É uma vida muito sofrida, né. Ah, é muita humilhação, né. Aguentar esses homens na rua, né. Aí, eles fazem tudo o que eles querem, entendeu. E não quer pagar o preço justo pra gente, né. E por isso que muitas da gente, assim... bate em marido, bate em cliente, rouba cliente. O cliente vem pra sacanagem também, né. Quer fazer sacanagem com a gente. E aí a gente tem que retribuir (...). Tem que retribuir o que ele quer fazer com a gente, né. E aí muitas vão presas por causa disso. Mas muitas vezes errados são os próprios clientes... que combina um preço, chega na hora. Quer falar, ‘ah não, eu vou pagar só isso pra você’.”

Além disso, diz que reencontrou na escola muitas travestis que conheceu nas ruas enquanto trabalhava com prostituição. E a esse respeito: “Muitas que a gente reencontra aqui... tem muitas que pensam que a beleza não acaba. Quem vai querer viver na rua o resto da vida? Eu não quero. Eu quero terminar meus estudos e quero trabalhar. Eu quero voltar pra rua, não! Só volto em um último caso, entendeu? Em último caso... É falar... ‘poxa, eu vou ficar com fome’... Mas eu não gosto de passar por isso. Já passei, sim, mas hoje não. Hoje eu tenho força de vontade. Eu estou estudando hoje, e hoje, graças a esse marido que eu estou agora... Ele me apoia. Ele sempre vem na escola comigo, participa das coisas que ele pode. **Não tem vergonha de mim. Ele enfrentou o pai dele, enfrentou a mãe dele por mim.** Esse sim eu tenho que dar valor, entendeu? Ele sempre está comigo. Se eu estou bem... ele pergunta. Se eu estou precisando de alguma coisa, o que ele pode me ajudar. Me ajuda sim”.

Por fim, as dificuldades em retornar aos estudos aos 38 anos são muitas, mas Patrícia tem muita força de vontade para concluir a escola, pois tem um sonho – de ter um trabalho com carteira assinada:

Patrícia: “Acho que a gente que está na escola, tem que ter força de vontade. Se não tiver força de vontade... Terminando o médio, eu fecho. Não quero estudar mais, não. Quero trabalhar. Não quero estudar mais, não. Terminando no terceiro, eu fecho. Está bom demais. O que eu não terminei no

fundamental quando eu era novo, eu estou terminando agora com 38 anos. É isso mesmo. Eu só estou terminando porque a força de vontade é grande. Se fosse para desistir, eu já teria desistido no primeiro ano. É difícil.”.

Patrícia: “(...) tem dois anos que eu não faço programa, né. A minha vida é da casa, da escola, de escola, curso, do curso pra casa. Nunca trabalhei registrada, não. Meu sonho é trabalhar, né [...] eu sempre trabalhei assim por indicação, né? Teve vários, só que nunca assinado, não registrado.”.

Para que estudantes que vivem experiências trans identitárias possam permanecer na escola, é importante, enfim, refletir sobre como a família e a escola podem ser segregadoras ao anular o desejo do sujeito em prol de uma lógica da reprodução, o que faz com que o sujeito se defenda.

Os estudantes trans resistiram a essa fabricação do sujeito pela norma, que visa à boa conduta e postura e, por isso, ouvir as necessidades deles e delas é fundamental para que a escola possa ser, de fato, inclusiva, criadora de novas transferências e novas significações.

CAPÍTULO 4: PSICANÁLISE E TRANSEXUALIDADE

4.1. Gênero, Psicanálise e sujeitos trans: desafio à normalidade

Para o desenvolvendo desta pesquisa, fez-se necessário trilhar um caminho complexo que envolve temas e conceitos conflitantes e gênero. Sem dúvida, está no cerne dessa problemática. Desenvolver uma proposta de abordar o conceito de gênero como categoria de análise a partir de determinada perspectiva, como a histórica e social, por exemplo, não é exatamente simples, posto que há uma multiplicidade de definições possíveis para o conceito.

Clotilde Leguil (2016), em sua obra “O ser e o gênero: Homem/Mulher depois de Lacan”, esclarece que há duas abordagens opostas no estudo de gênero: o determinismo natural e a construção social/cultural. E, no que pese as muitas diferenças entre elas, ambas consideram o sujeito como sujeitoado. De acordo com a autora,

De tal forma que o gênero, homem ou mulher, aparece para alguns, doravante, como uma NORMA que leva à sujeição e que faria obstáculo ao ser verdadeiro. De tal forma também que o gênero aparece, para outros, como um determinismo natural, em nada decorrente da interpretação improvisada dos seres em sua relação com seu corpo sexuado. (LEGUIL, 2016, p. 26)

Assim, gênero está localizado entre o determinismo biológico, onde todas as respostas estão no corpo, e o construcionismo social, esfera da cultura, da construção social e dos discursos. De toda forma, a autora questiona se o gênero não seria um “dever ser alienante” e uma “marca violenta vinda do Outro e levando cada um a renunciar ao que tem de mais singular?” (LEGUIL, 2016, p. 26).

Inegavelmente, gênero como categoria de análise tem forte relação com a cultura e com atribuições de espaços sociais diferentes entre homens e mulheres, muitas vezes visível nas situações de discriminação feminina e nas violências de gênero. Há, portanto, lugares desiguais em diferentes áreas da vida social que se relacionam a aspectos culturais que participam da delimitação desses lugares. Ou seja, as desigualdades ligadas ao gênero são produzidas e relacionadas a campos de poder, mas também, à linguagem, a símbolos e normas, a políticas e identidades.

As discriminações e desigualdades de gênero também estão presentes nos dados relativos à população trans, que revelam que a grande maioria das vítimas de assassinatos e violências são *mulheres trans e travestis*. Existe, então, forte relação entre corpos trans e gênero.

Partindo disso, pensar em como *o gênero constrói significados que são naturalizados* e, de certa forma, *falsamente perpetuados na cultura* significa dizer que os gêneros são construídos socialmente e que, portanto, podem ser desconstruídos?

A proposta de refletir sobre a definição de gênero como a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, nos leva a pensar na “fixidez” desse conceito. E, partindo da abordagem social/cultural, se o gênero é construído historicamente e socialmente, sendo naturalizado, portanto, quem foge ao binarismo de gênero masculino/feminino está contra a ordem fixa de toda a sociedade.

Para essa reflexão, a leitura de obras a partir da perspectiva antropológica, das ciências naturais e do ponto de vista histórico, das autoras Adriana Piscitelli (2009), Anne Fausto-Sterling (2002) e Joan W. Scott (2012/2019), respectivamente, podem contribuir para ampliar o debate acerca das bases biológicas *versus* histórico-sociais da *construção do gênero*, de suas normas e relações sociais e de poder envolvidos.

Segundo Scott (2019), pode-se pensar na relação entre gênero e relações de poder, ou melhor, no processo de construção das relações de gênero como processo social, considerando também o efeito do gênero nas relações sociais e a autora defende que...

[...] o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder. [...]. Estabelecido como um conjunto de referências, o conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. (SCOTT, 2019, p. 66)

As diferenças biológicas, a divisão sexual do trabalho e a reprodução são pilares dessa organização concreta e simbólica da vida social, a qual o gênero serve de *estrutura* para a construção diferencial do poder. Ou seja, o gênero, para Scott, é uma forma de decodificar sentidos e compreender as relações complexas entre diversas formas de interações humanas, como a política e a cultura, em que o poder está relacionado a um gênero específico, o *masculino*. De acordo com os depoimentos colhidos até o presente, os maiores agressores de mulheres trans e travestis no Brasil são homens, que se colocam, provavelmente, em posição de poder e se autorizam a agredir livremente.

A autora reforça ainda em seu texto que discursos políticos e de classe (com definições normativas de gênero) são bases da naturalização das diferenças sexuais (masculino e feminino), o que legitima e perpetua as desigualdades de gênero.

É importante notar também como a autora tece a ideia de que o gênero legitima o poder (público/político) por ser uma referência que parece ser fixa e segura, e que mudar o poder implica revisar os termos e normas naturalizadas.

Talvez por isso pessoas trans tenham tanta dificuldade de aceitação social: Escolher viver e se expressar a partir de referências culturais do sexo oposto ao do seu nascimento é, em síntese, desafiar a estrutura social e a “ordem natural da história”.

Porém, destaca-se que, para Leguil (2016), tais referências aparentemente estáveis criam estereótipos do que é ser homem e ser mulher e, por eliminar as singularidades, estão postos a serviço da exclusão do Outro.

De acordo com a abordagem sociológica e política (ou social/cultural), os conceitos de gênero e norma são úteis por possibilitarem reflexões sobre reconhecimento e direitos de pessoas que fogem às normas de gênero da sociedade, ou seja, existe uma utilidade ética e política no contexto de homofobia e das exclusões. Porém, sob essa perspectiva, o sujeito não deixa de ser sujeitado à sociedade e à cultura na qual está inserido.

Desse modo, teóricos das ciências sociais e políticas e sua relação com o conceito de gênero são importantes para a luta por reconhecimento e direitos das pessoas que vivem experiências trans identitárias, mas é a Psicanálise que vai fornecer um suporte conceitual das soluções individuais que o sujeito encontra para a sua sexualização e identificações, sempre singular. O sujeito não é sujeitado por normas sociais/culturais e nem pelo determinismo biológico.

Para Leguil (2016), “Denunciar os estereótipos de gênero é certamente um exercício necessário, caso ele permita abrir caminhos que um sujeito poderia previamente interditar a si mesmo em virtude de seu gênero” (p. 29) e complementa que o ponto de partida de todas as proposições sobre o gênero poderia ser “[...] a dificuldade dos sujeitos de se sentirem confortáveis no gênero, num gênero, nos gêneros [...] o sofrimento dos seres diante do gênero, quer seja o dele ou o do Outro”. (p. 30). As pessoas que vivem experiências trans identitárias não sofrem de um mal-estar social, mas sim, pessoal, singular, íntimo.

A autora apresenta ainda que a história de cada um, como ser de um gênero ou de outro, ou de nenhum, é uma história clandestina e não evidente, “uma forma de estranheza” e que o que é ser homem e o que é ser mulher não é óbvio. Ela afirma ainda que “É mais através da fala do outro que se aprende a conhecer seu próprio gênero”. (p. 31).

O gênero, a partir da abordagem psicanalítica,

[...] remete a uma parte íntima que não é dizível nem em termos de estereótipo, nem em termos naturalistas. Pois o gênero não é uma marca indelével. O gênero é precário. Seja qual for o corpo que se tem, sentimo-nos homem ou mulher segundo alguns encontros, segundo algumas emoções, segundo algumas paixões sentidas em dados momentos da existência. Não se trata de um caráter adquirido de uma vez por todas”. [...] Mas o gênero nos escapa, assim como nos escapa o que põe em jogo nosso desejo. [...] Pois o gênero toca a questão do ser mais além dos adereços e do semblante. (LEGUIL, 2016, p. 32)

Então, o que diferencia a abordagem psicanalítica de gênero das demais (social/cultural e biológica), é a articulação entre o ser e o gênero (e não o sexo e o gênero). Gênero seria, portanto, aquilo que desperta em cada um, de forma singular e íntima, a questão do que e de quem ele/ela deseja, sexual e amorosamente. Justamente, nos depoimentos, ‘ser trans’ se apresenta como algo natural, do próprio sujeito, enquanto parte da constituição do ser sexuado e de uma certa “identidade”. Considerando que cada ser sexuado (ou *falasser*) que participou da pesquisa é singular, neste capítulo busquei destacar somente aquilo que **se repete na fala dos estudantes ouvidos na pesquisa** em relação à família, ao processo de transição de gênero e às violências, ou seja, ao que remete aos desafios à normalidade que esses sujeitos representam.

No que se refere às primeiras referências de masculino/feminino para o sujeito, seu núcleo familiar, parece haver uma lei primeira: ausência da mãe (simbólica ou real) e agressividade/violência do pai/figura paterna. Como no caso de Bianca; seu pai era bastante agressivo e sua mãe não a quis em casa quando ela se assume uma pessoa trans.

Bianca: “Então, menina, eu nasci no Rio de Janeiro. Eu... praticamente, é, quer dizer, era dez filhos, onze comigo, né, cinco homens, cinco mulheres. Eu ficava [...] lá, no meio do mato, meu pai era aquela coisa nordestina... Meu pai era daquele que... [...]. Quando a minha irmã, é... ficou grávida, ele queria abrir a barriga da minha irmã pra tirar a criança de dentro... Aí, ainda pegou a minha irmã, ainda pegou o cara que engravidou a minha irmã fez levar... sumir com a minha irmã do Rio de Janeiro. Aí o cara abandonou minha irmã lá no Ceará, minha irmã voltou pra casa e mesmo assim, querendo matar minha irmã, agora imagina se ele descobrisse!?”.

Bianca: “(...) Meu pai matava. Meu pai era tipo... Ah, ele... Por... por qualquer besteira, ele metia a faca na pessoa, ele [...] já foi trabalhar em obras, foi [...] mandado embora porque matou o chefe. Ele escreveu, não leu, ele metia a faca [...] Pelo amor de Deus! Se ele soubesse... Minha cabeça, ele arrancava o pescoço fora, porque... para ele, homem é homem, mulher é mulher, não existia esse meio termo... Menina, a gente [...] gente dormia 7 horas da noite, eu nunca vi natal ou ano novo quando meu pai era vivo. Eu escutava aquele barulho, mas eu nem sabia o que que era. Meu pai era aquela coisa, arroz, feijão, carne, e... bola pra frente! Menina, a gente [...], a gente dormia 7 horas da noite, eu nunca vi natal ou ano novo quando meu pai era vivo. Eu escutava aquele barulho, mas eu nem sabia o que que era”.

O significante “pai”, como uma figura violenta, agressiva e capaz de “matar” uma pessoa, esteve muito presente durante toda a fala de Bianca, e em Psicanálise, o significante “pai” refere-se a dono de sentido, “[...] a quem remeter-se em última instância.” (FAJNWAKS, 2023, p. 48).

Quanto ao ato de sair de casa com apenas 12 anos, Bianca diz que não foi possível continuar na casa da família: “Não! Porque minha família me queria com roupa de homem. Não era isso que eu queria pra minha vida... Entendeu?”.

Bianca: “Sabe o que acontece com a maioria das travestis, quando envelhecem? Viram tipo mucama. Vira escrava dos outros travestis, porque você não ganha mais dinheiro. Você está velha. Você vai para a rua e ninguém te quer. Aí, o que você faz? Por uma cama, por um prato de comida. A sua família não te aceita. Se você... se sua família não te aceita, você boa, nova, vai querer uma tranqueira dentro de casa, uma bicha velha. Eu mesmo. Graças a Deus! Deus foi muito bom comigo. Só tenho que agradecer esse fato que eu tive. Que, graças a Deus, deu para dar um jeitinho. Não sei até quando, mas está dando. E se eu tivesse ficado toda torta, tivesse ficado com AVC?”.

Recentes estudos lacanianos e discussões sobre a transexualidade nos ajudam a pensar a estrutura familiar que, muitas vezes, se mostra conservadora e violenta e que acabam por contribuir para que muitas pessoas trans e travestis saiam de casa ainda na infância.

Para Fajnwaks (2023), o patriarcado se refere a um sistema social e familiar, mas não somente. Pode-se adicionar esse termo a um complexo que assegura o sentido, se abordado pelo lado do gozo. O autor revela que, “[...]”

Recordemos que o Pai Simbólico é, para Freud, em ‘O mal-estar da civilização’, aquele que justamente introduz a cultura, além do polo do desejo ou do gozo da mãe.” (FAJNWAKS, 2023, p. 49).

A questão levantada pelo autor, é a seguinte: “O que acontece quando esse lugar se apaga, como é o caso hoje na civilização, onde a dissolução do laço social anuncia o serviço ao gozo dos Uns-todos-sós, mais além do todo Universal?” (p. 49). Para Freud, é nesse ponto que emergem gozos solitários, ‘autísticos’, que “[...] não se referem a nenhum conjunto que permita fundar um universo de discurso, mas realidades discursivas cada vez mais fragmentadas.” (FAJNWAKS, 2023, p. 49).

Mesmo tendo uma família numerosa, de muitos irmãos, aos doze anos, Bianca já se via só, dissolvendo o laço social e familiar que a mantinha em casa. Ela prossegue: “Não tive adolescência nem infância [...]. Com doze anos, eu estudava, né...E com doze anos, eu *tava* me prostituindo. Com quinze anos, eu ainda estava estudando. Com quinze anos, eu tive que me reinar [...]. Já tava colocando silicone no meu corpo *pra* ganhar mais dinheiro”.

Marcos, Patrícia e Xeila foram criados pelo pai, porque a mãe faleceu quando eles ainda eram crianças. Esse pai é uma figura complexa – alcoólatra, violento e/ou ameaçador.

Marcos: “Meu pai... ele era alcoólatra. Quando minha mãe faleceu, ele não... não quis ficar com a gente. Minha irmã mais velha que é quem cuidou de nós, né? Já era casada, morava no centro de Rondônia. Aí quando minha mãe faleceu, o pai deu... doou eu, a C. e a S., que *nós era* menina e pequena, tipo, não servia pra nada pra ele, sabe? Aí quando minha irmã mais velha foi visitar a gente depois que a mãe morreu pra ver como que nós tava, cadê nós? Cadê a gente? Aí ela descobriu que o pai tinha doado, só tinha ficado **dois irmãos** lá, que *eles era* forte e homem, né, podia ajudar ele no trabalho, né...”.

Mais uma vez a questão que se impõe é: o que é ser homem? O que é ser mulher? Parece-me que Marcos rejeita a posição feminina – a que fora abandonada pelo pai após o falecimento de sua mãe e que pode significar o oposto de ‘forte’ e ‘homem’, tomando posição masculina na lógica da sexuação. Há, assim, uma identificação com o pai e contra-identificação com a figura feminina.

Leguil (2016) afirma que o paradigma da diferença dos sexos em Psicanálise tem a ver com uma lógica inconsciente da relação do sujeito com o Outro. Não há determinismo natural ou social. Ela apresenta, assim,

Pautados na relação íntima com o Outro, com aquele ou aquela que encarnava uma certa versão do homem e da mulher, é que nos situamos, no começo, como sujeitos sexuados. O paradigma da diferença dos sexos em psicanálise não conduz a nenhum determinismo (...), mas, sim, a uma lógica inconsciente que faz com que o sujeito seja marcado pela maneira como ele se viu desejado ou rejeitado, amado ou odiado, deixado cair ou acarinhado pelo Outro. (LEGUIL, 2016, p. 113)

Patrícia também tem em seu pai uma figura ameaçadora, violenta e agressiva com ela e com sua mãe, o que pode ter levado a uma rejeição da sua identidade masculina:

Patrícia: “Eu lembro de tudo o que eu passei de infância até agora vivendo em São Paulo, eu não esqueci de nada [...] que eu passei. Já passei fome, passei dificuldade, minha mãe teve que pedir na rua... pra sustentar a gente, meu pai [...] ganhava três salários, e nunca comprou uma calcinha pra minha mãe, **batia na minha mãe**. Batia nos meus irmãos. Minha mãe [...] teve que é... assim, **chegar a pedir esmola na rua, levava eu e meu irmão gêmeo pra pedir com ela**. Meu pai nunca deu nada pra gente.”. “Meu pai nunca me ajudou em nada, né. Meu pai tinha preconceito, né. Por [...] eu ser o filho caçula, e ser gêmeos com meu outro irmão, ele nunca aceitou, entendeu, **e ele sempre me batia...**”. “Aí, eu vim pra São Paulo, em dois mil e... [...] em dois mil o meu pai faleceu, né, graças a Deus, né, que ele esteja bem longe de mim [risos]. Tô sendo sincera. [...] Meu pai nunca gostou de mim.”.

Patrícia: “Aí, depois [...] em dois mil, meu pai faleceu, né, de ... mal de Alzheimer né, mal de Parkinson, que eles falam, né? [...] Ele faleceu disso, ele virou criança, né? Aí ele... ficou doente, ficou, é... internado, virou criança, aí só... dos filhos dele que ele lembrava o nome era só o meu. Dos meus irmãos, não lembrava. Dos outros que cuidou dele, ele não lembrava nem o nome, **era só o meu que ele cuidou...** que ele lembrava meu nome, só. **Só o meu nome que ele lembrava**. Eu não cuidei dele, não. Ele pedia... ele pedia pra *mim* ver ele no

hospital, eu fui ver [...] pediu perdão pra mim, eu não *perdoei ele*. Não perdoei de jeito nenhum, não perdoo.”.

No lapso, Patrícia diz que “Era só o meu que ele cuidou”. Seria um desejo seu de que seu pai cuidasse dela, ou ela de fato foi cuidada, mas não como gostaria ou precisaria?

Xeila não conta que foi agredida pelo pai, mas as ameaças eram inúmeras e, de certa forma, marcam seu corpo. Além disso, apesar de não ter lembranças da sua mãe, a “madrasta” a criou como uma filha, e seu núcleo familiar mais próximo era composto, então, pelo pai, a madrasta e uma irmã mais velha:

Xeila: “A minha infância... Na minha situação, a minha mãe morreu, eu tinha... ia fazer três anos. Eu era uma criancinha, aí fui criada pelo meu pai. Meu pai alcoólatra, não tinha... Assim, família... daquele jeitão, do jeito que é. Sem educação, criada na casa dos outros, que nem esses... meninos, essas crianças de interior, de sertão, é tudo assim. Criada nas casas dos outros, não tem nada. Não tem educação, não tem nada. É muito difícil você ver uma criança do interior que tinha uma educaçãozinha, mais ou menos. É só o palavrão, (...) essas coisas.”.

Xeila: “Irmãos eu tenho, mas não tenho, entendeu? Porque não dá pra falar que eu tenho dez irmãos se... nove não fala comigo. Entendeu? Então, não adianta falar que eu tenho dez dedos na minha mão, e eles estão *duro*, paralisado, e não movimenta... *Pra* me ajudar, ou faz parte do meu corpo. Eu tenho cinco dedos, ou dez, mas *tá* duro, *tá*... só de enfeite. Eu tenho dedo, mas ele não existe aqui no movimento, assim... é meus irmãos, meus parentes.”.

Xeila: “Gente! Não tem nada pior do que uma criança ser criada por madrasta... *Má-dras-ta*, já tá dizendo, é má. **São pessoas más**. Ela desconta o ódio nas crianças... Eu nasci e me criei... uma madrasta, né? Criado por madrasta. Minha irmã... é madrasta, é uma pessoa ruim. Vejo vizinha madrasta que trata... maltrata a criança, humilha, o pior pedaço da comida da galinha é o osso, é só dele. Entendeu? Os piores pedaços é o dele, o do filho delas, o melhor. Entendeu? Impressionante, quem é criado por madrasta é muito... humilhante.”.

Xeila: “A única que era a única filha de pai e mãe que eu tenho e que meu pai criou... O resto foi tudo espalhado. É filho assim... Nômades, entendeu?

Feito lá e vai seguir seu caminho. Eu tenho aquela pessoa ali que é pai, mas não tem. Dá “bom dia, bença, pai, como você está?”, não tem. É família que não existe, são dedo que não se movimenta. São dedos paralisados, são parente que não existe.”.

No caso de Larissa, há a figura materna “ausente” ou “distante”, mas há também a avó materna que, nas suas palavras, assume o papel de mãe na sua criação após a separação dos seus pais: “Aí, fui morar com a minha vó. Aí, minha vó foi, digamos, minha mãe. **Porque minha mãe não queria... ficar com a gente.** Minha mãe queria trabalhar, então, eu sempre via ela falando, “Ai... eu não vou parar de viver pra cuidar de vocês”. Aí, minha vó ficou com pena, e ficou com a gente. Eu e minha irmã. Entendeu? Cuidou da gente... na casa dela.”.

Larissa: “Meu pai, ele é... Aquela pessoa, tipo, não ia muito... me ver. Quando ia, **ficava cobrando, que eu tinha que ser homem**, que não sei o que, eu era muito... afeminado, que não sei o quê. E sempre me [...] cobrava de querer mostrar que eu deveria fazer isso pra agradar ele, sabe?”.

Amanda nos dá pistas de que, aparentemente, seu irmão mais velho tenha assumido a figura paterna para ela. Esse irmão mais velho não a aceitava depois que ela se assumiu trans, mas segundo ela, antes disso eram muito próximos e ela sentia ser o “xodó” desse irmão, que a ensinou a nadar, pescar, andar de bicicleta, e ouvia muito dele ‘esse aqui vai ser o garanhão da família’.

Ela não fala do seu pai em seu depoimento, mas a figura desse irmão é bastante importante, e ela lembra bem de cenas dele em conversa com a sua mãe.

Amanda: “Quando a gente não ia pra escola, a gente ia lá no sítio, que eles chamavam casa de farinha [...] da minha mãe, fazer farinhas e.... foi assim, até os meus... ia pra igreja com a minha mãe, é.... até os meus doze anos de idade”.

[O irmão de Amanda dizia]: “Você tá vendo que ela tá virando mulher dentro de casa e a senhora não faz nada”.

E ela disse que “[...] e isso foi um dos motivos, assim, de eu sair de casa, entendeu? O medo, de... de enfrentar ele, assim, de ver a minha mãe sofrer por causa disso, entendeu? Ficava falando de coisa na cabeça da minha mãe e a minha mãe chorava...”.

O gênero ligado ao ser, sob a perspectiva da Psicanálise, é um modo de ser, muito além da anatomia que pode ser reinventada pelo sujeito. O corpo é marcado pelo Outro e, de acordo com Leguil (2016), “O próprio corpo é novamente recortado em função da maneira como o sujeito é tocado por aquilo que viu e ouviu” (p. 113), o que significa dizer que o sujeito pode se colocar como objeto de desejo do Outro, ou assumir a posição do que falta ao Outro.

E como se descobrem transexuais? Como ocorre a transição de gênero? De acordo com os estudantes, desde muito cedo, ainda crianças, existe um desejo em ter uma aparência que corresponda às referências de gênero que são opostas ao sexo/gênero de nascimento. Parece ser um processo singular e muito natural, fazendo parte da constituição do sujeito, como revela Bianca: “Eu sei muito bem o que eu sou [...]. Sempre fui. Desde que eu me entendo por gente. Aí, tem gente que fala que isso é doença... Se é doença eu nasci doente (risos). Desde pequeno, eu me escondia pra brincar de casinha [...]. Nunca joguei bola, nunca, nada disso. Mas com doze anos, quando eu vi que meu pai morreu, eu falei:” não, [...] meu grito de independência, só que eu dei com os burros n’água, eu pensei que ia ser... ‘ó, meu filho, não importa o que você seja, aqui é sua casa...’. Não teve nada disso. “Pega suas [...] e some” [...] Tem muita gente que julga. Não, eu não tenho... mágoa da minha família [...]. Com doze anos, eu tive que me prostituir [...]. Com quinze anos, eu já saía com cinco, seis homens de uma vez. Festinha... **Criança! quinze anos!** Os homens gostavam, [...] iam pegar bicha velha pra festinha? Pega um *viadinho*, novinho... *Pra* usar quantas e quantas vezes quiser... E não existia... pedofilia... essas coisas que hoje em dia, graças a Deus, tem. Não tinha na minha época. Entendeu?”.

Bianca: “É, mas geralmente eu brincava sozinha. Brincadeira de criança, nunca joguei bola, soltei pipa... Fui solta! [...] Uma vez, cortaram (sua pipa), chorei feito uma louca! Pronto, aí começaram, ‘*viadinho, viadinho*’...”. Falei: “Isso não dá pra mim. O negócio é ficar na casinha mesmo...”. Eu ficava escondida. Aí, quando meu pai morreu, falei, “Ah, agora, né... Acabou, né? Vou... me libertar!”. Aí, não deu. [...] Eu, quando eu caí na prostituição, era uma criança, tinha doze anos...”.

Bianca: “[...] é até chato falar isso, mas é verdade. Na época, eu falei, agora... Porque quando o meu pai pegava uma faca, eu falei, pronto, ele já

descobriu quem eu sou. Então... eu não tinha paz. Aí, quando o meu pai morreu, eu falei... pronto! Minha libertação.”.

Bianca lembra que, desde muito pequena, já gostava de brincar com brincadeiras de menina, mas é importante destacar que foi a partir do olhar das outras crianças, que ela se esconde para brincar entendendo que o universo dos meninos ‘não era para ela’.

Ao contar sobre sua infância e relação com os pais, Amanda lembra que recentemente sua mãe contou a ela sobre uma conversa que teve com seu pai: “Quando *tu era* pequenininha, que *tu enrolava* um pano na cabeça, não sei o que, o teu pai falava assim – olha aí, Tania, ele... desse jeito ele vai acabar sendo viado!”, né, no linguajar dele, “vai acabar sendo *viado*...”.

Amanda: “Aí, ela falou “E se for? E se for?”, minha mãe falava assim... Aí, ele pegava e falava assim **pra mim**, “[...] é, *tu fala* isso agora, quero ver quando ele tiver com cabelão aqui e de vestido andando aqui dentro de casa aqui, como que *tu vai* ficar?”. Diz que eles ficavam assim, né... Aí, a minha mãe falava assim, diz que língua de pai e mãe tem poder né, abençoa e amaldiçoa. Diz que... **de tanto eles ficarem falando isso, acho que eu acabei**...”.

O discurso/fala do Outro – seus pais – conduzem Amanda a se identificar com aquilo que se diz dela, o que tem relação com o seu gênero (seu comportamento e seu modo de ser).

A esse respeito, Leguil (2016) ainda revela que:

As falas do Outro são determinantes para dar conta da relação de um sujeito com seu gênero. São esses acontecimentos de fala que traçam um caminho no ser e conduzem o sujeito a se identificar com aquilo que se diz dele. É a partir da maneira como a fala introduz uma marca contingente, por ser imprevisível e singular, no inconsciente, que um sujeito encontra seu gênero ou, pelo menos, se interroga sobre seu gênero.”

(LEGUIL, 2016, p. 114).

Além disso, na pesquisa é notável o sentimento de que o/as estudantes que vivem experiências trans identitárias ouvidos ainda eram crianças quando passam a questionar as normas de gênero e que, portanto, se sentiam perdidas. Em alguns casos, a referência materna era opaca; e a paterna, muito forte, ameaçadora, agressiva.

Amanda ajudava sua mãe a fazer farinha, e diz que “desde que eu **não me entendi como gente**, né”, ela já se sentia uma menina. Há um lapso importante em sua fala, de “não se entender como gente”, em refletir sobre o que ou quem se é, ou seja, sujeitos trans são aqueles que se questionam sobre o seu ser e o seu sexo.

E Amanda prossegue: “Eu tinha aquele, ainda tinha, era em dúvida assim, até os meus nove, dez anos assim, porque minha mãe me levava pra igreja (...). Mas quando eu cheguei assim nos meus dez anos pra cima, eu ia pras praias eu via que meu desejo não era por... por mulher, né. Vinha aqueles homens de sunga, bonitos, aqueles surfistas na beira da praia”.

Com doze anos, início da adolescência, Marcos já começa a se transformar sua aparência para se parecer um menino, e diz que sua família, sobretudo seu irmão mais velho, não aceitava o seu “jeito”. Patrícia, por sua vez, revela que a homossexualidade é algo natural – desde sempre, mas passa pela transição de gênero depois.

Marcos: “O jeito que eu era! Que eu gostava de ser menino... eu... ia pra feira, trabalhava, arrumava dinheiro pra cortar meu... cabelo: É, cortava aqui assim, eu usava igual o Alexandre Pires... Só cortava aqui e deixava enroladinho... Mas era grande em cima, não era tão curto...”.

Patrícia: “Aí, fazia programa com dez, dez, onze anos, fazia programa, mas eu não fazia assim [...] direto na rua, **fazia escondido**, sabe? Escondido, mais na moita, né? Mas [...] **fui fazer na rua mesmo com quinze anos pro [...] público ver, foi com quinze anos**. Mas, assim [...] não me arrependo de nada, não (...). Aí [...] com quinze anos [...] eu comecei a vestir roupa de mulher, me maquiar, **andar com as pessoas que já eram gay**, entendeu? Ele falava que a influência, era meus amigos, não era. A pessoa vira gay... assim, não é um amigo que faz a pessoa virar gay, a pessoa já nasce gay. Não tem esse negócio de, “ai, [...] foi meu amigo que... foi seu amigo que fez você virar gay”, “não, mentira!”.

Patrícia: “Não, eu [...], assim, eu sempre tive, assim, [...] quando eu senti vontade de colocar roupa de mulher, eu mesmo coloquei, ninguém me incentivou, nada. Foi [...] por conta própria mesmo. **Coloquei e vi [...] que [...] eu não fiquei bem, mas assim, quando eu saía na rua, trabalhava bem.**”.

Há um enigma presente em sua fala: Patrícia diz que “não ficou bem de roupa de mulher”, mas usava para trabalhar com prostituição. Como se deu a

constituição da sua identidade travesti, e que solução Patrícia estava buscando? Ela também cita as dificuldades que passou em São Paulo, quando se assume travesti aos vinte e dois anos: “Quase morri. Se não fosse Deus, eu não estaria viva hoje, não. Eu não estaria, não. Eu estou por Ele mesmo. E também foi força de vontade de viver, né? Porque chegou a um ponto que eu queria desistir, né? E... ‘porque nada dá certo pra mim, porque eu tô passando por isso? Será que tava escrito pra eu passar isso mesmo na minha vida?’ A gente não passa uma coisa, um perigo, uma dificuldade se não tiver no destino da pessoa.”.

Patrícia: “Eu sempre acredito no destino. Tem pessoas que não acreditam, mas eu acredito sim. Se eu passei dificuldade, passei frio, se eu fiquei internado, se eu fiquei doente, se eu conheci um cara, fui embora por ele, apanhei por ele. **Porque tava no meu destino pra eu passar. Minha mãe passou a mesma coisa que eu passei com meu pai. Sempre tem um filho que puxa pro destino da mãe, né? E eu fui uma dessas.**”.

O que Patrícia chama de ‘destino’ seria sua posição inconsciente de identificação com a mãe – ser mulher, sob o regime da contingência. E, se no início do seu depoimento Patrícia diz que saiu da escola e da sua casa porque quis e que “nunca sofreu preconceito, e sempre foi aceita”, agora, ela conta que vir para São Paulo foi a melhor escolha que ela fez, porque **continuar morando na sua cidade passa a ser insustentável**; ela conta também sobre a dificuldades em estabelecer laços de amizade...

Patrícia: “Eu não gosto de lá. Não gosto de lá. Eu não gosto de lá, eu tenho [...] família lá, mas eu vou lá só fico [...] o máximo que eu fico lá é três dias, venho embora. Não gosto da minha cidade. Passei muita dificuldade. **Fui muito humilhada na minha cidade.** Pelas, assim... Pelos amigos, pelos amigos de infância, primos, entendeu? Irmãos... Tio, tia. Mas hoje, hoje [...] nenhum me [...] pode conhecer, mas não converso com nenhum, ignoro todos, entendeu? Falo... não falo nem oi.”. “Eu tinha mais amizade com mulher. Eu tinha mais facilidade pra amizade com mulher, do que com homem.”.

Xeila também se denomina homossexual desde muito criança, e, portanto, para ela a homossexualidade é algo que vem do nascimento, também porque seu “trejeito” afeminado desde criança era percebido em todos os lugares: “Desde criança! Porque existe... Professora, assim, existe situações que se nascem, enraizado, que está em ti! Eu nasci!”.

Xeila: “Eu fui criada à base de... ameaças. **Ameaça com o pai**; meu pai me ameaçou. Mas de ameaça que eu ouvia dentro de casa é coisa que meu pai, isso é importante, hein? Coisa que meu pai trazia da rua, do povo da rua, de viado, homossexual, de rua, trazia para dentro da casa dele. Como? ‘Eu odeio essa raça! Eu odeio esse tipo de gente. Se eu ter o filho homossexual, eu *cutro* *ele* de faca, eu *mato ele* na porta da minha casa’, eu tinha nove, dez anos, eu sabia, eu chorava por dentro de mim, [...] “meu pai vai me matar”.

Xeila: “Eu sabia o que? Eu sabia que aquilo era para mim! Mas a forma que meu pai estava falando, era pra meter medo. Por que ele estava querendo falar aquilo? Porque ele já sabia que tinha aquilo dentro da casa dele. Eu vou tentar tirar isso daqui com ameaça, com a ignorância que eles têm. ‘Se meu filho, se tá tudo bem, você sente atração por outros homens, ou por mulher, o que está acontecendo?’ “É o que falta, isso é diálogo!” Mas um pai jamais vai ter um diálogo com um filho que tem jeito homossexual, ele sendo... um homem, hétero, supostamente casado, não vai entender a mente de um filho, por mais que este pai tenha praticado esse ato homossexual na sua infância, na adolescência, seja em qualquer fase da sua vida. (...) O meu pai era... preconceituoso mesmo!”.

A sua voz “de mulher” também era uma questão para sua família, e ela disse que seu pai e madrasta comentavam sobre isso:

Xeila: “Comentava! Comentava... Todo mundo comentava. Na verdade, o povo da rua... todo mundo sabe. Os últimos a saber são os de casa, (...) ditado popular antigo da minha cidade, que é verdade. Só vai saber que um filho é viado, homossexual, depois **que ele se rasga!** Você entendeu? Eu me sentia mal! A minha madrasta falava assim... ‘Eu, fosse homossexual, o meu pai ia me matar, ele ia me capar, ele ia arrancar minhas partes... Eu com nove ano! Mano, eu chorava toda, garrava na perna dela. Eu chorava... porque ela via meus trejeitos, sabe? Eu já dançava, eu já cantava, eu já queria dançar na macumba, lá no terreiro. Minha família toda é da Umbanda. E eu me posicionei a uma outra crença cristã, com preceitos cristãos, independente da minha prática.”.

A figura do pai é muito importante para Xeila, que diz que, em muitos momentos, sentia medo do que ouvia dele e de sua madrasta:

Xeila: “Era violenta. Me dava medo! Mas aquela ameaça... não matou!! Não designou aquilo que *tava* dentro de mim, na minha raiz! Que eu sou uma travesti porque eu sou raiz! E eu me arrependo de ter virado... isso, mas eu sei

o que eu gosto! Eu sei o que eu era. O arrependimento, não é, eu me arrependi de ser, porque eu não sei, simplesmente eu nasci gostando do mesmo sexo. E com o tempo isso foi se intensificando, aí eu me travesti, entrei na prostituição, não sabia! Eu não tinha consciência, dessa rejeição social em questão do Travestismo. Não da prática homossexual, não do homossexual assumido com trejeitos. Porque... a sociedade é feita de homossexuais. Supostamente. Só que não têm trejeitos. Se você tem trejeito, esse povo te rejeita. Quem? O povo que pratica o ato, que tem uma conduta masculina entre amigos e entre outros, ou não! Eu fui aceita à força pela sociedade, pelas pessoas. Eu não *tô* aceita na vida da sociedade. *Eu tô* inclusa à força porque não podem me matar. Por conta do quê? Dos *meus vestes*. E muitas também por conta do comportamento... Se você tem um veste da hora, e um comportamento... até que passa suavemente. Mas *o veste*! É o que destrói a questão do preconceito. É só *as veste*. A gente vê... é tão tal que esse assunto, é puxado por *travertismo*, por trans... pra *transformação*, não é pra gay.”.

Sobre sua transexualidade, ela conta que começa, gradualmente, a se vestir de mulher aos catorze, quinze anos. Se, para Patrícia, não existe influência na constituição da sexualidade e transição de gênero, Xeila acredita que, no seu caso, há algo de desejo seu, mas também, influência de outras pessoas:

Xeila: “A questão de se descobrir... é algo muito difícil de [...] falar. Porque meu, é algo...é assim, que não tem explicação, entendeu? Tem uma situação assim que eu fui me travestindo... por conta que eu me via com [...] a aparência feminina, entendeu? No espelho. Eu tinha necessidade de tá... vestindo... vestir calcinha, [...] porque eu achava que eu ficava mais bonita de calcinha... meu, é algo inexplicável. Então, a questão de se travestir, é mais uma questão, assim, mesmo do povo... eu fui influenciada, querendo ou não eu fui influenciada por uma pessoa. Por uma travesti. **Por uma pessoa que já se vestia de mulher**... que já tinha viajado... já tinha se prostituído, no meio do mundo, voltou pra minha cidade e me falou como que era... De uma certa forma eu fui induzida, entendeu? A entrar na prostituição, a... se travestir. Que eu já tinha vontade, e chegou mais uma potência daquela! *Tava* na escola ainda. catorze, quinze, dezesseis, dezessete... com dezoito anos, eu me assumi. Me vesti de mulher. Foi a parte mais difícil pro meu pai.”.

Xeila: “Meu pai nunca me expulsou. Nunca fui rejeitada pela minha família, meu pai nunca me amaldiçoou depois que eu me assumi. Eu senti a diferença e a decepção que qualquer pai pode ter. Mas... pra mim, foi difícil por conta do meu pai. A reação do meu pai foi... foi forte, viu? Ele queria até me matar. A minha irmã que falou que preferia que eu tivesse [...] tivesse um irmão travestido, do jeito que eu era, do que ter um bandido dentro de casa, um assassino, um estuprador, uma pessoa que pode fazer mal pros outros. Aí, o meu pai se conscientizou, nessas poucas palavras. Aí eu fui [...] fui sendo aceita, mas eu senti que ali não era meu lugar. Porque a liberdade que eu queria... lá na minha casa eu não poderia ter, entendeu? Porque eu queria [...] eu tinha a necessidade de conhecer a vida, eu sou do sertão do Piauí, então a televisão... me instigou muito, a mídia, o que passa nas redes sociais, nas mídias, assim, de televisão... Amiga! Estimula muito”.

Xeila: “A primeira vez que eu vi uma travesti na minha vida, na minha infância... Foi no programa do Silvio Santos. Nos anos 90! Eu vi uma travesti loira, fazendo um de calouros, eu nunca me esqueci, a primeira vez que eu vi!! Eu sabia que era um homem... Eu sabia que eu queria ser daquele jeito. “Eu quero ser daquele jeito! Com aquele corpo, aquele glamour”, entendeu, era aquilo que eu queria! *Pra* mim, naquele momento. Mas depois, que eu amadureci, agora depois dos quarenta, dos trinta e nove anos, trinta e oito... que eu entendi que eu me arrependi, de ter me travestido. Completamente... Você pergunta *pra* qualquer uma travesti, ninguém, nenhuma delas vai falar... falar que é feliz, que se aceita, que..., *Mas* não é. Não é, não é, não é.”.

No caso de Larissa, passou pela transição de gênero mais tarde, apesar de se sentir “diferente” desde muito nova, o que aparece em todos os depoimentos.

Interessante notar como o ‘jeito’ feminino ou masculino e os estereótipos – voz, roupas, cabelo, preferências por determinadas brincadeiras – são notados pelos outros desde crianças. Parece que a identificação pelo gênero feminino, no caso da mulher trans e travestis, e pelo gênero masculino, para o homem trans, advém do processo de ‘constituição’ subjetiva, ou seja, desde que eles se “conhecem por gente”. Destaca-se também uma certa ‘divisão’ entre ‘ser gay’ e ser ‘trans’; em que a sexualidade é evidenciada e experimentada primeiro, e a

identidade de gênero depois, em todos os casos. Larissa revela como as pessoas a percebiam ‘feminina’ desde muito pequena:

Larissa: “Eu era uma pessoa... era uma criança que **não podia ter amizade na rua**, porque... a minha mãe sempre falava que... as pessoas faziam má influência. **E eu apanhava por causa disso**, porque eu queria brincar, né? Eu queria... ver. Mas também, eu lembro quando eu brinquei com... um grupo de meninos, na época, na minha idade, eu acho que era cinco ou seis, não sei. **E eles me zoavam**... Porque, lá, não se chama gay, não, se chama outra coisa, se chama outra palavra, se chama *qualira*... É um... [...] dialeto deles lá. E eu sofri muito por isso. **Eu não sabia o que era**... Porque eu era criança... Sim, eu era criança, tinha acho que cinco ou quatro, não sei. Mas... **eu sofri muito. E eu ouvi isso a minha vida inteira, quando morava lá.**”.

Larissa: “Eu [...] comecei a ter amizade com mulheres... crianças, meninas, garotas... né? Mas, mesmo assim, eu sofria também, por fato de eu **estar brincando com mulheres**. “Ah, você brinca com mulheres? Tem que brincar com homem. Ah, você brinca com boneca? Ah, você brinca...”.

Larissa: “Lá... (...) tem uma brincadeira chamada elástico. Você pega elástico, de roupa, e coloca assim, aí você fica pulando [...] até torci meu pé por causa disso... [...] E aí eu... sempre brincava disso. E teve uma vez que minha mãe me pegou, e eu tinha... seis anos? **Eu apanhei muito. Porque ela falava que isso era brincadeira de mulher**. De menina, que eu não podia brincar. Eu deveria brincar... de... coisas de menino”.

Larissa pensa que foi trans desde sempre; mas se autodenominava “apenas gay” até os dezenove anos, apesar de saber que era diferente; seus amigos também já haviam sinalizado isso a ela. Segundo Larissa, ela “se negava” e que assumiu sua identidade trans durante a pandemia de COVID-19, em 2020.

Larissa: “Eu sabia, só que eu me negava. Porque eu sempre me neguei, aliás. Porque meus amigos sempre falavam, ‘mano, cé é... você é trans!’... E eu falava, “não, não sou não! Sou gay. Só que eu sou um gay diferente” (risos). Só que... Quando eu comecei a entrar assim, [...] na noite... de São Paulo, que eu cheguei aqui, quando eu tinha dezenove anos, eu já tinha passado por um relacionamento... Lá no Maranhão [...]. E eu sentia falta de um... afeto. Porque **eu não tinha afeto** nem na família, nem nas pessoas que moravam perto de mim [...].”.

Larissa: “A pandemia ajudou muita trans a se descobrir! Sim, porque eu *tava* em... reflexão. Já *tava*... já... O pessoal falava, aí eu... fiz um post, no Instagram, e todo mundo me apoiou. Até hoje! Esse nome [feminino] foi porque eu me montava de drag aqui em São Paulo. Eu ia muito para as boates aqui na Augusta. E eu tinha uma amiga, né? Que até hoje é trans também. Na época a gente era gay. E aí eu me montava junto com ela. E o pessoal ficava só... na boate: “Não, você é a cara da L!”, porque eu usava [...] um... colete, um [...] short, e um tênis, assim, aqueles tênis de... igualzinho o dela? E uma peruca loira... lisa. E todo mundo ficava falando que eu era parecida com ela. Aí virou... L. [...] Mas eu tinha outro nome! Retifiquei agora pelo programa lá do trans, lá... no Transcidadania. E aí eu consegui retificar. Vai entrar agora.... Vai chegar o meu novo... certidão.”.

A aparente negação da figura masculina – do pai – pelas travestis e mulheres trans é quase como uma regra; como se houvesse o que Leguil (2016) chama de “determinismo psíquico” (p. 90), ainda que tenha um alcance singular.

Por esse contexto familiar que conjuga ainda dificuldades financeiras, os depoimentos apresentam que eram comuns violências e agressões, seja de quando os/as estudantes tomam posição diante dos pais sobre a sexualidade e identidade, seja antes disso, gerando uma situação de vulnerabilização desses sujeitos que começa na infância.

É recorrente o pensamento de que os familiares não aceitavam o ‘jeito’ dos filhos, já percebendo desde muito cedo a questão da identidade de gênero deles, o que é determinante para a quebra dos laços familiares e, conseqüentemente, evasão escolar. É comum também que a repetição do significativo “comportamento” que denuncia algo que foge à normalidade no que se refere ao gênero.

Em seu depoimento, Larissa fala sobre as **agressões** que sofria em casa durante sua infância e adolescência, porque nunca foi “aceita” pelos pais, e detalha uma situação que viveu com seu pai quando ela tinha apenas cinco anos. Patrícia também se recorda de que seu pai se revoltou quando ela assumiu sua homossexualidade, chegando a dizer que se tornou travesti, e que ‘teve’ que fazer o que fez, por causa de seu pai.

Larissa: “Na época, quando eu era criança, tipo, quando eu morava com ele, **eu apanhava muito**... [...] Tem uma história muito engraçada... Não

engraçada, é triste mesmo, porque... eu tinha cinco anos, eu *tava* brincando... **Eu não sabia o que eu *tava* fazendo**, aliás, **porque eu era criança**, né? E eu *tava* pegando num fio elétrico. Não, num fio elétrico não. Lá se chamava... e... Na época, era... acho que era... férias escolares. E, na época, todo mundo queria (...) brincar de pipa. **E ele nunca me ensinou... a brincar de pipa**. Ele sempre foi aquele homem bem bruto mesmo. E aí eu vi aquele pessoal brincando com pipa, eu queria puxar (...) a linha de cerol que *tava* no... [...] fio elétrico. **Aí, eu lembro que ele me deu uma pedrada... na boca**. Eu tenho a marca até hoje aqui. Porque eu *tava* mexendo no fio...no... na linha de cerol. E aí ele me deu uma pedrada e sangrou muito. Não sei. Nunca... perguntei pra ele. Mas... e me marcou muito. Eu fiquei com a boca inchada. E pegou bem na minha... nos meus lábios. Tipo, sangrou muito. E eu fui *no* médico, minha avó... tinha que me levar pra fazer ponto, eu fiquei morrendo de medo. Minha avó brigou muito com ele [...].”

Larissa: “Eu sofria... preconceito e apanhava por isso. Eu sempre fui fã de dançar, né, eu sempre gostei de dançar. E apanhava também. Às vezes eles falavam que eu rebolava. Eu queria ter... eu sempre queria ter cabelo grande. Eu sempre gostei de cabelo grande, só que... a minha avó me obrigava a cortar... né, eu [...] tinha um cabelo liso, muito liso. Aliás, eu tenho o cabelo hoje ondulado, mas na época era liso. E eu quis (...) bastante cortar. E aí eu sofria muito por isso. Cheguei a apanhar horrores, de... ficar toda roxa, machucada.”

Patrícia: “[...] meu pai nunca me ajudou em nada, né. Meu pai tinha preconceito, né. Por [...] eu ser o filho caçula, e ser gêmeos com meu outro irmão, ele nunca aceitou, entendeu, **e ele sempre me batia**... Eu saía [...] e voltei e saí, e fui *pra* rua trabalhar. Aí eu comecei a trabalhar com onze anos na rua, fazer programa (...) **eu tive ideia por causa do meu pai** [...], meu pai nunca me deu uma roupa... Meu pai [...] nunca me deu caderno, eu sempre tive que me virar sozinha, ele [...] nunca me deu nada de nada, o que eu sempre tive vontade de ter, eu sempre corri atrás, entendeu? **Tive que fazer coisas que eu não... queria fazer**.”

Patrícia: “Depois que... **eu nem sabia que tinha que fazer**, fui fazer e fiz. Me arrependo, sim, de muitas coisas, mas... o que eu não me arrependo é de [...] ter corrido atrás das minhas coisas, entendeu? Porque o meu pai... **meu pai nunca me ajudou em nada, nunca**. Desde novinha, nunca me ajudou em

nada. **E quando ele descobriu que eu era [...], que eu era gay, aí que ele se revoltou. Se revoltou, fez... os meus seis... cinco irmão [...] vir e dar uma surra em mim. Ele quase me matou”.**

Amanda e Marcos sofreram agressões por parte de irmãos mais velhos, e contam de cenas que foram determinantes para a decisão de romper com a família e sair de casa. Eles tinham catorze e doze anos, respectivamente:

Amanda: “Aí, eu saí da escola, fui pra uma sorveteria, e estava lá com as minhas amigas. As minhas amigas bebendo, eu fumava maconha, né... Fumava maconha com elas, e... eu estava com uma... Eu pegava, levava uma roupa da minha irmã, quando saía da escola, pegava, colocava a roupa da minha irmã e ficava lá, tô com um vestidinho, bonitinho assim [...] de longo assim, tô lá... Me sentindo a garota. Aí, ele foi *pra* cima de mim, rasgou minha roupa, me bateu, tudo. “[...] E ele falou assim ‘ah mãe, você nem sabe, *tava* que nem uma puta lá na sorveteria, não sei o que, e a senhora não faz nada, você tem que raspar a cabeça dele, não sei o que [...] isso é uma vergonha, isso é um desgosto pra nossa família [...]’. Parece que eu sou um problema, assim, parecia assim que eu era um... sabe? Um... que eu era um desgosto na família. Eu peguei, arrumei minhas coisas, assim, e de madrugada, fui embora pra... morava no interior, fui embora pra Belém, e de Belém, eu peguei uma carona e vim embora... Assim, sem destino.”.

[fala do irmão de Amanda]: ‘Isso é uma vergonha, que não sei o que... tem não sei o que no meio das pernas e não honra a nossa família, a senhora se finge de cega e ainda defende quando eu vou falar as coisas pra senhora, a senhora defende ele’.

Marcos: “Com doze anos. Aí arrumei uma briga com ele uma vez porquê... ele... em casa... a gente, na época, tinha uniforme né, era uma saia, uma bermuda, uma calça. Era, de babadinho ainda... assim, ó. Só que eu só usava minha bermuda e minha calça, só minha bermuda e minha calça. E *minhas irmã* usava todos eles né, calça... Aí meu irmão questionou porque que eu não ia usar a saia, eu falei “porque eu não gosto.”. Aí ele falou “você vai hoje.”, falei “eu não vou!”. Ele falou “você não vai, então você não vai sair de casa”, aí o que que ele fez? **Me acorrentou.** Quando ele me acorrentou, eu fui pra escola... Aí depois no outro dia eu fui pra escola... Depois desse dia a eu nunca mais voltei pra casa. Aí conheci droga, conheci um monte de porcária... Vim

parar aqui em São Paulo. Me acorrentou na mesa... No outro dia. Quando minha irmã veio, minha irmã veio, brigou com ele, falou que não podia. Que minha irmã morava em Guarulhos. Eu fiquei acorrentado, a noite inteira e o dia inteiro na mesa. (...) depois quando ele me liberou, eu lembro como se fosse hoje, eu tinha doze anos pra treze... depois tá, depois disso eu nunca mais voltei.”. Fugiu de casa somente com o material na mochila aos doze/treze anos. “Saí de casa... quando eu fui em Guarulhos ver minha irmã... minha irmã tinha... na delegacia me dado como morta. Porque eu tinha sumido, né...”.

Bianca relata que ao assumir para a família que tinha o desejo de se vestir de mulher, aos doze anos, foi ‘convidada a se retirar’ de casa, enfrentando muitas dificuldades, sobretudo com sua mãe.

Bianca: “Aí meu pai morreu... tanto que quando meu pai morreu, minha mãe até falou pra mim, falou (...) assim, ‘você tem sorte! [...] Se o seu pai tivesse vivo, você estaria... morto [...]’. **“Meu pai matava mesmo. Aí, meu pai morreu, tinha onze anos. Aí... quando chegou com doze anos, eu já me assumi, né, falei que eu era.** A minha mãe falou na minha cara, “[...], mas na minha casa não”, e eu falei que eu já ia, queria virar mulher! Mulher! (...) me vestir com roupa de mulher... Minha mãe veio, falando pra mim, se eu não tinha como arrumar... uma namorada, não sei o quê... aquela coisa de mãe. Falei: “mãe, mas o quê? Será isso que a senhora quer? Que eu me vista de homem, arrume uma mulher e fica dando *pros* outros, na rua?” (...) – falei, “[...] é, porque é o que vai acontecer!”. Ela, ‘ah, então a vergonha vai ser pior...então pega seu rumo. Dentro da minha casa não. Ou uma coisa ou outra, ou você vira homem, ou pega seu rumo...’.

Bianca: “Peguei e saí. [...] Eu esperei meu pai morrer, porque se eu falasse, meu pai tinha me matado... Aí, quando meu pai morreu, eu falei, “*ai*, graças a Deus” ... Meu pai matava.”. [...] “Querida, quando eu me assumi, foi... eu assumi logo no começo da AIDS, do HIV. Roupa era separada, prato, garfo, copo, mulher, tudo. Todos! Todos. Tudo era separado. Aí, eu saí da casa da minha mãe pra morar no prostíbulo, na zona, antigamente era zona... Lá no Rio de Janeiro. Mas na época, menina, eu [...] **foi a pior**... lógico, me libertei, graças a Deus [...]”.

Ela conta que passou fome em muitos momentos nesse início de transição, quando saiu de casa. Com o dinheiro ganho do seu primeiro programa, aos doze, ela foi comer.

Bianca: “Já teve época de eu chegar num bar... Cheguei a pedir um prato de comida fiado. Um homem, menina, acabou [...]. ‘Eu não tô aqui pra dar comida pra ninguém. Se você não tem dinheiro, se levante e saia’. Aí um taxista, ‘não, pode pôr comida pra ela, por favor’. “Menina... foi a pior comida que eu comi na minha vida! Aquilo... Eu chorando, descia rasgando... a vergonha. Aí, o taxista falou: ‘Não, não fica assim, não, pode comer!’ (...) “Sabe, parecia que eu tava engolindo um... arame. A comida... [...] dá muita vergonha. Por isso que eu falo, tem muita gente que prefere dar comida *pra* vagabundo, do que pra um homossexual.”.

As transformações corporais necessárias para ‘adequação’ do ser sexuado ao gênero que melhor lhe representa, geralmente são realizadas a partir do uso de hormônios e aplicação de próteses e silicones, especialmente no caso das travestis e da mulher trans. Mas também, e a priori, os estudantes ouvidos na pesquisa falam sobre uso de roupas, maquiagem, corte de cabelo como referências de gênero e, especialmente, o ‘jeito’, ‘comportamento’, ‘postura’ que denunciavam a condição de ser trans desses em relação ao olhar do outro.

Os outros (família, amigos, professores) sempre apontavam que havia algo que escapava à normatividade nesses sujeitos que se colocavam em posição de negação e transgressão das normas de gênero, e a forma como faziam isso era pela via da condenação.

Amanda relata que, antes de sair de casa, já passa a mudar sua aparência, inclusive com o uso de hormônios que sua prima que era enfermeira lhe fornecia, além de usar as roupas da irmã quando não estava em casa.

Amanda: “É, comecei a deixar crescer meu cabelo, pinteí meu cabelo de loiro.... Na época, era só uma orelhinha que os meninos furavam eu furei as duas, era brinquinho de pedrinha, eu usava argola”.

Amanda: [Referindo-se a sua prima] “Ela *tava* estudando comigo, e ela era enfermeira já, ela era agente de saúde, e... ela me dava hormônio, cento e vinte e um, né, tudo, pra eu tomar, falava ‘toma que você vai virar mulher, se você tomar...’, e eu tomava...”.

O tratamento com hormônio sempre foi por conta própria, somente depois de adulta e de ter acesso à saúde é que ela passa a ter acompanhamento médico. O silicone também foi implantado de forma clandestina e, infelizmente, é muito comum a falta de cuidados pré e pós-operatórios exigidos, o que causa sequelas, como é o caso também de Patrícia, que realizou procedimentos estéticos assim que chegou a São Paulo, aos dezenove anos.

Amanda: “Só que o meu, é... aconteceu assim, na época, tinha que... o negócio é o repouso, né? Além de ser uma coisa clandestina, a gente tem que ser... Tem que repousar, né, e eu não tive repouso, desceu, assim, um pouquinho assim, pro pé, deixou o pezinho inchado.”.

Patrícia: “Em uma semana, eu *bombei*. Em uma semana, eu *bombei*... e eu, na outra semana, coloquei meu peito, me plastifiquei três meses aqui. Em três meses, eu *tava* toda feita. Fiz meu nariz. Meu nariz eu fiz também, me [...] em três meses, como muitos vieram comigo, desistiram e voltaram, caiu *nas droga*, foram pra Cracolândia... Eu não desisti, não.”.

Patrícia: “A verdade é que... hoje para *levantar*, fazer as coisas, cuidar da casa, cuidar das coisas..., mas é a cansaça também. Eu tenho silicone no corpo também. A perna doendo, sabe? Eu tenho no corpo todo... aqui na perna, quadril, 9,5 kg. E é pesado. Para mim, andar um pouco no mercado, eu não consigo andar... Eu estou com 82 kg depois do silicone, eu pesava 60 kg. Porque o próprio silicone... A gente não come direito, né? A gente tem que trabalhar para pagar água, luz... e tirar a comida, né? Não tem aquela hora de comer direitinho. Me arrependo, não. Eu só me arrependo porquê... pior que eu fico me sentindo cansada, né?”.

Xeila também fala sobre as alterações que realizou no corpo, depois que veio para São Paulo, por volta dos seus vinte e quatro anos, e diz que não faria mais nenhuma alteração em seu corpo, somente no nariz. Ela usa ainda a expressão ser/estar “travestida”, dando uma ideia de transitoriedade a sua identidade de gênero:

Xeila: “Ah, a minha alteração... do meu corpo, eu só coloquei silicone no bumbum mesmo, então, eu acho desnecessário *pra* mim... Eu não tenho essa (...) de colocar prótese, de... Porque eu já tenho uma aparência feminina, eu sempre tive esse... voz fina, jeito delicado. Por mais que eu saque que eu tenho (...) o meu sexo masculino, que eu ainda tenho ainda, a minha atitude masculina,

eu tenho ainda [...] meu DNA masculino, eu tenho meu (...) cromossomo masculino, que eu sei que eu tenho... Qualquer uma tem!" (...) Faria só o meu nariz, que é uma cirurgia unissex, né? Que eu gosto de melhorar (...) não seja colocar prótese, encher o bumbum de... Não, *pra* mim tá bom. Fechar e empinar um pouquinho [o nariz].”.

Xeila: “O transvertido, que o povo não coloca nessa [...], o transvertido, que é o correto, que é o homem transvertido, transformado em mulher. Uma aparência feminina!”. “E eu acredito... Que, se algum dia, eu tiver a oportunidade de me *des-travestir*... Eu vou me *des-travestir*. Porque eu nunca tive uma vida... masculina, eu nunca tive... Eu nunca me inseri na sociedade [...]. Com uma aparência masculina, com um comportamento. Eu queria saber se eu ia ter, (...) ia ser... recepcionada da mesma forma, que nem eu sou de mulher. De fato, que não! De fato, que não! Se eu [...] tomar um anabolizante e me *des-transformar*, que nem uma mulher... Se denomina homem ou uma trans e vira que nem [...] a filha da Gretchen virou, eu posso me *des-transformar* de uma trans e virar um homem, entendeu? Com uma aparência masculina. Mas **não é por conta que eu queira, é por conta da sociedade, ainda me sinto muito rejeitada, humilhada, em todos os lugares!** Se as pessoas não falam, elas te olham! As pessoas nunca vão aceitar que isso existe, há milhares de anos, gente, não tem, quantos milhões de anos. Não aceita... Não aceita. Então eu me arrependo por conta disso. Não por culpa minha, que eu me acho bonita, gostosa, não estou com depressão, eu me acho... mais linda do que muitas mulheres que supostamente deveria ser bonita!”.

Xeila: “Que eu tenho pra mim que com meus cinquenta, sessenta anos, eu... se eu chegar aos sessenta, eu não vou ser travesti, não vou ter coragem de (...) viver de mulher. Eu não vou ter, porque eu vou me envergonhar. Porque eu acho muito feio... Uma travesti velha! Feio! Mana, é algo tão impressionante nesse... esse pensamento que eu tenho meio machista, né? É coisa de homem isso, você sabia? Coisa masculina. Assim como uma mulher... Velha não pode ser mulher. Tem que ser rejeitada e humilhada porque ela está velha. Eu penso assim, **eu estou de travesti**, vestida de mulher até eu vejo que... dá. No dia que *eu vê*, que eu virar motivo de chacota... A ponto de me afetar, eu me *des-transformo* total. Eu tenho esse pensamento desde... Eu tenho esse pensamento desde sempre! Nunca me entreguei esse meu lado feminino total. Nunca me

entreguei. Não tenho vontade de ter... sexo feminino... Não acho bonito quem... faz, não tenho inveja...".

Xeila: "Eu acho muito louco quem tira o sexo e faz outro, eu acredito que é muito louco porque é assim... eu, meu pensamento, [...] Eu não vou fazer, algo em mim, que eu não gosto. Que eu não suporto ver! Que eu não gosto de tocar! É uma parte feminina. É complexo, né, é contraditório, não é? É muito louco, porque se eu não gosto de mulher... da periquita, de [...] uma vagina, eu vou colocar uma vagina na minha... Em mim?! *Pra mim* dormir, acordar, olhando e tocando no bagulho que eu não gosto?".

A transição de gênero de Larissa, contudo, já vinha acontecendo antes mesmo de ela se autodenominar trans. Hoje, ela faz tratamento e acompanhamento hormonal pelo SUS, mas uma amiga lhe dava hormônios antes disso, e ela conta dos efeitos: "Mudou! Muito muito. Eu era magra. Muito magra. Eu tinha bunda, mas eu (...) era muito magra. Meu peito inchou demais. Minha cara inchou. Eu usava 37, agora eu estou usando 45. Mudei. Mas eu já tinha tomado um hormônio... pra minha amiga... que ela tinha me dado. Aí eu falei, "eu...vou fazer pelo SUS." Que falavam que estava fazendo o tratamento pelo SUS. Vai fazer... eu acho que três anos já. Mudou... bastante. Tem dia que eu chego mal-humorada, irritada, com fome... *Pra* dormir... aí, é horrível."

Ela também diz que tem projeto de implantar silicone em breve: "No peito. Quero colocar muito. Mas é isso. [...] Eu acho o meu corpo bonito. Só falta o silicone mesmo.". Inclusive, ela conta que seus pais souberam que ela é hoje uma pessoa trans, mas que continuam a ter dificuldades em aceitá-la:

Larissa: "A minha mãe sabe, só que ela tem preconceito... Até hoje. Ela acha que ninguém é obrigada a saber, e respeitar e aceitar. Eu falei pra ela, "Nunca pedi o seu respeito. Aja com seu papel como mãe. Que importante que você tem é que me amar. Se você não me ama... você não está se amando também. Então, se você não gosta de mim pelo meu jeito, eu não fico... Não tenho coragem de ficar com você, tipo, ter algum [...] vínculo com você, como... uma filha, que te ama, que te abraça, que pergunta se está bem ou não. Meu pai eu tenho... [...] não tenho vínculo com ele há anos também... Nem eu, nem minha irmã. Só que minha avó me fala, tipo, ele pergunta pela gente, mas ele não... faz nem questão...".

Em seu texto “Mil sexualidades”, Fajnwaks (2023) apresenta as diferenças entre os grupos que formam os ‘sujeito trans’, distinguindo o sujeito transgênero do sujeito transexual, dentro da questão da demanda de transição de gênero. Para Fajnwaks:

[O] Transgênero busca uma nova identidade, geralmente, mobilizando o aparato Real, Simbólico e Imaginário que lhe permite obter uma nomeação já sem o Outro que a tenha determinado, e onde a mudança de nome e muitas vezes a invenção de um nome vêm, à maneira de um novo nó R-S-I, dar à luz um ser falante com uma nova identidade.

(FAJNWAKS, 2023, p. 68)

Sobre o sujeito “transexual”, seria um caso particular da “[...] fluidez do gozo próprio à nossa civilização [...]” (FAJNWAKS, 2023, p. 71), relacionado ao capitalismo como discurso e modo original de produção de gozo. É como se a ordem simbólica já não funcionasse mais como referência a partir da qual o sujeito se constrói, pelas suas identificações, e onde encontra os significantes para se nomear.

Esse autor revela que “[...] O Outro simbólico não mais funciona como lugar de inscrição do sujeito, e é mais sua relação com o gozo que é enviado quanto à sua identidade.” (FAJNWAKS, 2023, p. 71). O sujeito transexual, portanto, põe em questão a própria noção de gênero – acredita em uma “identidade sexuada do gênero”, querendo chegar a um Outro sexo, buscando claramente inscrever-se em Outro gozo.

Bianca prossegue, relatando sobre as alterações que fez em seu corpo em meados da década de 1980, quando os riscos da utilização de silicone industrial eram imensos, levando muitas mulheres a não resistirem aos procedimentos. E, quando resistiam, as sequelas diminuía a qualidade de vida dessas pessoas, que sofrem com inchaços nas pernas, rosto, além de problemas de circulação sanguínea irreversíveis anos depois da aplicação.²³

Bianca: “Eu coloquei silicone industrial, eu tinha quinze anos. [...] o silicone é injetado. De passar em pneu... é um... um gel grosso, tipo gel de cabelo que passa em pneu, em painel de carro, a gente... Não sei quem foi que inventou

²³ Mais informações sobre os riscos do silicone industrial em: <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/6NXSF8C9Hfw3PFx8zbfQtDS/?lang=pt> (acesso em 28.12.2023).

esse negócio de injetado. Teve muitas que morreram, como muitas amigas minhas, quando eu fui colocar meu... meu silicone, eu tinha *pago*, na época foi trezentos dólares, menina, em 1985, imagina o quanto era. Era em cruzeiro na época... Dólares! Trezentos dólares era [...] uns 30 mil reais, como se fosse hoje. Eu juntei, mas saía com tanto gringo... Tinha preços, não sei o quê [...], eu queria ter bunda. Parecia uma gaveta, aquela bunda pra dentro. Falei “[...] não, todo o mundo com bunda e eu desbundada da vida? Não!”. “Aí, quando eu juntei dinheiro, paguei a *bombadeira* que foi na Lapa, a finada Sivirina, que era a melhor *bombadeira* que tinha, fazia os melhores corpos. Quando eu cheguei lá tinha uma bicha morta. Ela disse: “Olha, volta outro dia, porque a menina *gorrou*, *gorrou* (...) e morreu”, na linguagem da gente. Falei, “Não, mulher, mas tô com o meu dinheiro...”, “*Aí* não, volta amanhã, porque amanhã eu coloco o seu silicone. A seringa grossona, [...] *rachante*... e ela: ‘Não grita!’. Aí pegou, colocou, ‘Vai, some daqui!’.”.

Bianca: “A bicha... deixaram eu na praça, [...] a seringa no braço... [...]. Quem é que vai assumir? Só as pacientes. [...] Ele dentro da gente... [...] explicar como ele fica. Ele vira um bife de fígado, é petróleo. Ele, com o tempo, ele vira aquele bife. Aquela placa preta de óleo... Que parece uma gangrena... gangrenado. Aquela coisa preta... É um bife de fígado. Que o silicone, ele... vira um vício.”.

Assim como foi com Amanda, Larissa e Patrícia, Bianca começa a usar hormônio por indicação de colegas, mas há um diferencial importante, que é o contexto histórico: na década de 1980/90, ainda não havia disponível no SUS um acompanhamento para as pessoas trans. Ela relata como era:

Bianca: “Mas era dose... que a gente... eu acordava, tinha vezes que eu acordava e meu peito pegando fogo, e aquele leite descendo do bico do peito... era hormônio saindo. [...] a gente ia... aplica! Duas aqui, duas aqui... os farmacêuticos querem vender. [...] É porque, antigamente, você chegava na farmácia, quero tomar esse, essa... eles davam... Antigamente... Eu pegava você: ‘Aí, vamos lá, mulher, você está com o corpo horroroso, vamos lá colocar silicone, tem dinheiro? Tem! Vamos lá!’.” “Eu conheço cirurgiãs... Eu, problema cardíaco, se eu tiver com dez mil aqui na mão... Lá para as seis horas da tarde, eu com peito. Peito, nariz feito, tudo feito. Tem clínica aqui em São Paulo, é você

chegar... Tem exame de coração aqui na Luz... taca, abre aqui, taca o peito aqui, põe... faz o meu nariz [...] seis horas da tarde, eu estou em casa toda feita.”.

As alterações no corpo, como a colocação de silicone industrial nas nádegas e nos seios, possibilitaram, na década de 1980, que pessoas trans, como a Bianca, pudessem ajustar sua imagem e corpo à sua identidade. Infelizmente, tais tratamentos não eram apoiados na medicina regulamentada e nas leis jurídicas, tampouco visava a qualidade de vida. E, ainda que ela tenha feito as transformações corporais para redesignação de sua identidade, Bianca disse que nunca quis realizar a cirurgia para a retirada do órgão genital.

Nesses casos, Fajnwaks (2023), ainda em sua obra “Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos”, vê sentido no uso do termo “sujeito trans”, para abordar transgêneros e transexuais – sujeitos que se situam fora da lógica fálica, e que não se colocam do lado fálico da sexuação, uma vez que a questão trans (seja de transformações de gênero ou de sexo) é atravessada pelo desenvolvimento tecnológico das cirurgias – antes, tratamentos com silicones industriais (2023, p. 84).

Atualmente, o autor lembra que a medicina se apoia em leis, que exigem entrevistas com as pessoas trans antes da realização de cirurgias de redesignação sexual. A transição, marcada por alterações corporais, para o autor, parecem ser uma solução para a localização do gozo no corpo, ou melhor, de arranjos do ser falante com o gozo, o que interroga a teoria analítica (2023, p. 86). É, então, uma forma de ajustar o sujeito ao gozo que “[...] corresponderia ao tipo ideal do seu sexo”, defendendo ainda que há uma “[...] tensão entre a Psicanálise lacaniana e os sujeitos trans.” (p. 87), isso porque...

Lacan abordava a transexualidade a partir da lógica fálica, falando do erro que conduz o sujeito trans a tomar o significante fálico pelo significado e querer, então, suprimi-lo. Isso determinou que, durante muito tempo, se abordasse sistematicamente a transexualidade como uma forma de psicose em que a significação fálica estava reduzida a zero por esse erro. Há que se assinalar que não é sempre que o sujeito demanda a castração real. (FAJNWAKS, 2023, p. 87).

Bianca se denomina travesti, e não, mulher trans, e aponta que o corpo e a imagem são muito importantes para as pessoas que vivem experiências trans identitárias.

Bianca: “Eu não quero ter uma vagina, eu só gosto de me vestir. Esse negócio de sonho em ter uma vagina, fazer mudança de sexo. Não! O homem, aquele que eu te falei, o primeiro homem que eu tive, era hétero, se eu for uma lésbica, não está escrito na sua testa. Você vai passar, se tiver uma... torcida do Corinthians, [...] você vai passar: ‘[...] olha, que menina gostosa! Não sei o quê...! Se você é prostituta, não *tá* escrito, “sou prostituta”. Agora passa eu. Um gay, se anda duro, [...] ele ajuda a bater na gente. Agora passa a gente, que é travesti...”.

O texto “A questão trans em nossa época”, de Edith Tendlarz (2020), reflete sobre a variedade de escolhas sexuais atualmente, em nosso século. A autora reforça que Lacan, a partir de 1970 (Último Ensino), propõe uma lógica para a sexuação (tábuas da sexuação de Lacan) e destaca que a relação sexual entre homens e mulheres liga-se a uma “[...] imagem do corpo”, estruturado a partir do estágio do espelho (TENDLARZ, 2019, p. 15).

No seu texto “Corpos trans” (2019),²⁴ Alejandra Antuña revela que “[...] nada podemos dizer deles, de homens e mulheres, sobre como defini-los. É por isso que a noção de identidade de gênero não faz sentido para a Psicanálise.” (TENDLARZ, 2019, p. 36).

Essa afirmação põe em xeque a questão do que é ser um transexual ou uma travesti: há aquelas que optam e necessitam de cirurgias de redesignação sexual, outras, não. Por isso, para a autora, a noção de “identidade de gênero” carrega em si alguns pontos centrais: a identidade de gênero como um direito e como a vivência de cada um; interna e individual, tal como a pessoa se sente, a qual pode corresponder ou não ao sexo do seu nascimento (TENDLARZ, 2019, p. 36).

Fajnwaks (2023), nessa perspectiva, apresenta em “Mil sexualidades”, pessoas que vivem experiências trans identitárias e ultrapassam o binarismo presente na diferença sexual e na oposição fálico/castrado que cifra o inconsciente, segundo Freud.

²⁴ Texto presente no livro “Género, cuerpo e psicoanalysis”, de org. de Edith Tendlarz, 2020.

Segundo o autor, Lacan, ao defender o Um-de-gozo (a partir de seu Último Ensino), “[...] já abordava a experiência da sexuação, não em relação às determinações inconscientes que vêm ao sujeito desde o lugar do Outro, mas sim, em relação aos arranjos com o gozo que o ser falante obteve ao longo de seu devir como ser sexuado.” (FAJNWAKS, 2023, p. 61). Cada letra da sigla LGBTQIA+ propõe modos particulares de gozo fora do semblante fálico, semblantes que atravessam e deles se liberam, sendo, assim, sexualidades que ultrapassam as “[...] coordenadas desejantes que descrevia Freud, quando nos dizia que, no inconsciente, não existe inscrição da diferença sexual, já que o inconsciente somente reconhece a dualidade fálico ou castrado.” (FAJNWAKS, 2023, p. 62). O referido autor destaca ainda a relação entre a sexualidade e o real, como o que não se captura, sem sentido e sem significação, colocando a sexualidade, assim, do lado do que provoca furo e do enigma. Para ele,

A sexualidade nos confronta com o fato de que existe ali um real em jogo, o que implica que, para nomear-se sexuado, o ser falante não pode autorizar-se somente dos semblantes que vem do Outro. A sexuação implica uma dimensão enigmática, real, que faz com que, se o ser é sexuado [...] pode apoiar-se em significantes e identificações que vêm do Outro. Autorizando-se deles, não faz mais que recobrir parcialmente o buraco fundamental de quem confronta a sexualidade.

(FAJNWAKS, 2023, p. 66)

Ser uma pessoa transsexual é, então, uma solução singular à sexuação do *falasser*, e, em nossa época, um desafio à normalidade que responde com violência, a ponto de Xeila dizer reiteradas vezes que se arrepende de ter se tornado travesti, e que não concorda com o termo ‘mulher trans’:

Xeila: “Eu... eu me arrependi por conta da rejeição da sociedade, da família, entendeu? Do... [...] daquela imagem que as pessoas têm de travesti, que é bandido, que é ladrão, que é mentiroso, isso não vai mudar nunca! Ela pode se formar, ela pode chegar em qualquer lugar, em qualquer status da sociedade... Nunca vai ser respeitada como pessoa. Então eu me sinto assim, forçada (...) eu sou forçada na sociedade... a viver! Isso eu me sinto muito rejeitada. Por mais... eu vivo? Vivo, em todo lugar eu vou, mas você se sente rejeitado... pela família... Em todos os lugares... e pelas pessoas, as pessoas não querem *sentar* do teu lado, as pessoas não querem conversar contigo no meio da rua... Até os que te procuram mesmo para praticar [...] que vive,

prostituição, os caras que procuram, procura escondido, porque... na rua não fala, manda ir na frente, não caminham... As pessoas têm vergonha disso.”.

Xeila: “Então... Eu não sabia que se travestir de mulher, o homem se travestir de mulher... Seria tão vergonhoso. Tão rejeitado, tão manchado... tão humilhado... tão escarnecido pela sociedade, pelos parentes. Eu não sabia, se eu soubesse, se ele tivesse me falado, as consequências disso aqui, de se travestir de mulher, eu não teria me assumido com uma... aparência feminina. Eu teria continuado a ser homossexual, gay, tendo minhas relações sexuais... Sem precisar me expor, sem me vestir. Com... que não tem trejeito, que... é... ajustado, entendeu, eu gostaria de ser assim.”.

Xeila: “Se você for um gay, tá bom! Mas se controle, não tenha trejeito que eu criei um homem, e um homem, as pessoas têm essa imagem de aparência! As pessoas só vivem de aparência. Então, se você é, fica assim, não demonstra pra ninguém, te esconde!”.

Xeila: “Agora, tem a mulher trans, que eu... definir assim, Trans... Um homem *transvertido* pra uma mulher. É colocado, denominado mulher trans, que eu acho muito forte. Se uma... trans, é *transvertido*... *Transvestido* de homem pra mulher... Não afeta ninguém! Eu era homem, fui *transvertido*! Terceiro. Homem, mulher, que virou trans. *Pra* que eu colocar o ‘mulher’! É por isso, esses contextos, assim, de... de mulher... É isso que gera o preconceito da sociedade. Eles, que parece que apoia, parece que... [...] incentivam o ódio, mais e mais, ao mesmo tempo que apoia, parece que ele te crucifica, mais quer beber do teu sangue. Porque [...] o povo sabe que a sociedade é uma unidade em si, nunca vai aceitar. “Você é uma mulher, sim!”, não! É um *viado* para sempre. É um homem para sempre.”.

Xeila: “Mulher, não se enquadra. Quando você fala: mulher trans, eu sou uma mulher? Isso gera ódio nas pessoas, nos héteros, nas mulheres... Porque eles não conseguem assimilar, aceitar isso. É uma ofensa pra um homem, é uma ofensa *pra* mulher. Uma trans, uma *transvestida*, falar, “eu sou uma mulher”. Isso é uma ofensa *pra* uma mulher, pra qualquer um homem... Vai ser homem! Não vai... ser respeitada [...] não tem lugar nenhum... [...] a não ser prostituição. Não muda nunca. Amiga, eles bebem o nosso sangue, esse povo que acha que apoia, não apoia nada. E tá botando a sociedade, o mundo inteiro, contra *as travesti*, contra tudo...”.

Dos depoimentos, Larissa detalha as violências presentes também no mundo do trabalho, incluindo preconceito, agressões e traumas.

Larissa: “Cheguei nessa loja, quem me atendeu foi uma... gerente. E eu já sabia que ela era evangélica. Porque ela começou a me... falar muito que... [...] se eu era gay... aonde que eu (...) nasci, morei. Aí começou a fazer um monte de pergunta, falou... que eu deveria fazer uma prova de novo [...]; eu não entendi, mas tá bom... Aí eu fiz a prova, fiz tudinho, direito... [ela] assinou minha carteira...E eu [...] comecei a trabalhar. [...] no primeiro mês... *tava* legal... No segundo, ela começou a pegar no meu pé, porque eu era muito... alegre, né, com [...] os clientes. E ela falava que eu deveria ter postura... porque você é homem, você nasceu homem. Você tem que ter postura de homem. É muito feio você fazer o que você faz, ficar desmunhecando, falando fino, essas coisas. E eu comecei... a não aceitar aquilo. Já estava maior de idade, já estava sentindo... a maldade do ser humano. E aí eu comecei ver, tipo, a maldade. Que [...] eu sofria preconceito dentro de casa, no trabalho. Aí... todo dia era (...) uma reclamação. Que eu deveria ter postura, que eu deveria ter postura, eu deveria ter postura. Só que ninguém ficava do meu lado, na época. Teve uma vez que tinha um menino, ele... fazia [...] é... comentários preconceituosos. Falando que o meu sotaque era horrível... que eu tinha... jeitinhos muito... aflorados, dizendo ele.”.

Larissa: “E teve uma vez que ele veio em cima de mim, queria me bater, me dar um murro na cara. Vestido de trabalho. Me agredir na porta da [...] loja. Aí ele... levou uma suspensão, (...) foi *pra* casa e eu fiquei trabalhando. E ela [sua supervisora] falou assim *pra* mim: ‘ó, se você não ouvisse o que eu *tô* falando *pra* você, [...] não ia acontecer... isso contigo. Eu sei que você é vítima, mas você tem [...] deve ter postura! Você *tá* num lugar de trabalho, você não pode fazer isso’.”

Larissa: “Aí eu ficava com muito medo, aí, isso aí me deu uma crise de ansiedade que nunca aconteceu isso comigo. Teve um momento que eu... que eu sofri um... ah, eu fui trabalhar, né, na porta, na época, e aí a mulher... chegou. Aí eu entreguei um panfleto pra ela, e falei, ‘oi, vamos fazer o cartão de crédito, e tal.... E aí, eu sem querer passei a mão no cabelo dela, e falei, “nossa, o seu cabelo é lindo, vamos fazer, meu amor...”’, aí ela... aí o marido dela chegou. Falou: ‘ah, você tá dando em cima da minha mulher, que não sei o quê’, ele veio

querer me agredir, e aí na hora que ele me agrediu ele me deu um murro no peito! E aí eu pedi ajuda! Aí eu corri dentro da loja, ele veio atrás... E aí a gerente falou assim, “ué, por que você *tá* querendo agredir ele? Ele gosta da mesma fruta que ela gosta. E eu ouvi isso. Aí, eu fiquei assim, mano, sem palavras, fiquei sem reação... Aí, eu fui lá *pro* banheiro, eu comecei a ter crise de ansiedade, sabe quando você fica com falta de ar, você não consegue falar... eu fiquei desse jeito. Aí, me deram um copo d'água. Aí, eu fui pra casa. E aí ela começou... ela não *tava* querendo mais que eu ficasse na empresa. Desde o primeiro dia, acho que ela foi obrigada a me empregar, só que ela não queria! Eu sofria preconceito. Às vezes eu escutava... Uma menina uma vez me falou: ‘ó, o marido dela falou isso pra você’ – ‘esse *viadinho* é muito... sem noção, né?’.”

Larissa: “E eu [...] e ela falando isso *pra* mim, eu fiquei muito assim... será que é esse é o problema, sou eu? E eu sempre ouvia isso. E aí tinha uma... uma menina que também cuidava da gente, e ela fazia questão de me falar isto pra mim: ‘ó, muda a tua postura, muda a tua postura!’ Porque ela falava também.”.

Patrícia relata que, assim como os demais, passou por situações de violência por ser travesti, mas também conta das vulnerabilidades das condições de vida ao chegar em São Paulo para trabalhar com prostituição. Além disso, conta que se casou com seu ‘primeiro cliente’ que a tirou das ruas e a agredia muito em casa, aparentemente como uma tentativa de ‘moldar’ seu comportamento e sua postura, ou “ensinar” para Patrícia como ela deveria ser.

Patrícia: “Era horrível. Eu apanhei muito dele, nossa! muito, muito junto dele. Ele era muito agressivo, né? No começo, ele era uma maravilha, né? Nossa, um ano! Dois anos, era uma maravilha. Passaram os dois anos e era um inferno. Era briga, briga, briga, soco lá, soco pra cá. Coisas em casa não tinha. A gente tacava um no outro, né? Era muita agressão, muita agressão.”.

Ela prossegue: “Eu apanhei três anos dele. Depois que um dia eu acordei pra vida, eu falava, poxa! Não vou apanhar mais! Quando ele for levantar a mão pra mim, eu só ia pegar o facão, o facão taquei no peito dele. Só não matei ele porque por acaso que eu dei de lado... Pá, no peito dele. Aí, ele ficou internado, uns dois dias. Eu quase furei o coração dele. Aí a gente chamou, chamaram a polícia, foi *pra* Delegacia. O delegado falou... foi, deu a razão *pra* mim, foi legítima defesa. Falei: “Olha só, eu moro com ele quase dez anos. Ele

sempre me espancou, mas eu nunca acordei *pra* vida. Agora que eu acordei, vocês querem falar que eu *tô* errada? Não *tô* errada? Tive várias marcas de tapa, murro que levava dele... apanhei de vassoura dele. Ele quase me matou. Só não me matou porque eu acordei *pra* vida. **É por isso que eu falo assim, cada um tem um destino, né?**”. **“Só que ele me ensinou muita coisa. Se eu tenho postura hoje, porque ele me ensinou. Ele me ensinou muita coisa. [...].** A gente cansa de apanhar, não é? A gente se agredia um ao outro, né? A gente se pegava na *porrada* mesmo. Ele me jogou de uma escada... Só não morri por Deus.”.

Patrícia: “[...] eu peguei uma pneumonia aguda aqui. Eu fiquei só osso, eu era bem magrinha. Eu fiquei internada... Aí, eu fiquei internada três meses. Por causa do frio. São Paulo, o clima de São Paulo e o de Minas, é diferente que de lá. Em Minas é uma coisa, em São Paulo é outra. Porque é aquela cidade que é quase o primeiro mundo, grande, né? Em Minas Gerais, essa cidade que eu nasci era pequena, né? Eu passei muito frio... Se eu *tô* hoje aqui é porque graças ao meu esforço e graças a uma amiga minha que me ajudou muito.”.

Patrícia: “Na região de Paulo, onde eu morava, a gente não podia ficar na rua de madrugada, não. [...] Tem uns [policiais] que respeitam, tem uns que não respeitam, né? A gente *tava* com um cliente conversando com um cliente... barrava o cliente pra xingar a gente... Xingava a gente, mandava, sair fora e deixar ele com a gente aqui. A gente apanhava... muito cliente apanhava por causa disso também. A gente tinha que ser humilhado na rua pelos policiais também, né? Xingavam e humilhavam a gente.... ‘você é casado e sai com viado, nossa! Não tem que olhar na tua cara, não’. Muitos eram humilhados também. **A gente era bem humilhados na rua também.”.**

Bianca é a que mais relata as situações de violência e agressões por ter sido travesti em São Paulo no período histórico de maior perseguição a esse grupo, nas décadas de 1980/90. Seu depoimento detalha muitas situações em que foi violentada e agredida, o que foi traumático para ela. Ela ainda afirma que não gostaria de retificar seu nome porque não quer mais se esconder ou fingir ser mulher; ela já precisou fazer muito isso no passado para não ser perseguida pelas forças policiais.

Bianca: “Agora, hoje em dia, todo mundo pensa em trocar nome, parabéns, é um direito. Mas eu nunca farei isso. Porque quando eu saí, e me

assumi, eu tinha que me esconder. Eu tinha que passar por mulher... a pulso, pra não ser presa, pra não apanhar na cara, como a gente andava na rua, **policial metia a mão na cara da gente, assim... Como estivesse cumprimentando.** E ninguém fazia nada! Ao contrário, riam! E sabe quem fazia mais? As mulheres! Que *pras* mulheres... Nós somos uma afronta, pra elas. Mas tem muita mulher que não aceita. E as mulheres falavam: 'Ah, manda esse *viado*, safado, faz virar homem!'".

Bianca: "Entendeu? Como os homens também faziam. E, na minha época, eu queria ser o que sou... Eu nunca pensei em ser mulher. Eu gosto de me vestir de mulher... Ter aparência feminina. Mas eu nunca, sabe, tive esse sonho, de ter filho... Eu sou *uma homossexual assumido*. Eu sou uma pessoa muito bem, sabe, eu sei o que eu quero *pra* mim."

Bianca: "A polícia... eu passava perto da polícia, ou *tava* dentro de um táxi... Quando a gente pegava táxi, a polícia mandava a gente descer. Que era um abuso... Eles falavam que era um abuso um... um *viado*, andar de táxi, tinha que andar a pé. Aí, eu tinha que ser mulher à pulso... Aí que tá, eu tinha que passar por mulher pra não ser pega pela polícia (...). Andando na rua, pra não apanhar. Porque a gente andava na rua... "Olha o *viado*...". Travesti não podia andar de dia. A gente apanhava. O policial descia, quebrava a gente no pau, então eu tinha que passar por mulher. Eu baixava a cabeça, andava mais... sabe? Eu tinha que ser feminina. Pra eles não descobrir que eu era travesti, eu tinha que passar por mulher, tanto que, quando eles me pagavam pra me levar, pra me bater, a polícia... Me levaram pra uma quebrada... Levou eu e mais três amigas minhas. A polícia falou: 'olha só! Quem diz!' "É isso, a gente já tinha apanhado dentro da viatura, eles estavam tirando uma por uma..."

Bianca: "Meu nome é V. R. dos Santos, meu nome social, Bianca. Eu não chego na padaria, "Oi, tudo bem, qual o seu nome?", "É V.!". Não. É Bianca! Mas em locais assim... Aqui mesmo, eu dei meu nome, de batismo... Qualquer lugar, hospital, delegacia... nome de batismo. **Primeiro vem meu nome... E outra coisa, eu gosto de chocar também.** "É um homem? É travesti...". Agora se falar, "Bianca dos Santos!". Mais uma Bianca dos Santos da vida! Não vai ter aquele... suspense, aquela... **Eu me sinto uma artista!** Sabe? Eu me sinto diferente, eu gosto de ser o que eu sou, eu gosto que os outros saibam que eu sou. Não ter que ficar me escondendo... Por trás assim, aí, que ter vergonha! De

ser o que é. Porque eu acho assim, **se eu colocar o nome de mulher, assim, eu vou estar escondendo...** E aí eu vou *estar voltando pra trás. Quando eu tinha que me esconder, atrás da aparência feminina*. E se passar por (...), rezar, “meu Deus do céu, que eles não olhem pra mim, pra não ver que eu sou *viado*”. Sabe, eu chorava... eu já vinha me tremendo... eu gelava! Falava, “Meu Deus do céu, que eu passe como mulher, que eu passe como mulher!”. De vez em quando eu passava: ‘Ô *viado*, atravessa a rua da próxima vez! Se eu te pegar!’. Eu dava graças a Deus... Quando eles falavam... Eu já levei um chute! Na bunda, de um policial, menina, que eu... Deus é pai, eu senti a bota sair até pela garganta! Por isso! Só por ter passado. **Eu já fiquei presa, vadiagem.** Por ter passado na porta de uma delegacia. Eu fiquei de maior, dezoito anos...”.

Bianca: “Passei na porta de uma delegacia: ‘Você não acha que você é muito abusado não?’, ‘O que eu fiz?’. ‘Você não acha que você é abusado não, ô, *viado*! Passando na porta da delegacia? Com roupa de mulher? Seu traveco!’. “Travesti”, eu falei. “Acusação é: vadio, sem emprego, e é uma pessoa travestida. De mulher. Sabe qual era a alegação? “A gente tá procurando o Victor, e você passa com roupa de mulher, quem é que vai saber? Com essa aparência aí... se você é o Victor? Vai ficar aí um bom tempo [...] três meses! Tomando banho de água fria de madrugada, comendo resto de comida. Apanhando... Tendo que fazer sexo com policial... sexo oral (...). Cheio de... fezes.”.

Bianca: “(...) Eu tô te falando! A CHOQUE pegou... Eles começaram a bater... Dava com cabo de vassoura... de... cassetete na cara da gente. No peito. Aí quando chegou, ele falou assim, “Quem disse que essa porra é um *viado*? Essa porra parece uma mulher, infeliz... *Deixa ela* por último” [...]. “Eu falei, ah, vou fazer sexo. Vou levar *uns tapinhas...*”. “Não! Foi pra apanhar mais, só porque eu era bonita. Eu apanhei o dobro que as outras apanhou, só porque eu era feminina. E bonita.”.

Bianca: ‘Como é que essa *porra* pode enganar a gente! Quem diz que essa *porra* é um homem?’. Até paralelepípedo eles jogaram na minha cabeça... imagina o que é você apanhar de seis homens. Levando rasteira, até você se levantar, do tanto que você apanha. Eu não cheguei, nem conseguia me levantar. (...) Agora eles não podem mais... fazer. Olha, eu sou um travesti! Eu passei na frente deles, sabe? *Tava* o tático aqui... tinha mais de cem policiais.

Eu não sou mulher, eu sou *viado*, você olha pra mim, sou travesti. Hoje em dia, você não pode. Sabe o orgulho? **Eu tenho orgulho de ser travesti. Mulher grande? Não... eu não sou mulher grande, eu sou travesti. Eu gosto que as pessoas saibam que eu sou.**”.

Bianca: “Nessa época, menina... Você sabe o que é você tá dentro de um táxi, a polícia parar, mandar você pagar o táxi e ir a pé? Ele não aceitava você andar de táxi: ‘Esse negócio desse *viado*, andar de táxi! Vai a pé!’ – E levava um tapa no pé da orelha... E os pessoal que passava na rua, ‘bate mais!’. Mulheres, principalmente, dando risada... Tem mulher que não aceita. Quantas surras eu já levei na rua por causa de mulher? Um homem olhar... “Quer dizer, você gosta de *viado*, né? Você então é *viado!*”. Um homem pra... não mostrar pra mulher que não é, o que que ele faz? **Bate!** Quantas e quantas e quantas surras eu já levei na rua, trabalhando, sendo profissional do sexo. [...] Dia de sexta, sábado, dia que o pessoal sai *pra* rua, *pra* curtir. Eu me sentia um animal, porque... Passava tipo um jardim zoológico, dando risada, jogando coisa. Nem em bicho eles faziam isso, e na gente, eles faziam... Hoje em dia, ainda fazem! Zona Sul, principalmente.”.

Bianca: “A alegria dos filhinhos de papai... Era tacar ovo, descer, bater... Quantas surras eu já levei? Menina! Sem fazer nada! Você sabe que você tá na rua... *Tá* querendo ganhar o seu dinheiro *pra* pagar as suas contas, *pra* você comer, descer quatro, cinco boy, filhinho de papai, te quebrar! A polícia passar, olhar e não fazer nada. E se você for *pra* delegacia, quando a gente ia *pra* delegacia... **“É, que que você quer também? Vestida de mulher?”**.”

Foi o ódio aos trans e agressões nas ruas que levaram Bianca a sair da prostituição, aos quarenta anos, após um episódio de violência extrema:

Bianca: “Eu perdi todos os meus dentes. O *cara* chegou... me deu um soco, eu caí... Chutou minha cara. Ô, meu Deus, eu tenho um corte na cabeça... foi de taco de basebol. Eu sentada, o *cara* passar de carro, [...] dar na minha cabeça. Sem eu ter feito nada. Uma vez eu também *tava* sentada... Com fome, esperando um carro parar pra (...) mim fazer um programa, o *cara* desceu do carro, veio correndo com dois pés (...) no meu peito, que eu voava, começava a botar sangue pela boca. Sem ter feito nada, nada. Sabe o que que é nada? **Só por você existir.**”.

Bianca: “Depois das várias e várias e várias surras de polícia, eu já fui arrastada, já me levaram... para a Igreja das Almas ali na Cruzeiro do Sul, para me matar. Várias vezes, já me botaram o revólver na minha garganta, na minha cabeça... isso aqui é coronhada. Na testa... na minha boca. Tudo coronhada. Já fui tão espancada, mulher. E... até hoje eu não sei... Meu Deus do céu, o que que eu fiz?”. Aí, naquela hora que a gente fica... aí, depois fala que travesti é isso, travesti é aquilo, aí não sabe o que a gente já passou na vida, mulher! Eu... já... teve época de eu andar dentro do ônibus, onde uma pessoa do meu lado se levantar, olhar para a minha cara e se levantar porque eu era gay. Travesti. Já teve pessoas de eu estar dentro do ônibus, de levantar, a pessoa for *sentar*, outra segurar e fazer sinal para não sentar porque eu tinha acabado de *levantar*.”.

Bianca: “Tudo o que eu tenho hoje... tudo o que eu tenho... Eu tenho meu apartamento, eu tenho minhas coisas, [...] tudo foi com a prostituição. [...] Mulher, tem vezes que eu fico olhando o estádio de futebol, quarenta mil participantes, quarenta mil espectadores. Ontem mesmo *tava* passando (...), trinta mil! Falei, gente! Esses homens, eu já saí com tudo, desse estádio. Vamos colocar, eu caí na prostituição com doze anos. Vamos colocar até os quarenta anos. Quantos anos são? (...) Um ano tem 365 dias. Vamos colocar três homens por noite. Vamos jogar baixo. Tinha noite que eu saía com quinze, dezoito homens, vinte! Eu já saí com dezoito boys de uma vez. (...) Mulher, você sabe o que é você sair com um homem, ele te tratar que nem uma dama, “Nossa, você é linda. Nossa, você é linda!”. Deixa gozar. Você vai ver o que que é um homem! Tinha vezes que eu saía com um homem... cada homem lindo, sabe? Menina, parecia, sabe, aqueles namoradinhos que saíam de dia de domingo pra passear? Falava, “Nossa, o homem da minha vida! A mulher desse homem vai sair feliz”. Gozou, virou capeta! “Desce!”. [...] Tem uns que te quebram... Olha isso aqui no meu rosto, isso aqui é coronhada, soco na cara. (...) Mulher!”.

Bianca: “Não dá para entender. Eu também queria saber. Você acabar de transar com uma pessoa... e o *cara* te quebrar na *porrada*. Quem não acha certo ter que pagar para o *viado*. (...) Isso aqui é trave, isso aqui é coronhada... isso é barra de ferro. O *cara* acabar de gozar, pega a minha cara e dá com ela no volante. Pega a minha cabeça e esmaga no volante. O que está

acontecendo? Você sabe o que é um homem chegar pra você e falar, “desce, ou eu vou estourar a sua cabeça!”.

Bianca: “Pensa na situação, você tá dentro de um carro, o *cara*... parar numa quebrada dessa, ‘desce que eu vou te fuzilar’. Uma vez, menina, o cara fez isso comigo. A esquina é nessa porta, para virar, para sair da linha de tiro. Parecia que essa porta ia lá... pra rua... nunca chegava. E você sabe o que é você dar um passo, e esperar só os... pipoco.”.

E continua: “Por quê? Mulher, tem vezes que eu falo, a diversão da molecada era sair fim de semana pra bater em travesti. *Nós era* a diversão: apanhar. Juntar assim, ‘Vamos sair para pegar os *travecos*?’. E botava as meninas dentro do carro, tipo assim, vamos sair *pra* uma balada (...). **E não descia ninguém de carro pra mandar parar de bater.** (...)”.

Bianca: “Olha, eu saí da prostituição... Quando o *cara* quebrou, chutou minha cara, que eu perdi todos os dentes. [...] Da parte de baixo até... eu nem consigo usar a prótese. (...) Aí, eu... estava na esquina, o cara chegou e me deu um soco. O cara... ele perguntou quanto *tava* o programa, eu falei pra ele que “eu não sou obrigada”... Minhas pernas foram enfraquecendo, eu fui me abaixando e acabei caindo. Aí ele pegou, e chutou a minha cara. Ele puxou minha bolsa... como ele puxou a minha bolsa, minha [...] cabeça levantou e ele chutou de novo. Eu sei que eu apareci em casa, o L. [ex-marido] colocando gelo no meu rosto... Ficou o rosto preto. Aí perdi todos os dentes. Aí eu falei: ‘agora acabou prostituição’ [...]”.

Bianca: “*Pra* eles, não é nada. Mulher, pra eles, matar travesti... Dava nada! Você *tava* só eliminando uma peste mesmo, falar coisa ruim, uma doença. Entendeu? [...] Não tinha como trabalhar [...] você perder todos os dentes num dia... Eu tinha minha arcada dentária perfeita, um cara chutar e ficar toda deformada, sem dentes... Você não sabe o que que é você querer comer e não poder, não ter dentes. Humilhante. Aí, eu peguei... Um menino me ofereceu pra trabalhar na boate. Eu já *tava* duas semanas sem ganhar [...]. Aí foi nisso aí, eu peguei, fui trabalhar em boate... fui humilhada [...] eu trabalhei com... vômito e privada. Eles não dão emprego... Diz pra mim, quantas empregadas domésticas travesti você conhece? Não dão emprego pra gente.”.

Bianca: “Aí, eu, graças a Deus, sempre trabalhei direitinho, porque eu posso fazer o melhor, né? Aí o dono que é um amor de pessoa, gente muito boa.

Ajuda muita gente, o E. B., ele é o coordenador de lá, o diretor. Aí ele pegou, me chamou. Perguntou se eu queria ficar lá, fixo, trabalhando na limpeza. [...]. Então, eu trabalho no CRD. Da diversidade, ali da Major Sertório. Então, ali é o local da gente mesmo. Entendeu? E eu, agora eu trabalho lá [...] na limpeza, mas eu faço lanche, que lá dá lanche, dá tudo isso. (...)”.

Bianca: “Então, nesse local mesmo, todas as meninas, tudo almoça lá. [...] É porque eu já passei fome! Eu adoro o dia que eu faço almoço lá, o dia que... é, lógico, eu cozinho pra todos, do mesmo jeito. Mas é o dia que eu cozinho com mais vontade! Eu já tive do outro lado. [...] Agora eu tô de férias. Então, lá, aí, eu faço alimentação. Das meninas, lanche (...). Se você for lá pedir um lanche e você tá com fome, ligam pra mim, eu mando entrar. Ela ainda diz que trabalhar no CRD é tranquilo porque ‘lá só trabalha o **nosso povo**’... Eu coloco o nosso povo assim, um pessoal que é envolvido.”.

O discurso sobre o sexo e o gênero se torna o lugar a partir do qual é possível levantar o questionamento de toda a crença nas normas sociais que visam à domesticação da vida sexual do sujeito, e sobre isso, Leguil aponta que:

Os sintomas dos sujeitos são o sinal de que o desejo e as pulsões falam uma outra linguagem que não a das convenções sociais. Nenhuma norma, por mais justa, por melhor, por mais igualitária que ela seja, pode reduzir ao silêncio o que, do sujeito, é sempre fora da norma. Ademais, o sofrimento dos sujeitos não é da ordem do que pode ser universalizado e cuidado por um discurso coletivo, pois esse sofrimento não é apenas um sofrimento de classe” (LEGUIL, 2016, p .98).

Então, a violência e o ódio aos trans passa, sobretudo, pelas exigências da civilização para a ‘normalidade da sexualidade’, ou seja: pensar a sexualidade a serviço dos objetivos culturais como o trabalho e a reprodução. Trata-se, portanto, de exigências que fazem parte da vida sexual civilizada, o que os sujeitos trans questionam com todo o seu ser.

Mas, para além disso, a autora apresenta que homem/mulher são significantes que solicitam o sujeito em sua relação com o desejo e assim, relacionados à ‘anormalidade’ do ser, pois são posições em relação ao ser que envolve a dimensão inconsciente – da fantasia, da singularidade.

Por isso, com a Psicanálise, é preciso fazer um luto de uma normalidade para abordar as regiões estrangeiras do que é ‘fora da norma’. Ou seja, o gênero

feminino ou masculino é uma posição do sujeito em relação a seu desejo, o seu gozo.

Esse ódio aos trans que tão bem foram detalhados nos depoimentos dados, é da ordem de um apego às normas de gênero porque, quanto **maior o desconhecimento sobre o que é ser uma mulher ou um homem**, mais o sujeito se liga às normas “como um porto de origem” (LEGUIL, 2016, p. 136/137) e a autora revela que: “O apego às normas, assim como colocá-las novamente em questão, pode engendrar uma forma de ódio do outro, daquele que põe em perigo a crença profunda do sujeito em uma utopia salvadora, seja ela conservadora ou subversiva” (LEGUIL, 2016, p. 137).

As normas, então, são uma superstição ou crença que funcionam como ‘utopia salvadora’ que levariam à resolução política de dificuldades existenciais ‘íntimas’. Por ser uma crença, é posta em dúvida quando, por exemplo, um homem goza ‘com’ o corpo de outro homem, o que significa dizer que esse ódio aos trans na verdade é um ódio ao inominável do gozo.

4.2. Movimentos identitários e Psicanálise: como interroga? Como compõem?

Nos debates atuais sobre o tema, Fajnwaks (2023, p. 74) apresenta que o termo “identidade” deve estar associado ao *sinthoma*, sendo apropriada a utilização da ideia de *identidade sinthomal*, devido ao “[...] produto de uma análise na redução de gozo que essa opera até seu núcleo irreduzível.”

Para ele, a Psicanálise não trata do conceito de *identidade*, mas sim, de *identificações* – imaginárias ou simbólicas, produzidas na saída do Édipo (de acordo com Freud).

Esse conceito de *identidade sinthomal* seria fundado em um elemento *real*; um *núcleo de gozo que dá sua existência ao sujeito* (2023, p. 75), sendo sempre singular, já que não existem dois sujeitos com o mesmo *sinthoma* (como enovelamento dos três registros do *nó borromeano*, de Lacan). Por essa razão, para Fajnwaks, a *identidade sinthomal* permite interrogar a perspectiva das comunidades queer, fundadas em modos de gozo (sexual) que se coletivizam

sob a bandeira de um significante mestre comum, formando, por exemplo, a *identidade trans*.

Os agrupamentos coletivos de sujeitos que se reconhecem identitariamente não são uniformes e homogêneos; há contradições. Essa *identidade sinthomal* não permite uma coletivização, deriva do *sinthoma*, é sempre singular, tal qual a identidade *sinthomal* alcançada no fim de uma análise, porque implica um “[...] núcleo de gozo reduzido à sua máxima expressão; enquanto identidade fundada sobre o *sinthoma*, não implicando nenhum elemento simbólico ou imaginário presente em outras identidades de sexo ou de gênero [...] já que implica o *sintoma* em sua dimensão real.” (2023, p. 75).

Seria possível considerar travestis e pessoas trans como um único grupo? Com um único traço? O uso do termo *identidade*, então, se torna paradoxal, uma vez que “[...] é uma identidade surgida de um elemento real que singulariza o ser falante sem poder estender-se a outros.” (FAJNWAKS, 2023 p. 75), tratando-se de uma “[...] identidade que nomeia a diferença absoluta, que faz de cada ser falante um ser singular.”.

Mas não se pode esquecer que o termo *identidade* carrega em si uma dimensão *coletivizante*, importante para as lutas sociais envolvendo as comunidades trans e LGBTQIA+ em nível sociológico e social – estruturante de reivindicações de minorias e lutas por redistribuição e reconhecimento.

No Seminário 20 de Lacan, há o reconhecimento de que o ser sexuado não precisa procurar no Outro sua nomeação sexual, mas ele pode articular ele mesmo o modo de gozo que vai defini-lo. Isso porque, nas *fórmulas* (ou *tábuas*) da *sexuação* propostas por Lacan nesse mesmo Seminário, as posições “homem” – gozo masculino, absorvido pelo significante fálico – e “mulher” – gozo feminino, que excede a medida fálica e coloca um não-todo fálico, *um a mais* ao gozo fálico, podem ser assumidas por *qualquer ser falante*, como já explicitado. São maneiras de gozo, posições, onde o sujeito se localiza. Bianca e Xeila dizem “sou travesti!”. Nesse caso, implica uma nova definição de ser sexuado, centrado na sua relação com o gozo a partir do *Um só*, “[...] e já não mais do Outro [...]”. (FAJNWAKS, 2023, p. 89). Também porque é o...

Outro que transmite o falo, tanto do lado do pai para o menino, porque a saída do Édipo permite ao menino se identificar com a posição de ser que o leva, como para a menina, porque é o pai que o transmite sob a forma da criança vir. Aqui já não se trata de se nomear sexuado a partir do Outro, mas do gozo do Um só e, para isso, o sujeito pode se autorizar no gozo que lhe convém [...]. (FAJNWAKS, 2023, p. 89)

O autor prossegue, afirmando que o ser sexuado poderá então encontrar os arranjos com a sexualidade que lhe convém na medida em que Lacan reflete para além da divisão de gozo masculino/feminino. Assim, cada um deverá encontrar sua maneira de se nomear sexuado, sendo essa sexualidade sempre uma dimensão real.

A partir do Seminário 23, é possível pensar os arranjos possíveis com o gozo em termos do *nó borromeano*, onde “[...] *o masculino e o feminino, talvez encontrem a se ordenar em função do nó que o ser falante consiga fazer.*” (FAJNWAKS, 2023 p. 90).

Bianca, como travesti desde os 15 anos, teve como meio de sobrevivência durante toda a sua vida a prostituição. Seus relatos sobre as violências sofridas são da ordem da repetição e do trauma. Vários são os episódios de agressões, especialmente por policiais.

Bianca: “Como eu estava te falando, antigamente, a diversão era sair para bater em travesti na esquina, não sei que graça tem você, você ver um ser humano trabalhando, ou você acha que o tempo de frio, três, quatro graus, eu na esquina, em pé, numa madrugada, na rua, pelada, *tu acha* que eu estou ali por diversão? *Tu acha* que eu não queria uma casa, estar dentro de casa, um quentinho, vendo uma televisão, não! Estou ali por diversão! Chovendo, debaixo de chuva, estou ali, aí para um carro, desce um [do carro] e te demolir! Te quebrar inteira, te deixa toda quebrada. Era diversão deles. Pode ver, se tivesse aluno aqui, aí ia ter risadinha.”

Tem-se, portanto, a importância das lutas e movimentos sociais, que se estruturam com base no conceito de ‘identidade’, para que as violências e violações de direitos humanos sejam expurgados, a partir de lutas por reconhecimento.

Além dos casos de agressões físicas e policiais, as agressões também ocorriam de forma verbal. Bianca lembra que, nas décadas de 1980 e 1990, as

leis de proteção às pessoas que vivem experiências trans identitárias eram inexistentes, e violências aconteciam com mais recorrência e intensidade.

Bianca: “[...] foi aqui em São Paulo, já, a pessoa já *sentava*, olhava e *levantava*. Aí eu, sabe, levanto a cabeça, finjo que...” “É porque eu não vou demonstrar, né... sempre com a cabeça erguida. Não vou, não vai ser uma pessoa assim. A gente fala assim, que não vai abalar, mas abala! É que nem uma vez, menina, eu andando na rua, o cara olhou, como que fez ânsia de vômito. Uma coisa nojenta. Uma pessoa olhar para você, não sei o que... (barulho de vômito). Dói. Dói. E, no dia que eu estava dentro do ônibus, o cara olhou para mim, “Nossa, sentar perto de uma imundície dessa!” [...]. Na outra, uma vez também, a mulher foi *sentar*, a outra segurou ela, assim, “senta não, tá com AIDS.”.

Bianca: “Ninguém fazia nada!” ‘*Levanta, ô, viado!*’. [...] e o outro: ‘você tá doido, *sentar* [...] cheia de AIDS! Então desce, *viado!*’, e eu “Não, moço, não”. Ninguém fez nada! Nada, nada, nada. [...]. Podia contaminar as pessoas. Ninguém fazia nada! Feira, então. Você sabe o que é você andar, menina... é... fruta podre... Uma vez o menino... eu entrei numa rua, eu nem sabia que ali tinha uma feira. Para quê? Olha, agora... para voltar para trás é pior, menina, mas para quê que eu não voltei para trás? Era tudo, era caixote, era fruta podre nas costas.”.

A lei da chamada “identidade de gênero” foi produto de militâncias de organizações sociais LGBTQIA+ que consideram a sexualidade e o sexo como construções sociais e sustentam uma política em que há um questionamento da heteronormatividade tomada como “natural”, e que, então, pode agredir ou segregar quem escapa à norma.

De acordo com Tendlazz (2020, p. 35), ainda em “Gênero, cuerpo e Psicoanálisis”, nesse caso, a noção de identidade é central “[...] seja para desconstruí-la ou para afirmá-la segundo os casos”

Dessa forma, a **identidade de gênero** se coloca no paradoxo entre:

Produto de uma demanda do Outro social, por parte da comunidade trans – o qual tem um efeito antissegregativo ao promover a inscrição no Outro social dessa comunidade, é o aspecto positivo dessa lei. Mas, por outro lado, há uma profunda rejeição dos significantes provenientes do Outro. Portanto, o que nos mostra esta lei, que leva ao extremo a concepção liberal do

sujeito, nada mais é do que a rejeição do inconsciente que impera na subjetividade da época. [...] Essa lei é testemunha, então, de uma época em que o individualismo promovido pelo discurso capitalista supõe um sujeito senhor do seu gozo e do seu corpo. (TENDLARZ, 2020, p. 37).

Esse efeito *antissegregativo* é possível no estabelecimento de transferências e laço social, sendo a escola um espaço privilegiado para a constituição; para que as pessoas que vivem experiências trans identitárias não se sintam isoladas em uma escola de héteros, sociedade de héteros, como sinônimo de violência.

A obra de Fabián Fajnwaks, “Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos” (2023), é importante para o estudo dos dados levantados até o presente momento por se tratar de uma coletânea de textos de autor extremamente atuais, localizando a questão trans como “[...] consequências na sexuação que se deduzem a partir da evaporação do Nome-do-Pai.” (2023, p. 39) que, ainda segundo o mesmo autor (2023), seria característico do período atual, ou melhor, do que ele chama de era pós patriarcal.

A era pós patriarcal está sendo marcada, segundo o autor, pela fluidez, como um dos significantes mestres de nossa época, junto com o significante trans, derivado de transição. Ele assinala que o significante trans, inclusive, nomeia e se coloca não somente entre os seres humanos, entre os sexos e os gêneros, mas entre as espécies vivas, entre o humano e a tecnologia, como marca do nosso tempo.

Fala-se de gêneros fluidos, mas também de sujeitos ‘transespécies’ (os sujeitos que buscam hibridar-se com espécies animais, existem comunidades desse tipo de aliança), ou de ‘transumanismo’, para nomear a ideia mais ou menos delirante de que todo saber presente no homem passará às máquinas e aos Big Data, aos algoritmos, no horizonte dos anos 2050. (FAJNWAKS, 2023, p. 41)

Essa fluidez também, e sobretudo, refere-se à fluidez do gozo, sendo essa uma a consequência direta da dissolução da ordem simbólica, da “[...] evaporação do Nome-do-Pai e da suspensão da exceção paterna presente nas fórmulas da sexuação.” (FAJNWAKS, 2023, p. 42). Esse “pai imaginário” é onde

se condensava o gozo, do lado do pai mítico de Freud, mas o que encontramos hoje é um gozo em livre circulação, fluido, relacionado ao discurso capitalista, do imperativo ‘goze!’ – sem barreira contra o gozo.

Segundo Fajnwaks (2023, p. 43), nosso regime atual da civilização é o de excesso de gozo. Entretanto, é imprescindível não perder de vista que o gozo falha em cobrir completamente a divisão subjetiva. E o autor complementa que “autorizar-se de si mesmo” implica a possibilidade de pôr em questão (toda) a identidade sexual que existe no Outro e “[...] promover algo como uma nova identidade”, como um “[...] modo de gozo que não se autoriza do Outro para existir” (2023, p. 67).

Nessa perspectiva, as identidades “coletivas”, importantes nas lutas pelos direitos das pessoas da comunidade LGBTQIA+, são compartilhamentos de gozo comum, também chamadas por Fajnwaks comunidades de gozo (p. 67), como novas formas de laço social.

A busca por um ‘gozo comum’, ou um grupo a quem se identificar como solução do sujeito diante de seu sofrimento, pode levar a muitos caminhos. No caso da pesquisa, às ruas, à prisão e, sobretudo no caso das travestis, à prostituição.

Marcos diz que a rua e, posteriormente à cadeia, o ‘salvou’, porque sentiu uma tristeza profunda e sentimento de solidão ao sair de casa sozinho, com doze anos.

Marcos: “Ah, não sei, uma sensação ruim, de tristeza... de ficar... sozinho... Ah, professora... História meia chata... Ainda tenho mágoa do meu irmão até hoje. Quando eu saí da cadeia dessa vez aí... ele foi lá me buscar, mas mesmo assim... Não sei... não consigo apagar. Porque... [muito emocionado, chora].”. E prossegue, dizendo: “Porque eu sempre falo... quando eu mais precisei, eles... eles me chutaram, viraram as costas pra mim [chorando]. Eu não... não culpo eles não... fiquei magoado um pouco, né, mas... o que tinha que ter acontecido comigo aconteceu... a gente... sofre e aprende, né? Eu aprendi muita coisa.”.

Marcos: “Aí, depois disso daí, *profe*, lá na favela lá... perto da escola... eu conheci uma menina... aí me envolvi com droga, aí já era, acabou minha vida. Acabou minha vida. Acabou não... assim... em termos, né? Sofri... aí vim pra São Paulo, que fiquei em São Bernardo, na casa dos *meus irmão*, porque era todo o

mundo conhecido ali... Eles moram até hoje lá. Mesma rua, mesmo quintal. Mesma casa... **Aí vim pra cá, pra São Paulo... Aí aqui, cheguei aqui eu me identifiquei, porque, tinha pessoas igual a mim. Aí eu me acostumei...**".

Ao sair de casa, Marcos conta que conhece uma **menina** na favela perto de sua casa e passa a usar drogas e, depois, craque, dos catorze aos trinta anos, morou na rua por cinco anos e foi preso duas vezes.

O ponto central é que, no seu depoimento, ele diz que a rua "o salvou", porque é na rua que ele se identifica, porque "tinha pessoas igual a mim" e, além disso, na cadeia ele 'se interessa' pelo estudo e por um ofício – cabeleireiro.

Marcos: "Me viciiei. Aí fui presa. Fiquei nove anos e oito meses. Aí lá dentro da cadeia me interessei (...), cortar cabelo, ir pra escola de novo, aí foi onde eu retomei minha vida, onde eu comecei a viver de novo. E agora eu *tô* aqui."

Marcos: "Acharam que eu tinha morrido, porque tinha... doze anos, uma criança, né... Só que não. Eu aprendi a me virar, a sobreviver aqui. Entendeu? [Na rua] *Me* identificava, é porque tinha bastante gente... *viado*, tinha bastante menina que gostava de menina."

Parece que a 'identificação' que Marcos sente na rua e na prisão, encontrando pessoas "iguais" a ele é ponto chave na permanência dele na rua, e sua fuga e saída das instituições: escola e família. Para além disso, o depoimento de Marcos segue no sentido de que, para ele, seu irmão mais velho assume uma 'posição de poder' em relação a ele, dado as condições do seu irmão e a ter uma família, estudo e trabalho...

Marcos: "Aí, como eu... saí pra... saí de casa, já fui pra cadeia... usei droga, então eu nunca vou ser... ter razão. Tudo que eu falo, ah! É mentira... ele sempre vai tá certo, que ele sempre estudou, trabalhou, tem a vida dele, a família dele... Aí eu briguei com ele e vim... vim morar pra cá, pagando meu aluguel e *tô* aqui".

Marcos: "O que estragou eu foi, tipo, ter conhecido droga. Sei lá se estragou, **salvou**... Porque também aprendi a ter mais amor... Aprendi... entre as pessoas, **que a gente não é melhor do que ninguém**. O que o meu... o que o meu irmão me passou, que... tipo, ele era melhor que eu. **Que tinha que obedecer ele, porque eu ser menina, eu tinha que ser igual as outras meninas**, entendeu?".

A solução para o sintoma do *falasser* foi procurar uma identificação nas drogas, na rua e na prisão. Nota-se, nesse sentido, que há uma busca por ‘grupos’ que possam proporcionar essa ‘identificação’ ao sujeito e que os/as estudantes buscam nas ruas, na prisão e na prostituição certo ‘compartilhamento’ da mesma identidade – e se liga à solução do Um às identidades.

Isso porque há também pistas de que ele e elas se sentiam perdidos na infância, em busca de um referencial – e encontram, no caso de Marcos, nas ruas. É a solução, o salvou de algo.

Amanda, assim que saiu de casa, aos catorze anos, também foi em busca de um grupo, sendo que a primeira coisa que fez ao chegar em Brasília foi procurar uma casa de prostituição, onde outras trans e travestis moravam. Sua trajetória ao fugir de casa e ir de cidade em cidade trabalhando já com prostituição, foi muito dura e solitária. Ela se sentia sozinha, e, na sua fala, isso apareceu diversas vezes.

Amanda: “Fui embora, né, de cidade em cidade, conhecendo nosso Brasil, parei em Ribeirão Preto... é... Eu me sentia sozinha” e, mais à frente, diz que sentia falta da sua família. E, num lapso, ela revela que “chegou uma... eu não vou acusar que foi isso, me levou ao caminho **que eu acabei me encontrando**, sabe, mas eu acabei caindo no mundo das drogas. [...] Em Ribeirão Preto, me destruí, me drogava... Me.... quando não tinha dinheiro, assaltava os clientes... E numa dessas eu acabei sendo presa. Fiquei.... Perdi sete anos da minha vida...”.

O lapso de Amanda – que acabou se encontrando nas drogas – revela essa solução que encontrou, o da destruição. Em outro lapso, Amanda diz que em Brasília...

Amanda: “Eu fiquei lá, sem chão, sem saber que lugar, na onde eu ia me encontrar... Mas eu me encontrei, né? Já era... já tinha a mente já meia... Já não era aquele adolescente, **já era uma criança, bem dizer...** Aí eu cheguei lá, perguntei para um moto táxi assim, se ele conhecia onde que morava as trans, né? Se existia uma república, ou se tinha um ponto de prostituição que ele sabia...”.

Este segundo lapso reforça, talvez, o quão insegura ela se sentia nessa situação, em uma cidade grande, sem conhecer ninguém, procurando por um

grupo ou comunidade que a aceitasse. Ela disse que, na república ou no “ponto de prostituição”, ela poderia se “estabilizar”. Seria o grupo identitário que traria essa estabilização. A primeira travesti que encontrou a ajudou e deu o suporte de que ela precisava naquele momento:

Amanda: “Vou te levar lá no...em Valparaíso de Goiás. Lá, vou te deixar lá na zona lá que lá você vai ganhar bastante dinheiro. E à tarde, você pega, tem um moto táxi, na época tinha moto táxi, ou um ônibus e vêm pra cá, **pra casa**. Ou se você quiser que eu vá te buscar, eu vou te buscar.”

Já Patrícia e Xeila se denominam travestis, mas de certa maneira, negam a identidade com esse grupo – principalmente, Patrícia, que faz duras críticas às travestis, e Xeila, que se arrepende de ter se tornado travesti.

Patrícia: “Porque, antigamente, era mais escrota, escandalosa... Não podia ver homem na rua, mexia, hoje? Eu mudei muito. Depois dos casamentos que eu tive, eu aprendi muita coisa. Eu vim pra São Paulo, passei muita dificuldade, já fui muito humilhada aqui também... Assim, na... na casa da [...] cafetina onde eu morei, né? Que lá, um gay, na casa da [...] cafetina, se você não tem peito, você não é aceita, você não é travesti. Você não é aceita na sociedade trans. Você tem que ter peito. **Tem que ter peito e silicone. Se você não tiver, você é o gay. Você não é nada, você é... você é crua.**”.

Ao contar sobre a sua vida nas ruas, Patrícia diz que nunca sofreu agressão enquanto trabalhava com prostituição, negando sua condição de travesti: “Quem fala que eu fazia programa? Ninguém fala que eu fazia programa (...) nunca! Eu não sofri agressão, eu sempre fui *bem vista* e bem falada. Porque tem muitas meninas que são... querer ser uma mulher, tem que ter postura e saber se vestir e respeitar as pessoas. É o que eu penso, entendeu? (...) Eu nunca fui barrada no banheiro. Eu nunca fui xingada na rua. Nunca ninguém zoou com a minha cara. Ninguém, assim, soltou piadinha pra mim. Assim, eu gosto de todos os maridos que eu tive. Aí, eu nunca tive preconceito junto com eles. Sempre fui respeitado. Aí, você vai ter postura e saber respeitar as pessoas”.

Essas frases são recorrentes em seu depoimento. Seria um caso de psicose? Ou de negação? Tais questionamentos são oportunos pois tudo o que é relatado sobre as agressões nas ruas aconteceu com as suas amigas, nunca

com ela. Ela se diferencia, se desidentificando como travesti. Ela ‘nunca sofreu’ o que as outras sofreram, e conta das brigas que aconteciam entre as travestis:

Patrícia: “Eu não, já vi. Muitas amigas minhas já passaram. Por eu ser na minha e saber me comportar... Alguns elogiavam, mas nunca fizeram isso comigo, não. Comigo, não! Sempre fui respeitada, né? Sabe que a gente mora assim, em meio de outras trans? Sempre tem uma que quer ser pior que a outra, né? Mas eu sempre fui *na minha*.”

Patrícia: “Tem briga... uma querendo ser melhor que a outra. Uma zoando com a outra, entendeu? Falar uma coisa assim... Deixando a pessoa no chão, pra baixo mesmo, né? ‘Ah, você não vai conseguir, você vai... Você vai voltar pra sua cidade, gay... Você veio pra cá pra perder tempo de vida aqui, pra essa cidade, vai embora com essa cara que você está mesmo!’.”

Patrícia ainda diz que só tem uma amiga na vida, que é essa que a ajudou quando ela veio para São Paulo, o que talvez justifique essa necessidade de se defender e se diferenciar da comunidade travesti...

Patrícia: “Eu aprendi muita coisa. Porque a única que me ajudou foi uma só. Que tá até hoje na casa onde eu morei [cafetina]. Então também é difícil ter amigos. É difícil. Amigos... você tem colegas, e não tem amigo. [Amiga] é, uma só. Da vida inteira, desde criança. Desde quando eu cheguei aqui, só essa.”

Patrícia: “A pessoa fica na rua porque gosta. Ninguém obriga você a falar, eu vou ficar na rua... Fica se quiser. Eu não fiquei na rua. Eu tive quatro maridos que me tiraram da rua. Três que me tiraram... Eu sempre saí de casa, ficava na minha, casada. Ou morando com alguém, ou namorando e sempre me ajudando. Eu não me arrependo de sair da rua, não. Não pretendo voltar não. Mas eu vou falar... porque eu não pretendo. Se um dia, eu precisar e a dificuldade falar mais alto, aí eu falo assim, eu sou obrigado... e se a barriga apertar? Eu vou ter que dar um jeito de conseguir uma coisa *pra mim* comer. Porque eu não vou ficar... pedindo as coisas pros outros. Eu não gosto de fazer isso. Eu não vou me humilhar por ninguém... Corro atrás das coisas. Não peço nada pra ninguém.”

Patrícia: “Eu não tenho do que reclamar... [...] a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi ter vindo pra cá, entendeu, [...] e conheci meu outro marido que morreu também, que ele me ajudou muito, entendeu, **ele me agredia, mas ele me ensinou** [...] com a agressão dele me [gaguejando] ajudou

muito, aprendi, ele me ensinou muita coisa, a saber o que eu sou hoje, a se comportar, entendeu? Ele era agressivo, mas ele [...] me ensinou muita coisa. Ele sempre falava: ‘é assim, assim, assim [...] você quer ser [...] alguma coisa? **Preciso mostrar o que você é**’. Ele me ensinou muita coisa, mas ele me [...] eu sofri muito na mão dele, também, meu marido que morreu, tem dez anos. Sofri demais.”.

Esse homem com quem se casou pode ter sido para Patrícia um maléfico professor, que a agredia para ensiná-la a se comportar. Ela é grata a ele, apesar de quase ter morrido com as agressões. Há, no mínimo, uma naturalização da violência, como se ela fosse esperada e tivesse uma função educativa na vida de Patrícia.

Após contar sobre as humilhações que passou, ela volta a dizer que nunca a confundiram com homem e que ela é muito bem aceita. Ser travesti, portanto, é negativo? Ela quer que a vejam como mulher, não como uma pessoa trans: “[...] **depois que eu, que eu, assim, me plastifiquei, [...] fui bem aceita na sociedade trans, sim**. Eu nunca fui confundida com... eu nunca fui, assim, é... **nunca ninguém falou que eu pareço homem**. Nunca [...] **nunca levei um murro na rua depois que eu virei travesti**.”.

Patrícia: “Agora aí as outras falam que é barrada no banheiro, porque que é barrada no banheiro? Porque [...] quer vestir igual puta na rua? Quer ir pro shopping igual puta. Quem vai deixar entrar no banheiro do homem, da mulher? Eu nunca fui barrada não. Nunca. [...] nunca fui barrada, eu sempre fui [...] sou confundida com mulher na rua. [...] Eu passo batido na rua. **Ninguém fala que eu sou travesti, não**.”.

Xeila, em mais de um momento, fala em seu depoimento sobre seu arrependimento em ter se tornado travesti, mas frisa que não é por ela, e sim, pela rejeição da sociedade, e diz que mudou seu comportamento depois que saiu da prisão:

Xeila: “Eu me arrependi por conta da religião, da sociedade, por ter virado travesti. E a gratidão é porque se eu não tivesse sido travesti, eu não tivesse conhecimento... Esse conhecimento que eu tenho agora. **Se eu não fosse travesti, eu não tinha sido presa, eu não tinha ido pra cadeia. Vem a gratidão!** Você tem que ter um entendimento, você está entendendo, professora? Você tem que ter um entendimento, eu estou arrependida, sim,

porque eu me sinto rejeitada. Eu posso ir a qualquer lugar, eu posso... Quando eu chego, eu só vejo o olhar. A pessoa não precisa falar, fala com isso [olhos], isso me incomoda, e faz com que minha *arrependência*, minha *arrependência* tenha virado uma “chavinha”, por conta da visão de toda a prática, e pela visão física da minha transformação. Porque é desmoralizada, é desajustada. A pessoa não quer isso, tem nojo, quer fazer piada.”.

Xeila: “O que é desajustada? Então, (...) as pessoas aceitam gay, sim. **Com comportamento. Gay ajustado.** E os próprios gays que são homens gays, ajustados na sociedade, vão te rejeitar. Esses próprios gays se tornam homofóbicos. Porque a homossexualidade, como eu falei pra você naquela entrevista, é uma prática. E uma prática oculta. E quando ela não é oculta... Então você muda o teu corpo, e o corpo revela para a sociedade. O que eu sou, e isso fez com que eu fosse uma pessoa desajustada. *Compara* essa pessoa com distúrbios psicológicos. Então a homossexualidade é uma prática. Cabe a você ter necessidade de rasgar ela ou não. Se eu não tivesse sido uma trans, uma travesti, eu não tinha sido presa, eu não andava aqui, eu não tinha tido esse pensamento (...) da Psicologia, da sociedade, da política, entendeu?”.

Xeila: “O que eu vejo na rede social, [...] o que tem de homem, de barba, com blusinha dada ao nó, com barriga cheia de cabelo. Mano, aquilo me sangra o coração. Meu Deus, como eu me arrependo, como eu tenho vergonha disso tudo... Você tá entendendo? [...] se eu tivesse pensado mais na sociedade me aceitar, **eu tinha virado gay**, você está entendendo? E eu tinha a minha realidade gay, **o que eu tenho que entender, amiga, é que sou travesti, eu me sinto bem**, porque eu me sinto... *onde* eu chego, eu estou me respeitando, todas essas coisas, mas na questão de conviver, com as pessoas querendo ir *na* sua casa, ninguém quer. (...) eu achava que era linda, que era maravilhosa, e eu estava com a minha alma fazendo isso, mas eu tinha percebido que era uma ovelha. Depois de perceber que eu era uma ovelha, parei de praticar certas coisas, certas notícias, certas práticas, certos comportamentos, certos posicionamentos, certos pensamentos. Certos comportamentos eu não tenho mais.”.

Xeila: “Porque lá [na prisão] eu vi que o comportamento, a sua postura, o seu vocabulário, o seu discurso, a sua narrativa é o que move o mundo. *Onde* você chegar, se você tiver uma boa narrativa, uma boa conversa... você dá certo

em tudo na sua vida! [...] quem não mente não teme a nada nem a ninguém, porque a verdade é um alicerce que não se abala, ele é concreto. [...] Tem um código ali [na cadeia]. Tem um código tudinho, o comportamento, a postura, eu entendi isso lá dentro da cadeia, que o povo tem raiva... ranço, nojo. Eu entendo o comportamento, da ética social que a pessoa tem, e o comportamento dos dirigentes...”.

Xeila: “[...] é algo muito complexo. A questão da homossexualidade, do preconceito, **com esse jeito feminino**, de não ter o jeito feminino, entendeu? Eu... **me arrependo de ter virado travesti**, porque eu sei que a homossexualidade... ela pode ser praticada em qualquer momento, a qualquer situação, em qualquer pessoa, sem precisar expor da minha prática. Então, a homossexualidade ela é... Oculta para aquele que quer ocultar, e *também* é livre para aquele que não aguenta, que quer se sentir livre por conta daquela exposição. **Que eu me arrependo de ter me exposto ao ponto de transformar o meu corpo**, porque a sociedade não rejeita prática, porque ela pode ser oculta, mas ela rejeita o que ela vê! **Os trajés, o comportamento**. Isso é completamente generalizado. De baixaria, de vulgar, sem educação, sem respeito... que só pensa em sexo, não suporta, não tem educação, assedia todo mundo. Essa é a imagem que o travesti tem! O travestismo! O gay não... Não tem... solução pra isso. E o que é homossexualidade? É inexplicável, uma anomalia da natureza, e pode ser uma bissexualidade humana!”.

O ciclo de violência e invisibilidade em que as trans se encontram as coloca em situações de solidão, e há relatos de grandes dificuldades em estabelecer laços de afeto com o outro – amigos, família, companheiros/companheiras.

Bianca: “Tenho contato com a minha família, mas se Deus me livre e guarde, acontecer alguma coisa... Eu estou sozinha. Quando eu fiquei internada na Santa Casa... Eu não queria que elas viessem. Mas aqui em casa eu estou só. Aqui em São Paulo eu estou só. Só Deus e eu que sei. (...) A minha sorte, que eu trabalhei, guardei dinheiro, consegui minha casinha. Agora, imagina eu... (...) de entender, né, que a maioria, do pessoal, homossexuais, travesti principalmente aí da avenida...”.

Bianca: “**Porque a gente se segura na prostituição, mas a beleza acaba**. Eu já fui *travesti*, eu trabalhava aqui no Ipiranga, eu parava o trânsito.

Era... cinco, seis carros parados, só para me atender. Eu dava o valor, por exemplo. Gastei muito dinheiro! (...), mas só que a beleza acaba. A idade chega. E aquelas que não conseguiram nada, hoje em dia tem que ser o quê? Empregada das bichas novas. Ser humilhada.”.

Bianca: “**Porque no nosso meio também existe um preconceito.** Eu quando eu trabalhava na boate gay, se soubesse como é que eu era humilhada pelas gays... que travesti e gay tinham se... Sempre teve essa rixa. Quando elas viam que eu era travesti, elas faziam de propósito. Vomitavam para *mim* limpar. Eu era muito humilhada, mulher! Hoje em dia eu trabalho no CRD, graças a Deus meu patrão é um amor de pessoa! Mas em todo o local tem o preconceito.”.

Bianca: “É que nem eu falava antigamente, gente, eu não vou pra esquina (...) *pra* concorrer! Porque eu sou uma pessoa muito profissional. Entendeu? Tanto que eu já te falei, eu não sou uma mulher grande, eu sou um travesti, eu gosto, adoro homem, admiro uma mulher, tanto que eu me visto, mas não me sinto mulher. Eu gosto de me vestir feminina.”.

Bianca: “Acho que a pessoa que mais ama vocês mulheres somos nós, gente, sabia? **Porque nós tentamos ser igual a vocês.** E, entendeu? Eu não tenho nada, *negócio*” ... “ai, meu pênis! não!”. “Eu me aceito de jeito que eu sou! Sou um homossexual, sou um travesti, muito bem resolvido, sei muito bem o que eu quero da vida, não vai ser me chamando de V., que vai me... eu vou deixar de ser o que eu sou, me chamando de Bianca, não vou virar mulher porque eu nunca quis ser.”.

Bianca: “[...] Se eu te falar, como você sabe... Como me dá um orgulho sair com hétero! [...] Tem que baixar a cabeça, aquele tabu, sabendo que eu sou um homem, bom, vamos colocar assim, um “homem”, mas tá saindo comigo! Quer dizer, e hétero! Aquele homem que nunca teve relação com outro homem, aí sai comigo... um orgulho! Entendeu? É que nem [...] quando eu ia pra rua, assim, não precisando mais, [...] às vezes eu ia pra ver minhas amigas. Só em parar um carro: ‘Quanto?’. “Ai... eu *tô* viva!” Um homem oferece dinheiro *pra* ter relação comigo. Daquilo ali *tá*... “Eu sou gostosa!”. Entendeu? **Isso aí é da gente que é prostituta.** É tipo... “*Tô* viva!”. Tem homem daqui que se interessa por mim. Isso aí é um gás. *Tô* viva. *Tô* viva ainda. Tem homens que me desejam. [...]. Eu acho que... Gay é alegria, né? Não diz, que em inglês, gay é alegria, né?”.

Ainda que se saiba que, sob a perspectiva de gênero da Psicanálise, não há identidade de gênero, e sim, processo de sexuação particular e diverso, relacionado ao modo como cada um lida com o gozo, a questão da identificação com um grupo tem sua importância.

O uso do pronome 'nós', por Bianca, e da frase "isso aí é da gente que é prostituta" revela que, ainda que ela se sinta só, fazer parte de uma 'comunidade' (grupo) e de movimentos identitários pode ser central na luta política e como forma de subjetivação – da relação consigo e com o outro, e ainda que Bianca (assim como outras participantes da pesquisa) encontra na prostituição um grupo identitário marcado pela vulnerabilização e violências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das dificuldades de estudantes que vivem experiências trans identitárias para conclusão dos estudos na educação básica caminhou no sentido de analisar e refletir sobre a relação dele/delas com o seu ser e o seu gênero, e os questionamentos envolvidos; nas referências primitivas de masculino e feminino desses estudantes (as figuras de pai e de mãe) e em como se dão as identificações e *contra-identificações*; as violências sofridas durante a infância, em casa e na escola; as dificuldades no ingresso e permanência no mercado de trabalho formal; as segregações em diversos espaços públicos; as prisões e encarceramento da maioria do/das estudantes ouvidas; a prostituição e o caminho da destruição como soluções temporárias dos *fallases* para o *sinthoma*; e em como a escola se revela como espaço de exclusão para esses estudantes - um espaço de dominação, de não pertencimento e transferência negativa.

Ser trans, ou melhor, ser uma pessoa que vive experiência trans identitária é uma contingência do gênero, podendo ocorrer ou não, a depender da relação íntima do sujeito com a sua história e da posição subjetiva do ser em relação ao desejo do Outro – daqueles que presidiram a vinda dele ao mundo. A partir da perspectiva da psicanálise, o gênero é uma posição subjetiva, com um sentido

próprio assumido pelo sujeito de forma inconsciente, o que quer dizer que homem/mulher são marcas significantes.

Os significantes homem/mulher tomam certa significação para o sujeito a depender do encontro subjetivo com o Outro, de acordo com a história íntima de cada um porque é em casa que as crianças adentram ao universo do Outro e, também, ao universo dos gêneros. O que é ser homem e o que é ser mulher é elaborado de acordo com essas relações 'primitivas' com a figura de pai e de mãe, por isso é tão singular. São nessas conjunturas primordiais do sujeito que o gênero se esboça, bem como é onde há a entrada do sujeito no universo sexuado. Por isso, ser trans é da ordem da experiência singular de cada um, e não das normas que tornam o sujeito anônimo.

O gênero, sob a perspectiva lacaniana, escapa à norma, por mais libertária que seja, e faz parte da utopia de que é possível dominar a coisa sexual visando assujeitá-la a um ideal. Para Leguil (2016), *"Se o gênero pode ser considerado para além das normas, excedendo as normas, e até mesmo fora da norma, é pelo fato de ele ser sempre da ordem da interpretação singular de um sujeito sobre seu ser sexuado"* (p.197). Assim, homem e mulher são marcas significantes que o sujeito assume dando-lhe um sentido próprio.

Vemos na presente pesquisa como o gozo materno/paterno pode marcar ou furar o corpo dos sujeitos trans, que desafiam a normalidade pagando um preço muito alto – o da violência e risco à vida. Se questionam sobre o seu ser sexuado experimentando a discordância entre seu sexo e seu gênero, o que coloca em perigo a sua existência.

Os casos de agressões ainda na infância são institucionalizados, ocorrem em casa e se reproduzem na escola e espaços públicos como traumas que não cessam de se inscrever. Os sujeitos são marcados, não podem se livrar, e encontram nos movimentos identitários uma forma de compartilhar o que as pessoas que vivem experiências trans identitárias têm de comum: a vulnerabilização e invisibilização que sofrem.

Sob a perspectiva da Psicanálise de orientação lacaniana, meu objetivo foi atravessado pelos estudos sobre a transexualidade e sua relação com o corpo e com o real. Pensar na relevância do tema para a Psicanálise na contemporaneidade, marcada pela 'evaporação do nome-do-Pai', redução dos

sujeitos e do ser falante ao organismo e ao corpo e uma educação marcada por discursos pedagógicos atravessados pela técnica e produtividade.

Na atual dominância do 'discurso capitalista', próprio do neoliberalismo dos nossos tempos, como fica o sujeito e sua singularidade? Suas identificações? E como seguir frente às tentativas de exclusão de sujeitos que fogem ao binarismo e à norma, que sofrem violências e negação de direitos?

Além disso, central também foi refletir sobre o retorno desse/dessas estudantes trans e travestis ao espaço escolar e nas ressignificações possíveis. Refletir sobre como a escola é vista pelos estudantes trans, e como acontece o acolhimento é fundamental para um retorno possível à instituição escolar que tem por função a produção do conhecimento e do saber; e também, entender a importância sobremaneira de se buscar sempre a singularidade do sujeito para possíveis interpretações na escola, considerando a estrutura de linguagem do/da estudante e do professor, com enfoque mais no sujeito e na ética, singular, do que na moral e norma, universal. Ao buscar uma aproximação entre a Psicanálise e a educação, foi possível compreender, por exemplo, que a facilitação para incluir o nome social dos estudantes trans nos documentos oficiais é um dos fatores fundamentais para a vivência e expressão de outras identificações possíveis com a escola.

É importante, sobretudo, o questionamento do discurso pedagógico relacionado à essa resistência à escola por parte de estudantes trans, em como a escola pode reproduzir discursos que constroem a segregação, e em como fazer diferente.

Como pensar, portanto, em uma educação que possibilite que estudantes trans possam pertencer à escola e estabelecer relações positivas com o saber, uma vez que o significante 'escola' se mostra como mobilizador de traumas do passado ao mesmo tempo que pode trazer uma nova perspectiva de futuro?

Ao fim da análise dos depoimentos alguns significantes e temas importantes emergiram, como o 'comportamento', 'postura', 'trejeito' enquanto denunciadores de que há algo fora da norma nesses sujeitos, e que, portanto, devem ser controlados em casa e na escola; a escola e a 'prisão', ambos como espaço do 'aprender', mas com relações transferenciais distintas, e em como o discurso violento de autoridades 'fura' as escolas; estabelecendo a relação entre

as relações de poder presente tanto nas ruas e abordagens policiais, como na educação.

Dessa forma, o maior desafio é articular as dificuldades de pessoas que vivem experiências trans identitárias com a escola, a partir do que o/as estudantes trouxeram de singular em seus depoimentos, com as discussões atuais sobre o tema da transexualidade, sob a perspectiva da Psicanálise de orientação lacaniana, e procurar trazer uma contribuição para pensar uma educação não-toda, onde há o sujeito, a alteridade, o cada um e o real, mas também processos segregativos institucionalizados.

Para isso, a metodologia pauta-se em ouvir os depoimentos dos seis estudantes, transcrevê-los e analisá-los a partir da minha livre associação, marcando o que é singular de cada um, mas também o que se repete nas suas falas, trazendo os recortes mais significativos.

A solidão das pessoas trans e travestis, muito presente nos depoimentos, é um significante muito importante por atravessar a vivência desses sujeitos, desde a infância até a vida adulta.

Observei que há, de modo geral, um esvaziamento da sexualidade na escola, ou melhor, há um esvaziamento do fator relacional: Por medo das agressões, os estudantes não podiam acessar ou produzir um conhecimento na instituição escolar, já que se aprende não só por necessidade, mas por amor. Mal é citada a relação com o conhecimento nos depoimentos, sobressaindo a violência que ele/elas sofriam nos espaços lúdicos como o pátio, ou no recreio, ou ainda na saída das aulas.

Chama a atenção também o par que o discurso do professor faz com o discurso dos policiais e autoridades, revelando que a família, a escola e toda instituição estaria a serviço da reprodução ideológica. Os estudantes ouviam os mesmos discursos, dentro e fora da escola, sobre como o comportamento deles era errado, e sobre como tinham 'culpa' na violência que sofriam - o professor colocado na posição de detentor de saber.

A rua, a prisão, as drogas e a prostituição se revelam como soluções temporárias para o *sinthoma*. O sofrimento dele/delas por não serem aceitos pela família, e por sofrerem agressões por serem 'quem são', é de certa forma resolvido por caminhos singulares, mas que apresentam alguma conexão e laço

com o campo das identificações. Nas suas falas revela-se que as ruas, a droga, e a prisão foram motores de aprendizagem e de encontro com iguais.

Isso porque o que se repete nos depoimentos é a idade que saem de casa, no início da adolescência (10, 11, 12, 14 anos), como consequência da violência e quebra dos laços familiares. Saindo de casa, procuram encontrar algum grupo para se ‘estabilizar’, já que em casa se sentiam perdidos... Repete-se também uma figura materna ausente (simbólica ou real) e a paterna muito presente, pela via da violência.

Contam que não puderam ter infância nem adolescência; uma vez que as brincadeiras e autoexpressão eram julgadas como ‘erradas’ por fugir à ‘normalidade’, o que prejudicava também o estabelecimento de laços de amizade.

Somado a isso, a condição social e vulnerabilidade também são presentes em quase todos os depoimentos ouvidos na pesquisa; e a necessidade de migrar da sua cidade natal (geralmente, uma cidade pequena) para grandes metrópoles como São Paulo parece ser uma imposição.

O mundo do trabalho é marcado também pela segregação e exclusão, sendo predominante a informalidade e prostituição. Ter uma carteira de trabalho assinada pode ser um sonho a ser alcançado.

Todos os estudantes ouvidos na pesquisa tem mais de trinta anos, e a escola da memória para eles é aquela instituição marcada pela reprodução da moral e da boa conduta, onde os estudantes devem se enquadrar e se controlar para serem educados; onde se busca o rendimento em prol da autoexpressão e da singularidade, e onde predomina a dinâmica do poder sobre o saber impossibilitando que os estudantes aprendam e estabeleçam transferências com o conhecimento.

A questão que se coloca é: estes estudantes que evadem das escolas do passado e retornam aos estudos na Educação de Jovens e Adultos encontram uma instituição diferente?

O que pude observar é que a escola Arco-Íris tem suas particularidades que valem a pena serem destacadas. É uma escola que oferece EJA em tempo integral, localizada no centro da cidade de São Paulo e que, no início dos anos 2000 recebeu da secretaria municipal de educação a incumbência de receber estudantes que estavam aderindo ao programa Transcidadania – Uma política

afirmativa de transferência de renda para a população trans e travesti de São Paulo que vive em situação de vulnerabilidade, se tornando uma referência no acolhimento destes estudantes pela via da política pública. Não partiu da escola em si, mas de uma demanda política externa.

Desde então, a escola Arco-Íris tem recebido cada vez mais estudantes trans e travestis beneficiários do projeto Transcidadania, e atualmente é a escola com maior quantidade de estudantes trans matriculados na cidade. Assim, seu diferencial maior é oferecer aos estudantes trans um espaço de acolhimento e segurança por ter sido, de certa maneira, preparada para isso. E atualmente, a grande quantidade de estudantes trans que estudam na escola é uma garantia de que lá se acolhe bem as diversidades.

A questão de se encontrar uma comunidade trans na escola me parece ser um fator importante para o retorno aos estudos e permanência também, já que é comum que eles optem por se matricular na escola Arco-Íris por saberem por outros estudantes trans que a escola é acolhedora para eles.

Porém, o que chama a atenção a partir dos depoimentos, é que primeiro veio a adesão ao programa Transcidadania, e depois o retorno aos estudos (enquanto obrigatório para recebimento da bolsa do projeto), e ao aderir ao programa, a gestão do Transcidadania indicava a escola Arco-Íris sob a justificativa de que é uma escola acolhedora onde muitas pessoas trans já estudavam. Seria o senso de comunidade ou os movimentos identitários que atraem os estudantes para a escola, ou trata-se de um projeto político municipal para se ter somente uma escola para as pessoas trans? Por que não foram indicadas diferentes escolas para estes estudantes? Nesse sentido, seria a Arco-Íris uma 'escola para Trans', com acolhimento destes estudantes via decreto, criado pela secretaria de educação? Como seria se os estudantes trans não tivessem esse direcionamento? Como pensar em condições de permanência se há um direcionamento político e um fator econômico envolvido no processo?

Ou ainda, se os estudantes são obrigados a estudar para receber o benefício do transcidadania, como isso afeta a relação transferencial com a escola e com o conhecimento? São muitas as questões, mas há um caminho de reflexão claro: Porque sabem que outros/outras estudantes trans foram acolhidos na Arco-Íris anteriormente, estes estudantes sentem segurança em

voltar a estudar. Eles sentem medo da escola, e a política afirmativa dá a certeza do acolhimento.

Entre o universal e normativo, que defende que se pode educar ‘qualquer um’, e a singularidade de cada sujeito, o discurso pedagógico falha em acolher as diversidades e os que fogem à norma. Os professores se apresentam como pais substitutos - pais opressores, professores opressores - que devem ‘salvar’ os sujeitos da sua má conduta, má postura e dos seus trejeitos. O que os estudantes ouvidos na pesquisa percebem é que na prisão eles se libertam dessa tentativa de dominação, o que lhes permite novas transferências.

Com a presente pesquisa, procurei assim, refletir que toda e qualquer escola poderia acolher pessoas trans e travestis e aqueles que fogem à norma se fossem ‘escolas trans’: autênticas e capazes de encontrar soluções originais, daquele universo, com sua linguagem particular e caminhos singulares para se trabalhar com o saber e o conhecimento; e que trabalha com os incidentes do encontro; onde o professor teria uma escuta clínica, e onde não se buscaria adaptar a criança à sociedade recalcado em sua sexualidade em prol de se tornar um sujeito universal. E talvez esse caminho pudesse ser percorrido a partir do afastamento das prescrições universais do discurso pedagógico, e da instauração de mecanismos de escuta dentro da instituição escolar. Não existe ‘a’ escola (universal); mas ‘escolas’ singulares, que diariamente desafiam às soluções prescritivas dos discursos educacionais no encontro com o real – aquilo que surge sem sentido e sem significação.

Buscar as transferências, e não as evitar, dedicando-se em pensar que não há educação toda ou completa – o que há é o sujeito, a alteridade, a transferência, o cada um e o real. Uma educação por esses moldes poderia ser um ideal de educação a se chegar – uma bússola, onde os professores pudessem assumir posição de ‘*ensinantes*’ em busca da escuta do outro e das simbolizações dos alunos e alunas e suas expressões, se havendo com o impossível da educação e com a dimensão inconsciente. Como a professora que a Larissa cita em seu depoimento, que por estar em posição de *ensinante*, pôde estabelecer transferência com ela a partir da sinceridade em afirmar que as pessoas não estavam preparadas para lidar com sujeitos como ela, mas que um dia estarão – e ela nunca mais a esqueceu. O foco da relação de ensino-

aprendizagem deve ser a transferência, e não fazer o sujeito entrar na 'norma', porque os sujeitos resistem à essa dominação. Como educar, sem dominar?

Além disso, o que pude refletir durante a redação da pesquisa é que inclusão de pessoas e travestis atualmente acontece sobretudo via decreto; o que denota um atraso imenso na inclusão dessas pessoas, já que é por um direcionamento político que a escola Arco-Íris existe. Ainda predomina, me parece, as escolas 'de hétero' (regulares), que procuram enquadrar o sujeito, se mantendo imutáveis (como toda instituição).

A 'escola-trans' seria aquela flexível às demandas que surgirem, estando em trânsito permanente, não se fechando em soluções e técnicas para lidar com os sujeitos. Que, assim como o discurso analítico, consigam se direcionar não a uma produção de um saber ou técnica, mas às contradições e ao desejo do sujeito, já que os sujeitos trans resistem à essa fabricação pela norma. A anulação do desejo do aluno pelo desejo do professor (de que ele saiba) faz com o que o aluno se defenda.

Essencial também, é saber que a *sexuação* é um processo de constituição (ou produção) do sexo do sujeito ligado a seu modo de gozo, e por isso há múltiplas e variáveis identidades possíveis. Nesse sentido, cada escola também tem as suas demandas, o seu ambiente e suas transferências. Não seria possível pensar que as escolas podem ter múltiplas identidades?

Portanto, não há identidade de gênero; o que existe é um processo de *sexuação* particular e diverso, que se relaciona como cada um lida com o gozo, e o desafio da educação é admitir a dimensão inconsciente e impossível de educar ao se deparar com isso que é estrangeiro, que não se explica: a dimensão também inconsciente do gênero ligado ao ser.

Também foi possível refletir que os sujeitos trans não constituem um grupo uniforme; há múltiplas experiências. Não há identidade da comunidade trans, mas há sim, uma identificação entre os sujeitos.

Eles se identificam ao rejeitar essa 'ordem moral e social' enquanto forma de dominação, formação, reprodução e regulação de conduta que buscam tornar seus membros – tanto na família, como na escola – anônimos. Qual o preço que eles/elas pagam por não aceitar a coerção ao controle de seus corpos?

As formas de se definir o gênero podem ser modos de localizar o gozo - que é inominável. Então, o gozo tem a ver com aquilo que fracassa, e que mais

tarde será ligado ao *sinthoma*, que não tem sentido nem significação. Muitas vezes os estudantes não sabem porque foram para o caminho da destruição, atribuindo ao destino o que é da dimensão de um gozo que não se localiza.

A identidade, enfim, pode ser tomada como categoria de análise se localizada na interface entre o fundamento central da luta política e a forma de subjetivação, marcada pela relação consigo e com o outro, enquanto o conceito de 'questão identitária' liga-se às lutas identitárias e lutas por reconhecimento. Nesse sentido, por mais que os movimentos identitários possam anular a singularidade dos sujeitos trans, é importante refletir que a questão identitária pode ser necessária para avanços políticos no que se refere a reconhecimento e redistribuição para a população trans e travesti que ainda vive vulnerabilizada e invisibilizada. A identidade, assim, aparece como representação de si, por um lado, e por outro, se refere ao posicionamento do indivíduo no mundo e à sua vinculação a grupos de pertencimento e territórios de habitação/circulação, sendo um conceito importante especialmente para os sujeitos trans que tanto necessitam de reconhecimento e avanços sociais.

Talvez seja possível pensar em escolas onde circulam o discurso analítico, onde a verdade é o sujeito barrado, dividido pela linguagem e pelo inconsciente; sendo a verdade justamente a falta, o que falha. O efeito do discurso analítico é a produção de novos S1: novos significantes que reestruturam a posição do sujeito frente ao seu desejo. Aproximar a escola do discurso analítico, enfim, é o que fundamentaria o papel das 'escolas trans'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUC, Thamy. A Psicanálise é o contrário da exclusão, In: A. GUERRA; C. MATOZINHO; C. ANDRADE; D. FAUSTINO; D. HOOK; E. L. CUNHA; F. BISPO; I. KATZ; M. SOUZA; M. LIMA, D. MORENO; P. ROSA; P. AMBRA; R. LIMA; S. MENDELSON; T. AB'SABER; T. AYOUC; T. CANETTIERI; T. PIMENTA (Cols.). **O mundo e o resto do mundo: antíteses psicanalíticas** (p. 178-182). N.1, 2022.

BENEVIDES, B. G; NOGUEIRA, S. N. (orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA/IBTE, 2021 136p. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> (acesso em 28.12.2023).

CARVALHO, M. F. de Lima. **Que mulher é essa?** Rio de Janeiro: UERJ, 2011. 147f. Dissertação de mestrado disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/4054/1/Dissertacao%20-%20Mario%20Carvalho.pdf> (acesso em 28.12.2023).

CEDEC – CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. **Mapeamento das Pessoas Trans na Cidade de São Paulo**: relatório de pesquisa. São Paulo, 2021.

CIFALI, M. Conduta clínica, formação e escrita. In: PERRENOUD, P., PAQUAY, L., ALTET, M. & CHARLIER, E. (Orgs.). **Formando professores profissionais – Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 103-117

CUNHA, Eduardo Leal. **Indivíduo Singular Plural**: A identidade em questão. Rio de Janeiro, 7letras, 2009, p. 15-25; 25-52; 70-95.

FAJNWAKS, Fabián. **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Ed. Scriptum, 2023.

FRASER, Nancy. A justiça social da globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Out. 2002, p. 7-20.

_____. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de campo**. São Paulo, n. 14/15, p. 232-239.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 245-250.

IMBERT, Francis. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

LACAN, J. [1972-73]) **O Seminário, Livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LEGUIL, Clotilde. **O ser e o gênero**: homem/mulher depois de Lacan. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016, 210p.

MANONNI, Maud. **Educação impossível**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. 318p

_____. **Um saber que não se sabe**: a experiência analítica. Campinas (SP): Papyrus, 1989.

MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O *sinthoma***. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MRECH, Leny Magalhães (org.). **A construção do Pesquisador**. Curitiba (PR): Ed. CRV, 214p., 2019.

MRECH, Leny Magalhães; PEREIRA, Marcelo R.; RAHME, Mônica (org.). **Psicanálise, Educação e Diversidade**. Belo Horizonte, MG, Brasil: Ed. Fino Traço, 144p., 2011.

NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfin; ARAUJO, Tatiane Aquino de. **Dossiê**: A espacialização da transfobia no Brasil: Assassinatos e violações de direitos humanos em 2021, 2022. Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/01/dossie-mortes-redetransbrasil-2021-web.pdf> (Acesso em 28/12/2023).

RIVEIRA, Tania. Por uma psicanálise a favor da identidade. **Revista Cult**, 24 de setembro de 2020, p. 2-12.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Coordenadoria Pedagógica**. Currículo da Cidade: Educação de Jovens e Adultos (Parte 1 - Introdutório). São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Repertório EJA**: Grandes temas. São Paulo: SME/COPED, 2020. 56p.

SCOTT, Joan W. **Os usos e abusos do gênero**. Projeto História. São Paulo, n. 45, p. 327-351. Dez. 2012.

_____. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento Feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

TENDLARZ, Edith Beatriz (org.). **Género, cuerpo y psicoanálisis**. 1ª ed., Argentina: Ed. Olivos/Grama Ediciones, 2020.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Uma pedagogia esquecida do amor**. Campinas (SP): ETD – Educação Temática Digital, v. 21, n. 2, p. 363-381. Jun/2019.
